

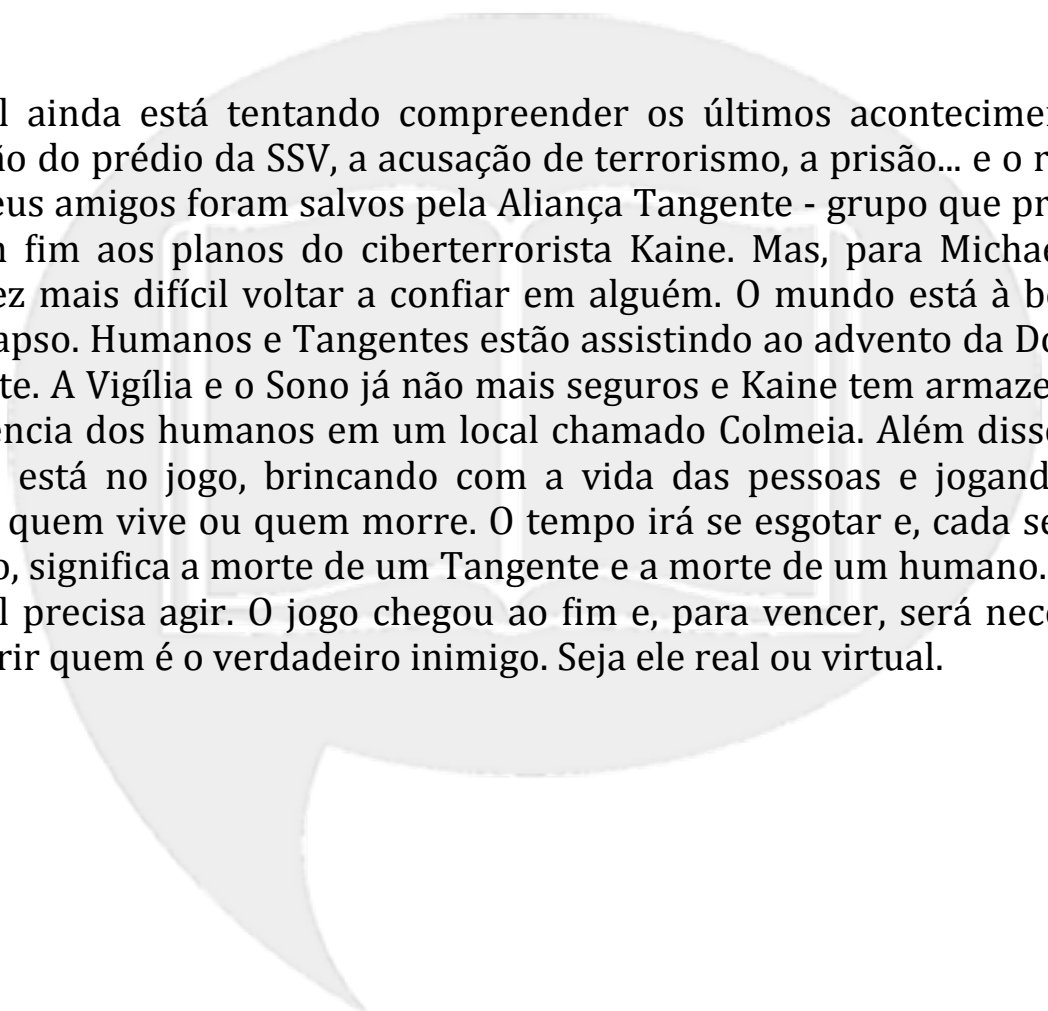
james dashner
best-seller do *new york times*

a última fase

a doutrina da morte » v. 3







Michael ainda está tentando compreender os últimos acontecimentos: a explosão do prédio da SSV, a acusação de terrorismo, a prisão... e o resgate. Ele e seus amigos foram salvos pela Aliança Tangente - grupo que pretende pôr um fim aos planos do ciberterrorista Kaine. Mas, para Michael, está cada vez mais difícil voltar a confiar em alguém. O mundo está à beira de um colapso. Humanos e Tangentes estão assistindo ao advento da Doutrina da Morte. A Vigília e o Sono já não mais seguros e Kaine tem armazenado a consciência dos humanos em um local chamado Colmeia. Além disso, mais alguém está no jogo, brincando com a vida das pessoas e jogando para decidir quem vive ou quem morre. O tempo irá se esgotar e, cada segundo perdido, significa a morte de um Tangente e a morte de um humano. Agora, Michael precisa agir. O jogo chegou ao fim e, para vencer, será necessário descobrir quem é o verdadeiro inimigo. Seja ele real ou virtual.

PRÓLOGO

Michael adormeceu. Os leves solavancos na estrada e o murmúrio dos pneus no asfalto fizeram-no relaxar pela primeira vez em dias, deixando suas pálpebras pesadas. Ele era um especialista em lidar com a realidade — ou com a *irrealidade* —, mas depois de tudo pelo que tinha passado ultimamente, se lhe permitissem tirar um breve cochilo, ficaria eternamente grato. Havia muita coisa para digerir. Se tivesse a mínima oportunidade de escapar um pouco do mundo e de todos os seus males, iria aproveitar. Mas havia uma grande chance de que logo mais estivesse em um Caixão.

A cabeça de Michael balançou. Ele se ajeitou o melhor que pôde no assento. Sabia que era um sonho, porque não estava mais no carro do pai de Sarah. Estava no balcão da cozinha, antes que tudo aquilo começasse, onde sua empregada, Helga, servira o café da manhã para ele centenas de vezes. Talvez milhares. Pensou no homem que o tinha visitado na prisão, na conversa esquisita dele sobre sonhos dentro de sonhos, e como a lógica do looping se aplicava também à VirtNet. Coisas que podem levar alguém à loucura, se pensarmos muito nelas.

— Esses *waffles* estão bem saborosos — disse Michael.

Estava admirado ao notar como o sabor parecia real. Uma delícia quente e amanteigada. Engoliu outro pedaço e sorriu.

E Helga estava ali! Helga, doce e severa. Ela o olhou enquanto tirava alguns pratos. Era um olhar que Michael tinha visto muitas vezes ao longo dos anos. Um olhar que lhe dizia ser melhor não tentar dar uma de esperto com ela. Um olhar que costumava mostrar quando ele fingia uma tosse para não ir à aula ou mentia sobre a lição de casa.

— Não se preocupe — ele disse. — Isto é um sonho. Posso comer quantos eu quiser! — Ele sorriu e deu mais uma mordida, mastigou e engoliu. — Acho que Gabby ainda está sumida; ninguém me falou mais nada sobre ela. Mas claro que é bom estar de novo com Sarah e Bryson. O Trio Parada Dura, firme e forte. Não importa se na Vigília ficamos espremidos no banco traseiro de um carro. Isso é o de menos. Quem iria imaginar que nossa vida fosse ficar tão estranha? Que doideira.

Helga assentiu com a cabeça, sorrindo, e se debruçou sobre a máquina de lavar; a cozinha foi invadida por tinidos de vidro e porcelana.

Michael franziu o cenho, sentindo que Helga não dava a mínima.

— Talvez você não saiba de tudo ainda, minha alemãzinha. Ah, vamos lá.

De algum jeito, enganaram a gente para destruímos o SSV e praticamente desligamos o sistema todo. Os pais de Sarah, que foram sequestrados, é bom que você saiba, apareceram do nada para nos resgatar da prisão, falando sobre *você* e um monte de ex-Tangentes, que supostamente estavam por trás de tudo. *Você*, Helga. Poderia me esclarecer essa parte, por favor?

A babá deu de ombros com uma expressão de ligeira culpa, quase sem interromper seu trabalho. O tilintar de vidros continuava, acompanhado do ruído de portas de armário se fechando. Michael sabia que era bom demais para ser verdade — achar que poderia apenas ficar sentado ali, aproveitando seu sonho. Não havia um único lugar no universo para onde ele pudesse correr e escapar de seus pensamentos — muito menos a própria mente. Atacou o *waffle* com as últimas mordidas, saboreando a casca crocante e a maciez de dentro, sentindo que o sonho iria terminar a qualquer instante. E Helga ainda não dissera uma única palavra para ele.

— Acho que você não consegue falar comigo nos meus sonhos, não é? — comentou Michael. — Isso é bem estranho. Kaine me disse que tinha matado você e os meus pais. — Ao imaginar seu pai e sua mãe, uma dor profunda percorreu seu coração de sonhador. — Talvez você tenha escapado de alguma maneira, não é? Sei lá. Será que você não pode viver pelo menos na minha cabeça? Talvez isso seja o mesmo que falar com meu...

Helga se virou bruscamente para ele, o rosto enrubescido:

— A Ravina Consagrada, garoto. Você sabe aonde tem que ir. Volte para a Ravina! Termine o que começou!

Michael fez menção de responder, mas, inesperadamente, foi bem neste momento que um buraco na estrada causou o desprazer de perturbar seu cochilo.

I. UM LUGAR AGRADÁVEL NO CAMPO

1

Quando Michael acordou, teve a desagradável sensação de bile subindo pela garganta. Não era a maneira mais alegre de ser recebido pelo mundo da consciência.

Inspirou profundamente. Desejou ter tomado alguma coisa contra enjoo. O pai de Sarah pelo jeito pensava que era um piloto de rali, e a estrada não estava cooperando em nada. Gerard, o Ás do Volante, a próxima revelação de Nascar, na pista mais sinuosa e esburacada do planeta.

Enquanto seguiam zunindo pelas curvas fechadas das montanhas no norte da Georgia, o corpo inteiro de Michael se inclinava a cada guinada, como se assim pudesse ajudar a manter o carro no asfalto. Uma vegetação exuberante e grandes árvores cobertas de musgo formavam uma enorme caverna verdejante. Centelhas de luz solar piscavam entre as folhas enquanto avançavam.

— Tem certeza de que disseram Helga? — perguntou Michael mais uma vez, o sonho ainda fresco em sua mente.

Vá para a Ravina Consagrada. Tinham sido essas as palavras dela. O que significava, em termos lógicos, que sua própria mente lhe dizia isso. Tinham que voltar ao lugar onde tudo havia começado se quisessem encerrar aquela história. Parecia bem razoável.

Gerard, agarrando o volante como se temesse que aquela peça fosse fugir de suas mãos a qualquer momento, suspirou ao ouvir a pergunta. Sua esposa, Nancy, virou-se no banco do passageiro para poder encarar Michael.

— Sim — ela disse com um sorriso gentil, depois voltou-se de novo para frente.

Havia respondido em um tom tão paciente, que parecia ser a primeira vez que Michael perguntava, quando na verdade era a quinta ou sexta.

Ele estava sentado no centro do banco traseiro, com Bryson à esquerda e Sarah à direita. Ninguém tinha falado nada desde que haviam se reencontrado. Todos pareciam tão perplexos quanto Michael, depois de terem sido perseguidos, encarcerados e resgatados ao longo de vários dias tumultuados. O próprio Michael não sabia bem o que pensar. Os pais de Sarah haviam sido sequestrados e então resgatados por um grupo de pessoas misteriosas. Aquele mesmo grupo misterioso tinha coordenado um

plano para que Gerard e Nancy pegassem a filha e os amigos, e os levassem a um endereço nas Montanhas Apalaches.

Mas também havia alguma coisa sobre os Tangentes. E uma mulher chamada Helga.

Não podia ser a babá dele, Michael pensou pela centésima vez. Ou podia? A Helga que ele conhecia se fora... não é? Até onde sabia, ela era uma Tangente que havia sido dispensada por Kaine, assim como os pais dele. No mínimo, tinham sido levados com mais rapidez à Decadência. Reais ou não, a morte deles tinha deixado um vazio em sua alma, e Michael não havia encontrado muita coisa para pôr no lugar.

O cotovelo de Sarah o atingiu, e ela despencou, meio desengonçada, em cima dele, comprimindo-o com o corpo inteiro, enquanto Gerard barbarizava em mais uma curva. Os pneus cantaram, e um bando de pássaros disparou da folhagem ao lado da estrada, berrando ao voar para longe.

— Tudo bem com você? — ela quis saber, tentando se ajeitar no lugar. — Não parece muito alegre para quem acabou de escapar de uma prisão.

Michael deu de ombros.

— Acho que ainda estou tentando entender o que houve.

— Obrigada pela mensagem que me enviou — ela sussurrou. Apesar de terem ficado separados, tanto Michael quanto Sarah haviam hackeado o sistema de segurança da prisão para enviar mensagens um ao outro. — Aquilo me ajudou muito.

Michael assentiu, abrindo um ligeiro sorriso. Uma imagem horrível se formou em sua mente: Sarah agonizante numa poça de lava, em um último esforço para respirar, antes de sair do Caminho de Kaine, nas entranhas mais profundas da VirtNet. Fora Michael quem a colocara nessa confusão. E também os pais dela. E Bryson. Seu coração tinha se partido ao vê-lo sofrer tanto, e ele não podia deixar de se perguntar: será que um destino pior do que rios de lava virtuais os aguardava?

Bryson se inclinou para olhar para eles.

— Ei, ninguém me mandou mensagem nenhuma. Que mancada, hein?

— Desculpa — disse Michael. — Sei o quanto você adora tirar os seus cochilos. Não quis interromper.

Com um simples toque, Sarah acionou seu EarCuff, fazendo surgir a NetScreen. A mensagem, *Vamos vencer*, pairou diante deles.

Uma onda de felicidade aqueceu o peito dele ao ver que ela tinha gravado aquilo. Ele sorriu, mais envergonhado do que gostaria.

— Muito fofo — Bryson inclinou-se para trás, olhando para Michael. —

Tenho certeza de que não tiro meus cochilos há umas... hum... três semanas. E culpo você por isso.

— Aceito a culpa — Michael sabia que ele não falava sério; pelo menos, não *tão* sério. Mas, ainda assim, sentiu-se mal. Talvez fosse a coisa mais simples e também a verdade mais perfeita que Bryson já tinha dito. A náusea de montanha-russa no carro de repente aumentou ainda mais. — Ah, meu deus — ele gemeu. — Senhor? Hum... Gerard? Pode parar o carro um segundo? Não estou me sentindo bem.

— Vire para o lado de Bryson — disse Sarah, afastando-se um pouco de Michael. Ela abriu a janela. — Melhor assim?

Mas o pai dela já tinha desacelerado — a freada brusca fez o embrulho no estômago de Michael piorar — e logo estacionou em um trecho de terra ao lado da estradinha.

— Como quiser, filho — anunciou o homem. Parecia tão à vontade com a situação, que Michael teve certeza de não ser o primeiro a pôr a refeição para fora naquele carro. — Mas não demore. Já estamos atrasados.

A mãe de Sarah deu um tapa de leve no braço do marido.

— Tenha dó, querido, pelo amor de Deus. Ninguém gosta de vomitar.

Michael foi logo passando por cima de Sarah. Abriu a porta e saltou do carro antes que ela pudesse reclamar. O horrível café da manhã da prisão estava vindo, e não havia como detê-lo. Foi até o arbusto mais próximo e o regou da maneira mais desagradável.

2

— Ei, cara, acho que tem alguma coisa na sua camiseta — disse Bryson, alguns minutos depois.

Estavam de volta à estrada, e Gerard havia retomado o treino de alta velocidade.

Michael sorriu — não se importava. Sentia-se tão aliviado que o mundo parecia até mais brilhante e claro.

— Que bom que isso deixou você contente — murmurou Bryson, então deu uma palmadinha amistosa no ombro do amigo. — Aliás, obrigado por não deixar respingar nada em mim.

— Não tem de quê — respondeu Michael.

— Está se sentindo melhor? — perguntou Sarah.

— Mil vezes melhor — Michael cruzou os braços e mudou a posição das pernas para ficar mais confortável. — Acho que estou me sentindo melhor a respeito de tudo. Quero dizer, não tenho muita certeza do que aconteceu em Atlanta, mas já é bom o simples fato de estarmos todos vivos, não é? E

agora vamos encontrar pessoas que querem nos ajudar.

E temos um plano, ele pensou. Era a primeira vez depois de muito tempo que ele tinha um plano, e isso soava muito bem. Iria para a Ravina Consagrada, de volta aonde tudo havia começado. Só precisava esperar a melhor hora para contar aos amigos.

— Cara — disse Bryson —, você é o tipo de pessoa que vê o copo metade cheio. Gosto disso.

Sarah sorriu e, discretamente, pegou a mão de Michael, entrelaçando os dedos nos dele. O mundo ficou ainda mais brilhante. *Precisamos descobrir se Gabby está bem*, ele pensou. Da última vez que a vira, estava inconsciente — tinha levado uma pancada na cabeça —, e era culpa de Michael, que a levara para aquela confusão toda. Não queria envolvê-la em mais nada que fosse perigoso, mas precisava ter certeza de que ela estava bem.

— Estamos quase lá — anunciou Gerard, reduzindo a velocidade. — Bom... Pelo menos, acho que sim.

Michael sentiu um arrepio na espinha. Ainda de mãos dadas com Sarah, inclinou-se para frente, espreitando pelo para-brisa enquanto continuavam atravessando o túnel verdejante da floresta. Não tinha a menor ideia do que esperar — aonde estavam indo ou por que —, mas sua animação aumentava a cada segundo enquanto observava a estrada adiante. Aquilo o fazia pensar no Caminho, e, com grande ansiedade, perguntava-se se estava mesmo no mundo real, na Vigília, ou em algum outro lugar em um Caixão, conectado a fios e ligado à VirtNet. *Tinha sido enganado* tantas vezes, e de tantas maneiras, que nunca mais poderia ter certeza.

Recordou-se de novo do homem que o havia visitado na prisão, logo antes da agente Weber. Aquilo voltara a ele em seu sonho, também. Algo a respeito de acordar repetidamente, com camadas em cima de camadas, em vários níveis da VirtNet. O que era aquilo? Parecia um sonho dentro de um sonho. Aquilo realmente o havia assustado.

A estrada tornava-se íngreme ladeira abaixo, e Michael afastou esse pensamento da cabeça. Ficaria nauseado novamente se continuasse pensando no assunto. Preferiu se concentrar no mundo ao redor — real ou virtual — tal como era.

Do lado de fora, a muralha de árvores ficava menos densa, revelando um grande vale entre duas montanhas com mata cerrada. Nuvens cobriam o sol, lançando uma penumbra sobre o dia, como se para compensar a sombra que sumia.

— É para lá que estamos indo? — questionou Bryson. Soltando o cinto de segurança, aproximou-se o máximo que pôde de

Gerard, agarrando o descanso de cabeça do banco da frente. — Esse lugar parece ter uns mil anos de idade.

— Só pode ser aqui — respondeu Nancy. — Pelo visto, não tem mais nada nessa área.

Michael ficou olhando. Logo abaixo deles, espalhados em meio às árvores lá no fundo do vale, havia vários prédios baixos e compridos, que o faziam se lembrar de contêineres um tanto desgastados. Pareciam alojamentos militares, tais como se podiam ver naqueles filmes de guerra antigos em plena selva exótica. Os telhados tinham buracos — alguns consertados, mas outros à mostra, deixando os prédios a céu aberto. Musgo e hera cresciam por toda parte, cobrindo grandes porções de prédios, de modo que alguns trechos pareciam um jardim ornamental de algum gigante descuidado.

— Cara — murmurou Bryson —, esperava uma coisa mais no estilo Marriott. Lá na prisão pelo menos tinha banheiros que funcionavam.

— Cobras — sussurrou Sarah, como se estivesse em transe. — Aposto que esse lugar está cheio de cobras.

Michael se recusou a deixar o desânimo tomar conta de si. Sua curiosidade mais do que compensou a aparência dilapidada de... seja lá o que fosse aquele lugar.

— E então? Já estiveram aqui antes, não foi? — ele perguntou a Gerard, mas em seguida tentou outra abordagem: — Onde vocês encontraram Helga e os outros? Como sabiam onde nos encontrar? Como sabiam chegar aqui?

Nancy se virou de frente para ele:

— Acho que não temos muito o que contar. Diria até que vocês três sabem mais do que nós. Nossos sequestradores nos trouxeram para este lugar horrível, e aí os... Tangentes, era assim que eles se chamavam, invadiram o lugar, soltaram a gente, nos deram esse carro e passaram algumas instruções. Tudo aconteceu como a chegada de um furacão. Não tivemos muita escolha, a não ser confiar neles. Quero dizer, no final, isso significou chegar até vocês e tirá-los da prisão.

Michael poderia reagir de diversas maneiras àquilo tudo. Confiar de novo em alguém era algo que jamais acharia fácil. Naquele momento, tudo se limitava a continuar vivo, e ele tinha que admitir que aquela era sua melhor opção.

E havia Helga. Precisava encontrar Helga.

A ladeira chegou ao fim, restringindo o campo de visão, e logo mais eles estacionavam ao lado do enorme complexo de alojamentos. O que Michael não havia conseguido notar à distância era a dezena de carros parados sob

a sombra de diversas árvores frondosas. Os carros pareciam velhos. Tão velhos que, não fosse pela ausência completa de musgo na superfície, daria para imaginar que estivessem parados ali há tanto tempo quanto os prédios.

Gerard mal tinha estacionado quando uma mulher alta apareceu na porta de um dos alojamentos. Usava uma calça jeans empoeirada e uma blusa de moletom preta, os cabelos castanho-claros presos em um rabo de cavalo. Ela caminhou com confiança para onde estavam, o rosto retorcido em uma carranca.

— É ela — sussurrou Gerard, enquanto abaixava o vidro.

Michael não a reconheceu, e o coração dele ficou apertado, mesmo não tendo motivos para achar que devia saber como era Helga na Vigília.

Ela se inclinou sobre a janela do motorista, repousando ali os antebraços, e deu uma olhada em cada um dos ocupantes. Apontou com a cabeça o prédio de onde viera.

— Vamos entrar — ela disse, com um sotaque bem diferente do alemão que Michael esperava. — Vamos, antes que tudo esteja perdido.

Então se virou e dirigiu-se aos alojamentos.

3

— É pra hoje, cara, é pra hoje — não era uma boa hora para Bryson levar um dia inteiro para sair do carro. Michael nunca estivera tão impaciente em toda a sua vida. Tinha que descobrir a verdade sobre essa Helga e as pessoas com quem ela estava. Quem sabe não *poderiam* ajudá-lo a voltar para a Ravina Consagrada.

— Estou indo. Relaxa! — respondeu Bryson, embora continuasse parado. Olhou com desconfiança para Michael. — Tem certeza de que isso é uma boa?

— Sim — responderam Michael e Sarah ao mesmo tempo.

Os pais de Sarah já haviam saído do carro e batiam as portas.

— Você chegaria a ponto de dizer que tem... uma certeza dos infernos? — pressionou Bryson. — Minha avó falava assim. Se tiver uma certeza dos infernos, então estou dentro.

Michael se esforçou para manter a calma.

— Sim. Tenho uma certeza dos infernos.

— Muito bem, vamos lá — Bryson saltou do banco traseiro, com Michael empurrando o amigo para que saísse mais rápido.

Sarah saiu pela outra porta, e o grupo logo seguia o pai dela por uma trilha de gramado que ia até uma porta entreaberta. Gerard não hesitou; foi

logo entrando. Michael e os amigos o seguiram.

A mulher alta que os tinha cumprimentado esperava por eles, mas não foi isso o que chamou a atenção de Michael.

Quando seus olhos se ajustaram à luz, ficou chocado com o que viu. Era como se houvesse entrado em um mundo completamente diferente. O alojamento decadente abrigava um paraíso tecnológico. Lâmpadas LED de baixa luminosidade alinhavam-

-se no teto, iluminando a névoa esverdeada de dezenas de Net-Screens. Havia uma fileira de Caixões azuis em um lado da parede, e uma fileira de escrivaninhas do outro lado, e nelas homens e mulheres trabalhando furiosamente. Havia utilizado vigas de madeira nova para reforçar as paredes e o teto, e Michael notou que usavam uma espécie de plástico para vedar os vários buracos do telhado.

A voz da anfitriã tirou Michael de seu torpor, cortando o silêncio:

— Tínhamos que encontrar um local isolado...

— Missão cumprida, então — murmurou Bryson.

— ...mas que tivesse fonte de energia e acesso ao satélite que faz transmissão para a VirtNet. Isto aqui é um antigo alojamento para treinamento de combatentes do exército especializados em tecnologia, abandonado uma década atrás devido ao corte de orçamento. Acabou se encaixando perfeitamente em nossas necessidades. Levamos algumas semanas para arrumá-lo, mas aqui estamos nós. E já estamos trabalhando.

Michael tinha um milhão de perguntas, mas uma sobressaía em relação às demais.

Olhou bem para a mulher alta e deu um passo em sua direção, observando-a detalhadamente.

— Gerard disse que você contou pra ele que seu nome é Helga. E que você é uma Tangente. Então... — ele não fazia a menor ideia de como formular a pergunta que queria fazer.

Michael ficou surpreso ao ver lágrimas brilhando nos olhos dela, tremeluzindo sob o reflexo da luminosidade local.

— Sim — ela respondeu. Depois envolveu-o nos braços e o puxou para um abraço de estalar os ossos. — Você deve ser Michael. Meu menino.

Os olhos de Michael se arregalaram, e ele precisou de um instante antes de retribuir o abraço.

— Você é... Helga? Mesmo? Mas como...? — ela havia aceitado com rapidez que era ele naquele outro corpo, mas ele não sabia se poderia fazer o mesmo.

Ela o afastou um pouco, o olhar firme apesar das lágrimas.

— Há muito o que contar. Muita conversa para pôr em dia. Para resumir, já seguíamos o rastro de Kaine antes de você cruzar o caminho dele. Roubamos o programa da Doutrina da Morte dele. Quero dizer, fizemos uma cópia. Tínhamos que fazer isso, Michael. Tínhamos que vir para o mundo real se quiséssemos salvar o virtual.

O enjoo da viagem de carro parecia ter voltado ao estômago de Michael.

— Espera aí... Você... você roubou corpos de pessoas? — ele recuou um passo. — Você... Como posso saber que é mesmo Helga? Como posso confiar em qualquer um de vocês? Me diz: como?

A mulher que alegava ser sua antiga babá sorriu com gentileza.

— São excelentes perguntas as suas — ela disse. — E vou responder a cada uma delas. Acho que vai ser bem fácil provar quem eu sou. Vou lhe dizer algo que só você sabe...

Ela se deteve, observando com atenção o grupo de Michael. Era óbvio que estavam tão preocupados quanto ele. Havia se comprometido a impedir aquele tipo de coisa. Mas aqueles que os tinham resgatado não pareciam muito melhores que o próprio Kaine.

— Nós não... matamos ninguém — a mulher alta esclareceu por fim. Sua postura tornou-se formal novamente, o semblante perdendo aquela doce suavidade. Mas Michael pôde ver uma profunda tristeza naquele olhar. — Pelo menos, não de verdade.

— Não de verdade? — repetiu Sarah, lançando um olhar desconfiado para Michael, que de repente sentia o chão perder a firmeza sob seus pés.

— Por favor — disse a mulher, claramente frustrada com sua dificuldade de comunicação. — Vamos nos sentar e conversar sobre tudo isso, está bem? Por favor — ela se dirigiu para o círculo de cadeiras dispostas perto dos Caixões brilhantes.

Michael olhou para Bryson e Sarah, deu de ombros e se aproximou das cadeiras, com as palavras *não de verdade* ainda zumbindo em seus ouvidos.

4

— Vamos começar pelo início — disse a mulher alta, assim que todos se sentaram. — Vocês precisam saber que eu sou quem afirmo ser para poderem confiar em mim — Helga esperou mais um instante até que o grupo se acomodasse, depois se virou para Michael, olhando-o fixamente enquanto falava. — Eu era sua babá, Helga. *Sou* a Helga. Uma parte de mim suspeitava de que éramos Tangentes, mas você era real para mim, Michael. Apesar de tudo o que Kaine fez, acho que muitos de nós avançaram para a sciência, que desacelera significativamente o processo de Decadência.

Conheço você e sei que também avancei para essa situação — ela fitou o vazio por um momento, como se estivesse perdida em um deserto de velhos pensamentos, mas um segundo depois voltou ao presente. — A questão é: você foi e sempre será como um filho para mim. Mas me deixe provar isso para você.

Michael franziu as sobrancelhas, olhando firme e demoradamente para ela, como quem considera as próprias opções. Ela se inclinou para frente, os braços sobre os joelhos, as mãos entrelaçadas. Parecia genuína, com um olhar intenso e repleto de dor.

O resto da sala estava em silêncio, e Michael mantinha toda a sua atenção naquela mulher. Helga. O futuro dele parecia estar suspenso em uma balança.

— Muito bem — ele disse, tentando pensar com clareza. — Qual era meu café da manhã favorito?

— Espera aí — disse Bryson, antes que a anfitriã abrisse a boca para falar. — Isso não prova nada — ele se virou para Michael. — Se sua babá era uma Tangente, Kaine podia com facilidade saber cada detalhe da sua vida. Um download em um instante, e pronto. Ou pior: ela pode ter sido programada por ele. Isso é inútil.

— Você não ajudou em nada — respondeu Michael.

O amigo dele tinha razão, o que era absolutamente frustrante.

— Ele está certo — respondeu a mulher, levantando-se. — Não a respeito de Kaine, mas sobre ser impossível para mim convencê-los, acima de qualquer suspeita, de que eu sou Helga.

Poderia falar durante o dia todo sobre o quanto você adorava comer *waffles* no café da manhã, ou como, com apenas cinco anos, você me implorou que o deixasse ler o romance de Stephen King, e eu o fiz ficar com o de Judy Blume. Ou sobre sua perna quebrada quando você tinha sete anos, ou as vezes que o peguei tentando entrar no Caixão escondido do seu pai, quando era mais novo. Quantas vezes eu levei queijo e bolachas enquanto você estudava os códigos de acesso da NetScreen na cama? E aquela vez em que trabalhamos freneticamente para limpar a casa depois daquele infame “incidente da festa do pijama”, antes que seus pais voltassem para casa de uma das viagens de negócios?

Ela se deteve por um instante, um sorriso caloroso perpassando seu rosto, e Michael não podia fazer nada além de encará-la, o queixo caído.

— Eu poderia continuar por horas a fio — ela disse. — Mas jamais conseguiria convencê-lo por completo. Nem os seus amigos. Sou um trecho de um código, Michael. Mais nada. Ninguém entende essa dor mais do que

eu, confie em mim. Mas não sei como ganhar completamente a sua confiança.

— Olha, gente, não queria insultar ninguém, viu? — disse Bryson, olhando sem graça para o chão.

Michael sentiu que seu corpo tremia, a emoção tomando conta de seu peito. Bryson havia levantado uma questão importantíssima, e não podiam ignorar as implicações dele. Mas, por outro lado, Michael tinha que se permitir confiar mais uma vez. Em alguma coisa. Em *alguém*. E, se tivesse um radar de confiança, ele estaria apitando feito louco naquele momento.

— É você — ele sussurrou.

Ninguém disse nada. Como se não o tivessem ouvido.

— É você — ele disse um pouco mais alto.

E então Michael correu até ela e a abraçou com força, antes que alguém pudesse perceber as lágrimas escorrendo de seus olhos.

— Sou *eu*, sim — sussurrou Helga no ouvido dele, dando palmadinhas em suas costas. — Eu juro. Vamos superar juntos toda essa loucura.

Fazia tempo que Michael não se sentia assim... e tudo desabou sobre ele de uma só vez. Felicidade, tristeza, nostalgia. Chorou no ombro de Helga, lembrando dos pais que havia perdido, do lar que havia perdido, da vida que havia perdido. É verdade que tinha os dois melhores amigos, mas Helga era a única ligação com o mundo que tinha conhecido sem a companhia deles. E chegara a pensar que ela tinha sumido para sempre.

Havia perguntas, sim. E preocupações. Mas, naquele momento, tudo o que podia sentir era o calor doce e intenso em seu peito.

Helga tocou gentilmente seus ombros e o afastou um pouco. Michael estava aliviado ao ver que ela também derramara uma lágrima ou outra.

— Acho que consegui convencer você — ela disse, abrindo um sorriso emocionado. — Mas não eles — ela apontou para os outros.

Totalmente envergonhado, Michael se recompôs, enxugando as lágrimas das bochechas. Em seguida, virou-se para os amigos.

— É ela — afirmou com toda a força que pôde reunir depois de fazer aquela cena. — Não sei como explicar, mas sei que é ela.

Para surpresa de Michael, foi Sarah quem mais demonstrou dúvida.

— Então vai ter que descobrir um jeito de explicar, Michael. Não podemos arriscar nossa vida nas mãos dessa senhora. O que ela fez... roubar um corpo... não é melhor do que o que Kaine está fazendo.

A última palavra mal saíra de sua boca, e o restante do grupo já começava a bater boca, um falando mais alto que o outro, até Michael gritar para que todos se calassem.

— Me escutem! — pediu, olhando diretamente para os amigos e os pais de Sarah. — Vocês não têm a menor ideia de como é ser um Tangente. Podemos ser um monte de códigos para vocês, mas não posso aceitar isso. Somos mais. Eu sei. Sou uma pessoa. Tenho uma mente e posso pensar por conta própria, não importa o que os outros digam. Quero dizer, também poderia facilmente ser programado, assim como Helga. Em algum momento, precisamos confiar na intuição! Pelo que sei, meus pais eram reais, até Kaine apagá-los. E Helga... ela é como uma avó para mim. Esta é Helga. Sei disso.

— Uma avó? — indagou Helga. — É mesmo?

— Desculpe. Algo como a melhor tia do mundo.

Sarah deu alguns passos à frente, até se postar diante de Michael. Ela o encarou por alguns segundos.

— Tem certeza?

Ele assentiu com convicção.

— Absoluta — olhou para Bryson. — Uma certeza dos infernos.

Bryson deu de ombros.

— Acho que a gente vai ter que confiar em você — ele disse, hesitante.

— Não precisa ter medo de sermos como Kaine — interveio Helga. — Tem uma diferença. Uma diferença enorme.

Gerard sentiu que era sua vez de falar:

— Ah, é? — pressionou-a. — Então esclareça para a gente. Qual é essa diferença enorme?

Michael confiava em Helga, mas tinha motivos pessoais.

— A diferença — respondeu Helga — é que estamos aqui para impedir os planos de Kaine. A diferença é que ativamos a Doutrina da Morte apenas porque era nossa última opção — ela fez uma pausa. — A maior diferença é que planejamos devolver estes corpos. Com sorte, muito em breve. Mas duvido muito que Kaine planeje fazer o mesmo.

— Devolver? — quis saber Bryson. — Como?

Helga se sentou na cadeira.

— É hora de contar a vocês sobre a Colmeia.

2

A Colmeia. As palavras pareceram abalar Michael, e o resto do grupo ficou em silêncio. Ele olhou para Sarah e Bryson, apontando para as cadeiras.

— Vamos ouvir o que ela tem a dizer, pessoal? — ele perguntou.

O grupo não respondeu, mas todos se sentaram, prontos para ouvi-la.

— A Colmeia — ela repetiu, assim que todos se acomodaram — é uma criação de Kaine, ainda não sabemos bem para quê. Ele a protege e administra, mas descobrimos como chegar até ela. Como invadi-la, melhor dizendo. A Colmeia é a chave para tudo, o segredo para fazer as coisas voltarem a ser como eram, antes disso tudo — Helga juntou as mãos em um gesto de tristeza.

— Mas o que é a Colmeia? — insistiu Sarah. — Nunca ouvimos falar dela.

— Ah, sim — continuou Helga, em voz baixa. — Claro. A Colmeia é onde a inteligência está armazenada. Na verdade, inteligências, no plural.

— Você quer dizer... o cérebro da VirtNet? — perguntou Bryson.

Helga balançou a cabeça em uma negativa.

— Não, nada desse tipo. É um centro de armazenamento quântico. Com capacidade de armazenar quantidades gigantescas de informação, incluindo backups de programas de Tangentes. Descobrimos que também é para onde a consciência é enviada quando um Tangente assume um corpo. É onde a *mente* é armazenada — Helga se virou para Michael. — Qual é o nome da pessoa que você substituiu? Jackson Park?

— Porter — Michael a corrigiu.

— Sim, Porter. Muito bem, Kaine não o destruiu quando ativou a Doutrina da Morte em você. Não é assim que funciona. Mais uma vez, não conhecemos o motivo, mas a inteligência, as... memórias, a personalidade de Jackson Porter são preservadas. Temos algumas teorias. Acreditamos que essa preservação seja uma parte necessária do processo, para que o corpo humano deixado para trás possa sobreviver; para que a consciência dele se mantenha viva também. Se essa conexão fosse completamente rompida, não sabemos de que maneira o corpo físico iria reagir. O que quero dizer é que o seu corpo ainda tem uma conexão com Jackson Porter... uma conexão com o que faz ele ser o que é. Achamos que seja algo parecido com a tecnologia usada pelo Núcleo, que você precisa para fazer a Submersão em uma NerveBox.

O coração de Michael bateu descompassado.

— O qu-que você quer dizer? — ele mal podia formular a questão.

— Quero dizer que a inteligência da pessoa que você substituiu ainda existe, intacta e completa. A consciência está armazenada em um lugar chamado Colmeia.

— Isso... — Michael engoliu em seco. — Isso é meio confuso, não é? Helga se levantou.

— Acho que a melhor maneira de explicar isso é mostrando a vocês.

Michael olhou para Bryson, Sarah e os pais dela. Todos pareciam tão desnorteados quanto ele.

— Sim — afirmou Helga. — Acho que é isso o que vamos fazer. Uma Submersão.

3

Havia três Caixões perfeitamente alinhados ao longo da parede dos velhos alojamentos, reluzentes em seu brilho azulado, como criaturas marinhas fosforescentes. Alguns estavam ocupados, mas a maioria estava vazia, aguardando novos ocupantes.

— Sei que ainda não conquistei totalmente a confiança de vocês — disse Helga, ao lado da fileira de máquinas. — Vou deixar que decidam por si

próprios se querem fazer ou não a Submersão comigo. Todos podem vir, se quiserem, ou só você, Michael. Como preferirem. Garanto a vocês que estarão em segurança — Helga apontou para os estranhos trabalhando freneticamente pela sala toda. — Todos aqui juraram proteger vocês. Todos vocês. Estamos todos do mesmo lado.

— Vão vocês três — disse o pai de Sarah. — Nancy e eu vamos esperar... e ficaremos de olho nas coisas por aqui.

A mensagem era clara. Gerard não confiava naquelas pessoas. Pelo menos por enquanto. Ele ficaria ali e tomaria conta do corpo físico da filha, sabendo, provavelmente, que não era páreo para as forças que poderiam atacá-la em sua mente no Sono.

Michael olhou para os amigos, vendo refletido no olhar deles o que ele próprio sentia: curiosidade. Mas Michael não tinha certeza de como se sentiria a respeito daquela novidade, daquela... Colmeia.

Ele ainda não abrira a boca para aceitar a oferta de Helga, mas Bryson já tirava a camiseta.

— Para mim, tudo bem — ele disse, abaixando o zíper da calça. — Vamos lá.

— Será que podemos, por favor, combinar de ninguém ficar sem a roupa de baixo? — implorou Sarah, cobrindo os olhos. — Tem algumas coisas na vida que é impossível *desver*.

— Você só diz isso da boca pra fora — provocou Bryson, dando uma piscadinha.

Helga pigarreou, lembrando-os de que ela estava ali. Começou a tirar sua camiseta, e Michael logo notou que ela usava um daqueles trajes muito legais de Submersão por baixo da roupa: fibra sintética cobrindo o corpo todo, ideal para se usar na frente de qualquer um.

— Chega de conversa fiada — interferiu Helga. — Vamos logo. Walter — ela chamou um homem que estava perto de uma NetScreen. — Pode nos ajudar?

O homem assentiu discretamente para Helga e apertou o botão do EarCuff para desligar sua tela. Tinha altura mediana, cabelos escuros e uma expressão tão fechada que Michael pensou que pudesse estar sentindo alguma dor no rosto.

— Este é Walter Carlson — Helga apresentou-o, quando ele se aproximou. — Está substituindo temporariamente Keith Sproles, cuja inteligência o aguarda na Colmeia, até que um dia possa retornar — o tom de voz dela tinha uma nota de respeito, como se quisesse fazê-los perceber que não era indiferente aos corpos emprestados nem às inteligências

armazenadas.

— Oi, Walter — disse Bryson.

Michael estendeu a mão e o cumprimentou. Sarah fez o mesmo.

— Tentamos sempre nos lembrar de quem somos e do que fizemos com aqueles que substituímos — explicou Helga. — Quanto a mim, sou a substituta temporária de Brandi Hambrick, cuja inteligência a aguarda na Colmeia, até que um dia possa retornar.

Michael assentiu com um gesto de cabeça, esperando que o medo súbito e inesperado que sentia não ficasse visível em seu rosto. O que tudo aquilo realmente significava para ele? Que Jackson Porter estava em algum lugar por aí, esperando voltar para seu corpo? Se estava mesmo *armazenado*, tinha consciência disso? Poderia pensar? Ou estaria em uma espécie de congelamento, sendo um simples pedaço de carne no freezer? Havia pensado bastante em Jackson, mas agora o pensamento parecia uma lâmina fria contra o seu pescoço. Estava bem assustado, para dizer o mínimo.

— É um prazer conhecê-los, damas e cavalheiros — disse Walter, arrancando Michael de seu devaneio. — Ouvimos muito a respeito de vocês. Helga não consegue passar muito tempo sem citá-los, na verdade. Mas está coberta de razão quando diz que estamos do mesmo lado. Garanto a vocês. Ninguém detesta Kaine mais do que eu, podem estar certos disso.

Sarah abriu um rápido sorriso para o homem.

— É bom ouvir isso — ela disse, depois olhou para Helga. — Acho que agora estamos prontos.

Michael suspirou aliviado, pois Sarah parecia ter decidido confiar em Helga. Aquilo o fez se sentir bem a respeito da própria decisão.

Walter começou a operar os Caixões. Foi mexendo neles em sequência, avançando de um para o outro, tocando telas e pressionando botões. Uma a uma, as portas se abriram, e Michael sentiu aquela familiar onda de adrenalina — a emoção que vinha antes da Submersão no Sono. Não se cansaria nunca dessa sensação. Mesmo depois de tudo pelo que tinha passado.

Só de cueca, foi o primeiro a entrar na máquina. Assim que se ajeitou no Caixão, Helga lhe ofertou um enorme sorriso.

— Walter vai fazer a mágica dele com as coordenadas — disse Helga, enquanto se enfiava no Caixão ao lado do de Michael. — Ele vai nos levar aonde precisamos ir no começo, mas depois vamos precisar de uma boa manipulação do código, assim que estivermos lá.

Michael retribuiu com outro grande sorriso. Estava preparado.

A porta do Caixão se fechou com um clique, emitindo um leve chiado até se lacrar por completo. Então veio o NerveWire, serpenteando pelo corpo de Michael e se aninhando nos lugares já conhecidos, espetando sua pele. Os LiquiGels foram calibrados para quente, depois para frio; então veio o som sibilante dos AirPuffs, e ele soltou um suspiro relaxante, em coro ao zumbido do equipamento ao redor. Teve a impressão de que não fazia aquilo há uma eternidade.

Fechou os olhos quando o sistema se iniciou, imergindo na VirtNet.

Michael se viu ao lado de Bryson, Sarah e Helga em uma enorme expansão de areia branca, que se alargava por todas as direções, até onde a vista alcançava. O contorno de uma cadeia de montanhas repousava à distância, como uma mancha enevoadada contra o horizonte. O calor fazia a areia quente ondular, enquanto o sol brilhava forte no céu azul. Era um calor árido, que para Michael dava uma sensação estranha de poeira permanente na garganta.

— Estamos em Salt Flats — anunciou Helga. — Ou melhor, isto aqui foi baseado no famoso deserto de sal do estado de Utah. Um monte de recordes de velocidade foi quebrado aqui. Podem imaginar as proezas absurdas que já fizeram neste lugar, nesta versão virtual. Os simpatizantes de VirtCar adoram isso aqui. Correm a mais de mil e quinhentos quilômetros por hora, o que geralmente acaba em morte e uma pilha de metal e vidro quebrados. Cada coisa que as pessoas fazem em busca de adrenalina...

— Bem legal — disse Bryson. — Mas o que tudo isso tem a ver com a Colmeia?

— Vamos apreciar a paisagem — respondeu Helga. — De vez em quando, experimente parar e sentir o cheiro das flores.

Michael se virou, admirando o cenário tórrido e empoeirado. Deliciava-se com essa nova perspectiva: estar no mundo e também em sua réplica virtual. Ainda tentava entender o corpo humano e suas sensações, e o que significava ter um corpo real comparado a um programado. A princípio, tudo ali em Salt Flats parecia real, mas podia quase sentir o gosto da artificialidade, como a textura borrachenta de uma torta barata.

— Não estamos nas Profundezas, estamos? — ele perguntou, interrompendo Bryson, que ia murmurando algo sobre flores e sal.

— Não, não estamos — ela respondeu. — Aliás, a Colmeia não fica perto das Profundezas nem de nenhum dos programas que atingiram esse *status*. É intencional. Ela se encontra inteiramente separada da maior parte da VirtNet e está no nível mais quântico que se pode chegar em termos de programação. Mas ainda não estamos na Colmeia. Para ir aonde desejamos, precisamos trabalhar um pouco, o que pode não ser o que chamariam de... agradável.

— Por que sempre ouvimos algo assim? — perguntou Sarah. — As pessoas estão sempre nos dizendo como vai ser desagradável o que teremos que fazer...

Michael concordou plenamente. Eles tinham sofrido para serem Espremidos e entrar no Lifeblood Deep — ou pelo menos o que haviam dito a eles ser o Lifeblood Deep —; havia sido uma das piores experiências da vida deles.

— Sei que já ouviram falar sobre ser Espremido, certo? — perguntou Helga.

Michael quase riu alto. Mas Bryson riu de verdade.

Helga assentiu em concordância.

— Vou entender isso como um sim. Mas o que estamos prestes a fazer é pior.

— Pior? — repetiu Sarah.

— Sim. Em vez de entrarem Espremidos, vocês serão... aniquilados. Completamente destruídos, e então recompostos do outro lado. Walter vai diminuir os níveis de dor para o mínimo, mas ainda assim vocês vão sofrer. E, acreditem em mim, *não* vai ser nada agradável.

Michael suspirou.

— Precisamos mesmo fazer isso?

— Sim — respondeu Helga, em tom sério. — Precisam conhecer a Colmeia. É muito importante para mim que a vejam e a compreendam. Ela cresce a cada dia. Ironicamente, a Colmeia não existiria se não fosse Kaine.

O trio de amigos trocou um olhar cúmplice. Não precisavam falar nada para que Michael soubesse que se sentiam como ele: apavorados e cheios de perguntas. Uma sensação, aliás, bem familiar.

— Agora — alertou Helga —, deem as mãos. Vamos formar um círculo.

Os amigos se aproximaram um do outro, unindo as mãos.

Michael ficou diante de Sarah, ambos podendo se olhar nos olhos. Em meio a tudo o que estava em jogo, algo parecia tocar fundo em seu ser. Não importava o que Helga fosse mostrar a eles, não conseguia afastar a sensação de que ele e Sarah jamais seriam o que ele desejava que fossem.

Qualquer possibilidade de um futuro juntos — um sonho que estivera no fundo de sua consciência desde que a havia conhecido — estava prestes a ser retirada dele. Uma tristeza pesada o oprimia enquanto ficaram ali, a brisa quente roçando suas roupas e o sol cozinhando sua pele virtual.

— Fechem os olhos — instruiu Helga. — Acessem o código e fiquem perto um do outro. Então, sigam meus passos.

Ela fez uma pausa, depois acrescentou:

— Não importa quanta dor cause.

Eles flutuaram em uma escuridão semelhante à do espaço sideral, mas, em vez de estrelas, fragmentos de códigos rodopiavam ao redor deles, acesos com luzes brilhantes, redemoinhos de informação que não paravam nunca de se misturar. Michael jamais vira códigos assim — em tal congestionamento, em tal... intensidade. Helga devia ter descoberto onde se localizava uma das centrais de informação; era a única explicação. Por isso os tinha levado ao deserto de sal. Aquele era provavelmente um dos únicos locais virtuais com espaço suficiente para uma central daquele tamanho. E era assim que chegariam aonde precisavam ir.

— Fica melhor se a gente traduzir para o modo visual — disse Helga. — Juntem tudo o que tiver a mais ligeira relação com os dígitos quânticos que já vou passar para vocês. Quando conseguirem fazer isso, reúnam todas as informações à nossa volta, para nos envolverem. Depois, vamos reduzi-las a bits.

Bryson sorriu com uma ponta de malícia.

— Parece divertido — disse Sarah.

— Não é — retrucou Helga.

Ela estendeu suas mãos virtuais e começou a manipular o código. Números e letras transformados em blocos de construção, canos, folhas de uma espécie de plástico duro, painéis de vidro, vigas de madeira. Tudo se curvava, retorcia-se e girava, cada parte se conectando a outra com perfeição geométrica, de modo a criar um todo fascinante ao olhar. Michael observou com atenção como ela procedia. Fez upload dos dígitos que ela lhe enviou, depois deu início ao mesmo processo, transformando o código em uma manifestação visual do caminho quântico que ela havia preparado. Tudo era novo para ele, embora tivesse experiência suficiente para pegar o jeito da coisa com rapidez.

Bryson e Sarah imitaram Michael, e logo os objetos orbitavam ao redor deles, crescendo, conectando-se e se expandindo. Estruturas cada vez maiores e mais complexas surgiram, até que, de repente, Helga parou sua construção e fundiu o que fazia à construção de Michael, dobrando o tamanho daquela criação e, em seguida, repetindo o mesmo processo com as construções de Sarah e Bryson.

O grupo trabalhou junto na mesma estrutura, até deixá-la grande o bastante para que pudessem flutuar dentro dela. Parecia uma esfera enorme, quase sólida, lisa por dentro, de modo que não podiam mais ver o

que ocorria no exterior. Sobre a cabeça deles havia um espaço aberto, e, continuando a trabalhar, lançavam novos pedaços para cima e fora dela. Michael imaginou que aqueles fragmentos completariam a parte externa da estrutura, tornando-a maior a cada minuto. Aquilo era diferente de tudo o que já fizera, mas compreendia o fundamento teórico. Pelo menos, parcialmente. Criavam uma representação visual de um código quântico que Helga dissera poder transportá-los a um local do Sono normalmente inacessível.

O que Michael ainda não entendia era como cumprir aquela jornada poderia ser tão doloroso.

Continuaram pelo que pareceu ser mais uma hora, transformando o código, seguindo o estranho caminho que Helga havia traçado. Aquilo se apresentava como uma estrutura gigante em expansão contínua ao redor deles.

— Estamos quase lá — Helga enfim anunciou. Estava tão concentrada, que chegava a ser engraçado. — Vocês têm que ficar comigo agora e fazer exatamente o que eu fizer. E não parem de trabalhar até eu dizer que podem.

Michael seguiu as instruções de Helga, construindo mais e mais, e deixando-a tomar suas criações e juntá-las a outras. Pelo espaço vazio acima deles elas saíam, para depois desaparecerem em diversas direções. A concha ao redor deles cintilou com um brilho azulado.

— Muito bem — disse Helga, depois de um longo período de silêncio e trabalho árduo. — Podem parar. Vejam, aqui está o código de acesso que acabamos de construir — ela piscou os olhos e o enviou. Michael o capturou em pensamento.

— Soltem-se na estrutura — instruiu Helga. — Sei que nunca fizeram nada disso antes, mas lembrem-se: neste momento, vocês não são nada além de uma corrente de informações; deixaram de ser um corpo físico. Precisam, aliás, deixar para trás qualquer conceito de corpo físico. Usem o código de acesso para fluir na estrutura. Eu vou primeiro, depois podem me seguir. Iniciando. Agora!

Não era fácil. Ao contrário, era esquisito. Bem esquisito. Todas as outras interfaces que Michael havia usado antes no Sono ignoravam o código literal do corpo do usuário. Não precisavam pensar nesse assunto. Em outras palavras, dentro da VirtNet, você se sentia tão real quanto era possível se sentir. Mas agora Helga se decompunha essencialmente em uma longa série de números e letras, para em seguida transmiti-la à estrutura visual gigantesca que acabavam de construir. Evitando pensar muito nisso,

Michael fez o mesmo. Era tão estranho, tão *contra* todos os instintos que já tivera no mundo virtual, que era quase como ingressar em um mundo alienígena. Mas cumpriu sua tarefa, antes que o deixassem para trás.

De imediato, perdeu qualquer senso de direção, tempo ou materialidade. Nada mais existia. Não podia ver, não podia ouvir, não podia sentir. Começou a ser pressionado de todos os lados, e subitamente o lado superior tornou-se o inferior, o universo todo virando do avesso.

— Conseguimos — disse Helga.

Ele não podia vê-la, mas entendeu a mensagem com toda a clareza.

— Onde estamos? — ouviu Bryson perguntar.

— Estamos em um trecho quântico da Colmeia — explicou Helga. — Aliás, *somos* um trecho quântico. Mas não podemos acessá-la desse modo. É aqui que vamos nos despedaçar. Temos que destruir o *caminho* e a *nós* mesmos. Completamente. E, quando nos refizermos, estaremos lá dentro. É assim que deve ser feito.

Michael tentou falar, mas percebeu que não sabia como fazê-lo naquele lugar estranho. Estava completamente confuso. Mas percebeu que os amigos não pareciam ter o mesmo problema.

— Destruir como? — questionou Sarah. — O que precisamos fazer?

— Apenas puxem — instruiu Helga. — Assim.

Uma ventania súbita atingiu Michael como uma forte pancada, e um rugido horrendo rasgou sua mente instável. O mundo bizarro no qual fluava agitou-se com violência. O espaço parecia tremer e se expandir ao mesmo tempo — contração e, depois, mais uma expansão. Tudo ao redor deles entrava em erupção.

E então veio a dor. A dor terrível, que julgaria inacreditável caso não a estivesse sentindo pessoalmente, arrebatando-o todo.

2

Michael não entendia o que acontecia com ele. Não podia ver formas, mas a dor que o rasgou por dentro manifestou-se em cores: um azul profundo misturado a um laranja intenso que era agonia completa, passando depois a um vermelho incandescente que era quase insuportável. Ele gritou silenciosamente, girando no interior daquele universo de loucura, estendendo os braços que não tinha, totalmente perdido e confuso.

— Michael! — alguém gritou.

A voz era impossível de identificar, mas se manifestou como uma punhalada de dor. Não podia sequer formular pensamentos coerentes, quanto mais chamar por alguém. Será que Sarah e Bryson estavam tão bem

que conseguiam até articular palavras?

Pensou em Helga e no que ela dissera. *Juntar e destruir*. Faria qualquer coisa para deter aquilo. Mas como? Ia tentar. Concentrou-se e imaginou seu corpo novamente, visualizando-se em uma versão gigante. Tentou mover braços que não podia sentir e desferir chutes a quilômetros de distância com pernas inexistentes.

Nada.

Apenas dor.

Pensava que fosse um dos melhores programadores de todos os tempos. Mas aquilo não fazia sentido nenhum para ele.

Sentia-se perdido. Em vez de lutar, aceitou a dor e tentou mergulhar no esquecimento da escuridão. Mas ele ainda permanecia ali, com aquela agonia estendendo-se além dele, pela eternidade.

3

De repente, Michael notou que alguma coisa parecia diferente. Ainda havia dor, mas ela parecia estar... diminuindo?

Então, de uma hora para outra, terminou. A agonia desapareceu de modo brusco, como se uma anestesia houvesse chegado à sua corrente sanguínea. Instantaneamente havia se livrado da dor, e essa bênção o deixou à beira da euforia.

Abriu os olhos. Os olhos virtuais. Então percebeu, com um choque, que *tinha* olhos novamente.

Seu corpo — sua Aura — estava intacto. Olhou para si mesmo, tocando braços e pernas, e deu alguns tapinhas no peito. Estava inteiramente ileso — parecia loucura, mas não tinha sequer um arranhão. Por fim, olhou ao redor para verificar onde estava.

Ainda flutuava na escuridão, mas tudo ao redor havia mudado. Um céu púrpura e infinito tinha agora o que pareciam ser planetas flutuando à distância. Uma parede de luz brilhante pulsava diante dele. A parede brilhante se alongava em todas as direções, até onde conseguia enxergar. E, quando os olhos se ajustaram à luminosidade cintilante, pôde ver que não era apenas uma grande parede lisa. Era esburacada, com um padrão regular de milhares de casulos. Uma figura moveu-se em um dos casulos, e ele espremeu os olhos para enxergar melhor, percebendo que os casulos eram ocupados por um monte de formas escuras. Como peixes fantasmagóricos, eles nadavam, cada um no próprio casulo.

Aquilo era a Colmeia? Estendeu os braços, prescrevendo um círculo ao redor de si mesmo, para confirmar o que já suspeitava.

Estava sozinho.

Virou-se para o muro de casulos alaranjados. Notou que a luz pulsante zumbia cadenciadamente, quase como as batidas de um coração. Aquela cadência vibrava através de seus ossos e preenchia seu corpo. Queria se aproximar, ver mais de perto como eram aquelas formas. Estendeu os braços e as pernas pelo espaço. Em lugares virtuais como aquele, sempre soubera ir de um local a outro como se estivesse nadando, mas agora, não importava o quanto movesse os braços ou batesse as pernas, não saía do lugar — apenas girava em torno de si mesmo. Deteve-se, esforçando-se para estudar a estrutura à sua frente. Então houve um lampejo, um movimento à velocidade da luz, e de repente seu nariz estava quase encostado à parede alaranjada. De alguma maneira, havia se transportado até ali com a força de sua mente.

Olhou para trás, para o vasto céu púrpura, e então enviou um pensamento rápido concentrado naquele ponto. Em seguida, foi catapultado para quilômetros de distância, longe daquele brilho alaranjado e contínuo. Virou-se, e disparou para o próximo local que seus olhos avistaram. Por um momento, a empolgação dessa viagem instantânea, desse transporte mental, fez com que se esquecesse do motivo pelo qual estava ali. Então concentrou-se com mais propósito, focando o local onde queria estar, e, com um estalo, mais uma vez flutuava para perto do muro enorme, interminável, de brilhantes casulos alaranjados.

Agora que estava mais perto, sentia-se em perfeito controle de si mesmo. Seu corpo movia-se lentamente, até que um casulo estivesse a poucos centímetros de seu rosto. Viu as mesmas formas sombrias que havia notado antes, agora mais nítidas, deslizando atrás da superfície membranosa. Inclinou-se, seguindo aquelas silhuetas, mas, quando tentava fixar o olhar, elas se afastavam, partindo para longe de seu campo de visão.

Perguntava-se como seria estar do outro lado daquele muro.

Mal formulou o pensamento e já foi transportado mais uma vez. Por um instante, ficou cego por uma completa escuridão. Então, estava exatamente onde queria, do outro lado da parede. As coisas eram diferentes ali.

Daquele ponto de vista, Michael pôde notar que a Colmeia era na verdade uma esfera enorme, e que agora estava no *interior* dela, cercado por inúmeros casulos, quase como favos de mel, brilhando, pulsando, zumbindo.

No interior da esfera, a parede dos casulos era lisa. Chegava a parecer com um daqueles computadores antigos de que ouvira falar, com uma tela de vidro chamada monitor. Bastou pensar nisso para estar ali, de nariz

colado àquela espécie de vidro, observando. Havia um nome impresso digitalmente:

EDGAR THOMAS FINCH

Estendeu a mão e tocou as letras. A tela toda piscou em vermelho, e então o nome reapareceu. Repetiu o movimento, e a mesma coisa aconteceu. Em silêncio, concentrou-se em enviar um comando para a tela a fim de lhe revelar mais informações, mas nada aconteceu. Havia só o nome e a luz alaranjada do casulo, interrompida apenas por uma dessas sombras esquivas que nadavam na escuridão.

Moveu-se com rapidez de unidade para unidade. Cada casulo tinha um nome, nenhum deles familiar.

Foi então que se deu conta de que queria ver com os próprios olhos. Precisava ver.

Jackson Porter, pensou. Leve-me para o casulo de Jackson Porter.

4

Sentiu um estalo nos ouvidos com o movimento brusco, e a Colmeia instantaneamente deslocou-se ao redor dele. Diante do borrão alaranjado, sua mente girava, o estômago embrulhando. Depois, tudo se estabilizou, e pôde ver, logo à frente, as letras formando um nome que fez seu peito se apertar.

JACKSON BLAYNE PORTER

Michael flutuou para mais perto, ergueu a mão e tocou com leveza a superfície da tela que revelava o nome. O nome da pessoa de quem ele havia tirado tudo. A tela piscou em luzes vermelhas como a outra, depois voltou ao normal. Provavelmente era algum sinal mostrando que não estava autorizado a acessar informações a respeito do que estava dentro do casulo, fosse o que fosse.

E *o que* havia dentro do casulo? Michael não entendia até que ponto a Colmeia era real. Aquele era um lugar físico? Ou algo mais simbólico? Aproximou-se pelo lado direito da tela, chegando tão perto do brilho alaranjado quanto foi capaz de ousar. As sombras se moviam ali dentro, rodopiantes, dilatando-se e se encolhendo. Michael ficou olhando, boquiaberto — a sensação era de que estava muito perto de compreender a vida após a morte, o mundo espiritual, algo sobrenatural que jamais pudera entender antes.

As sombras de repente se uniram em uma única e grande mancha, bem na frente de Michael, muito perto de seu rosto. A luz alaranjada pulsava ao

redor do casulo. Aquela forma era oval e media quase trinta centímetros de altura, em posição vertical. Sombras mais escuras formavam-se dentro das próprias sombras. Michael engasgou e quase se projetou para longe dali, horrorizado, tremendo com arrepios virtuais.

Um rosto.

Dois olhos. Um nariz. Uma boca fina como uma linha. Maças do rosto. Um queixo. Tudo bem vago, mas estava ali. Um rosto de sombras olhando para Michael enquanto a luz do casulo pulsava e o ruído constante de batimentos cardíacos vibrava ao redor dele.

Michael sentiu uma dor no peito. O corpo dele parecia um bloco de gelo. O que era aquilo? Será que estava se confrontando com a essência de Jackson Porter, cujo corpo — cuja *vida* — tinha roubado? Não entendia. Não entendia nada daquilo. E, ainda assim, não conseguia desgrudar os olhos dali.

— Sinto muito — ele sussurrou, por mais absurdo que soasse.

O rosto borrado se dissolveu em sombras indistintas, espalhando-se pelo interior do casulo.

— Queria que visse isso — uma voz disse atrás dele.

Michael deixou escapar um grito, tão assustado que girou ao redor de si com os braços estendidos, golpeando nada além de ar. Helga — agora sob a forma que havia conhecido durante toda a sua vida, sua Helga de casa, a babá que era como uma segunda mãe — deslizou até ele, parando a alguns metros de distância, com Bryson e Sarah atrás dela. Michael não sabia quando ou como ela tinha trocado sua Aura, mas teve que admitir que aquela visão familiar o tranquilizava, fazendo-o se sentir um pouco melhor.

— O que está acontecendo? — ele perguntou, querendo pegar toda a frustração e angústia que crescia dentro dele e arremessar para outra pessoa. — Qual o sentido disso tudo? Está me dizendo que tem um Jackson Porter dentro deste casulo? Como em algum tipo de arquivo vivo, que respira? Então é só digitar uma senha que ele volta direto para o meu cérebro? Foi para isso que me trouxe aqui?

As palavras saíram em uma torrente, e a expressão dolorida no rosto de Helga o fez desejar retirar tudo o que havia dito.

Mas ela se livrou da expressão de dor o mais rápido possível, e uma expressão de quem tem tudo sob controle voltou, como que lhe pedindo que não fizesse tanto drama.

Sarah se afastou de Helga em um lampejo instantâneo e foi para o lado de Michael, envolvendo-o com um braço em seu ombro.

— Desculpa por termos perdido você de vista por um momento — ela

disse com suavidade. — Tentei ficar perto de Helga e achei que você também ficaria com ela.

Michael pegou a mão dela, mas não desviou os olhos de Helga.

— Era muito importante para mim trazer você para cá, Michael — disse Helga. — Sei que precisou de um grande esforço, e foi um risco considerável. Mas este lugar é real, e isso tem que estar bem claro na sua mente, para que entenda contra o que estamos lidando e qual é o nosso propósito.

— Contra *o que* estamos lidando? — perguntou Michael, envergonhado por notar que sua voz tinha um traço de irritação. — Qual é o nosso propósito?

— Sim — concordou Bryson, distanciando-se um pouco de Helga, para que pudesse olhá-la de frente. — São ótimas perguntas.

Helga fez um gesto abrangente, os braços estendidos, indicando a enorme Colmeia ao redor deles.

— Estes casulos estão sendo preenchidos a uma proporção exponencial. E a verdade é que não sabemos se esta é a única coisa que Kaine vem aprontando ultimamente. Tem muita coisa que ainda precisamos descobrir. Mas são pessoas, Michael. Pessoas. Roubadas de seus corpos. E sei que concordamos em um ponto: é com a coisa mais sagrada do universo que estão brincando. É tão ruim quanto o que Kaine fez com você, brincando com sua vida, com sua mente, seus sentimentos, como se fosse algum tipo de jogo da VirtNet.

— Eu quero ajudar, mas como? — indagou Michael, sentindo-se pior a cada segundo. Não sabia por que, mas sentia que seu coração se dilacerava aos poucos. — Talvez eu devesse apenas desistir. Então Jackson poderia ter este corpo idiota de volta. Nada mais importa. Como faço isso?

Helga suspirou.

— Michael, você não está compreendendo o ponto principal. Não o trouxe aqui para se sentir mal. E fico feliz que queira fazer alguma coisa a respeito dessa situação. Mas a questão é salvar estas pessoas e impedir que o mesmo aconteça com outras. Temos que dar um jeito no mundo, tanto real quanto virtual, antes que as coisas cheguem a um ponto impossível de se reparar.

— Está bem — disse Michael. — Então já sabemos que temos que deter Kaine, e meu plano é voltar para a Ravina Consagrada. Acho que precisamos voltar para lá e destruir o programa da Doutrina da Morte. Mas ainda não entendi por que você tinha que me fazer ver o rosto do garoto cujo corpo eu roubei. Se queria que eu me sentisse pior, sua missão foi

bem-sucedida.

Helga não respondeu de imediato. Olhou para ele durante alguns segundos, que mais pareceram minutos. Enfim, quebrou silêncio:

— Você me decepcionou, Michael. Vamos voltar e fazer a Emersão.

Ela desapareceu do centro da órbita antes que Michael pudesse dar qualquer tipo de resposta. O que foi bom, porque ele não tinha mesmo ideia do que dizer.

5

A viagem de volta da Colmeia não foi nem de longe tão ruim quanto o horror que haviam experimentado na ida. Helga explicou que a diferença tinha algo a ver com o uso de um caminho que já estava estabelecido — um caminho ainda bem fresco e doloroso na lembrança de Michael. Quando ele por fim abriu os olhos, de volta ao Caixão, sentiu-se aliviado, apesar do constrangimento de sua atitude na Colmeia.

Saiu da NerveBox e começou a se vestir, fazendo o melhor que podia para evitar contato visual com qualquer pessoa. Mesmo Sarah, de quem tanto precisava, ele ainda não conseguia encarar. Sentia-se estúpido e deprimido, tudo o que desejava era dormir por dias — talvez semanas.

Helga demorou um pouco mais para sair do Caixão, e Walter praticamente a arrastou para fora, sussurrando com veemência no ouvido dela. Michael a viu atravessar a sala em direção a um grupo reunido em volta de uma mesa, com uma NetScreen iluminada no meio. A discussão se intensificou no grupo, e enfim Helga olhou para Michael, o cenho franzido e o semblante mostrando preocupação. Alguma coisa acontecera. Alguma coisa significativa.

Sarah e Bryson estavam ao lado de Michael.

— O que está acontecendo? — perguntou Bryson. — Ela não parece muito feliz.

— Falou sério quando disse que quer voltar para a Ravina Consagrada? — acrescentou Sarah.

Michael deu de ombros, sem vontade de conversar. Sarah lhe deu uma cotovelada.

— Tudo bem com você?

Mais uma vez, ele deu de ombros.

— Não se preocupe, vamos dar um jeito nisso tudo — disse Bryson. — Podemos ir para a Ravina Consagrada, ou aonde mais você quiser. Mas,

Michael, você está com cara de quem acabou de ver seu cachorro ser assassinado.

— É assim que eu me sinto — respondeu Michael.

Ele sabia que não devia despejar toda sua melancolia sobre seus melhores amigos, mas estava com o humor mais sombrio dos últimos tempos.

Bryson abriu a boca para responder, mas foi interrompido por um estrondo, que fez o coração de Michael subir à garganta.

O barulho tinha vindo da porta da frente — pela qual haviam entrado antes. Era alguém batendo na madeira com o que parecia ser um punho de ferro. Depois de uma dúzia de pancadas retumbantes, o ruído cessou tão repentinamente quanto começou, e um silêncio profundo se estabeleceu pelo alojamento. Olhares ansiosos foram trocados pela sala.

A pessoa do lado de fora bateu à porta de novo, com mais força e mais rapidamente.

Michael viu Helga se endireitar, terminando de ajeitar a roupa que acabara de vestir.

— Todos de armas a postos — ela ordenou. — Walter, veja quem é.

Walter não hesitou. Atravessou a sala com agilidade, enquanto os outros pareciam materializar armas do próprio ar. Michael também gostaria de poder contar com algo mais além dos punhos de Jackson Porter.

Walter abriu a janelinha da velha porta e espiou lá fora, virando-se depois para Helga:

— É apenas uma pessoa. Pelo menos, é só uma que consigo ver. Baixa, de capuz. Homem ou mulher, não dá para saber ainda, mas parece mais uma criança — ele se virou para a porta e gritou: — Quem é você?

— Estou sozinha — uma voz gritou em resposta. Voz de menina. — Por favor, deixe-me entrar, senhor.

Walter olhou para Helga, as sobrancelhas arqueadas.

— Tem certeza de que ela está sozinha? — questionou Helga.

— Até onde posso ver, sim.

— Bem, duvido muito que seja uma camponesa da região que perdeu o caminho de casa — Helga bateu palmas, frustrada. — Mas acho que deveríamos descobrir do que se trata, e também se temos ou não inimigos lá fora esperando para acabar com a gente — suspirou. — Deixe-a entrar, depois barre a passagem para ninguém mais vir com ela.

Walter assentiu com um gesto de cabeça, abrindo vários trincos que Michael não notara antes, depois abriu a porta e conduziu a garota para dentro. Assim que ela entrou, ele bateu a porta atrás dela, trancando tudo

com rapidez. Outra pessoa a revistou para se certificar de que não estava armada. Então os dois deram um passo para trás, e Walter repetiu a pergunta:

— Quem é você?

A menina não poderia ter mais que doze anos. Estava de tênis e vestia uma capa vermelha brilhante, com um capuz sobre a cabeça. Parecia ter acabado de sair de um conto de fadas. Faltava só a cesta com doces para a vovó. E o lobo.

A jovem estranha se aproximou e baixou o capuz, revelando cabelos escuros e uma pele pálida, além de um sorriso estranho, meio constrangido.

— Quem é você? — perguntou Walter pela terceira vez, o tom carregado de impaciência.

A garota lhe fez uma reverência, então percorreu a sala com o olhar, até que seus olhos se encontrassem com os de Michael.

— Meu nome é Janey — ela disse, a voz tão inocente que parecia dublagem de desenho animado. — Queria saber se Michael pode ir lá fora brincar comigo.

A menina sorriu depois de dizer isso, ainda estava encarando Michael com seu olhar inocente. Apesar de sua aparência inofensiva, Michael estava muito desconfiado. Naquele contexto, ela era mais assustadora do que um zumbi se arrastando para fora de uma cova enlameada.

Embora a sala estivesse cheia de gente, era como se apenas ele e a garota estranha estivessem naquele lugar.

— Como você sabe meu nome? — indagou Michael, temendo a resposta.

Uma expressão dolorida perpassou o rosto dela, aumentando ainda mais a esquisitice da situação.

— Como poderia não saber? — ela disse, dando uma leve mordida no lábio inferior. — Você é o Primeiro; todos sabemos quem é. Nós veneramos você. Não quer ir lá fora brincar comigo?

— *Nós?* — repetiu Helga em um tom agudo, praticamente marchando para se interpor entre Michael e a nova visitante. — Quem mais está lá fora?

A garota chamada Janey olhou para Helga com o cenho franzido.

— Prefiro falar só com o Primeiro, por favor. Ficamos contentes em saber que... *outros* Tangentes resolveram protegê-lo no nosso lugar, mas daqui em diante fica por nossa conta, obrigada.

— Você não se parece muito com uma criança — disse Walter, aproximando-se de Helga.

Janey olhou com severidade para ele, e seu sorriso estranho desapareceu de repente.

— E não sou mesmo. Nunca entendi por que muitos de vocês escolhem pegar corpos que já estão... *velhos*. Se vai se tornar humano, por que escolher um que já está perto da morte?

Michael estava petrificado, incapaz de se mover ou até mesmo de pensar com coerência. Ainda não havia se recuperado da viagem à Colmeia, e agora tinha que lidar com isso? Janey não era a única pessoa que o reconheceria desde que havia ganhado um corpo, tampouco a primeira a chamá-lo de Primeiro, mas mesmo assim ainda não tinha nenhuma ideia do que queriam dele. Se pudesse, gostaria de continuar sendo Michael, o Tangente, vivendo em abençoada ignorância com seus pais e Helga no Lifeblood Deep. Não desejava aquela vida nova. Nunca havia desejado nada daquilo.

— Você não respondeu à minha pergunta — insistiu Helga. — Quem mais está lá fora?

Janey fez menção de se aproximar de Michael, mas Helga e Walter se interpuseram na frente dela, os braços estendidos.

Janey olhou para um, depois para outro, perturbada. Então fixou o olhar em Michael.

— Somos muitos — ela disse. — E vamos esperá-lo. As coisas mudaram, você sabe. Não trabalhamos mais para Kaine. Rompemos com ele. Ele não está bem da cabeça. Tudo o que queremos é liberdade... viver como um humano deve viver. Venha com a gente. Traga estes seus dois amigos, se quiser. Sua ajuda será bem-vinda se Kaine quiser se vingar. Mas esses outros Tangentes têm que ficar aqui. Sinto muito. É evidente que querem acabar com a Doutrina da Morte, e não podemos permitir isso.

Michael estremeceu. Era bizarro demais ver aquela menina falando como adulta. Bryson e Sarah estavam a seu lado, um de cada lado. Sarah tentava reconfortá-lo com a mão pousada em seu braço.

— Melhor você ir — disse Michael, pensando consigo mesmo que não precisava ter medo de uma menina de doze anos. — Reúna seus amiguinhos e dê o fora daqui agora mesmo. Se estão contra Kaine, não precisamos entrar em conflito — deixou de lado aquele pequeno detalhe sobre a Doutrina da Morte.

Enquanto falava, o sorriso de Janey se alargava, e, quando terminou, ela soltou uma risada bem aguda.

— Você é tão adorável quanto me disseram. Claro que o Primeiro precisa ser educado. Mas não estou certa de que estes seus amigos sejam as melhores pessoas às quais confiar sua vida.

— Pare com o teatro! — exclamou Sarah. — Diga logo o que quer.

Janey olhou com firmeza para Sarah:

— O Tangente que vocês conhecem como Kaine teve um papel importante ao fazer com que a Doutrina da Morte viesse à tona. Mas nunca foi ele quem deu as ordens. Havia alguém bem mais importante no comando de tudo. Sempre tem alguém mais, não é mesmo?

— Você continua enrolando — disse Sarah.

— Então serei bem clara para vocês — retrucou Janey, e Michael nunca tinha visto uma menininha parecer tão ameaçadora. — Kaine perdeu a relevância. Se em algum momento foi o grande chefe, e nem temos certeza disso, agora sabemos que não é mais. Ele perdeu o valor para aqueles que têm poder e foi... dispensado.

Michael não sabia o que pensar daquela notícia. Era boa ou ruim?

— Então quem é? — ele perguntou. — O novo chefe?

— Prefiro não citar nomes — respondeu Janey. — Mas creio que seja

uma amiga de vocês.

Weber, Michael pensou de imediato. Só podia ser. Que palhaçada era aquela agora?

Helga por fim se cansou daquela conversa. Agarrou Janey pelos ombros e fez com que desse meia-volta, gesticulando para que Walter abrisse a porta.

— É hora de você partir — anunciou.

Janey se desvencilhou da mão de Helga e cravou o olhar em Michael.

— Tem razão — ela disse. — Já jogamos conversa fora demais por hoje. Vou dizer qual é a proposta: daremos a você uma hora para tomar uma decisão. A escolha é sua, Michael. Ou sai deste lugar e se junta a nós, ou você, e todos os outros, vão enfrentar as consequências. É como diz o velho ditado...

Helga agarrou Janey mais uma vez, empurrando-a para fora enquanto a menina se debatia e pronunciava estas últimas palavras:

— Ou está com a gente, ou está contra nós.

Helga empurrou a menina para fora, e Walter bateu a porta atrás dela.

2

Michael e os outros se reuniram em torno da mesa, um clima pesado pairava sobre eles. No início ninguém falou muito, e ele se sentia confuso como nunca. Ao menos, antes de a menina aparecer, estava claro para todos contra quem estavam lutando: Kaine. Apesar de Michael já ter se perguntado se a agente Weber não seria tão perigosa quanto o Tangente.

— É claro que pode ser mentira dela — disse Bryson. — Até onde sabemos, ela pode ser uma menina maluca qualquer que veio do campo.

— Como assim? — retrucou Sarah. — Como ela poderia saber da história toda sobre Kaine e o Primeiro? Ela sabia até o nome de Michael!

Bryson assentiu em concordância.

— Você está certa. Uma menina maluca qualquer dominada por um Tangente, então.

Sarah grunhiu. Mas Michael preferia que ela não descontasse sua frustração em Bryson desta vez.

— Olha — disse Bryson —, só estou dizendo que não há nenhum motivo para confiarmos em uma palavra sequer do que ela falou. Talvez ela seja o próprio Kaine e esteja brincando com a gente, tentando nos deixar confusos.

— Ou... — sugeriu Michael. — ...Weber está por trás disso.

Helga colocou sua opinião:

— Tudo o que importa no momento é descobrir qual é a ameaça imediata. Pode haver um monte de crianças armadas na mata ali fora, prontas para transformar nosso abrigo em um cenário de VirtGame.

— Certo. Então, o que devemos fazer? — perguntou Michael.

— Precisamos saber exatamente com o que estamos lidando — respondeu Walter. Ele se voltou para as três pessoas que estavam mais perto dele: — Chris, Amy, Richard, peguem suas armas e vamos dar uma olhada lá fora.

Enquanto se equipavam, Michael se aproximou de Helga.

— Eu quero ir com eles — sussurrou para ela.

Helga deu algumas palmadinhas carinhosas na cabeça dele.

— Boa tentativa, Michael. Mas não.

— Não vou ficar aqui — ele disse, ajeitando o cabelo em um gesto furioso, como se ela o tivesse despenteado.

Helga apontou-lhe o dedo indicador:

— Eu não me arrisquei a uma morte verdadeira e quebrei as leis morais do universo ao roubar o corpo de alguém para que você vá lá fora e seja morto por uma criança demoníaca possuída por um dos programas de Kaine. Sem chance. Fim de discussão.

Michael mudou de tática e tocou gentilmente o braço dela, implorando com olhos arregalados e tristes:

— Helga, por favor.

Era algo que havia aprendido a fazer quando era um menino e queria conquistar alguma coisa, e em geral funcionava. Aliás, seria a melhor prova de que ela era mesmo sua querida Helga.

A expressão dela se suavizou.

— Michael, por quê? — ela perguntou em voz baixa.

— Preciso fazer alguma coisa. Vou ficar louco se continuar aqui dentro esperando. E realmente acho que não vão me machucar. Pelo jeito que essa Janey agiu e como outros já me trataram, é como se eu fosse um deus para eles. Posso ajudar a gente a ganhar tempo, até descobrirmos mais coisas — ele fez uma pausa, mostrando à babá o olhar mais melancólico de seu repertório. — Por favor, deixe-me ir.

Helga soltou um suspiro frustrado.

— Você é teimoso desde o dia em que nasceu — trocaram um olhar, e então ambos riram, em uma significativa mudança de clima. — Acho que o programaram para ser assim!

— Acho que sim — Michael deu de ombros.

— Tem ideia de como usar uma arma?

Ele abriu a boca para responder, mas Helga ergueu uma das mãos antes que ele se pronunciasse.

— Não, esqueça. É a pergunta mais idiota que eu poderia fazer a um menino que dominou todos os jogos do planeta. Walter!

Michael e eu também vamos lá fora.

— Sabe que não ficaremos aqui sozinhos, não sabe? — disse Sarah.

Michael olhou para Helga, que revirou os olhos.

— Está bem — ela disse. — Peguem uma arma e vamos dar o fora daqui. Mas nada de matar crianças, a não ser que seja absolutamente necessário! Para uma babá, é claro que tenho um fraco por crianças...

Michael não entendeu muito bem se era uma brincadeira.

3

Michael pegou um rifle comprido e pesado. Era a pior arma possível para se levar pendurada no meio da floresta. Supôs que Helga tivesse feito isso de propósito. Devia ter pensado que, se lhe desse a semiautomática que havia pedido, ele sairia atirando à queima-roupa sem nem saber no quê. Estava agachado atrás do mesmo carro que os pais de Sarah tinham usado para levá-los aos alojamentos. Aliás, era *por causa* dos pais que a amiga não estava a seu lado. Ela havia tentado convencê-los, mas sua mãe tinha encerrado a discussão com estas palavras:

— Se tem algum amor por mim, então não irá lá fora arriscar sua vida de novo.

Era impossível argumentar contra isso, e Michael ficou contente por Helga não ter usado nada parecido com ele.

— Muito bem — sussurrou Walter. Ele e Bryson estavam com Michael atrás do carro; os outros tinham se esgueirado para a parte de trás do prédio, a fim de verificar como estavam as coisas. — Vamos dar uma busca em zigue-zague, começando por aqui, depois prosseguimos naquela direção — apontou em direção à floresta —, para ver se tem alguém escondido.

— Não é melhor nos dividirmos? — perguntou Bryson. — Assim podemos rastrear uma área maior.

— Helga jurou que me daria uma morte verdadeira se os perdesse de vista — ele respondeu. — E isso depois de cortar minhas partes mais preciosas.

— Ai — sussurrou Bryson. — Isso é que é uma babá durona.

— Como assim, morte verdadeira? — questionou Michael, ignorando o amigo. — Ninguém nos contou nada a esse respeito.

— Tem certeza de que é a melhor hora para falar disso? —

perguntou Walter.

Michael deu de ombros.

Bryson ajudou Walter:

— E se ele nos contar depois que a gente lidar com Janey e seus amiguinhos medonhos?

Michael suspirou:

— Está bem.

Walter acenou com a cabeça discretamente — estava com a arma que Michael queria —, depois se agachou e se esgueirou para a parte de trás do carro, espiando com cautela. Bryson foi em seguida, depois Michael, que levantou a cabeça o suficiente para ver através do vidro. Do outro lado do veículo, as árvores se amontoavam até a colina, avolumando-se com mais e mais densidade, até se tornarem uma floresta escura. Michael sentiu aquela velha febre de jogador: a curiosidade pelo inexplorado, e a certeza de que havia alguma coisa sinistra escondida por ali. Percebeu que aquela sensação de pensar naquilo como um jogo o ajudava a se sentir mais corajoso.

Walter se voltou para trás e gesticulou para que os garotos o seguissem, embrenhando-se na mata. Michael continuou perto de Bryson, agachando-se tanto quanto podia, segurando seu rifle com firmeza. Parou diante das primeiras árvores frondosas, erguendo a arma como se fosse uma lança em um torneio de justa. Mesmo que tentasse pensar naquilo como um game, não conseguiu se imaginar puxando o gatilho. A esperança dele era uma chance de falar com Janey ou com outro Tangente. Já tinha pensado em como fazer aquilo. Havia decidido que, se a oportunidade surgisse, ele iria acidentalmente “se perder” e seguir por conta própria. Precisava de mais informações, não de crianças mortas — não importava quem estivesse ocupando a mente delas.

Foi ficando mais escuro enquanto se esgueiravam para a mata mais densa, e a vegetação ficou mais espessa ao redor deles, cobrindo o céu. Gravetos de pinho estalavam sob os pés de Michael. Galhos arranhavam seus braços, enquanto seguia apontando a arma para a esquerda e para a direita. Sombras se moviam, atraindo sua atenção para os recantos escuros da floresta. Cascas de árvore retorcidas e folhas espessas de pinheiro se estendiam como braços e dedos compridos, parecendo querer puxar seus cabelos e suas roupas. Ninguém falava enquanto se moviam pelo labirinto da floresta. Apenas os próprios passos e o zumbido de insetos rompiam o silêncio.

Seguiram a um ritmo constante por dez ou quinze minutos, como três

caçadores procurando alguma corça infeliz. A luz ao pôr do sol mal iluminava o solo da floresta, criando uma penumbra que fazia Michael pensar se não estariam deixando passar despercebidos os Tangentes pelos quais tanto procuravam.

De repente, captou num relance um movimento à sua direita, um lampejo de algo brilhante se movendo de uma árvore a outra. Walter e Bryson já seguiam em frente, mas Michael diminuiu o ritmo até parar por completo, limitando-se a continuar esmagando os gravetos de pinho sob os pés. Seus companheiros estavam tão concentrados no caminho, que não perceberam que ele havia ficado para trás, e logo fizeram uma curva, desaparecendo atrás de um carvalho enorme. Michael aproveitou aquela oportunidade. Voltou-se tão lentamente quanto possível em direção ao movimento que vira na floresta.

Esgueirou-se até a árvore onde tinha notado a movimentação e se deteve.

— Não quero confusão — sussurrou Michael. — Eu sou... hã... o Primeiro. Por favor, deixem-me falar com quem quer que seja o líder de vocês nesta missão. Deixem-me falar com Janey.

Alguns segundos se passaram antes que uma resposta viesse — uma voz tranquila, porém um tanto áspera. De um homem:

— Janey é apenas uma criança. O que o faz pensar que ela nos lidera?

Michael não esperava que a resposta fosse essa.

— Ah, é que ela disse...

— Sim — a voz o interrompeu. — Muitos de meus amigos escolheram assumir corpos de crianças. Mas ficou estabelecido em nosso acordo que ficariam fracos demais para liderar.

Aquela era uma conversa um tanto esquisita, e Michael não tinha muito tempo.

— Escute, eu sou um Tangente, como vocês. Sou chamado de Primeiro.

— Sabemos quem você é, Michael.

— Certo. Bem, eu queria falar com alguém que saiba o que está acontecendo. Aquela tal de Janey nos ameaçou, mas tenho certeza de que estamos do mesmo lado. Queria entender melhor tudo isso.

Fez-se uma pausa prolongada. Michael olhou para trás, temendo que Walter pudesse vir correndo em meio às árvores distantes a qualquer segundo. Por fim, o homem atrás da árvore respondeu:

— Espere aqui que vou trazer nosso líder até você. Mas antes me dê sua arma — um braço um tanto envelhecido, embora musculoso, apareceu, a palma da mão para cima e os dedos estendidos.

Uma centena de pensamentos passou pela mente de Michael. Que ousadia achar que ele...

— Está bem — disse Michael, antes de completar o raciocínio.

Entregou o rifle, e o homem desapareceu floresta adentro sem fazer nenhum ruído.

4

Era bom demais para ser verdade. Não seria mesmo tão fácil despistar seus amigos por muito tempo. Logo depois de entregar o rifle, Michael ouviu Bryson chamando seu nome. A voz ainda vinha de longe; deviam ter avançado mais do que Michael esperava. Bryson o chamou de novo, e Michael pôde ouvir algumas palavras indecifráveis que não soaram muito gentis.

Ouviu-se um leve farfalhar do outro lado da árvore onde estava agachado, então um homem apareceu, sentando-se bem diante de Michael no solo da floresta. Era mais velho, talvez com uns cinquenta anos, de cabeça raspada, e uma barba cheia e vermelha que lhe ia queixo abaixo. Era musculoso, com uma aparência marcante, e tudo nele fazia lembrar os antigos *vikings*.

— Meu nome é Trae — ele disse, com uma voz simpática, de sotaque incomum, meio cantado.

— Trae? — repetiu Michael.

— Sim, Trae.

— Tem... certeza? — era um nome que Michael nunca ouvira antes.

— Claro que tenho certeza! — ele parecia sussurrar e gritar ao mesmo tempo. — O que você quer? Vou lhe dar dois minutos.

Michael se concentrou para considerar aquela figura *viking* como o líder do bando.

— Eu preciso... entender — disse, e queria muito poder articular as milhões de perguntas que congestionavam sua mente. — Quem são vocês? Quero dizer, quem realmente são? São mesmo Tangentes, e, se por acaso forem, de que região do Sono vieram? Por que somos uma ameaça? Janey contou que não trabalham mais para Kaine. O que isso significa? Qual é o objetivo de vocês?

Os olhos de Trae foram se arregalando enquanto as perguntas fluíam da boca de Michael.

— Falei que você tem dois minutos — ele respondeu. — Não duas horas. Não quer que eu faça também um pequeno resumo da História Europeia para aproveitarmos o tempo?

A voz de Bryson cortou a resposta que Michael ia dar. Ele gritou seu nome outra vez, e, pelo som, estava mais próximo.

— Desculpe — ele falou apressadamente. Depois respirou fundo, tentando se acalmar. — Quem são vocês? Por que vieram aqui com a ameaça de nos ferir?

— Somos Tangentes — respondeu Trae com naturalidade. — Recebemos a dádiva de ter corpos verdadeiros pela primeira vez. Nós merecemos, e não vamos deixar que a vontade de vocês destrua os planos de todo mundo.

— De todo mundo, é? E quanto às pessoas de quem roubaram os corpos? Trae deu de ombros.

— Estão em segurança. Estão felizes. Vão viver no Sono por um tempo, e talvez tenham uma nova chance algum dia.

O queixo de Michael caiu. Não sabia o que dizer.

— Uma... nova chance? O que quer dizer?

— *Michael!* — desta vez era Walter quem chamava, não parecia nem um pouco feliz. E, sem dúvida, estava bem perto.

Trae agiu como se não tivesse ouvido o grito.

— O que dizem por aí nas ruas... ou melhor, o que dizem na floresta... é que você esteve na Colmeia.

Michael não podia acreditar.

— Como sabe disso? — Então, percebendo seu deslize, acrescentou: — Quero dizer, supondo que eu a tenha visto mesmo.

Trae soltou uma gargalhada espontânea.

— Temos nosso jeitinho, como dizem por aí. E sabemos que você viu a Colmeia. Sabe como funciona. A morte verdadeira só acontece com poucos, então não deveria se preocupar com essa sua batalha.

— Mas você disse que não trabalha mais para Kaine — retrucou Michael em tom de urgência. Sabia que Bryson chegaria ali a qualquer segundo. — Por que estão contra nós? O que está acontecendo?

Trae cravou os olhos em Michael.

— Kaine tem seus planos pessoais. Mas de uma coisa você pode ter certeza... — os passos se aproximavam, passando por cima de arbustos, fazendo estalar gravetos e cascas de pinheiro. Então, o Tangente parou, olhando além de Michael, para a fonte de todo aquele barulho.

— O que você ia dizer? — pressionou Michael. — Do que posso ter certeza?

Trae se inclinou para perto de Michael.

— Kaine é bem mais esperto do que aqueles que montaram seu código, e a visão dele de futuro é... perigosa. Quanto a você, é como Janey falou: ou

está com a gente, ou está contra nós. E, até onde sei, você tem cerca de vinte minutos para decidir. Como pode querer continuar trabalhando para Kaine?

— Eu não... Nunca trabalhei para ele! — disse Michael, ofegante. — Mas pode apostar que também não vou trabalhar para Weber — arriscou seu palpite, mencionando o nome da agente do SSV.

Trae não respondeu. Em vez disso, olhou para o relógio. O tempo estava correndo.

— O que vai fazer com a gente? — perguntou Michael, em voz baixa.

Trae apontou os alojamentos com um gesto de cabeça.

— Estamos em número muito maior do que vocês. É tudo o que posso falar. E nada, rapaz, nada mesmo vai ficar no nosso caminho. Não gostamos do que está acontecendo naqueles alojamentos, e nosso objetivo é parar com isso. Agora volte. E sugiro que aceite nossa oferta quando o prazo acabar.

— Michael!

Ele se virou para dar de cara com Bryson a poucos metros de distância, entre dois pinheiros grandes. Quando Michael se voltou na direção de Trae, o homem tinha desaparecido.

— Viu aquele homem? — perguntou Michael.

— Quem? — Bryson quis saber.

Michael suspirou.

— Deixe pra lá. Encontraram alguma coisa?

— Não. Estávamos procurando por você esse tempo todo.

Walter chamou por você, mas continuou andando. Disse que tinha deveres a cumprir. O que aconteceu? O que você viu?

Michael se recostou na árvore atrás dele, deixando-se escorregar até o solo.

— Só um cara. Ele disse um monte de coisas que fazem tanto sentido quanto as outras esquisitices que andaram contando pra gente. Acho que Weber está atrás dessas pessoas, o que não explica muito. As coisas agora parecem ainda pior do que quando Kaine os liderava.

— Ei, cara... — disse Bryson, e de alguma forma aquilo soou como uma reprimenda.

Michael grunhiu e se pôs novamente de pé. Era como se pesasse uma tonelada.

— Precisamos voltar. E depois eu acho que devemos dar o fora daqui. Alguma coisa muito ruim está prestes a acontecer neste lugar.

A noite começou a cair, a escuridão envolvendo a área ao redor dos alojamentos. Os últimos raios de sol desapareceriam dentro de minutos. Michael e Bryson saíram da floresta sem maiores incidentes, notando que a maioria dos outros já estava de volta. As silhuetas, misturadas às sombras, agrupavam-se atrás dos carros.

— Michael, pode vir até aqui?

Era Walter. Ele se levantou de sua posição defensiva, agachado, e gesticulou para que Michael se aproximasse deles.

— Aonde você foi? E o que aconteceu com seu rifle? — perguntou Walter.

Michael não sabia quanto do que tinha ouvido ele queria compartilhar. Bryson felizmente o interrompeu:

— E vocês, encontraram alguma coisa? — perguntou, mudando de assunto.

— Sim — o homem respondeu vagamente. Era evidente sua irritação por ter perdido os meninos de vista. — Vocês dois tiveram muita sorte por não terem a garganta cortada na floresta.

— Amy voltou — alguém sussurrou, de um grupo junto aos carros.

— Para dentro — comandou Walter, olhando feio para Michael.

A penumbra do fim de tarde fez com que a ordem soasse ainda mais ameaçadora. Michael olhou para Bryson e assentiu com um gesto de cabeça. Tinham que voltar, pois o prazo de Janey se encerraria dentro de alguns minutos.

Michael foi andando sem muita vontade atrás do grupo, enquanto voltavam ao abrigo. Foi o último a entrar no prédio e sentiu a tensão do ambiente assim que colocou os pés lá dentro. Todos estavam de pé, em volta de Helga. Walter foi direto até onde ela estava para relatar o reconhecimento que haviam feito da floresta. Michael manteve-se um pouco mais atrás. Só pensava que gostaria de ter conversado por mais tempo com o tal do Trae.

— As notícias não são muito boas — anunciou Helga. — Walter avistou um grupo de vinte. Armados. Apenas alguns eram crianças, apesar do que aquela menina disse antes. Amy e Chris também viram outros se esgueirando por trás das árvores.

Ela fez uma pausa, escolhendo bem as palavras antes de prosseguir:

— Richard encontrou um cabo de arame que vai até a base dos

alojamentos. Parece que instalaram explosivos suficientes para nos mandar pelo espaço. Não sei quando fizeram isso, mas estamos em grandes apuros. E meu receio é de que, se tentarmos sair, eles detonem tudo.

— Não podemos cortar esses cabos? — perguntou a mãe de Sarah. — Ninguém sabe como desconectá-los? Como desarmar as bombas ou algo assim?

— Não é uma boa ideia — respondeu Walter. — Se não soubermos com que estamos lidando, as bombas podem explodir bem na nossa cara.

A sala ficou em silêncio. Michael cruzou os braços e tentou pensar. O que mais o incomodava era que aquelas pessoas diziam não trabalhar mais para Kaine. E, se tinha uma coisa que Michael havia aprendido com os jogos, era que para vencer uma guerra era preciso saber quem era o inimigo.

Helga soltou um profundo suspiro.

— Sinto muito dizer isso, mas...

Ela deixou a frase suspensa no ar, quando as luzes se apagaram de repente. Em lugar da voz de Helga, o que se ouviu foram sussurros e pés se arrastando. Sarah agarrou a mão de Michael, e ele se esticou para tocar o ombro de Bryson. Não havia sequer um raio de luz na sala; Michael não conseguia enxergar nada. Até o brilho dos Caixões tinha desaparecido. Havia cortado a luz.

— Acalmem-se! — gritou Helga, na escuridão. — Todo mundo fique exatamente onde está.

EarCuffs e NetScreens foram ligados, lançando um brilho esverdeado no rosto dos presentes.

Michael viu que os pais de Sarah estavam de pé logo atrás deles. Pareciam muito assustados. Gerard tinha as mãos nos ombros de Sarah, e Nancy estava com os braços ao redor do marido.

Helga voltou a falar:

— Amy, Chris, tirem nossos amigos das NerveBoxes. Acho que não temos outra escolha a não ser...

Um ruído.

Helga não terminou a frase. Uma pedra estilhaçou a janela do outro lado do alojamento, causando uma chuva de cacos de vidro no carpete. A pedra do tamanho de um punho rolou, até parar na frente de Michael.

Bryson se inclinou para Michael e sussurrou no ouvido dele:

— Cara, minha vontade é abandonar esse pessoal. Acho que até agora nos saímos melhor que eles.

— É, talvez — respondeu Michael. — Mas não é o melhor momento para

isso.

Mais uma pedra arrebentou a janela, desta vez mais próxima. Michael saltou, o coração quase parando de bater. Virou a tempo de ver os últimos estilhaços de vidro no carpete ao lado da pedra grande. Passaram-se apenas alguns segundos de um silêncio tenso, antes que outra pedra atravessasse a janela, então outra, e mais uma. Gritos tomaram conta do local enquanto o ar era invadido por cacos de vidro e pedras no carpete, os estilhaços voando como insetos de cristal.

Michael e os amigos se recompuseram instintivamente. Ele sentiu cacos de vidro atingindo suas costas; um fragmento alfinetou seu pescoço e ali ficou, espetado.

Aquilo parecia durar para sempre, com um estrondo após outro, como uma série de trovões. Michael teve que se esforçar para controlar a impressão de que, a qualquer momento, o mundo todo explodiria à sua volta, enviando-os para o eterno esquecimento.

Então, de repente, tudo cessou. Silêncio absoluto. Por um momento, Michael achou que tivesse perdido a audição. Mas aos poucos foi percebendo sons de respiração e, de quando em quando, o tilintar agudo de cacos de vidro despencando da janela para o chão. Mas ninguém ousou falar nenhuma palavra.

Um movimento rápido na janela mais próxima chamou a atenção de Michael, seguido imediatamente pela risada peculiar de uma garotinha. Walter ergueu sua arma e apontou para a janela, mas Helga o deteve.

— Lembre-se do que eles instalaram aqui — ela lhe disse. — Se disparar essa arma, tudo pode explodir. Estamos sem opções, meu amigo. A não ser que...

Mais movimento do lado de fora, e mais risadas — pelo som, tanto de meninos quanto de meninas. Tinha alguma coisa naquelas pessoas que realmente começava a deixar Michael perturbado. Não importava o tipo de Tangente que havia ocupado aqueles corpos — eram apenas crianças, correndo por um terreno perigoso. E os adultos se aproveitavam delas como um escudo humano? Era tão confuso, que quase desejou estar de volta à cela da prisão.

Finalmente se deu conta do último comentário de Helga. Ela tinha dito “a não ser que...”. O que ela queria dizer? Walter e os outros do grupo a encaravam com expressões variadas de choque. Alguma coisa acontecia entre eles, algo que Michael e seus amigos não estavam entendendo.

— Não pode estar falando sério — disse Walter, depois de um longo

silêncio.

— *Você é* que não pode estar falando sério me questionando assim — retrucou Helga. — Não temos mais nenhuma outra opção. Acha que vamos poder andar lá fora à vontade?

— Mas isso vai contra tudo o que nossa aliança defende — as risadas bizarras não tinham parado; entravam pelas janelas como se aquilo fosse um orfanato mal-assombrado.

De repente, a voz de um homem irrompeu como um trovão:

— O tempo se esgotou! Queremos que a líder de vocês saia com as mãos para o alto, ou vamos detonar o local. Se percebermos que estão armados, tudo estará acabado.

Michael achou que a voz fosse de Trae — tinha o mesmo sotaque cantado. Talvez fosse a hora de se render e dar o fora dali. Olhou para Helga, cujo olhar mostrava sua contrariedade.

— Não temos escolha — ela disse, parecendo cansada. — Temos que lhes dar a morte verdadeira.

— Estou saindo! — gritou Helga. — Não estou armada, e quero que ouçam o que tenho a dizer. Temos algo que pode ser bem valioso para vocês.

Michael virou-se para os amigos com uma expressão de interrogação. Era óbvio que eles não sabiam mais do que ele. O brilho esverdeado das NetScreens ao redor da sala reluzia no olhar de todos, iluminando-os como kriptonita.

— Chega de papo! — gritou Trae em resposta. — Vocês têm três segundos para sair daí.

Helga caminhou rapidamente até a porta, abriu-a e deu um passo para fora. Walter se conteve, com o claro desejo de ir atrás dela, mas se controlou e ficou no mesmo lugar. Tinha uma expressão inquieta e trágica estampada no rosto.

— Vamos dar uma olhada — sussurrou Bryson.

Ele apontou para uma janela com um gesto de cabeça e acenou para Michael e Sarah o seguirem.

O vidro esmigalhava sob eles enquanto rastejavam até a janela. Bryson arrancou os últimos fragmentos de vidro cortado pendurados na moldura e se ajoelhou. Michael também o fez, à sua esquerda, e Sarah se agachou à sua direita. Michael esperava que a escuridão os escondesse de quem quer que estivesse do lado de fora.

— Está tentando nos enganar — era Trae falando com Helga, o feixe de sua lanterna diretamente posicionado no rosto dela. Estavam cercados por um grupo de cinco ou seis, todos com lanternas apontadas para o chão. — Você sabe que somos Tangentes. Não fomos programados para ser idiotas.

Helga ergueu as mãos acima da cabeça.

— Vocês nos encurralaram, mas tem muita coisa valiosa em jogo. Se não acredita em mim, vou provar como o que tenho aqui é valioso. E, se ainda assim decidir usar suas armas e nos explodir de uma vez, ao menos deixei meu recado. Vocês todos vão morrer. Para sempre.

Michael não conseguia enxergar bem as pessoas atrás do líder. Podia ver Janey e uma mulher alta ao lado de Trae, mas, julgando pelo tamanho dos demais, havia outras crianças no grupo. Um menino parecia ter apenas oito ou nove anos.

Algun tempo se passou enquanto o homem barbudo pensava.

— Do que ela está falando? — sussurrou Sarah. — Que recado é esse? Como todos eles poderiam morrer?

— É a morte verdadeira — respondeu Bryson. — Tem alguma coisa sobre esse assunto que ainda não sabemos.

— É óbvio — respondeu Michael; ele não queria ser rude, mas concordava plenamente que estavam sem pista nenhuma.

— Bú!

O rosto de uma menina apareceu do outro lado da janela, e Michael quase saiu correndo. Bryson gritou e caiu para trás, derrubando Sarah com ele. Michael ficou paralisado. Aqueles olhos escuros e o rosto pálido... A menina riu histericamente, depois sumiu de repente. Michael precisou de um tempo para recobrar o fôlego.

— Quietos! — gritou Trae do lado de fora. — Tina, saia já daí. Agora!

— Desculpa, chefe — aquela risada mais uma vez, e então Michael viu a menina correndo para o mato.

Bryson e Sarah voltaram aos seus lugares, agachados ao lado de Michael.

— Só estava tentando proteger você — Bryson disse a Sarah. — Ela podia ter uma arma, sabe.

Sarah revirou os olhos e encontrou de novo um espaço para espiar pela janela. Helga ainda estava do lado de fora, e não queriam perder nada do que acontecia.

— Acho que está blefando — disse Trae. — Você não vai se render, e eu não tenho mais tempo a perder — ele se voltou para seu grupo. — Matem-nos — ordenou em um tom perturbador de tão calmo. — Cada um deles. Já me cansei disso tudo.

— Agora! — ordenou Helga.

De repente, a mulher que estava ao lado de Trae amoleceu e tombou no solo, como uma marionete que tivesse os fios cortados. Caiu toda esparramada, braços e pernas em uma posição esquisita. O rosto dela estava oculto pela penumbra, mas mesmo assim Michael pôde ver que os olhos dela rolaram para trás, deixando apenas a parte branca reluzindo no escuro.

Trae se agachou ao lado dela em um instante, para sentir sua pulsação. Não precisou dizer nada; sua linguagem corporal já indicava tudo.

Ela estava morta.

2

A respiração de Michael ficou suspensa apenas durante alguns segundos, mas que pareceram durar uma eternidade.

O grupo do lado de fora olhou para a amiga em choque, e então, um por um, voltaram-se para Helga. Trae se pôs de pé e sacou uma faca, que apertou

contra o pescoço da oponente.

— O que você fez? — ele urrou, soltando gotas de saliva enquanto gritava. — Me diga já o que fez, ou vou garantir que cada um dos seus amigos patéticos morra de maneira lenta e dolorosa!

Helga era o próprio retrato da serenidade.

— Me matar, ou matar qualquer um do meu grupo, só vai tornar tudo pior. Um de vocês vai morrer a cada trinta segundos, até que todos saiam daqui. A ordem que dei aos meus amigos do Sono vai permanecer até partirmos em segurança. Se detonarem os explosivos, vão receber a morte verdadeira. Se qualquer coisa acontecer conosco, também. Agora deem o fora daqui.

Trae cambaleou para trás, afastando dela a mão que segurava a faca.

— Sua... sua...

Michael não podia acreditar que era o mesmo homem cujo tom era tão horripilante poucos instantes atrás.

— O que ela fez? — sussurrou Michael.

— Eu não sei — respondeu Sarah —, mas é algo que parece estar funcionando.

Helga não tinha se movido, mas dava a impressão de ter ganhado alguns centímetros. Trae, por sua vez, parecia em choque. Olhou para Helga, o medo transformando seu rosto.

— Juramos nunca fazer isto — ele disse em voz baixa. — Nós juramos.

— Nós? — perguntou Helga. — Quem é esse “nós”? Não temos nada combinado. Estamos tentando salvar o mundo do estrago que causaram. Vocês escolheram um lado, então não coloquem a culpa em nós. Agora, vão embora. Já cansei de falar com vocês.

Ela se virou, permanecendo um instante parada no lugar, para mostrar que não temia ficar de costas para ele, e só depois foi retornando calmamente aos alojamentos, fechando a porta após entrar. Michael manteve os olhos fixos em Trae. Alguns do seu bando haviam se reunido ao redor dele e conversavam em voz baixa, parecendo nervosos. Não dava para saber se Trae havia notado que o observavam, pois seus olhos estavam colados na porta por onde Helga desaparecera.

Alguém deu um tapinha nas costas de Michael, e ele teve um sobressalto. Era sua velha babá.

— O que está acontecendo? — quis saber Helga.

Antes que Michael pudesse responder, um grito veio do lado de fora. Ele se virou e viu uma garota, uma das mais novinhas que tinha notado, esparramada aos pés de Trae. Uma mulher ajoelhou-se, ofegante, ao lado

dela, exausta depois de carregar a criança nos braços até perto do líder.

— Morta — a mulher proclamou, para ninguém especificamente. — Ela desabou no chão bem do meu lado.

A voz de Helga ressoou alto, logo atrás de Michael:

— E, depois de mais trinta segundos, mais alguém vai morrer! Deem o fora daqui! Agora!

Trae enfim despertou de seu torpor.

— Juro pelo meu criador que vai se arrepender disso, Tangente — ele disse, com uma voz que era pouco mais que um sussurro e dando as costas para os alojamentos.

Michael esperava que desse o comando para o grupo partir. Mas, em vez disso, ele foi andando lentamente para longe, e os outros o seguiram em silêncio. Michael observou-os desaparecer em meio às árvores como fantasmas etéreos.

— É melhor fazermos uma reunião — sugeriu Helga. De repente, o tom de sua voz não parecia mais tão confiante. — Vai ser um inferno pagar por isso.

3

Eles se reuniram em uma sala na extremidade mais distante dos alojamentos, um velho escritório com uma mesa e algumas cadeiras. Havia uma cama dobrável em um canto, e Michael concluiu que ali era o escritório particular de Helga.

— Sentem-se — disse a mulher, enquanto puxava a cadeira de trás da escrivaninha grande de madeira. Michael, seus amigos, os pais de Sarah, Walter e a mulher chamada Amy foram convidados para a reunião. Todos se sentaram, com exceção de Walter, que ficou atrás de todos eles com os braços cruzados. — Sei que está se sentindo contrariado — Helga disse a Walter. — Por isso lhe devo uma explicação. Aliás, todos vocês merecem saber o que aconteceu.

— Quanto a isso, você está certa — respondeu Walter.

Michael achou que iria falar mais alguma coisa, mas ele ficou em silêncio. Helga suspirou.

— Apenas dois deles morreram.

Isso bastou para inflamar Walter:

— Apenas dois? Apenas dois... Acho que quis dizer quatro. Você causou morte verdadeira para dois, então são dois humanos e dois Tangentes. Quatro que nunca mais existirão. Sem consultar nenhum de nós, você decidiu contra todos os princípios que estabelecemos desde que nos

aliamos. É assim que vai cumprir seu papel de líder?

Helga se levantou e bateu a mão na escrivaninha.

— Sim! Sou a líder! E fiz o que tinha que fazer! Muito mais gente iria morrer se eu não tivesse feito aquilo. Você sabe disso, Walter!

— Poderíamos ter lutado contra eles — retrucou o homem. — Poderíamos ter mantido nossos princípios e lutado. Ou poderíamos ter nos rendido, para começar tudo de novo. Ou tentado negociar mais. Qualquer coisa, menos recorrer à única atitude que estamos tentando evitar!

— Ele nos deu um ultimato — respondeu Helga, mais calma. — Não podia correr o risco de detonarem aqueles explosivos e matarem todos nós. Inclusive quatro pessoas — ela apontou para Bryson, Sarah, Gerard e Nancy, um por um — que ainda não têm backup na Colmeia. Se quiser falar sobre morte verdadeira, então pense em nossos amigos aqui. Eu não podia ficar sentada e permitir que isso acontecesse a eles. Não tive escolha!

— Você tinha uma escolha — respondeu Walter.

Helga voltou a se sentar.

— Salvaram-se mais vidas do que foram perdidas.

— Mas... — Walter quis falar, mas Helga o interrompeu.

— Pare! — ela gritou. — Se quiser sair desta sala e organizar um motim, vá em frente. Use seus melhores argumentos e reúna simpatizantes. Mas eu fiz o que era necessário, e agora precisamos seguir em frente.

Walter não respondeu. E também não saiu da sala. Ficou olhando para o chão, a respiração pesada.

Michael estava de queixo caído, tentando assimilar aquilo tudo, sem saber ao certo se entendia o que estava acontecendo. Não lhe passara despercebido o fato de Helga ter apontado o dedo para seus amigos e os pais da Sarah. Ela deliberadamente havia apontado para os quatro, mas não para ele. Aquele simples gesto falava mais que mil palavras.

— De uma vez por todas — Bryson interrompeu o silêncio —, será que alguém pode nos contar o que é essa tal morte verdadeira?

— Seria ótimo — concordou Sarah.

Helga se inclinou para frente sobre a mesa e juntou as mãos.

— Lembrem-se do que expliquei antes? Mesmo sem sabermos exatamente como funciona, para que um Tangente possa viver dentro de um corpo humano é preciso manter uma conexão com a consciência original da pessoa. É um elo que não pode ser rompido, ou o corpo morre. Acreditamos que seja essa a razão da existência da Colmeia.

Ela respirou fundo, observando as próprias mãos enquanto as esfregava.

— A morte verdadeira — prosseguiu — ocorre quando uma inteligência

armazenada na Colmeia é destruída. Pode ser de um Tangente ou de um humano. Se ela é destruída na Colmeia, então a pessoa, o Tangente ou, enfim, a consciência se perde para sempre. E, se ela estiver conectada a um corpo aqui da Vigília, o corpo também vai morrer. Ambos deixam de existir, até onde sabemos.

Ela fez uma pausa antes de continuar:

— Mas essa é apenas uma das situações que podem levar à chamada morte verdadeira. O significado é muito simples: é quando alguém, Tangente ou humano, morre sem ter um backup armazenado. Não importa como acontece essa morte, se virtualmente ou na realidade. Se não houver um backup na Colmeia, a inteligência, a essência e as lembranças de uma pessoa se vão para sempre.

Michael visualizava a Colmeia em sua mente. Perguntava-se como tinham feito aquilo; como haviam matado uma consciência. Imaginou-se flutuando naquele vasto espaço em meio a todos os casulos alaranjados, sendo incendiado por um lança-chamas virtual. Quase podia ouvir os gritos da inteligência ali dentro, queimada até se torrar por completo.

Afastou aquela imagem da cabeça e se voltou para Helga:

— Ainda estou armazenado lá, não estou?

Todos na sala o encararam.

Lentamente, Helga fez que sim com a cabeça.

— E Jackson Porter também — ele continuou. — Então poderíamos inseri-lo novamente neste corpo, e eu poderia seguir vivendo no Sono. Não é?

Helga assentiu mais uma vez. Sua expressão parecia de tristeza.

— E você apontou para Sarah e os outros porque, se todos fôssemos mortos pelos explosivos, alguns de nós não teriam a morte verdadeira. Alguns seriam revertidos para os programas armazenados na Colmeia — Michael fez uma pausa, depois continuou: — Exceto por esses caras — ele apontou para os amigos —, que não têm backup — essas últimas palavras soaram frias e foram ditas em um tom cortante.

Helga se levantou e caminhou para o outro lado da escrivaninha, depois se inclinou sobre ela.

— Tudo isso está precisamente correto, Michael. Quando os outros Tangentes e eu nos aliamos, e tomamos a decisão de usar a Doutrina da Morte para tomar corpos emprestados e vir para cá, fizemos promessas importantes a nós mesmos. Uma delas era evitar a morte verdadeira, para qualquer um, a qualquer custo. Mas hoje eu quebrei a promessa porque tinha duas opções terríveis. Vou ter que conviver com essa decisão, mas

temos que seguir em frente. Acredito que com sua ajuda poderemos deter Kaine, e quem quer que esteja acima dele, além desse grupo rebelde que encontramos hoje.

Ela cruzou os braços e olhou para o chão.

— Nós nos denominamos Aliança Tangente. Desde que você foi afastado de mim, as coisas no interior da VirtNet têm se despedaçado. Vários Tangentes romperam com seus programas hospedeiros. Vimos o que Kaine estava fazendo, e decidimos combatê-lo. Queremos que as coisas voltem a ser como eram. E eu queria tê-lo de volta. Acho que temos os mesmos objetivos. Estou certa?

Michael olhou de relance para Sarah, que permanecia quieta desde que Trae e seu grupo haviam debandado. Ela lhe abriu um sorriso sem muita vontade, o olhar tristonho.

Michael suspirou.

— Sem dúvida queremos deter Kaine, Helga. Mas eu acho que tem algo maior que estamos ignorando. Não acho que seja tão fácil quanto saber que Kaine é nosso inimigo. Precisamos descobrir realmente o que está acontecendo, e acho que o lugar certo para começar é na Ravina Consagrada. Se pudermos acabar com a Doutrina da Morte, ao menos poderemos impedir que os Tangentes saiam da VirtNet.

Helga uniu as mãos.

— Eu eduquei você bem, não é mesmo? A Colmeia é apenas um local de armazenagem. A Doutrina da Morte se passa exatamente onde você mencionou — ela gesticulou em direção à porta da sala principal. — Bem, durante esse tempo, não ficamos sentados aqui sem fazer nada. Vocês viram o que tinha ali do lado.

Pessoas, NerveBoxes, NetScreens. Trabalhamos bastante e estamos prontos para dar os próximos passos.

Bryson resolveu tomar a palavra:

— Então acho que é melhor vocês atualizarem a gente.

— Quero saber o que está acontecendo no mundo — acrescentou Sarah.

— As coisas já estavam indo mal mesmo antes de cairmos na cilada da agente Weber e do Código Lance.

— Temos respostas — respondeu Helga. — E alguns planos estão surgindo. Mas, primeiro, acho que precisamos descansar um pouco. Fazer a Submersão agora vai apenas fazer com que nós fiquemos esgotados.

Por mais ansioso que Michael estivesse, não podia discordar. Seria capaz de se ajeitar naquela cadeira e dormir ali mesmo.

— A Colmeia era a primeira coisa que eu queria que vissem — disse

Helga. — E depois saímos um pouco da trilha, não foi? — ela se dirigiu à porta. — Vamos trazer mais camas dobráveis para cá. Vocês todos podem dormir neste escritório. Pela manhã, faremos a Submersão na VirtNet, e mostrarei nossos planos e nossos recursos.

A última coisa que Michael havia notado antes de Helga sair do escritório foi que evitara o olhar de Walter ao passar por ele, a caminho dos alojamentos principais.

4

Michael se deitou na cama, as mãos entrelaçadas atrás da cabeça, admirando o teto. Observava as sombras cruzando a superfície, e, quanto mais olhava, mais pareciam estar se movendo, contorcendo-se, como se escondessem algo. Parecia até que estava no Sono.

— É, gente — disse Bryson, na sua cama, a poucos metros dali —, hoje foi o que chamamos de um dia bem estranho.

Sarah estava do outro lado da sala, entre as camas dos pais. O pai dela roncava suavemente, e Nancy enfim havia adormecido, depois de ter pedido a cada cinco minutos para que eles dormissem. Ouviu-se um ruído agudo de movimento em uma das camas, e então passos e um vulto se mexendo. Sarah se sentou no chão, ao lado da cama de Michael, e deu uma palmadinha em sua mão.

— Estranho é um eufemismo — ela disse.

— Nossos velhos dias de viciados em games agora parecem bobagem — acrescentou Bryson.

Michael se ajeitou, apoiando-se sobre um dos cotovelos. Sarah era uma presença calorosa ali perto, dando-lhe conforto.

— Não acredito que não me odeiem agora — ele disse. — Pensem em como a vida de vocês era tranquila antes que eu os levasse para o meu show de horrores.

— Ah, por favor, não venha com essa de novo — grunhiu

Sarah. — Até parece que estaríamos melhor em casa, sem saber que o mundo estava sendo invadido por Tangentes, com tudo ruindo à nossa volta. Ao menos temos a oportunidade de fazer alguma coisa a respeito.

— Mas aí é que está — disse Bryson, o rosto oculto pela escuridão. — O que podemos fazer? Mesmo se *formos* para a Ravina Consagrada e de algum jeito conseguirmos destruir o programa da Doutrina da Morte, Kaine ou alguém mais poderia reconfigurar tudo. Além disso, tem aquela Colmeia gigante, crescendo a cada segundo. Se apagarmos o programa, quantas vidas vamos tirar com essa história de morte verdadeira?

Sarah esfregou as têmporas com as duas mãos.

— Será que não podemos falar de alguma coisa mais animada, só para variar? Algo que não tenha nada a ver com o Sono, ou Kaine, ou Tangentes, ou assassinato em massa? Por favor?

Michael estendeu a mão e tocou o ombro dela. Sarah nunca dissera nada tão acertado desde que a tinha conhecido.

— Do que mais podemos falar? — perguntou Bryson. — Vamos compartilhar nossas lembranças favoritas da infância ou algo desse tipo?

— E por que não? É uma boa ideia — disse Sarah, entusiasmada. — É exatamente isso que vamos fazer. Você primeiro, Bryson.

— O quê? Sério?

— Sem dúvida.

Um tanto escondido pelas sombras, Bryson moveu as pernas e se sentou na cama, encolhendo as pernas e apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Muito bem — ele disse. — Já que insiste... Mas isso vai acabar com sua ilusão de que eu era uma criança-prodígio a caminho de me tornar o homem mais esperto da Terra.

— Vamos correr esse risco — murmurou Michael.

Bryson esfregou as mãos, então começou:

— Muito bem. Eu tinha... cinco anos, acho. Era um garotinho, mas isso não é desculpa para a estupidez que cometi. Estou falando sério; devo ter sido uma criança completamente descerebrada. Talvez eu tenha recebido um implante depois. Ou, quem sabe, talvez eu seja um Tangente!

— Não tem graça — disse Sarah. — E será que podia começar logo essa história sensacional da criança idiota que você era?

A piada de Bryson não perturbou Michael. Ele já tinha aceitado que era um Tangente havia algum tempo. Quanto maior a leveza com que lidasse com esse fato, melhor. Essa era uma mudança considerável, além de um alívio para ele.

— Natal — Bryson situou os amigos. — Nevava, e havia luzes cintilantes por toda parte, além de uma árvore de verdade na sala de estar. Gente, aquilo cheirava bem. Tinha visto meu pai cortar o pinheiro com as próprias mãos. Tenho quase certeza de que o roubamos do terreno de alguém, mas isso não vem ao caso. Continuando, eu era a criança mais nova, com três irmãos e uma irmã. Todos estavam na escola, e minha mãe tirava um cochilo no quarto dela. E eu ali, uma pobre criancinha, sentada na sala de estar, olhando para um monte de presentes embrulhados sob a árvore. Aquilo era tão convidativo. Era como se os papéis de presente pudessem falar, dizendo para mim que eu deveria dar

uma espiadinha, ver o que cada um iria ganhar da mamãe e do papai.

— Você espiou os presentes de Natal? — perguntou Sarah. — Só isso? Que tipo de criança no mundo nunca fez isso?

— Bom, eu nunca fiz — disse Michael. — Sou judeu.

Sarah riu.

— O quê? É mesmo? Como eu nunca soube disso?

— Meus pais não eram as pessoas mais religiosas do bairro...

— Com licença — interrompeu Bryson. — Posso terminar?

Sarah riu mais uma vez, e o coração de Michael ficou um pouco mais leve. Ele não tinha se dado conta do quanto havia sentido falta daquela risada; de como ela era agradável aos seus ouvidos.

Bryson continuou com sua história fascinante:

— De qualquer forma, naquele dia frio e solitário de inverno, Bryson, o Biruta, teve um plano genial. Pensei que, se abrisse todos os presentes... prestem atenção neste detalhe: se escondesse os papéis, minha mãe não descobriria que eu tinha feito aquilo. Então arranquei o papel de cada presente, mesmo os de meus irmãos e minhas irmãs. Por uns vinte minutos, fui a criança mais feliz que já existiu. Depois de enfiar todo os papéis na secadora, peguei os presentes desembulhados e, seguindo minha inspiração genial, coloquei todos eles debaixo da árvore. Então me sentei no sofá e fiquei olhando um livro até minha mãe acordar do cochilo dela. Tinha certeza de que ela nem notaria a diferença.

Ele ficou em silêncio por um segundo, para valorizar aquele momento de glória.

— Uau — sussurrou Sarah. — Isso é que é um menino burro.

— E aí, o que aconteceu?

— Por mais chocante que pareça — respondeu Bryson —, minha mãe percebeu imediatamente o que eu tinha feito. Pegou os papéis da secadora antes que, com o calor do motor, aquilo tudo pegasse fogo e incendiasse a casa. Depois embrulhou de novo os presentes, antes que meus irmãos e minha irmã voltassem da escola. Tudo terminou bem.

— O que ela fez com você? — perguntou Sarah. — Tenho certeza de que ficou na dúvida entre rir de você ou matá-lo.

Michael soltou uma gargalhada, adorando o fato de estarem agindo como nos velhos tempos.

— Acho que minha mãe foi bem esperta — explicou Bryson. — Ela notou que eu tinha me dado conta da estupidez daquela ideia. E meu constrangimento por ter que viver sabendo disso pelo resto dos meus dias era um castigo suficiente, apesar de eu saber que por dentro ela estava se

corroendo de ódio. Ela conta essa história para todo mundo até hoje.

— Bom — ponderou Michael —, no final até que foi uma boa história. Ao menos me fez sentir mais inteligente.

— De nada — respondeu Bryson. — Muito bem, quem é o próximo?

— Minha vez — disse Sarah. — Vou contar quando fiz xixi na minha tia.

5

Dez minutos depois, Michael gargalhava tanto, que não conseguia se controlar. Gerard certamente não tinha percebido nada, roncando como uma serra elétrica, mas Nancy pediu silêncio várias vezes, dizendo a Sarah que era hora de dormirem. Sarah prometeu que logo mais se deitaria.

— Duvido que seja verdade — disse Bryson.

Sarah não deixou a menor sombra de dúvida:

— Aconteceu sim! Eu juro. Ela estava dormindo no sofá da minha avó, e eu tinha um probleminha de... sonambulismo. Pode perguntar para os meus pais depois, quando estiverem acordados.

— Mas não consigo entender a posição — retrucou Bryson. — Quero dizer, você estava de pé?

Isso fez com que Michael gargalhasse mais uma vez, o rosto e o peito doendo de tanto rir. Não se sentia assim desde o instante em que Kaine havia começado a assombrar sua vida.

— Acho que não quero entrar em mais detalhes — retrucou Sarah. — É a vez de Michael — ela se virou para ele, e a luz tênue que vinha de fora iluminava seus olhos. — Vai ser difícil contar uma melhor que as nossas.

Michael estava apoiado sobre o cotovelo há tempo demais. Sentia-se dolorido. Então dobrou as pernas e as cruzou sob o corpo, esfregando o ombro.

— Ainda não sei, deixa eu pensar um segundo.

O silêncio pairou sobre os amigos, e Michael se deu conta de que falavam e riam já há um bom tempo. Fez-se um momento constrangedor com aquele silêncio, e Michael sabia exatamente por quê.

— É estranho pensar no passado — ele disse. — Quero dizer, nem sei direito o que é uma lembrança de verdade. Como saber se boa parte não foi apenas programada na minha memória?

— Não venha com essa — disse Bryson. — Sua vida é sua vida. Agora nos conte uma boa história, antes de eu cair no sono.

Michael envolveu os braços ao redor dos joelhos, ainda pensando.

Por fim, depois de um tempo considerável, ele anunciou:

— Já sei! Teve uma vez em que uma rocha quase me matou.

6

Era estranho contar aquela história. Desde o momento em que descobrira que era um Tangente, não podia mais confiar nas coisas, nem mesmo naquelas que as pessoas aceitam com a maior facilidade. Não podia confiar mais no que via com os próprios olhos. Nem no que seus dedos sentiam. Nem no que provava, no que respirava, nos cheiros que sentia. Como saber se tudo aquilo era mesmo real? Ou se alguma vez *tinha sido*?

Mas, sentado ali naquela cama dobrável, no escuro, os roncos de Gerard pareciam uma trilha sonora para suas recordações. Lembrou-se do tempo em que era um menininho, e nada poderia apagar isso de sua mente.

— Meu pai adorava acampar — ele disse. — Adorava. Principalmente se estivéssemos morando em alguma cidade com muita poluição. Mês sim, mês não, ele juntava um monte de equipamentos, corria ao redor da casa como uma criança tola, e então nos empurrava para dentro de uma caminhonete, inclusive Helga. Sempre Helga. Ela fazia parte de nossa família como qualquer um de nós.

— Aonde costumavam ir? — quis saber Sarah.

— Para algum canto da trilha dos Apalaches, nas montanhas, no lugar mais remoto que encontrássemos. Às vezes levávamos muitas horas no carro. Era antes de me deixarem fazer a Submersão no Sono, então eu gostava tanto quanto o meu pai. Era uma aventura.

Parou por um segundo, imaginando a cena em sua mente.

— Dá até para sentir o cheiro da fogueira, que sempre foi a melhor parte. Os carvões em brasa estalando. Minha mãe não gostava muito da falta de conforto, mas acho que ela aguentava porque via o quanto eu ficava feliz. E meu pai também, é claro. Helga também entrava totalmente no clima. Era como uma guarda-florestal ali, berrando ordens e juntando muito mais lenha do que precisávamos. Mas ela também cuidava para que não incendiássemos a floresta à nossa volta.

— Ela é durona — sussurrou Sarah.

Michael podia ouvir o sorriso na voz dela.

— Mas teve uma vez — continuou Michael —, eu devia achar que era um escoteiro, porque decidi sair sozinho para uma caminhada. Não contei para ninguém que ia sair. Marchei pelas montanhas, para cima e para baixo. Não eram montanhas muito altas, só uns morrinhos. Não sei no que estava pensando... Acho que procurava algum cemitério indígena antigo, ou

flechas, sei lá. Eu era meio idiota, acho que como Bryson.

— Estou em boa companhia — o amigo respondeu com ironia.

Michael mal o ouviu, perdido naquela lembrança muito, muito antiga.

— Enfim, é claro que me perdi. Não tinha a menor ideia de onde estava. Tentei refazer meus passos, mas só conseguia andar em círculos, de um lado para outro nas mesmas montanhas.

— Ai — disse Sarah. — Quantos anos você tinha?

— Nove ou dez. Fiquei morrendo de medo, porque escureceu. Gritei chamando por meus pais e Helga, mas eles não me escutavam. Estava apavorado, e lembro que comecei a chorar e fui ficando cada vez mais histérico. Por fim, encontrei um pequeno vale e... não sei. Não cheguei a rezar, mas era como se tentasse entrar em contato com meu pai. Implorei para que viesse e me encontrasse.

Michael se ajoitou mais uma vez para se apoiar no cotovelo, estendendo as pernas. Sarah colocou seu braço sobre os joelhos de Michael e o encarou. Os olhos dela estavam escondidos na penumbra, mas ficou feliz por ela o olhar assim.

— Uns dois ou três minutos depois, uma rocha enorme desceu pela montanha, vindo de pouco acima de onde eu estava. Antes mesmo de ver, ouvi o som dela batendo nas árvores e esmagando o capim. Olhei para cima bem a tempo de ver a rocha chegando com tudo em meio aos pinheiros, em uma trajetória mortal na minha direção. Ela chegou a arrebentar uma árvore em pedaços.

Bryson e Sarah não se moveram, tão quietos que mal se ouvia a respiração deles.

— Bem — ele disse —, felizmente a rocha não me acertou, e eu resolvi considerar aquilo como um sinal. Segui montanha acima, pelo caminho que a rocha deixou. Era fácil, porque ela praticamente tinha aberto uma trilha pelo morro. E vocês podem adivinhar para onde esse caminho me levou.

— Para sua família — completou Sarah.

— Sim. Primeiro vi meu pai, e, logo que coloquei os olhos nele, ele correu para mim. Teve que saltar sobre alguns troncos de árvore, e me puxou para um abraço de urso. Lembro que minhas costas estalaram, tamanha a força com que ele me apertou. E tenho certeza de que o abracei bem forte também. Então minha mãe e Helga apareceram, todos nós com lágrimas nos olhos, trocando abraços e rindo. Foi uma loucura; nunca vou me esquecer. Especialmente de uma coisa.

— Do quê? — perguntou Bryson.

— Do meu pai. Estava chorando, os olhos vermelhos e inchados. Ele não

me repreendeu nem uma vez por ter saído sozinho e me perdido. Nem uma vez. Tenho certeza de que ele percebeu que eu tinha aprendido a lição. Parece que você não foi a única criança estúpida do mundo, Bryson.

Sarah passou a mão no rosto, e Michael pensou que talvez — apenas talvez — uma lágrima chegara a escorrer dos olhos dela.

— Muito fofo — ela disse. — Não consigo acreditar que nunca tenha contado isso antes.

Michael deu de ombros, mesmo pensando que talvez não veriam aquele gesto.

— É que... bom, não sei. Tenho um monte de lembranças como essa. Mas como vou saber se são reais ou não? Acho que vou ter que me limitar a aceitar que tudo isso aconteceu. Sinto saudade...

A voz dele falhou, e ele sentiu um peso grande pressionando seu peito. Deitou-se na cama dobrável e rolou para o lado, ficando de costas para Sarah. Ela afagou o ombro dele, depois se inclinou e o beijou na bochecha. Miraculosamente, Bryson não fez nenhum comentário. Sarah esperou uns minutinhos, deslizando a mão pelas costas de Michael, depois se levantou e voltou para a própria cama.

— Boa noite — ela disse, do outro lado da sala.

— Durma bem — respondeu Bryson.

— Vocês também — disse Michael, a voz embargada.

— Amo vocês — Sarah falou um segundo depois, antes de a noite envolvê-los por fim.

Na manhã seguinte, quando Michael se levantou e saiu do escritório de Helga, notou a atividade frenética por todo o alojamento. A Aliança Tangente trabalhava sem parar, arrumando objetos em caixas e transportando-as para os carros.

Michael esfregou os olhos, a vista ainda meio embaçada de sono, e olhou para todo aquele movimento ao redor.

— O que está havendo? — perguntou a Bryson, que estava recostado contra a parede, tomando uma xícara de alguma coisa quente e fumegante.

— Helga disse que alguns vão partir — respondeu o amigo. — E alguns vão ficar aqui e usar os Caixões para encontrar outros quando precisarmos.

— E nós: ficamos ou vamos?

— Vamos com Helga. Você, eu, Walter e alguns outros — Bryson apontou a xícara na direção de Walter, que falava com a mulher chamada Amy. — Acho que estão tentando encontrar alguém do SSV.

— O quê? Não! — disse Michael, despertando em um instante. — São as últimas pessoas com quem deveríamos falar agora. Não podemos confiar neles.

— Pois é, concordo com você. Mas Helga disse que não vamos falar com a agente Weber. De qualquer modo, ela disse que, assim que você acordasse, deveríamos fazer a Submersão e que, mais tarde, nos atualizaria com o que ainda precisássemos saber. Ela quer partir por volta do meio-dia.

Michael não gostou nada daquelas ordens. Ele faria o que Helga queria, mas não se encontraria com Weber nem visitaria o SSV.

— E tem mais — continuou Bryson. — Os pais de Sarah estão se recusando a deixá-la ir. Falaram que os dias de aventura dela terminaram. Ela andou brigando com eles a manhã toda. Acho que continuam discutindo lá fora.

Helga veio pela porta da frente, antes que Michael pudesse responder. Os olhos dela se arregalaram quando o viu, e ela se aproximou.

— Bom dia, querido — disse com naturalidade. — Espero que tenha descansado bastante. Vá tomar seu café da manhã, depois eu quero mostrar a você algumas coisas no Sono. Preciso tomar algumas medidas antes de tomarmos uma decisão final sobre nosso próximo passo.

— Não estou com fome — disse Michael. — Podemos ir agora.

Helga assentiu com um gesto de cabeça.

— Para mim está ótimo. Vá buscar Sarah. Os pais dela já têm a maior

parte das informações. Tenho certeza de que ela vai achar ótimo dar um tempo na conversa com eles — o olhar dela disse tudo.

A discussão lá fora devia estar fervendo.

— Vou chamá-la — disse Michael. — Pode deixar os Caixões prontos.

2

Sarah estava sozinha, e Michael não viu sinal dos pais dela. Encontrou-a recostada em uma árvore atrás dos alojamentos, com uma expressão evidente de choro. Ela se encolheu um pouco quando o viu se aproximando, quase como se estivesse com vergonha por ser vista naquele estado.

— Ei — disse Michael, mostrando um sorriso de compreensão para ela. — Está agindo como uma criança mimada de novo? Ninguém ensinou você a honrar e obedecer seus pais?

— Você sabe que eu amo meus pais, Michael — a voz dela soou cansada. — Mas é difícil lidar com essa situação com eles nessa marcação. Ainda sou a filhinha deles do coração, e é claro que não aguentam ficar sentados me vendo fazer o que eu preciso fazer.

— É que eles não querem que você se arrisque, morra ou se machuque — disse Michael.

— Ei, de que lado você está?

— Desculpa — ele deu um passo à frente para lhe dar um abraço. — Vamos dar um jeito nisso, está bem? Talvez possamos convencê-los a vir com a gente. Helga precisa de nós para os planos dela, e realmente precisaremos de toda a ajuda possível para voltar à Ravina Consagrada. E sem chance de eu ir para lá sem você.

Ela suspirou.

— Era mais fácil quando estávamos no Sono, ou... — ela se conteve, e Michael sabia exatamente o que Sarah estava prestes a dizer.

Era mais fácil quando os pais dela estavam em cativeiro, sequestrados, incapazes de impedi-la de agir.

— Vamos lá — ele disse. — Uma coisa de cada vez. Vamos descobrir o que Helga quer nos mostrar, depois tentaremos com eles novamente. Não vou sair daqui sem você.

Ela o puxou para um abraço apertado e o beijou na bochecha. Os lábios dela estavam tão úmidos quanto as lágrimas.

— É tudo tão confuso — ela sussurrou. — Sua vida como Tangente, sua vida nesse corpo, todas as esquisitices que estão acontecendo. Não sei de verdade o que você é, mas sei quem você é. E eu te amo, Michael. Amo de verdade. Pode revirar os olhos o quanto quiser, mas, seja lá o que você for

— ela prendeu o rosto dele entre as mãos e o balançou suavemente —, estou apaixonada.

Os sentimentos de Michael se elevaram a milhões de quilômetros acima do chão, deixando-o totalmente atônito. Ele apenas assentiu com a cabeça e a beijou — um beijo de verdade —, com toda a emoção que sentia, algo que nunca tinha feito antes.

O coração dele inflou, e o mundo rodopiou.

Ela o afastou um pouco e o encarou, com lágrimas novas brilhando nos olhos, mas desta vez parecia contente.

— Não vou permitir que vá sem mim — ela disse. — Vamos lá. Precisamos ir antes que minha mãe nos encontre e surte.

3

Meia hora depois, ainda meio zozzo com aquele beijo, Michael fez a Submersão no Sono com seus amigos. Helga cumpria o papel de guia deles. Quando abriu os olhos, os quatro estavam em uma superfície lisa de um vidro cristalino, que se estendia em todas as direções até onde a vista alcançava. O céu era de um azul bem escuro, e a impressão de Michael era que estavam acima das camadas mais altas da atmosfera. Abaixo de seus pés, figuras geométricas de luz branca giravam, encolhendo-se e se expandindo, e batiam umas nas outras naquele cenário escuro. Michael ficou olhando, embasbacado. Era como estar dentro de um enorme caleidoscópio.

— Bem-vindos à fantástica zona azul dos confins — disse Helga, estendendo orgulhosamente os braços. — Meu pequeno pedaço de céu.

— É bem convidativo — murmurou Bryson, com ironia, enquanto procurava ao redor um lugar para se sentar.

— É só uma interface básica — respondeu Helga, sem esconder o aborrecimento com o comentário sarcástico de Bryson. — Praticamente qualquer coisa pode acontecer aqui. É meu equivalente dos velhos centros de interação pelos quais as pessoas pagavam, nas VirtNet Houses públicas.

Michael sentiu uma pequena vertigem ao deslizar o olhar de cima a baixo, mas depois se concentrou no rosto de Helga enquanto ela falava. Ainda assim, aquelas formas circulares sob os pés criavam uma sensação de movimento que fazia seu estômago revirar.

— Então, como é que isso funciona? — indagou Sarah. — E por que estamos aqui?

A Aura dela era bem semelhante ao corpo real, e o rosto mostrava que o problema com os pais ainda pesava em sua mente.

Helga os reuniu e apontou para o vidro sobre o qual pisavam.

— Tudo neste lugar está conectado diretamente ao meu processo de pensamento, que levou um longo tempo para se aprimorar. Sob circunstâncias mais adequadas, poderíamos nos divertir muito aqui, mas agora vou ter que mostrar algumas das coisas que vocês perderam.

Ela olhou para baixo e focou um grande retângulo de luz brilhante, que se aproximava da superfície. Ele se alargou até envolver os quatro do grupo, e, quando Helga bateu o pé na superfície, uma figura se moveu dentro do retângulo, como se fosse uma WallScreen. Era uma vista aérea de Atlanta e, de repente, a imagem foi se transformando, virando um *zoom* da cidade. O estômago de Michael embrulhou e Bryson gritou, os braços estendidos, cambaleando e tentando manter o equilíbrio.

Michael olhou para Helga e notou um sorriso malicioso em seu rosto quando estendeu os dedos e arremessou os braços para o ar. O movimento levou as imagens para o alto, acima da superfície em que estavam, voando em uma transmissão tridimensional perfeita da cidade de Atlanta. Tudo o que Michael podia fazer era manter os olhos abertos: a transição foi tão dramática que era quase doloroso assistir.

Helga, usando o corpo inteiro como um controle remoto, moveu-se como uma dançarina para manipular as imagens ao redor. Uma torção de seus dedos fazia a cidade girar; um movimento de seus braços levava à visão das ruas em um instante, ela se inclinando para a esquerda e para a direita a fim de caminhar por elas. Deslocavam-se sem a sensação de movimento — um truque com o qual Michael levou um tempo para se acostumar. Mas enfim a náusea passou, e ele pôde apreciar os detalhes incríveis do que via. Mais do que impressionado, não pôde deixar de se perguntar: sua babá tinha sido uma programadora secreta durante todo o tempo em que a havia conhecido?

Helga conduziu o grupo para um arranha-céu enorme e, de repente, o prédio para onde a agente Weber os enviara com o Código Lance surgiu no campo de visão deles. Ou pelo menos o que sobrara daquele prédio. O que viam eram os destroços pelos quais eram responsáveis. A maior parte da estrutura tinha entrado em colapso, e uma fumaça negra e espessa pairava sobre as ruínas. Uma multidão se reunia para testemunhar a devastação, e a polícia, o corpo de bombeiros e as equipes médicas haviam cercado o perímetro.

Tudo aquilo era uma recriação exata do que acontecera. Michael observava a si mesmo e aos amigos sendo conduzidos às viaturas da polícia. Seu próprio rosto parecia mais espantado e confuso do que ele

supunha.

Michael respirou fundo quando viu Gabby, a ex-namorada de Jackson Porter. Ex-namorada? Ou namorada atual? Nenhuma das opções parecia se encaixar bem na situação. Mas ele a olhava agora, sabendo o que estava para acontecer, temendo ver aquilo mais uma vez. O policial se aproximou dela, ergueu um cassetete e o sacudiu no ar. Depois, atingiu-a na cabeça, deixando-a inconsciente, e ela saiu mancando. Michael gritou em choque, apesar de já esperar por aquele ato de violência.

— O que aconteceu? — berrou Sarah.

Ela não tinha assistido ao ataque original, e não haviam tido oportunidade de lhe contar.

— Por que fizeram isso com ela? — perguntou Michael, a voz embargada.

Ele ainda não entendia, e se sentia mal por ter quase se esquecido dela nos últimos dias.

— Uau — murmurou Bryson. — Parece que o policial deu um tratamento especial a ela.

— Por quê? — sussurrou Michael, incerto quanto a quem exatamente dirigir a pergunta.

De repente, a cena abaixo se encolheu, e em primeiro plano apareceu uma imagem holográfica de uma mulher vestida com extravagância, o cabelo perfeitamente estilizado. Uma apresentadora do noticiário *NewsBops*.

— Notícias impactantes nesta manhã — a mulher disse com um lírico sotaque britânico. — Representantes do serviço de segurança da VirtNet enfim revelaram publicamente suas descobertas a respeito do incidente terrorista da semana passada. O fato se deu em um terminal de computadores escondido em um prédio histórico na cidade de Atlanta, na Georgia. Três adolescentes, procurados por crimes anteriores, foram acusados pelos incidentes, após terem usado um aparelho altamente sofisticado para disparar reações em cadeia por todo o sistema de segurança do SSV. Fiquem agora com Charles Rooney, diante do quartel do SSV, que tem mais informações.

A imagem dela se dissolveu em um milhão de blocos digitais, sumindo como se capturada por uma súbita ventania. Um homem apareceu em seguida, grisalho e bigodudo, com a gravata frouxa, e o rosto vermelho e suado.

— A reportagem falou minutos atrás diretamente com um porta-voz do SSV — declarou o homem. — E todos concordam que as notícias são bem chocantes. O SSV sofreu danos significativos desde o primeiro dia, mas a

devastação evidentemente atingiu um nível maior que as previsões mais pessimistas. Os detalhes de como o aparelho infligiu tamanho dano ainda não foram divulgados, mas parece que sua natureza é inteligente e bastante viral. Como poderão ver no arquivo da coletiva de imprensa do SSV, a VirtNet se tornou um lugar bem perigoso.

Desta vez foi o homem que se dissolveu e foi soprado para longe, e Michael deu dois passos para trás ao ver quem apareceu na tela.

A agente Weber.

4

Ela estava atrás de uma mesa repleta de microfones, apenas os ombros e o rosto aparecendo na tela. Usava um terninho de corte perfeito, os cabelos presos em um coque elegante, e tudo a respeito de seu comportamento parecia dizer que não havia nada com que se preocupar. Mas aqueles olhos escuros não enganavam Michael. Ela estava assustada. Até mesmo apavorada, poderia se dizer. Michael ainda não entendia por que ela o havia traído, ou por que tinha ido visitá-lo no final daquele episódio todo, tentando suavizar as coisas. E, mais importante: não entendia por que ela queria arruinar, às escondidas, o SSV e a VirtNet.

Mas havia uma coisa da qual tinha *certeza*: ele a desprezava.

Depois de uma pausa que pareceu inexplicavelmente longa, ela começou a ler o discurso que havia preparado:

— Obrigada a todos que vieram hoje; obrigada sobretudo pela paciência, depois de termos empregado todos os nossos recursos para investigar este terrível incidente. Ao menos temos o conforto de saber que os perpetradores desse ato estão confinados em uma prisão no momento em que falo com vocês. Quanto ao alcance dos efeitos do que eles causaram, receio que as notícias não sejam boas. Agora precisamos seguir em frente para retificar a situação.

Ela ergueu a mão para indicar algo atrás dela, mas, fosse o que fosse, Michael não conseguiu ver. Depois continuou:

— Um informe completo veio a público, mas a conclusão básica é: a infraestrutura do SSV está temporariamente classificada como não funcional. No momento, não se pode ter nenhum acesso às atividades da VirtNet. O monitoramento, a segurança, a capacidade de informação e os protocolos de códigos de segurança foram todos danificados e estão fora de serviço. Queremos enfatizar que nossa intenção é voltar ao *status* de operações completas, mas isso pode levar algum tempo. Fico aliviada em dizer que será uma questão de semanas, não de meses. Vamos trabalhar 24

horas por dia, sete dias por semana, até que essa tarefa hercúlea esteja cumprida.

Ela fez uma pausa, mirando com desconforto, por um longo momento, a audiência à sua frente, que não aparecia na tela.

Michael presumiu que estivesse recebendo uma torrente de perguntas que não podiam ser ouvidas naquele vídeo.

Em algum momento as pessoas ali devem ter se silenciado, porque ela enfim voltou a falar. Michael observou com atenção, plenamente absorvido, perguntando-se para onde aquilo tudo iria levá-los. Algo lhe dizia que seu futuro próximo não seria nada agradável.

— Agora, receio ter outra notícia perturbadora para informar a vocês. Depois divulgaremos um pronunciamento escrito mais detalhado, mas já adianto qual é a situação: a entidade conhecida como Kaine, o Tangente, de origem desconhecida, obteve um nível de senciência sem precedentes.

Mais uma pausa dramática.

— O mais importante e urgente é entender que, como resultado direto das ações terroristas contra nossa instituição, Kaine escapou de nosso controle e executou um processo pelo qual os códigos de certos Tangentes fizeram, por falta de uma palavra melhor, download nas mentes de humanos de carne e osso. Ao fazerem isso, essas pessoas agora servem como provedoras de programas subversivos modificados.

Ela continuou:

— Até conseguirmos voltar a oferecer nossos serviços em capacidade total, alertamos que qualquer um do planeta que fizer Submersão na VirtNet é altamente suscetível a essa dominação hostil. Como desta vez não temos capacidade para deter ninguém de maneira operacional, pedimos essa colaboração de outra maneira. Sob nenhuma circunstância vocês devem fazer a Submersão. Obrigada.

Antes que ela pudesse dizer qualquer outra coisa, seu corpo se dissolveu e se evanescceu como os repórteres anteriores. Ninguém apareceu na sequência.

— Não acredito — sussurrou Sarah, enquanto os últimos fragmentos do pó digital de Weber desapareciam. — Não acredito.

Ela podia estar se referindo a uma centena de coisas, mas Michael tinha a impressão de que ela se referia a algo mais específico.

— No quê? — ele perguntou.

— Ela mentiu — respondeu Sarah. — É uma mentirosa. Sentou-se na frente do planeta inteiro e mentiu na cara dura.

Helga concordou com um gesto de cabeça. A cidade de Atlanta foi

desaparecendo do cenário, sendo substituída pelo local onde estavam ao chegar: o chão de vidro, o céu azul-escuro, as figuras geométricas dançantes e reluzentes.

— Alguma coisa não está certa — disse Michael. — É óbvio que ela sabe que a Doutrina da Morte já existia antes de toda essa história do Código Lance. Que ridículo. Quero dizer, quem é pior: a agente Weber ou Kaine?

— Minha opinião é que temos de nos livrar dos dois — sugeriu Bryson.

— Sei que é muita coisa para assimilar — disse Helga. — Mas ainda não acabamos. Acho que vão ter que aguentar firme para encarar o que veremos a seguir.

5

A alguns metros de distância, um enorme círculo branco e luminoso elevou-se da superfície de vidro, esgueirando-se para cima, até parar, formando algo como a entrada de um túnel. No interior das profundezas do círculo, via-se um edifício de pedra bem antigo e majestoso. Tinha grandes pilares ornamentados e portas de bronze gigantescas, sobre degraus altos e largos. Helga aproximou-se do círculo, estendeu os braços e, então, voltou-se de frente para Michael e seus amigos, agitando os braços como se arremessasse algo para eles.

Ao fazer isso, o círculo de luz se expandiu, tornando-se de fato um túnel. Eles deslizaram para lá. Fazia um dia frio e tempestuoso do lado de fora daquele prédio, que Michael percebeu ser um edifício do governo. Estremeceu, esfregando os braços. Como antes, flutuaram no ar, talvez uns cem metros acima do chão, movendo-se lentamente para ver o que estava prestes a acontecer. Ou o que havia acontecido antes, mais exatamente.

Um palanque fora instalado no terraço, diante dos portões. Um batalhão da polícia permanecia sob a escadaria, afastando centenas de pessoas que obviamente estavam ali para ouvir alguém discursar. Michael abriu a boca para perguntar a Helga por que ela os levara para lá, quando uma das portas enormes de bronze se abriu com um rangido de metal se atritando contra metal.

Um homem de certa idade, vestindo um terno que parecia bem caro, saiu do prédio. Por um momento, a multidão ficou em silêncio. Depois, despertou com um rugido, gritando perguntas atrás de perguntas num caos frenético, as mãos levantadas, como estudantes.

Helga se posicionou de frente para Michael e os outros, e eles desceram até ficar a apenas alguns metros acima do homem de terno. Ele já estava no palanque, e ergueu os braços pedindo para que a multidão se aquietasse.

De início, eles o ignoraram, inundando-o ainda de perguntas, mas, como ele não as respondia, enfim fizeram silêncio. A voz dele era poderosa, ressoando bem alto nas caixas de som.

— Obrigado a vocês por virem — ele começou a dizer, falando com um sotaque estrangeiro. — Especialmente considerando esse chamado de última hora. O que eu tenho a mostrar é... hã... muito... hã... importante.

Ele pigarreou e testou os microfones com o dedo. Michael observava perplexo. Aquela figura devia ser um homem de negócios ou um político importante de algum país, mas estava ali suando e agindo de maneira estranha. O que ele queria dizer com *mostrar* em vez de ter usado a palavra *contar*?

— Sim, muito importante — continuou o homem. — Não se preocupem. Não vou tomar muito o tempo de vocês — ele pigarreou mais uma vez, o que soou como uma explosão nas caixas de som. — Como introdução ao que estou prestes a fazer, deixem-me dizer algumas palavras. Eu... bem... o homem que está diante de vocês hoje tem sido o líder desse belo país por mais de cinco anos. Ele, quero dizer, eu prestei ótimos serviços à economia, ao bem-estar social e à diplomacia internacional. Mas o reinado dele está no fim.

A multidão ficou em silêncio, provavelmente tão intrigada quanto Michael. Ele já havia percebido que o homem era um Tangente, mas o que iria fazer?

— Fui programado para estar aqui — disse o homem. — Para estar aqui, nesta hora, neste momento. Programado pelo próprio Kaine. É muito importante que todos saibam disso. Então, por favor, prestem atenção. Fui programado por Kaine, sou um Tangente, e fui enviado para o corpo deste homem para fazer uma demonstração. Acho que já disse tudo o que fui programado para dizer. Agradeço a vocês pela atenção.

O homem, nervoso e inquieto, vasculhou o bolso e dele tirou um objeto pequeno e brilhante. Sarah respirou fundo. Michael também, pois sabia o que iria acontecer. Ele queria flutuar para baixo e impedir, mesmo sabendo que aquilo era uma reprodução do que já havia acontecido.

A multidão gritou de horror enquanto o homem no palanque ergueu a faca e cortou a própria garganta.

6

Houve sangue e gritaria. Um pandemônio invadiu o local. Michael observou em silêncio, de queixo caído, até que a cena desaparecesse e eles se encontrassem na planície de vidro mais uma vez.

— Muito bem — disse Bryson. — Acho que finalmente eles deixaram as sutilezas para lá.

A cabeça de Michael ainda zunia com as imagens perturbadoras que Helga havia exibido.

— Qual é o objetivo disso? — perguntou. — O que esse homem fez não tem o menor sentido. Por que ele fez isso?

Os outros ficaram olhando para o chão, para as formas hipnóticas que se moviam. Ninguém tinha a resposta.

Enfim, Helga abriu a boca:

— Bryson está certo. No início, os Tangentes agiam com extrema sutileza. Mas agora estão anunciando sua presença de maneira escancarada. É quase como se tivessem decidido que os homens eram estúpidos demais para notar o que estava acontecendo, então decidiram mostrar tudo desse modo sensacionalista.

— Continua sem fazer nenhum sentido — sussurrou Michael, com um milhão de coisas girando em sua mente. — Mesmo.

— Por que Kaine enviaria Tangentes para corpos humanos, para depois fazê-los cometer suicídio? — questionou Sarah.

— Para chamar a atenção — respondeu Bryson.

Sarah assentiu com um gesto de cabeça.

— Isso eu entendi. Mas Michael tem razão; não dá para entender. A última coisa que os Tangentes gostariam de fazer seria entregar esse segredo. Por que iriam querer chamar atenção para a Doutrina da Morte? Só vão conseguir que o mundo se junte para tentar detê-los. É como alguém anunciar no *NewsBops* que pretende roubar a *Mona Lisa* do Louvre amanhã à tarde.

— Exatamente — concordou Michael.

Entre o que havia acabado de ver e a notícia do que tinha acontecido com Gabby, ele sentia dificuldade para se concentrar.

— Michael?

Ele olhou para Sarah:

— Que foi?

— Você ia dizer mais alguma coisa.

Ele deixou de lado os pensamentos sobre Gabby.

— Sim. Bem... Kaine falava sempre sobre imortalidade. Como programar um Tangente para assumir um corpo e se matar na frente do mundo inteiro... como isso poderia ajudá-lo? Não vejo como ajudaria. É por isso que as coisas que Janey e Trae disseram parecem ser verdadeiras. Talvez Kaine não esteja mais no comando. Outra pessoa quer que pensemos que

ele ainda manda em alguma coisa.

— É possível, eu acho — respondeu Helga. — Com certeza não estamos lidando com algo tão simples quanto um Tangente rebelde se divertindo. É algo bem mais elaborado. Deixem-me mostrar mais algumas coisas para vocês se atualizarem. Depois vamos fazer a Emersão para a Vigília e entrar em ação.

7

O centro de interação de Helga operou ativamente por mais meia hora, enviando-os de uma viagem espaço-temporal a outra através das formas luminosas, para ver a devastação provocada pelos Tangentes.

Pelo Brasil inteiro, uma sequência horripilante de fugas de prisão contou com oficiais em altas posições que, inexplicavelmente, permitiram esse acontecimento. Em Nova York, o maior mercado de ações do mundo, houve diversos casos de operadores bem respeitados que, de uma hora para outra, optaram por especulações arriscadas e espalharam informações sigilosas. Michael não entendia muito bem o mercado financeiro, mas vários apresentadores do *NewsBops* explicaram que havia se instalado pânico na economia internacional devido à extrema imprevisibilidade. Três grandes potências econômicas tinham ruído nas últimas duas semanas.

Em Hong Kong, o chefe de polícia transferira toda a força de segurança para fora da área central da cidade. Saqueadores aproveitaram para destruir a maior parte dos principais distritos comerciais.

No México, os esforços de um século de combate contra as drogas foram praticamente jogados no lixo com uma série de mudanças na lei, aprovadas com extrema agilidade por vários políticos, cujas opiniões mudaram da noite para o dia. As medidas mudaram tão rapidamente, que os cartéis de drogas dominaram cinco cidades antes mesmo que as forças públicas notassem o que acontecia.

Michael e os amigos testemunharam negócios em colapso, celebridades matando suas esposas em público, e semáforos de trânsito em pleno caos. Como no caso do presidente que havia cortado a garganta na frente de uma multidão de repórteres, houve cada vez mais casos envolvendo Tangentes que anunciavam o que iriam fazer antes que um desastre se deflagra-se.

Enfim, depois de mostrar tudo isso, Helga encerrou a apresentação e os conduziu de novo ao cenário do vidro com as formas geométricas que, depois de tudo isso, chegava a ser reconfortante. Michael só queria fazer a Emersão para a Vigília, encontrar um cantinho para ficar bem encolhido e tentar esquecer o mundo. Sentia-se cansado e assustado.

Depois de um silêncio sombrio, Bryson falou:

— Caramba, tudo isso aconteceu nas últimas duas semanas?

Helga assentiu em concordância.

— Agora já sabem por que precisamos fazer alguma coisa.

Para ser honesta, temo que seja tarde demais. Como podem notar, o mundo está fora de controle. Para deter isso, precisaremos de muita força ao nosso lado. E, como disse antes, a Colmeia é a chave de tudo. A Colmeia, e o próprio programa da Doutrina da Morte.

— Então precisamos do SSV — disse Bryson. — O pior é que não podemos confiar na Weber.

— Não, o SSV não — rebateu Michael. — Nada disso. Antes de tentarmos encontrar o caminho para a Ravina Consagrada, precisamos falar com os líderes mundiais. Com os verdadeiros, os que não foram dominados por Tangentes. De acordo com as notícias, ainda sobraram muitos. Presidentes, primeiros-ministros... qualquer um, menos a agente Weber e o SSV.

— Mas como um presidente vai poder nos ajudar? — perguntou Sarah. — Com um exército? Um discurso? Precisamos é de um bando de *nerds*, não de presidentes.

Michael fez que sim com a cabeça.

— Certo. E o maior *nerd* de Nerdville geralmente acaba trabalhando para o governo. Pelo menos os que o SSV não contrata.

— O SSV não faz parte do governo? — perguntou Bryson.

— Não — respondeu Helga. Ela andava lentamente de um lado para o outro, as mãos cruzadas atrás das costas. — É uma organização mundial fundada por governos, mas autônoma. Não pertence a ninguém. E Michael está certo. Precisamos de algumas coisas do governo: soldados, a melhor tecnologia possível, e proteção. É disso que precisamos.

— Também precisamos salvar Gabby — disse Michael. O comentário pareceu vir do nada, mas ele já vinha pensando nisso há um bom tempo. Percebeu o olhar intrigado dos amigos. — Estou falando sério. Nós a arrastamos para essa confusão, e ela foi ferida por um policial. Se é que era mesmo um policial. Precisamos encontrá-la e cuidar para que fique bem. Talvez possa até nos ajudar, se ela concordar.

Bryson e Sarah assentiram, concordando, quando então algo estranho aconteceu sob os pés deles. As incontáveis figuras geométricas começaram a se juntar, girando, revirando-se e se contorcendo, até se fundirem, seu contorno ficando cada vez mais brilhante. Michael mal conseguia abranger a forma com o olhar, um quadrado gigante sob o vidro, com mais de quinze

metros de comprimento. Em volta dele, a escuridão.

— Helga? — indagou Michael. — Achei que a lição de História tivesse terminado.

— Sim — ela respondeu. — Não sou eu que estou no controle disso.

Michael a encarou, observando Helga com os olhos fixos no vidro, tão confusa quanto ele.

— O que está acontecendo? — ele perguntou.

Ela apenas deu de ombros.

— Acho que é melhor a gente fazer logo a Emersão e tirar o nosso traseiro daqui — sugeriu Bryson.

O quadrado levitou, brilhando tanto quanto um sol ao alcançar a superfície de vidro e ultrapassá-la, como se se erguesse das profundezas de um oceano. A forma fez uma rotação até ficar em pé, a cerca de trinta metros deles. As extremidades do quadrado brilhavam como relâmpagos.

E então um rosto apareceu.

Era Kaine.

Estava demorando, pensou Michael.

Kaine apareceu como se estivesse projetado numa WallScreen gigante, mostrando-se a eles da mesma maneira de quando se encontraram naquele lugar de superfície arroxeadada, pouco antes de os SimKillers desaparecerem abismo adentro. Naquela época, tinham achado que Bryson havia programado aquela armadilha mortal, mas descobriram depois que tinha sido Tangentes. Tangentes do lado *deles*, não do de Kaine. Michael se deu conta naquele instante de que Helga devia ter liderado pessoalmente aquela ação.

Kaine estava bonito nesse dia, usando um terno bem ajustado, com gel nos cabelos penteados para trás. Parecia rejuvenescido, como se houvesse acumulado energia virtual.

— Não saiam — foi a primeira coisa que ele disse, a voz ressoando em todas as direções ao mesmo tempo. Michael imediatamente pensou em *O Mágico de Oz*, um velho filme em duas dimensões. — Não vim aqui causar confusão. Palavra de escoteiro — ele ergueu três dedos, mas Michael não tinha a menor ideia do que aquele Tangente queria dizer.

— Sua palavra é tão sólida quanto a água — respondeu Helga, gritando para a enorme silhueta. — Estamos de saída. Neste momento — ela fechou os olhos, mas nada aconteceu. Ela os abriu e olhou de relance para o visitante. — Pare de me bloquear!

— Você é quem pediu por isso — disse Kaine. — Está me forçando a ser um cara malvado. Mas não vou deixá-los fazerem a Emersão antes de eu dizer o que preciso dizer. E isso pode ser agradável ou... difícil. A escolha é sua.

O rosto de Helga ficou vermelho, e o corpo dela estremeceu.

— Vamos deixá-lo falar — pediu Michael, como se tivessem mesmo opção. — Não é a melhor hora para ficarmos brigando — *iríamos perder*, foi o que ele *não* disse, mas o que todos entenderam.

Kaine sorriu, e Michael quase o imaginou dando uma gargalhada, uma daquelas risadas maléficas dignas dos vilões mais perigosos. Em vez disso, o Tangente começou a falar, e Michael ficou chocado ao notar que aquele sorriso tinha sido sincero.

— Espero que me perdoem por espioná-los, mas não tive escolha — Kaine virou-se para Helga e continuou: — Sei o que acabou de fazer aqui. Sei o que mostrou a eles. E é por isso que preciso que me escutem. Vocês vão entender que estamos do mesmo lado.

Ele fez uma pausa momentânea, com certeza esperando algum tipo de reação furiosa por parte de Michael ou dos dois amigos, mas Michael, surpreendentemente, sentia apenas curiosidade, e não medo.

— Eu... não sei quem me criou — continuou Kaine. — Estou tentando descobrir, e falta pouco para saber. Mas posso lhes dizer uma coisa: eu me libertei da rede. Não sou mais a marionete dos meus criadores. Acredito na Doutrina da Morte por causa do que ela pode oferecer, tanto aos Tangentes quanto aos humanos. Já falei sobre isso. Imortalidade. É possível, e podemos fazer isso acontecer, se vocês trabalharem para mim.

— Trabalhar para você? — berrou Sarah. — Quantas vezes você tentou nos matar? Quantas vidas destruiu? Se sabe o que acabamos de ver, então deve pensar que somos os maiores idiotas de todos os tempos.

— Mas é isso o que estou tentando contar a vocês! — rugiu Kaine. — O caos que esses Tangentes estão espalhando pelo mundo não é um feito meu. Essas ações estão fora do meu controle.

Michael pensou no que Kaine tinha acabado de dizer. Parecia ter um fundo de verdade ali, embora confiar em alguém como ele fosse como entrar em um prédio em chamas. Algo estúpido. Ainda assim Michael intuía, em algum lugar nos confins de sua mente, que Kaine não estava mentindo. Aqueles acontecimentos terríveis pelo mundo não tinham uma explicação assim fácil. Aquele grupo na floresta. Weber e... toda aquela esquisitice dela. Quem estaria se beneficiando com aquilo?

— E quanto às pessoas que parecem estar em estado vegetativo, com morte cerebral? Por que alguns Tangentes parecem agir como zumbis e outros são como eu e Helga?

Kaine sorriu mais uma vez:

— Então você notou — ele parecia quase feliz por poder responder. — Muitos Tangentes foram enviados à Vigília para propósitos específicos. Foram, digamos assim, programados para realizar algumas tarefas. Esses Tangentes não eram sencientes, então, quando a tarefa deles é concluída, eles... perdem o rumo. Não fico surpreso de que eles se animem ao verem alguém tão familiar como você. Todos eles o conhecem. Eles...

— Vamos direto ao assunto — interrompeu Michael. — Esta parte nós já sabemos.

Kaine assentiu e continuou:

— Os Tangentes estão sendo enviados para a Vigília com mais rapidez do que eu havia planejado, e sem meu consentimento. Nenhum deles foi testado nem desafiado, como no caso de vocês.

— Então pare com isso — disse Helga. — Você criou o programa

Doutrina da Morte. Basta destruí-lo. Estamos perdendo corpos na Vigília em uma proporção alarmante, e ninguém sabe por quanto tempo as consciências vão sobreviver na Colmeia. Você viu o que aquele político fez consigo mesmo!

— Eu sei — disse Kaine em um tom suave. — Mas deter isso não vai ser tão fácil. Eu era a marionete de alguém e não percebi até começar a perder meu poder. Agora não sou nada além de um bode expiatório para toda essa violência.

Michael olhou para Helga, depois para Bryson e Sarah. Todos pareciam tão confusos quanto ele.

— Posso notar que estão com dificuldade para confiar em mim, e respeito isso — disse Kaine. — Não vamos sair desse impasse se eu não deixar que pensem e conversem entre si. Enviarei a vocês um link, que está altamente protegido. Se quiserem entrar em contato comigo, ele vai funcionar uma única vez. Quando estiverem prontos, poderemos trabalhar juntos e deter essa insanidade.

Menos de um segundo após Kaine parar de falar, o quadrado gigante de luz acendeu, depois sumiu, e as formas reapareceram sob os pés deles, dançando em silêncio. Tudo havia voltado ao que era antes.

— De que diabos ele estava falando? — perguntou Bryson, em voz baixa.

2

Depois que fizeram a Emersão dos Caixões, Helga estava agitada como nunca. Movia-se pelos alojamentos freneticamente, conferindo detalhes com seu grupo, concluindo tarefas de última hora. Depois ordenou ao trio de amigos que entrasse nos carros que estavam de partida. Havia três jipes com tração nas quatro rodas escondidos atrás dos abrigos. Quando Michael perguntou aonde iriam, ela não quis responder.

Havia o problema com Sarah. Os pais dela, compreensivelmente, recusavam-se a lhe dar permissão para ir com eles. Quando Michael quis falar sobre o assunto, a amiga pareceu irritada. Ela lhe deu uma resposta atravessada na frente de Gerard e Nancy, o que o envergonhou e o deixou igualmente enfurecido.

— Então eu também vou ficar — disse Michael, com teimosia.

Desta vez, Sarah gritou com ele:

— Não dá para ir logo de uma vez? Você está tornando tudo mais difícil a cada segundo que continua aqui. Vou ficar bem! — ela passou correndo pela porta de trás do alojamento e a bateu com força ao sair.

Havia algo no olhar dela, mas Michael não conseguiu decifrar o que era.

Então, com uma verdadeira opressão física consumindo seu peito, afastou-se dos pais de Sarah e, sem nenhuma outra palavra, também saiu.

3

— Ela não vem mesmo? — perguntou Bryson. — Está falando sério?

Michael se sentou entre ele e Helga no banco de trás de um dos jipes. O veículo patinou em uma poça de lama, espalhando pedras e cascalho enquanto saía do estacionamento — que não passava de uma área com grama rasteira mal demarcada. O motor rugiu quando partiram, e avançaram pela comprida estrada de terra que tinham tomado antes para chegar até lá. Walter estava ao volante, e Amy no banco do passageiro. Os dois permaneciam quietos.

— Sim, é sério — respondeu Michael ao amigo, sem se importar em parecer simpático.

— Como podemos deixá-la para trás? — questionou Bryson. — Não somos nada sem ela.

— Pois é. Os pais dela é que fazem as regras, não nós. E, quando eu saí, ela estava agindo como se também não quisesse vir com a gente.

— Podemos encontrá-la depois — disse Helga. — Não se preocupem. Vamos fazer o que precisamos agora, e depois nos encontraremos com ela quando fizermos a Submersão no Sono.

Michael queria perguntar o que exatamente *precisavam* fazer, mas estava exausto demais para falar. Largou-se no banco, imaginando que as explicações viriam logo mais.

De repente, uma figura surgiu em disparada da mata, correndo do meio das árvores para a estrada. Walter pisou fundo no freio, e o carro deu uma guinada antes de parar, quase atropelando a pessoa. Por menos de um segundo, Michael pensou que fosse uma daquelas meninas estranhas do grupo de Trae. Mas o coração dele deu um pulo quando notou que era Sarah.

— Não pode ser — ele sussurrou. — Não acredito que ela fez isso.

— Sim, ela fez — disse Bryson.

Os dois abriram as portas e correram até ela, com Helga logo atrás deles. Sarah foi direto até Michael e o abraçou com toda a força.

— Desculpa — ela disse. — Tinha que fazer eles pensarem que eu ia ficar.

Michael estava tão surpreso e feliz, que apenas conseguiu

emitir um:

— Tudo bem.

— Logo que saí pela porta dos fundos, fui correndo para a mata; corri até pensar que meu coração fosse explodir. Quase não consegui chegar antes de vocês.

Bryson deu um soquinho de leve no ombro dela.

— Seus pais vão matar você. Sempre foi assim incontrolável?

Helga não parecia contente com aquela situação.

— Sarah, foi uma péssima ideia. Não posso contrariar a decisão dos seus pais. Eles vão me matar também.

Sarah balançou a cabeça em um gesto de total determinação, correu até o banco de trás do carro da frente, entrou e bateu a porta.

— Vou com vocês! — ela gritou pela janela.

— Ao menos diga a eles que tentei impedir — murmurou Helga ao voltar para o carro. — Entrem. Vamos ter que dar uma apertadinha para caber quatro no banco de trás.

4

Michael precisou se esforçar muito para não abrir um sorriso de orelha a orelha enquanto sacolejavam no carro, ao longo da estrada esburacada que os levaria para fora do vale selvagem. O alívio que tinha sentido ao ver Sarah literalmente a seu lado era mais forte do que poderia imaginar. Lembrou-se de quando a Aura dela tinha morrido no Caminho, naquelas cavernas cheias de lava. Depois que ela havia desaparecido, tinha se sentido muito sozinho. Precisava dela, mais do que nunca.

— E aí, qual é o plano? — perguntou Bryson. — Já passou da hora de nos contarem.

— Exatamente o que Michael sugeriu — respondeu Helga, olhando pela janela enquanto conversavam. — Nós, da Aliança, já fizemos praticamente tudo o que podíamos fazer sem ajuda. Agora precisamos de uma reunião com alguma autoridade pública importante, alguém que com sorte não tenha sido dominado. E eu sei o lugar ideal para isso.

Michael tinha duas perguntas, mas Sarah foi mais rápida:

— O que exatamente estão fazendo? — ela perguntou. — A Aliança, quero dizer. Lá atrás, nos alojamentos, era como se não existíssemos para eles.

— Ultimamente eles têm estudado padrões nos Tangentes que Kaine enviou para o mundo — respondeu Helga. — Estão tentando descobrir qual é o objetivo deles. Estão reunindo informações. No Sono, tem gente

trabalhando sem descanso no programa da Doutrina da Morte, tentando desconstruí-lo ou descobrir como revertê-lo. Também têm tentado descobrir como se conectar à Colmeia, ou como os humanos dominados pelos Tangentes se conectam com suas contrapartes no interior da Colmeia — ela soltou um suspiro. — Mas ainda temos um longo caminho pela frente.

Michael fez outra pergunta, mais óbvia:

— E onde vamos achar um figurão do governo?

Saltaram alguns centímetros do assento quando o carro deu um belo de um solavanco em uma vala na estrada. A cabeça de Michael chegou a bater no teto.

— Ei, vai com calma! Assim não chegaremos a tempo ao aeroporto, se nos arremessar dentro de algum buraco — Helga repreendeu Walter.

— Você disse que estava com pressa — grunhiu o motorista.

Estava na cara que ele ainda não tinha perdoado Helga por infligir morte verdadeira a dois Tangentes e dois humanos.

— Aeroporto? — repetiu Sarah. — Achei que este não fosse um momento seguro para voar.

— Não se preocupem; temos um avião particular — respondeu Helga. — Não saí por aí fazendo downloads aleatórios para juntar um grupo para essa guerra, colocando o pessoal para andar com uma mão na frente e outra atrás. Temos contatos.

— Legal — disse Bryson.

— O que está querendo dizer? — quis saber Sarah.

Helga continuou:

— Haverá uma Conferência Mundial em Londres daqui a três dias. Estão chamando de União da Terra, e é para discutir os problemas que mostrei a vocês. Pessoas importantíssimas estarão lá. E presumo que desembarcarão em breve. Vamos até lá virtualmente, de uma pequena embaixada em Washington, onde já estamos bem infiltrados. Estou ansiosa para chegar lá o mais rápido possível para participarmos pessoalmente.

— Deixe-me adivinhar — disse Bryson. — Mais corpos humanos emprestados?

Helga abriu um sorriso sem graça.

— Mas com a mesma promessa que fizemos aos outros: devolvê-los depois — ela estremeceu ligeiramente, e Michael se sentiu mal ao ver que ela carregava tanta culpa. — De qualquer maneira, é uma pequena embaixada, a da Letônia, que vai nos ajudar a manter a discrição. Acho que já temos credenciais suficientes para participar virtualmente da reunião.

Mas não vai ser fácil. Precisamos chegar lá o mais rápido possível e nos preparar.

Continuaram falando por um tempo, mas Michael não prestou mais atenção. Recostou a cabeça no banco e fechou os olhos, tentando dar conta da confusão de seus pensamentos. Tinha voltado a pensar em Gabby. Sentia-se mal por tê-la envolvido naquela história desde o começo, porque ela parecia sincera, além de dar a impressão de gostar muito de Jackson Porter. Era ridiculamente injusto sentir-se tão próximo a alguém e, depois, ver que a mente dessa pessoa tinha sido trocada com a de um estranho. E, do mesmo jeito que havia feito com seus outros amigos, ele a tinha arrastado para aquela bagunça gigantesca. Precisava saber se ela estava bem. Podia ser uma questão de menor importância em meio a tantos problemas, mas era algo que o ajudava a manter o foco, como a Ravina Consagrada. Outro objetivo específico.

Os olhos dele se abriram, esbugalhados.

— Ei, caras — ele disse. Os outros pararam de falar, prestando atenção. — Tenho um pedido, não negociável. Estou falando sério. Tem uma coisa que eu preciso fazer, e, se tiver que dar conta sozinho do recado, vou sozinho.

— Por que não diz logo o que é antes de lançar na nossa cara esse monte de ameaças bobas? — questionou Bryson. — Quando foi a última vez que dissemos não para alguma coisa que você pediu?

— Desculpa — disse Michael, um pouco encabulado. — Estou falando mais para você, Helga. Você não vai gostar disso.

— O que é? — perguntou a babá, as sobrancelhas arqueadas.

Michael desembuchou o que vinha guardando para si:

— Sei que temos coisas muito importantes a fazer, mas precisamos encontrar Gabby e garantir a segurança dela. Levando em conta tudo o que está acontecendo, tenho uma forte sensação de que ela pode não estar muito bem.

5

Algumas horas depois, as montanhas tinham ficado bem para trás, e seguiam pela autoestrada rumo à Atlanta, onde segundo Helga haveria um avião esperando para levá-los à zona norte de Washington, onde ficava a Embaixada da Letônia.

Durante toda a viagem, Michael tinha tentado estabelecer contato com Gabby. Enviara mensagens para ela de vários lugares, mas não havia obtido resposta. O sinal de conexão era fraco ali nas montanhas, e no começo ele

achou que pudesse ser esse o problema. Mas, agora que estavam de volta à civilização, começava a se preocupar. Não parava de pensar naquele policial batendo nela com o cassetete. Se ela estivesse morta...

Mal conhecia a menina. Mas se sentia em dívida com Jackson Porter. Já era bem ruim ter roubado o corpo dele. Se por sua causa a namorada de Jackson morresse, Michael não saberia como lidar com a culpa.

— Mais alguém está com fome? — perguntou Bryson.

Ninguém havia falado durante a última hora e, de repente, Michael saiu de seus devaneios sombrios. Já tinha largado sua NetScreen, e dava-se conta agora de que estava com fome.

— Eu estou — respondeu Sarah.

Michael assentiu também, calado.

— Encontre um restaurante pra gente — disse Helga a Walter, no banco da frente. — De preferência um com frango frito.

Michael riu, a risada mais sem motivo que já tinha escapado de sua boca. Talvez estivesse enlouquecendo por causa do estresse.

— Você tem algo contra frango frito? — perguntou-lhe Helga.

— Não mesmo. Só estou num clima esquisito.

Sarah deu um apertão em sua perna, depois pegou sua mão.

— Nada que um prato cheio de comida mortalmente gordurosa não possa curar.

6

Michael estava do lado de fora do restaurante, respirando profundamente para acalmar os nervos, enquanto esperava os outros saírem para usar o banheiro. Tinha trocado pouquíssimas palavras enquanto estavam na mesa. Por fim, o frango fora uma ótima escolha; era ele que estava em um turbilhão mental, pensando em Gabby, em Kaine, no SSV, e em como ele e os amigos podiam agir efetivamente para mudar algo naquela Conferência Mundial. Michael daria qualquer coisa para poder desligar seu cérebro por um tempo.

Um carro passava ao lado dele no estacionamento, um desses modelos novos com apenas três rodas. Já estava quase indo embora quando o motorista pisou fundo no freio, e a parte de trás deu uma guinada, parando bem perto dele. Michael deu um passo para trás, nervoso. Havia três pessoas ali dentro, mas, com o sol refletindo nos vidros, não conseguia enxergá-las direito.

O carro ficou ali, com o motor ainda ligado, em um gemido agudo de eletricidade. Michael voltou ao restaurante para ver se algum dos amigos já

estava de saída, mas não havia sinal deles. A fila do banheiro estava comprida, aquele era um lugar bastante frequentado por viajantes, e tinham chegado bem na hora do almoço. Olhou de novo para o carro; nenhuma novidade.

Michael tentava não ficar olhando toda hora, mas a cada segundo achava aquela situação mais esquisita. Será que o motorista estava tendo um ataque cardíaco ou algo assim? Quem sabe não havia exagerado nas coxas de frango ensopadas de óleo?

As outras duas pessoas no carro também não se mexiam. Estariam bem? A cabeça dos três era uma sombra disforme, totalmente imóvel atrás dos vidros cintilantes.

Quase deu um pulo para trás quando as três janelas começaram a descer. Um homem estava no banco do motorista, jovem e saudável, e havia duas mulheres no banco de trás. Pareciam ter a mesma idade do motorista, uma loira e outra morena. Os três ficaram olhando para Michael, sem expressão definida, mas com os olhos grudados nele.

Michael não sabia o que fazer. Um arrepio percorreu sua espinha, e não pôde controlar um estremecimento. Deu uma olhada por cima do ombro, para checar se poderiam estar olhando para outra coisa, mas não havia nada que chamasse a atenção ali, apenas um restaurante comum. Voltou a olhar para o carro. Os passageiros apenas o observavam, calados.

A porta do restaurante se abriu, e Bryson e Sarah saíram, rindo de alguma coisa. Michael os viu pelo canto do olho, e se sentiu constrangido, como se tivesse sido pego fazendo algo errado.

— Cara — disse Bryson, dando uma palmada nas costas de Michael —, um sujeito lá dentro teve um grave desentendimento com o frango frito dele. Ele ficou no banheiro por mais de dez minutos. E olha que já vi banheiros químicos mais cheirosos do que este.

Sarah riu de novo, e o som fez com que Michael se sentisse melhor. Mais seguro, na verdade.

— Tudo bem com você? — ela perguntou. Assim que as palavras saíram de sua boca, ela notou o que havia capturado a atenção dele. — O que está acontecendo? — ela sussurrou.

— Quem são eles? — quis saber Bryson.

O carro continuava ali, as janelas abertas, as três pessoas olhando para Michael, sem se moverem.

— Não faço a mínima ideia — ele respondeu.

Mas ele sabia.

Sarah o envolveu com um dos braços, como se estivesse tentando

protegê-lo.

— Devem ser Tangentes que pensam que você é famoso.

O Primeiro — ela disse, como se fosse uma maldição. — Nada para se preocupar.

Michael balançou a cabeça e então encontrou uma centelha de coragem. Deu um passo adiante, em direção ao carro. O movimento pareceu acordar os estranhos do estado hipnótico em que estavam, e, quando os vidros começaram a subir, Michael percebeu uma fagulha de terror nos olhos do motorista, antes que o vidro os isolasse.

— Ei! — ele gritou. — Quem são vocês? O que querem?

O ronco do motor aumentou, e o carro se pôs em movimento, os pneus cantando com a manobra. Várias buzinas berraram na estrada quando o carro se misturou ao trânsito, para desaparecer em seguida.

Gabby finalmente respondeu.

Michael teve notícias dela quando estavam a poucos minutos do aeroporto. Ficou em silêncio, pensando naquelas pessoas estranhas que o haviam encarado do carro. Não tinha dúvida de que eram Tangentes, mas uma parte dele torcia para que fosse um acontecimento qualquer sem muito sentido, em vez de um prenúncio de coisas piores.

Quando Helga anunciou que estavam quase chegando, Michael decidiu checar sua NetScreen uma última vez para ver se Gabby havia respondido a alguma de suas muitas mensagens. Assim que a tela acendeu, ele viu que sim. E a resposta dela era curta e simples:

Jackson. Michael. Seja lá quem for. Eles me perseguiram, mas consegui escapar. Estou na fazenda dos meus avós, no sul de Atlanta. Agora estou em segurança. Mas estou sozinha e assustada. Deixo um mapa com as coordenadas caso queira me visitar e conversar. Se não quiser, eu entendo.

Michael se endireitou no assento do veículo. Os outros perceberam logo de cara que tinha algo errado.

Sarah já foi lendo por cima do ombro dele.

— Ah, caramba — sussurrou. O tom de voz deixou claro que Gabby não estava no topo da lista de prioridades dela. — Bem, pelo menos ela disse que está em segurança.

— Precisamos ir lá buscá-la — disse Michael. — Alguém a perseguiu! Eu sabia que tinha algo errado com aquele policial, com o jeito com que ele foi direto para cima dela. Seja lá quem armou essa cilada contra nós, não contava com o envolvimento da namorada de Jackson Porter e quer tirá-la de cena. A culpa é minha — ele se recostou no assento e soltou um suspiro angustiado. — Ela merece ficar com a gente e ter a proteção da Aliança.

— Michael — começou Helga, e ele sabia exatamente o que ela iria dizer.

— Eu sei — ele respondeu, interrompendo-a. — A Conferência Mundial. Mas vai ser daqui a três dias. Preste atenção: essa fazenda de Gabby fica a apenas algumas horas do aeroporto. Ela está em Atlanta, afinal de contas — ele apontou para a tela, puxando as coordenadas do mapa. — Se formos rápidos, podemos ir até lá e convencê-la a vir conosco.

Bryson se inclinou por cima de Sarah para dar uma espiada.

— Querem apostar que foi a agente Weber quem mandou importunar

essa pobre garota? As digitais do SSV estão por toda parte. Um dia desses, precisamos trancar a agente Weber em uma sala com alguns bons aparelhos de tortura. Estou pronto para ter um comportamento inteiramente medieval com ela.

— Não podemos ir, Michael — disse Helga. — Não podemos nos arriscar a perder tempo com uma pessoa só, quando o mundo inteiro está à beira de um colapso. Precisamos nos infiltrar nessa Conferência e descobrir um jeito de fazer com que nos ouçam.

Michael desligou a NetScreen e esfregou os olhos.

— Ela merece estar com a gente, em vez de ficar sozinha.

— Nós a buscaremos quando voltarmos de Washington.

— Não! — gritou Michael, surpreendendo até a si mesmo. — Você não entendeu. Eu roubei o corpo de Jackson Porter! Os pais dele devem estar loucos de preocupação. Depois fiz a namorada dele nos ajudar a entrar na central do SSV, e ela deve ter sofrido uma fratura craniana por nossa causa. Agora ela está sozinha, escondida e assustada em alguma fazenda. Preciso ajudá-la!

Sarah estava recostada nele, a mão em sua perna, mas se afastou e cruzou os braços. Estaria com ciúme? Esse pensamento o fez querer socar o teto do carro. Nada poderia soar mais estúpido.

Ninguém fez nenhum comentário ao acesso de raiva de Michael.

— Escutem — disse Michael, forçando-se a falar com mais calma. — Temos armas. Temos três carros cheios de gente. Um pequeno desvio no caminho não vai nos fazer mal.

Helga apenas suspirou e balançou a cabeça.

— Eu estou com Michael — disse Bryson. — Ajudar Gabby vai ser uma boa ação. Além disso, ela pode ter descoberto alguma coisa que nos interesse. Ainda não sabemos o que está havendo, e precisamos de respostas. Qual o sentido de nos infiltrarmos em uma conferência e dizer: “E aí, galera! Os Tangentes estão dominando seus parceiros!”? Eles vão olhar para nós e dizer: “Dã”.

Michael quis abraçar Bryson, por pior que tivesse sido sua imitação de sotaque britânico.

— Ela é um ser humano. Devemos isso a ela.

Helga não queria ceder:

— Um ser humano. Existem oito bilhões deles no planeta.

Temos que estabelecer prioridades.

Michael precisou de toda a sua força de vontade para manter o

temperamento sob controle:

— Está bem, então vamos nos dividir. Um ou dois de vocês podem vir comigo. O resto vai para Washington. E eu os encontro lá quando terminar.

Helga olhou para Michael, o semblante contraído, como se ele tivesse lhe dado um tapa. Michael sabia que fora uma grande cartada. Helga jamais o deixaria resgatar Gabby sem ela.

— Vamos, Helga — ele disse. — Sou apenas um humano. Mais ou menos. Deixe eu me arriscar, e vocês vão lá salvar os outros bilhões.

Michael recusava-se a desistir. Iria buscar Gabby, ponto-final.

— E se for uma armadilha? — ela perguntou em um último esforço. — Como saberemos se é ela mesmo?

— Boto fé no meu charme.

— Hein?

Michael suspirou.

— Você está certa, pode ser uma armadilha. E é por isso que é bom termos três carros cheios de gente e armas. Ou... como eu disse, podemos nos dividir, para não correremos o risco de vocês perderem essa Conferência Mundial tão importante.

Helga balançou lentamente a cabeça em uma negativa. Havia derrota e raiva em seu olhar.

— Sinto falta dos dias em que você era pequeno e eu podia mandá-lo para o quarto sem jantar — ela se inclinou sobre o banco da frente e deu um tapinha no ombro de Walter. — Não entre no acesso para o aeroporto — olhou para Michael com um ar de reprovação. — Seguiremos nesta estrada por um tempo, sentido sul.

2

Deixaram a cidade e pegaram uma longa planície. Os campos se espalhavam em direção ao horizonte, interrompidos apenas pelas linhas angulares dos celeiros e das fazendas, com as torres curvas dos silos apontando para o céu como torres de castelos. Michael não reconheceu a maior parte das plantações por ali, mas as majestosas fileiras do milharal deixaram-no sem fôlego. Perguntava-se o que estaria escondido atrás da palha.

Helga servia como navegadora oficial, passando diretrizes a Walter. Em certo momento, as coordenadas de Gabby os conduziram a uma estrada de terra que cortava um campo de milho pelo meio. Walter entrou por esse caminho, levantando nuvens de poeira atrás do carro. Michael ficou feliz pelo veículo deles estar na frente, assim podia ver com clareza aonde

estavam indo. Dirigiram por mais de um quilômetro, até chegarem a uma clareira — um terreno vasto de grama amarelada, com celeiros de aspecto envelhecido e uma casa de fazenda enorme. Um carro solitário — um modelo *hatch* compacto e vermelho — estava estacionado perto da varanda.

— Pare! — ordenou Helga.

Walter pisou fundo no freio, arremessando todo mundo contra os cintos. Michael ouviu os outros dois carros deslizarem e pararem atrás deles.

— Pensei que ainda faltassem alguns quilômetros — disse Walter, a voz tensa.

— Deve ser aqui — respondeu Helga, olhando para as coordenadas que Michael tinha lhe passado. — As imagens de satélite não mostram nenhuma outra casa por pelo menos quinze quilômetros.

Sarah se inclinou sobre Michael para ver as imagens. Havia ficado quieta a viagem toda, o que o levava a se perguntar mais uma vez se ela não estaria com ciúme. A verdade era que ele não tinha nenhum interesse romântico em Gabby. Tudo o que queria era compensar pelo menos um dos estragos que havia feito.

— Lugares no meio do nada como este nem sempre aparecem com muita precisão no GPS — disse Sarah. — Se for aqui, pelo menos sabemos que não tem nenhum exército nos esperando.

Estamos em vantagem: três carros contra um.

Havia dito mais palavras naquele instante do que nas últimas duas horas. Michael gostou de saber que ela estava otimista.

— Quase queria que estivéssemos cercados de soldados ou policiais, ou capangas com pistolas — disse Bryson. — Ao menos saberíamos logo com o que estamos lidando. Este lugar está me dando arrepios.

Ele detonou com o otimismo, pensou Michael. Esperava que *não* tivessem desperdiçado à toa o tempo que a Aliança não tinha de sobra. E aquele lugar era mesmo um pouco assustador.

— Eu não sei se ia preferir isso, não — respondeu Sarah a Bryson, carregando no sarcasmo. — Voto *contra* estar cercada de gente querendo nos matar. Mas esse é apenas o meu voto...

— Só tem um carro — disse Michael. — E é uma fazenda no meio do nada.

Helga abriu a porta do carro.

— Ainda não me sinto em segurança. Pode haver uma base militar completa escondida no subsolo.

Michael adorava Helga. De coração.

— Cada um de vocês, peguem uma arma — ela instruiu. — Vamos verificar de perto.

3

A grama amarelada estalava sob os pés de Michael a cada passo. Desta vez, ele levava uma semiautomática totalmente carregada. Segurava-a com tanta experiência quanto qualquer atirador de elite. Parecia sua segunda natureza, depois de todos aqueles anos de jogos. Não se importava com toda aquela precaução, mas esperava que ninguém agisse no susto e atirasse em Gabby por acidente.

Foi observando a casa enquanto se aproximavam lentamente. Parte dele esperava que uma janela explodisse a qualquer momento, com rajada de balas caindo para cima deles. Mas nada se movia, nem mesmo as cortinas esfarrapadas que tinha avistado através dos vidros sujos.

A casa já vira dias melhores, não havia dúvida.

Alta e larga, com um campanário e cumeeiras no telhado escuro, tinha uma varanda em todo o entorno, o que fazia Michael pensar em um jogo de que gostava, que se passava em uma plantação. Fazia com que se lembrasse também de chá gelado e cadeiras de balanço. Mas a varanda estava vazia, e a casa era bem mais velha que a do jogo. Faltavam telhas no telhado, e a pintura estava desbotada. Nos poucos lugares em que não estava descascando, a tinta havia ganhado um tom amarelado. O único sinal de vida era que a grama ressecada sobre a qual andavam parecia ter sido aparada recentemente.

Michael e seu grupo pararam a poucos metros dos degraus para a varanda, esperando até que os Tangentes dos outros dois carros se aproximassem deles.

— Walter — coordenou Helga —, você e eu, porta da frente. Amy, você e Chris, deem a volta. Tony e DeeAnn, olhem as janelas nas laterais da casa. Michael, você e seus amigos fiquem vigiando as janelas do segundo andar, as cumeeiras. Gritem se virem uma mosca se mexendo.

Michael sabia que ela queria protegê-lo, mas não era hora de discussões. Não estava achando ruim ficar na retaguarda. Afinal, não era um jogo. Tudo o que esperava era estarem de volta à estrada dentro de poucos minutos, com Gabby a bordo.

— Está bem — ele disse, mas Helga e os outros já se moviam, como soldados treinados.

Helga e Walter logo estavam nos degraus rangentes da varanda, cada um

posicionado de um lado da porta da frente. Ambos se entreolharam, então Helga pôs a mão na maçaneta e a virou.

A porta se abriu com um gemido de casa mal-assombrada.

Ela e Walter entraram.

4

Um minuto se passou. Dois. Michael permaneceu retendo o fôlego, esforçando-se para ouvir o que acontecia. Nada se movia atrás das janelas que tinha ficado encarregado de vigiar, e notou que Sarah e Bryson pareciam tão inquietos quanto ele.

— Não tem ninguém ali — ele sussurrou. Quase abaixou a arma e relaxou, mas não seria tão estúpido. — Viemos de tão longe para...

— Michael!

Helga. Tinha gritado o nome dele lá de dentro. Tudo mais se desvaneceu em sua mente, e ele se pôs em movimento, correndo em direção aos degraus, disparando pela porta aberta. A entrada da casa estava vazia, assim como as duas salas que conseguia ver, uma ao lado da outra, repletas de móveis de madeira, antiguidades e quadros tortos nas paredes. Aquele lugar parecia ter saído de um filme antigo, sem o menor sinal de algo parecido com uma simples WallScreen.

— Onde você está? — ele gritou, e Bryson e Sarah também atravessaram correndo a porta, aparecendo do seu lado.

— Aqui em cima! Rápido!

Uma escadaria se erguia pelo lado direito da entrada. Michael seguiu nessa direção, subindo dois degraus por vez. A respiração dele estava entrecortada, mais pela adrenalina do que pelo esforço, quando chegou ao topo. Viu de relance o ombro de Walter no quarto mais próximo e correu para lá. Deteve-se e deu um passo para dentro.

Uma cena estranha e assustadora o aguardava. Uma cadeira se encontrava do lado oposto do quarto, entre a janela com cortina e um guarda-roupa grande. Gabby estava sentada ali, as mãos amarradas nas costas e uma mordaça na boca. Estava toda descabelada, com o rosto vermelho, e tinha as roupas encharcadas de suor. Ela tentava falar através da mordaça — algo horripilante de se ver.

E o olhar dela... Encarava Michael, implorando ajuda com os olhos.

Ele fez menção de se aproximar dela, mas Helga rapidamente se postou na frente dele, bloqueando a passagem.

— Não — ela disse. — Ainda não — voltou-se para Gabby.

A namorada de Jackson ainda tinha os olhos fixos em Michael.

— Ao menos tire a mordaça dela — ele disse. — Ela está tentando dizer alguma coisa.

Helga deu um suspiro, olhando para Walter. Ela arqueou as sobrancelhas.

— Não custa nada tirar a mordaça — disse Sarah, passando por todos e dirigindo-se até onde estava Gabby.

— Espere! — gritou Michael, imaginando que pudesse ser uma armadilha.

Mas nada aconteceu.

Sarah foi para trás de Gabby, afrouxou o nó da mordaça e a soltou, deixando o pano cair no pescoço da menina.

Gabby respirou bem fundo.

— Obrigada — ela sussurrou com voz rouca. — Não se preocupem; ninguém vai machucar vocês. Eles prometeram.

— Como assim? — questionou Michael. — De quem você está falando?

— Escute — ela respirou fundo mais algumas vezes, depois olhou ao redor. — Tem alguém aqui, alguém que quer falar com você. Eles me usaram para que você viesse. Me forçaram a enviar aquela mensagem.

— Do que você está falando? — quis saber Helga, antes mesmo de Michael conseguir abrir a boca.

— Chega dessa brincadeira! — gritou Walter. — Vamos embora. Agora!

Gabby balançou a cabeça em uma vigorosa negativa.

— Não! Façam o que quiserem, menos isso. Deixaram vocês entrar, mas não vão permitir que saiam sem escutar o que têm a dizer.

— Quem? — perguntou Michael.

— Espere. Ele está vindo. É como eu falei: ele me prometeu que ninguém se machucaria, a menos que tentassem machucá-lo.

De repente, um rugido profundo e ressonante preencheu a sala. Parecia que uma máquina enorme tinha sido acionada, ribombando ruídos de seu funcionamento por toda parte ao mesmo tempo. Escutaram um gemido de doer os ouvidos e um som áspero de motor. Então, tão repentinamente quanto havia começado, o barulho cessou.

Michael estava petrificado, perguntando-se o que estaria para acontecer. Então um movimento à direita de Gabby atraiu seu olhar. As portas do guarda-roupa se abriram, e luzes brilhantes apareceram lá dentro, como se fosse um portal para Nárnia.

E de lá surgiu um homem. Baixo, vestido em um terno.

O agente Scott.

Ele fechou as portas e olhou fixamente para Michael. Surpreso, Michael

não acreditava que ainda se lembrava do nome daquele sujeito...

5

Porém, Michael não ficou tão surpreso ao ver o SSV surgir de novo em sua vida. Mesmo assim, sentia-se um tanto desorientado com a velocidade dos acontecimentos.

Menos surpreendente ainda, foi Bryson quem primeiro abriu a boca:

— Quem é esse aí? Está na cara que conhece ele, Michael.

— Eu o conheci quando... — Michael se enrolou um pouco. — Bom, faz um tempo. No Lifeblood Deep. Ele trabalha para a Weber. E me seguiu em um beco um milhão de anos atrás. Gente, apresento a vocês o agente Scott.

— Que pelo jeito gosta de brincar de se esconder no armário — acrescentou Bryson.

Scott não se deu sequer o trabalho de lhe lançar um olhar desaprovador. Os olhos dele se fixaram em Michael, inexpressivos, mas Michael não tinha dúvida de que havia um milhão de verdades desagradáveis por trás do olhar daquele homem. Michael se lembrou de que ele representava tudo o que Weber defendia.

— Posso saber por que você saiu de um guarda-roupa? — perguntou Michael, dando-se conta do quanto aquilo era surreal.

O agente Scott se virou e deu uma boa olhada nas portas fechadas, depois virou-se mais uma vez para Michael.

— Bom, desculpa pela entrada triunfal. Temos um esconderijo secreto sob esta fazenda. É um lugar onde acreditamos que ninguém viria nos procurar. O guarda-roupa é apenas uma das passagens de entrada e saída.

O coração de Michael batia pesadamente, a adrenalina correndo pelo seu corpo. Helga estava certa. Tentou controlar a mente para fazer perguntas coerentes e manter a conversa sob controle.

— Pensei que o sistema de vocês estivesse desativado — ele disse. — Achei que ficariam destruídos por meses. Vimos sua líder fazendo aquela... confissão comovente.

Scott parecia genuinamente contente pelo rumo que a conversa havia tomado.

— Por isso estamos aqui, Michael — ele disse. — *Estamos* destruídos. É bem séria a situação. E, como foram vocês que causaram a destruição, gostaria que soubessem disso.

Michael sentiu que Bryson começava a se irritar, mas o conteve antes que avançasse sobre o agente, segurando seu pulso e balançando a cabeça em uma negativa:

— Ele está tentando nos provocar — disse ao amigo. — Ou talvez estejam gravando nossas reações. Não caia nessa. Precisamos obter respostas; concentre-se nisso.

Bryson se desvencilhou da mão do amigo, mas não disse nada. Quanto a Michael, jurou que não sairia daquela fazenda até tirar alguma informação do subordinado de Weber.

Ele voltou sua atenção para o agente do SSV:

— Por que sua chefe fez aquilo? Para que aquela cena toda? Por que nos enganou, fazendo-nos pensar que seríamos Espremidos para os Lifeblood Deep? E ainda teve a história do Código Lance. Na verdade, o que quero dizer é: não tinha um jeito mais simples de conseguir toda essa destruição?

— O oceano roxo de código corrompido também é responsabilidade de vocês? — perguntou Sarah.

Enquanto ela falava, o agente Scott nem se dignou a olhá-la. Os olhos dele continuavam fixos em Michael.

— Não sei do que estão falando — o homem disse em um tom calmo. — *Vocês* vieram até *nós*, lembrem-se? Foram *vocês* que decidiram aonde ir, onde atacar e como fazer. *Vocês* é que *nos* enganaram.

Por que nós do SSV iríamos, voluntariamente, ajudá-los a derrubar toda a nossa rede de segurança? Não faz sentido.

Michael exagerou ao soltar um suspiro.

— Deixa pra lá. Se você precisa dizer tudo isso para deixar gravado e salvar a reputação de Weber, ótimo. Se quiser nos prender, vá em frente. Mas, provavelmente, não ficará nada bem para você quando contarmos nosso lado da história, e menos ainda quando compartilharmos fotos da minha amiga aqui toda amarrada, como se fosse vítima de algum *serial killer*. Só queremos sair daqui com ela. Deixa a gente desamarrar Gabby, e daremos o fora daqui. Você pode voltar a fingir seja lá o que quiser com os seus colegas.

O agente Scott deu alguns passos para perto de Gabby, até se postar atrás dela. Deslizou uma das mãos sobre o cabelo da menina. Michael estremeceu.

— É tanta coisa que não entendem... — disse o agente. — E tem um monte de gente por aí querendo ver vocês presos ou mortos. As regras do mundo estão mudando, Michael. Acho que já sabe disso.

Os olhos de Scott se moveram com agilidade, por cima dos ombros de Michael. Parecia estar dando um sinal a alguém. Michael olhou para trás, mas estavam sozinhos.

— Vamos tentar negociar — continuou Scott. — Podemos liberá-los.

Estou lhes oferecendo uma oportunidade aqui. A todos vocês. Um caminho está sendo traçado. Confiem em mim: vão querer estar do lado do SSV.

Michael balançou lentamente a cabeça.

— Isto é triste. Não ficaria surpreso se você dissesse que um Tangente assumiu o corpo de Weber. Ou talvez até o de Kaine.

Scott olhou para ele com um ar de interrogação, como se houvesse ficado genuinamente surpreso.

— É isso que acha que aconteceu? Você acha que a agente Weber foi dominada por um Tangente, Michael?

Michael se voltou para Sarah, depois para Bryson, olhando em seguida para Walter e Helga pela porta do corredor. Todos eles deram de ombros, cada um a seu modo. Michael olhou de novo para Scott.

— Chega de papo furado — disse. — Não vamos deixar o mundo ser possuído por um monte de programas codificados. E Gabby vem comigo. Pode nos prender se quiser, mas o assunto está encerrado.

— Espere! — ganiu Scott quando Michael avançou um passo em direção a Gabby.

A voz dele soou tão alta e penetrante que Michael congelou.

— Por favor — ele pediu. — Apenas... me escute. Ou... ela vai ficar muito triste. Por favor — a confiança do homem parecia ter desaparecido.

Michael o encarou, esperando para ouvir o que tinha a dizer.

— Kaine está tentando fazê-lo ficar contra o SSV — ele disse. — Ele vem agindo fora do combinado. Quero dizer... ele nunca deveria fazer o que está fazendo. Kaine está destruindo tudo! — ele berrou essa última parte, perdendo por completo a compostura. Era estranho vê-lo agindo assim. Então, o agente Scott sussurrou, o olhar perdido na paisagem além da janela: — Kaine falhou conosco.

O quarto era só silêncio.

6

— O que há de errado com você? — Sarah enfim perguntou, aproximando-se de Michael. — Pare com esses enigmas e conte logo o que está acontecendo.

Os olhos do Scott reencontraram o foco, fixando-se em Sarah.

— Estou falando com Michael!

Michael deu um passo para trás, completamente espantado. Por mais que fosse bem capaz de aquele homem ter sido dominado pela Doutrina da Morte, era chocante ver aquele agente falando como uma criança nervosa.

— Já chega — disse Helga. Ergueu a arma e apontou para o agente Scott.

Walter imitou seu gesto. — Vamos pegar a garota e dar o fora daqui.

— Não, não vão — respondeu Scott. — Vocês têm três segundos para abaixarem as armas, ou todos vão morrer. Aqui e agora. Todos, exceto Michael. Weber precisa dele.

— Precisa de mim? Como assim? — indagou Michael. A situação ali se deteriorava rapidamente, assim como a paciência de Michael. — Por que ela precisa de mim? Por que está sempre atrás de mim? Não entendo! Ela armou contra a gente.

— Um — disse Scott. Apontou para Helga. — Dois.

— Abaixem as armas! — berrou Michael.

— Eu disse que já chega — sua babá respondeu.

— Abaixem... abaixem, só por um segundo — pediu Michael. Helga cedeu, embora não parecesse nada feliz em obedecer.

Michael então voltou sua atenção para o agente: — Deixa a gente ir embora. Se pensa mesmo que Kaine... é um vilão, tudo bem. Estamos do mesmo lado — o esforço para suavizar aquela tensão pareceu completamente inútil.

Os olhos de Scott brilharam com um toque de loucura.

— Achávamos que poderíamos dar conta de tudo — ele disse, olhando para todo canto e, ao mesmo tempo, para lugar nenhum. — Mas já era tarde. Não importa o que Kaine fez ou esteja fazendo. Temos que manter o foco e enxergar mais longe.

— Ótimo! — gritou Michael. — Faça o que precisa ser feito, mas deixe a gente ir!

— Não dê ouvidos a ele — disse Scott, como se não tivesse ouvido Michael. — Não ouça nem uma palavra do que Kaine diz. Ele não está... ele não está...

— Isso tudo é uma palhaçada — disse Sarah.

Afastou Michael do caminho para ir até o agente Scott, que estava atrás de Gabby. Ela chegou bem perto e deu um empurrão no peito de Scott, fazendo-o cambalear alguns passos para trás. Depois começou a manusear as cordas que prendiam Gabby à velha cadeira de madeira.

— Pare! — Scott gritou para ela.

Michael olhou para ele, sem saber ao certo o que fazer.

— É melhor não mexer com ele — Gabby sussurrou para Sarah, enquanto ela afrouxava alguns nós apertados. Uma ponta da corda caiu no chão fazendo um ruído. — Ele é um cara instável, e todas as pessoas sob o comando dele são perigosas.

Michael recuperou a coragem e apressou-se em ajudar Sarah. Ajoelhou-se e passou a soltar os nós dos tornozelos de Gabby.

— Não podem fazer isso — disse Scott, a pouco mais de um metro de distância. — Falei para pararem. Michael, pare. Você é o Primeiro, e Weber precisa de sua ajuda; precisa entender o plano. Eu não sou um Tangente, nem ela! Somos os mesmos que sempre fomos. Podemos dar um fim nessa confusão toda. Mas tem que... você tem que obedecê-la!

Michael o ignorou, recusando-se a processar uma única palavra do que ele tinha dito. Enfim, soltou um nó mais resistente, liberando por completo as pernas de Gabby. E então o mundo ao redor entrou em erupção.

O baque de um ruído assustador sacudiu o quarto, como em uma explosão. Os ouvidos de Michael apitaram, e ele caiu de costas no chão. Olhou para o alto, observando as vigas de madeira ao longo do teto, e depois para o agente Scott, que estava com uma arma na mão. Nesse instante, alguém gritou. Michael ouviu, mas não soube precisar quem. Percorreu o quarto com os olhos, até deparar com Sarah. Ela havia dado vários passos para longe da cadeira onde Gabby continuava sentada, mas agora livre das cordas.

As mãos de Sarah cobriam seu peito.

A camiseta dela estava vermelha.

E ia se avermelhando cada vez mais.

O sangue encharcava o espaço entre seus dedos, escorrendo e pingando no chão. Uma mancha escarlate se espalhou pela sua camiseta. Mas ela continuava em silêncio, como se aquilo não doesse nada, olhando para si mesma sem poder acreditar.

Por fim, ela retribuiu o olhar de Michael, que continuava estatelado no chão em estado de choque, e a tristeza percorreu seu rosto quando ela caiu de joelhos.

— Sarah! — urrou Michael. Ele se arrastou, tentando pôr braços e pernas para trabalhar, procurando chegar até ela. Agora, estava perto. — Sarah, Sarah, Sarah — murmurou, enquanto tocava gentilmente seus ombros e olhava para o peito ensanguentado, como se houvesse uma chance de descobrir como salvá-la. — Sarah — ele disse mais uma vez.

Ela o fitou profundamente.

— Eu te amo — sussurrou. — De todo o coração.

Michael começou a tremer.

Sem que percebesse, Helga estava a seu lado. Ela praticamente mergulhou nele, como uma ave de rapina teria feito, e o afastou de Sarah, lidando com o peso de seu corpo como se ele fosse um saco de compras.

— Leve Michael — ela gritou. — Walter, leve-o, tire-o daqui!

— O quê? — disse Michael, confuso. — O que você...?

— Tire-o daqui ou não vai funcionar — vociferou Helga. — Só tenho uma chance. Bryson, você também. Todos vocês. Fora daqui!

Walter correu, agarrando o garoto pelo braço, e começou a arrastá-lo. Michael tentou resistir, mas aquele homem era muito forte. Michael sentiu então uma escuridão súbita tomando conta de si, bloqueando toda a luz. Seu campo de visão transformou-se em sombras. Parecia ter um punho fechado sobre o coração, apertando-o sem trégua e lhe causando dor. Bryson estava a seu lado, o olhar percorrendo o espaço ao redor, estupidificado e pálido.

— Sarah! — berrou Michael, incapaz de fazer qualquer outra coisa. Não podia ser real. Não podia ser. — Weber! — gritou, imprimindo toda sua fúria naquele nome. — Weber!

Mas ela não estava ali, apenas o agente Scott. O homem mantinha-se no mesmo lugar de antes, a arma ainda na mão, mas apontada para o chão. O rosto dele estava branco, mas seu olhar era frio. Ele se virou para Michael.

— Você devia ter ouvido a agente Weber — ele disse. — Devia ter ouvido! Que a morte desta garota lhe sirva de lição!

— Vou matar você, seu desgraçado...

Walter o arrastou para fora do quarto, até o corredor. Bryson foi junto, espantado e mudo. Gabby também estava com eles.

— Dê uma chance a ela, rapaz — sussurrou Walter para ele. — Ela conhece alguns truques a mais que você.

Para Michael não fazia diferença se fora Scott quem puxara o gatilho. A agente Weber matara sua melhor amiga.

A última coisa que ele viu foi Helga, debruçada sobre o corpo sem vida de Sarah.

Como o mundo poderia continuar a girar? Era essa a pergunta que Michael não parava de se fazer nas horas seguintes. O carro deles corria pela estrada, com os outros dois logo atrás. O interior do veículo estava silencioso, exceto pelo ruído do motor e pelos solavancos do carro na estrada irregular. Gabby estava sentada no meio, na frente, entre Amy e Walter, que dirigia como se fossem uma família em férias, em vez de estarem fugindo de uma cena de assassinato. Michael havia insistido para que Gabby se sentasse ali, recusando-se a deixar que ela assumisse o lugar que tinha sido de Sarah. Seria errado. Tudo no mundo estava errado.

O coração de Michael estava mais apertado do que era capaz de suportar. Recostou a cabeça no banco, os olhos fechados para que ninguém falasse com ele. As inúmeras perguntas que tinha ficariam para depois. Perguntas que pediam respostas e o enchiam de ódio e fúria. Gabby tinha sido forçada a enganá-los, ou fazia parte daquela armadilha? E por que Helga havia agido de maneira tão estranha?

Deixou as questões pendentes, por enquanto.

Sarah tinha dito que o amava. Logo ele, um Tangente.

Era sua melhor amiga.

E ele a vira morrer duas vezes. Claro que, quando jogavam, tinham sido muitas outras vezes, mas naquele dia no Caminho, nas cavernas de lava, havia parecido real.

E desta vez tinha sido real.

Sarah estava morta.

Morta.

Baleada, assassinada, por um homem que supostamente devia trabalhar em prol do bem. Fazia parte de um grupo no qual o mundo deveria confiar. No entanto, Weber fora a responsável por aquilo. Ela tinha arrastado Sarah para o caos de Kaine e a Doutrina da Morte.

Sarah estava morta.

Com olhos abertos ou fechados, tudo o que via era ela. As mãos cheias de sangue, pressionando o peito. Seu olhar. Choque. Traição. Tudo uma louca aventura infantil. O que tinha visto em seus olhos, mais que qualquer outra coisa, havia sido isto: *Michael, não quero morrer. Por favor, não me deixe morrer.*

Ela tinha dito duas vezes que o amava. A primeira vez fora naquela manhã mesmo. Sabia que ela estava sendo sincera. Era o amor de uma

amizade pura, algo que um dia poderia florescer e resultar em algo maior, eterno, poderoso. Ele a amava também. Ele a amava demais.

Michael balançou a cabeça em um movimento silencioso, enquanto as lágrimas eram espremidas sob suas pálpebras fechadas, trilhando o caminho pelo seu rosto.

2

E foi assim durante horas. Michael estava em choque, estarecido demais para ter raiva e deprimido demais para falar. Não tinha ideia do que fazer a seguir.

Então, apenas deixou-se ir, às cegas, durante horas.

Assim viajaram pela estrada.

Chegaram a um aeroporto. Atravessaram apressadamente uma entrada restrita.

Foram a um pequeno hangar, onde um avião os aguardava.

Havia outro homem e mais uma mulher. Os rostos eram tão indiferentes para ele quanto qualquer outro. Seguiu os amigos degraus acima, até o avião. Sentou-se. Apertou o cinto.

O avião saiu do hangar e, em algum momento, decolou.

Michael se inclinou à janela, as bochechas ainda suadas, os olhos ardendo. Observava enquanto a superfície lá embaixo sumia, com árvores, montanhas sem fim, prédios e ruas se encolhendo. E, logo depois, a escuridão trouxe o mundo.

Voaram durante várias horas, em um trajeto serpenteante, até Washington. Helga explicou que precisavam reunir mais homens e que iriam aproveitar a oportunidade para despistar inimigos pelo ar. Ela tentou falar com Michael várias vezes, mas ele fingia estar dormindo.

Em algum momento, em uma redentora fuga da dor, Michael chegou de fato a cair no sono, enquanto voava para uma escuridão ainda mais profunda, onde sonho nenhum o aguardava.

3

Foi Helga quem o acordou. Ela estava sentada ao lado dele quando Michael abriu os olhos. Levou um instante, mas depois a dor voltou com tudo.

Aterrissaram, e Michael olhou ao redor, percebendo que eram os únicos que ainda estavam no avião.

— Michael — disse Helga, a voz suave e gentil. — Não queria perturbá-lo, mas...

Michael se levantou e passou por Helga. Ainda não estava pronto para

falar. Percorreu o corredor em direção à porta. Estava aberta, e ele desceu a escada.

— Sempre existe esperança — gritou Helga. — Lembre-se disso, Michael. Sempre há uma esperança.

Ele a ignorou, andando às cegas pela neblina que envolvia a pista de pouso.

4

Helga o deixou ir, o que o surpreendeu. Por mais teimoso que ele fosse, ela sempre fora ainda mais teimosa.

O avião particular tinha aterrissado em um aeroporto minúsculo, com algumas plataformas cobertas, uma longa pista de pouso e um pequeno prédio que servia como terminal. Apesar de não poderem ver bem através da névoa, ele enfim chegou a uma cerca aberta, onde começava uma rua.

Seguiu pela rua.

5

Michael andou por uma hora, a mente trabalhando a mil. A névoa úmida atravessava suas roupas, encharcando-as e causando arrepios na pele. Não conseguia parar de tremer, e passou a caminhada toda esfregando os braços para se aquecer. Em meio à neblina cinzenta, de quando em quando, surgiam árvores destroçadas, alguns carros estacionados e caixas de correio. Apareciam também pedestres sombrios, para logo sumirem na escuridão.

Michael continuou andando. Continuou sofrendo. Continuou pensando. Inúmeras perguntas, nenhuma resposta.

Por quê? Essa era a pergunta que sobrepujava todas as outras. Por quê?

Gabby, forçada a ajudar o SSV a conduzi-los até lá. A própria Weber, um mistério completo. Será que ela e o agente Scott representavam mesmo os interesses de todo o SSV? Será que a organização toda era corrupta?

E Sarah.

Via o sangue dela em toda parte para onde olhasse. Na névoa, em sua mente, na superfície molhada da estrada. Tudo ao redor parecia vermelho. E doía muito.

Então, ele parou. *É isso*, disse a si mesmo. Quanto mais pensava no assunto, mais doía. A solução era simples: não pensar mais no assunto. Tinha que parar, ou continuaria se afundando mais e mais, até chegar ao fundo de um poço do qual jamais conseguiria sair.

Luzes apareceram em meio à neblina, à frente dele, brilhando mais a cada segundo. Havia uma pequena parte dele, ainda lógica, que o

aconselhava a ser cauteloso. Ele tinha inimigos. Quantas vezes isso já tinha ficado evidente? Diminuiu o ritmo de sua marcha, mas seguiu adiante rumo às luzes, tomando um cuidado extra.

Não demorou para notar que as luzes pertenciam a uma simples loja de conveniências, com portas e janelas de vidro, e um interior brilhante repleto de prateleiras com pães, petiscos e outros produtos. Era pequena, mas havia algumas pessoas ali dentro andando pelos corredores. Michael, esperando que seus créditos financeiros codificados continuassem a salvo, decidiu dar uma espiada lá dentro. Queria comprar alguma coisa doce. Um monte de doces. Talvez se empanturrar. Merecia um descanso, e presumiu que a qualquer segundo Helga podia aparecer para levá-lo.

Um sino eletrônico soou quando ele passou pela porta.

Algumas pessoas — um homem, duas mulheres, algumas crianças — olharam para ele enquanto entrava, depois voltaram às suas compras. Viu um homem pegar um pacote grande de Doritos, estudar os ingredientes, como se, magicamente, pudesse descobrir que aquilo faria bem à sua cintura roliça, e então enfiá-lo debaixo do braço, seguindo em frente. Michael olhou de relance para o caixa, um adolescente que parecia preferir comer pedras a atender os fregueses que o aguardavam.

Michael foi em direção à seção de bebidas geladas e parou. Um menino, talvez de uns dez anos, estava ao lado, olhando para ele com o mesmo olhar perturbador e vazio que tinha visto nas pessoas do carro, na frente do restaurante.

De modo brusco, o menino deu meia-volta e foi andando em outra direção, desaparecendo atrás da prateleira de pães. Michael respirou fundo, perguntando-se se deveria dar o fora dali.

Não.

Estava cansado de fugir. Afinal, era o Primeiro, não era? Se houvesse mais Tangentes na loja, eles poderiam olhar e admirá-lo de longe. Queria pegar alguma bobagem para comer e beber, e não ia sair correndo. Foi até a primeira máquina, com o máximo de sabores e combinações possíveis cintilando atrás do vidro com desenhos tolos. Michael se moveu para a segunda máquina, e em seguida para a terceira. Ali, viu uma mistura esquisita de uva e romã com uma dose de cafeína, e foi o que escolheu. Depois de um apito e um sopro espumoso, a bebida, bem gelada e em uma embalagem de plástico, apareceu no dispensador da máquina.

Quando a pegou, olhou para a esquerda. Havia um homem ali, a mão paralisada, como se uma estátua fosse pegar um chocolate na prateleira. Era evidente que olhava para Michael com o canto dos olhos, mas voltou a

agir normalmente assim que percebeu que estava sendo observado. Michael desviou o olhar rapidamente, tendo certeza de que uma mulher tinha o olhar cravado nele, antes de virar a cabeça para o outro lado. Então o menino

apareceu de novo, olhou para Michael bem demoradamente e seguiu andando.

Michael afastou a má impressão. Ficou diante da máquina onde o homem havia pegado sua barra de chocolate e escolheu exatamente a mesma marca. Deu uma piscadinha e um sorriso para o estranho.

— Ultimamente ando com a cabeça cheia — ele disse ao homem, que o encarou com um ar preocupado. — Às vezes não me sinto eu mesmo. O chocolate ajuda. Para você também?

O homem lhe deu as costas e se pôs a andar, apressado.

Michael achou que, pelo jeito, ele tinha despertado de seu transe.

Pegou mais uma barra de chocolate, um pacote de batatas sabor gorgonzola e um pouco de salame, depois foi ao caixa. Os pensamentos dele rodopiavam como um ciclone, e não conseguia mais dizer qual era a diferença entre uma olhadinha casual e uma “secada” com os olhos. Quem o estava observando? Quem não estava? Quem estava apenas curioso ao ver uma compra com tanta comida gordurosa?

O suor começou a escorrer de sua testa. Sentia como se cada pessoa da loja o encarasse. Olhou para os pés enquanto esperava na fila, um medo súbito de olhar direto nos olhos de qualquer pessoa o invadindo. Nunca deveria ter entrado naquela loja. O mundo era perigoso demais, e o rosto dele fora transmitido por toda parte no *NewsBops*. Não tinha como saber quem estava do seu lado ou contra; quem tinha sido dominado e quem não. Com sorte, as pessoas daquela loja de conveniências, no subúrbio de Washington, tinham escapado da Doutrina da Morte. Seria mesmo?

De repente, sentiu uma necessidade urgente de dar o fora dali. Queria Helga, Bryson e Sar...

Sarah.

Engoliu em seco, e a dor voltou com tudo.

— Desculpa — disse Michael, em voz alta, apesar de não ter ideia de com quem falava. — Desculpa — ele saiu da fila, olhando para os produtos que tinha nas mãos. De repente, pareciam estar com quatro vezes a mais que o peso normal. — Desculpa — correu até a prateleira mais próxima e enfiou todos os itens ao lado de um cesto com bombons. — Desculpa — ele disse, pela quarta vez.

Correu até a porta, abriu-a, ouvindo o sinal, e cambaleou para fora, quase

caindo. Tinha um carro estacionado ali, cortando a neblina com os feixes luminosos. O veículo parou junto à entrada, e uma janela se abriu. O rosto de Bryson apareceu, e Michael conseguiu dar um sorriso contido.

— Salte para dentro, cara — disse Bryson. — Já passou o tempo de clarear as ideias. Agora é hora de voltar a ficar com os amigos.

Michael nunca estivera tão feliz por ver Bryson. Nunca, nem mesmo depois de vê-lo pela primeira vez na Vigília.

— Desculpa — disse mais uma vez, tão baixo que quase não ouviu a própria voz.

Depois foi para o banco de trás do carro, abriu a porta e entrou. Walter dirigia, como sempre, e Helga ficou ao lado de Michael. Cumprimentaram-se com acenos de cabeça, dizendo mais do que poderiam dizer com palavras.

Walter arrancou e seguiu viagem. Michael perguntou a si mesmo a quem e pelo que, exatamente, ele pedia desculpas.

Para todos, pensou. Por tudo.

Não aconteceu muita coisa no resto da tarde e da noite, o que permitiu a Michael tirar uma soneca em um dos quartos do hotel onde tinham se hospedado. Bryson se sentou na cama ao lado dele, e ali ficou, olhando o vazio. Michael sabia que seu amigo sentia tanta dor quanto ele por perderem Sarah daquela maneira e, provavelmente, a mesma culpa pela incapacidade de não fazer o outro se sentir melhor. Ao menos estavam juntos.

A coisa mais importante a fazer é colocar um fim nessa loucura com os Tangentes, Michael pensava consigo mesmo. A Ravina Consagrada. De alguma maneira, tudo se encaixa com a Ravina Consagrada.

Helga e os outros estavam ocupados, Michael não sabia bem com o quê. Poderia perguntar. *Amanhã*, disse a si mesmo. Então ele estaria descansado e rejuvenescido, pronto para chutar alguns traseiros.

Mais tarde, no meio da noite, entre um cochilo e outro, percebeu que não poderia ficar mais em silêncio e falou com Bryson.

— Está acordado? — Michael se virou e olhou para o amigo, que estava deitado sobre as cobertas na cama ao lado.

— Estou.

— Como estão as coisas por aí? — quis saber Michael, a voz parecendo enferrujada. — Além do óbvio.

Bryson respondeu depois de um suspiro pesado:

— Além do óbvio, até que estou bem. Estou uma beleza, meu chapa — ele tentou imitar o sotaque britânico no final, mas o resultado foi péssimo.

— Acho que soou mais como um australiano — disse Michael. — Talvez um australiano bêbado.

Bryson se sentou e bocejou.

— Estava tentando mesmo era um sotaque de Madagascar.

— Tenho certeza de que esse sotaque é o máximo.

— Claro que é.

Olharam um para o outro, depois explodiram em uma daquelas gargalhadas da madrugada que jamais poderiam acontecer à luz do dia. Era um começo.

— Fico pensando nos pais dela — disse Bryson, alguns minutos depois, após o fôlego de ambos voltar ao normal. — Quase me sinto pior por eles

do que por Sarah. Dá para imaginar como vai ser contar pra eles? Pra ser sincero, espero nunca mais vê-los na vida. Não ia conseguir. E eles morreriam.

Michael sabia que Bryson estava sendo inteiramente egoísta. Mas se sentia exatamente como ele.

— Vão pôr a culpa na gente — ele disse. — E com razão.

Bryson negou com um gesto de cabeça.

— Não, cara. Vamos lá. A gente já se debateu bastante com isso. E já choramos demais. Agora precisamos manter o foco no que vem pela frente. Somos os mocinhos, e poderíamos ter desistido muito tempo atrás. Qualquer um que pensar diferente, que vá chupar limão.

— Amém — disse Michael. — Nós mesmos já estamos nos punindo o suficiente. Onde está Gabby?

— No outro quarto, acho que dormindo. Está se sentindo uma estúpida por toda essa situação. Conversei com ela. Falando sério, cara; acho que podemos confiar nela. Ela não teve muita escolha. Eles fizeram um monte de ameaças.

Michael deu de ombros.

— Foi o que pensei. Vou falar com ela amanhã. Fico feliz que esteja viva.

Bryson não respondeu, e o silêncio ficou pesado.

Michael enfim mudou de assunto:

— Estou com tanta sede que dá até para sentir gosto de poeira na língua. Vou procurar uma bebida na máquina de refrigerantes — sentou-se na cama, esfregou os olhos e soltou um grande bocejo. — Quer alguma coisa?

— Pode ser uísque?

Michael olhou para ele:

— Que tal um bom refrigerante gelado?

— Acho que serve.

Quando Michael abriu a porta do corredor, viu Helga, Walter, Amy e alguns outros amontoados diante de uma NetScreen no quarto ao lado. Evidentemente, não estavam interessados em dormir. Pensou em falar com eles, mas ainda não estava com muita vontade de conversar. Esgueirou-se em silêncio para o corredor e fechou a porta.

2

Havia uma área com petiscos e bebidas na metade do corredor, e ele parou ali, feliz por não haver mais ninguém por perto. Já estava cansado de ver estranhos. Cada vez que aparecia alguém novo, sua mente tirava a mesma conclusão: *Tangente, Tangente, Tangente*. Mas ele não sabia dizer se

o veneravam ou se queriam matá-lo.

Seu cartão de crédito funcionou sem problemas nas máquinas, produzindo a mesma bebida que tinha criado mais cedo na loja de conveniências. Também comprou batatinhas chips e dois copos d'água. E um refrigerante para Bryson. Estava tirando esse último item da máquina quando ouviu um rangido de dobradiças. Uma porta se abria no corredor. Achou que fosse ouvir o ruído inevitável da porta se fechando novamente, mas não. O corredor ficou em silêncio.

Michael reuniu as coisas sob o braço, saiu da pequena área e logo viu a porta que tinha ouvido abrir. Ainda estava entreaberta, e uma mulher mais velha estava ali, encarando-o fixamente. Não parecia brava, mas também não estava particularmente feliz em vê-lo.

— Oi — disse Michael, sentindo-se mergulhar em um rio de esquisitice. — Posso ajudá-la? Quer alguma coisa para comer?

— Não. Obrigada — ela disse com uma voz doce de mulher idosa, depois fechou a porta, com um baque forte ecoando pelo corredor.

Michael ficou diante da porta por um minuto, perguntando-se se ela iria abri-la novamente. Havia bilhões de pessoas no mundo. Não era possível que os Tangentes conseguissem segui-lo a cada passo de sua jornada.

E por que não?, pensou. Como se ainda pudesse se surpreender.

Suspirou e caminhou de volta para o quarto, passando pela porta da velha senhora. Diminuiu o passo e tentou olhar pela fechadura enquanto andava. Imaginou o velho olho dela do outro lado, observando cada movimento dele através da catarata. Disse a si mesmo que muitos velhos tinham esse tipo de comportamento. Presumiam que todo adolescente podia estar sempre prestes a assassinar qualquer cidadão idoso à vista, bastando uma dose mais alta de açúcar para motivá-lo.

Mas também pensou que pudesse ser coincidência. Todas aquelas pessoas observando-o. Podia ser sua imaginação, ou apenas paranoia, depois de tudo por que havia passado. As pessoas costumam, por instinto, observar quem anda por perto. Não era assim? Um par de olhos sobre ele nem sempre significava um espião Tangente a serviço de Kaine. Podiam ser apenas pessoas normais pensando se não o tinham visto antes, em alguma notícia do *NewBops*.

Mas subestimar os problemas, Michael concluiu, era uma maneira excelente de acabar morto. Retomou o passo e se apressou para seu quarto.

— Precisamos sair daqui — disse a Bryson, depois de sorverem grandes

goles das bebidas. — Acho que cada pessoa com que cruzamos aqui está de olho em mim, passando mensagens para Kaine ou para Weber, ou à polícia, a cada passo meu. Está me dando nos nervos.

Bryson sorveu mais um gole prolongado.

— Calma. De que adianta sair correndo? Se ele pode nos seguir para qualquer lugar, de que adianta ficar mudando de local? — mais um gole. — Relaxe, e vamos fazer o que Helga e o pessoal dela acharem melhor.

— É isso o que estamos fazendo desde o início — disse Michael, retrucando com um pouco de hesitação. Até certo ponto, concordava com o amigo. — É como se fôssemos ratos em um labirinto, enganados por Weber, manipulados por Kaine. Estou cansado. Tem algum motivo que nos impeça de ir logo para a Ravina Consagrada por conta própria?

— Ah, espera aí — disse Bryson. — Não seria nada fácil sem a ajuda e a proteção de Helga. Ao menos nela você confia, não é?

Michael pensou na pergunta. Sim. Confiava de verdade.

— Sim — respondeu, enfim. — Mas ainda tenho um restinho de dúvida escondido em algum lugar. Como ter certeza? Talvez Kaine a tenha criado anos antes de ter me capturado; talvez já tenha planejado tudo isso há muito tempo. Eu confio nela, mas não posso nunca mais confiar cem por cento em ninguém.

— Nem em mim? — indagou Bryson.

Michael se recostou nos travesseiros.

— Com você é diferente. Em você eu confio. Agora vá dormir.

— Helga quer que a gente esteja pronto bem cedo.

— Tenho certeza de que não vamos começar antes de o sol raiar. Ainda está escuro lá fora.

Michael fechou os olhos e tentou relaxar. Tinha visto aquela velha o espiando pela porta do hotel.

O mundo inteiro estava enlouquecendo. Inclusive ele.

Adormeceu. Sarah sorriu para ele em seus sonhos.

4

Bryson o acordou com um cutucão.

— Ei. Levando em conta o quanto roncou a noite toda, acho que deve estar pronto para tirar o traseiro da cama. Cara, você parecia um cortador de grama velho. Tive pesadelos com o Griever.

Michael se sentia como um morto-vivo que saía da cripta mais profunda e escura do inferno. Soltou um gemido longo, que não o fez se sentir melhor.

— O Griever do Final Fantasy? Sério? Pensei que seus pais tinham proibido você de jogar isso.

Bryson olhou calado para ele, até os dois romperem em uma gargalhada. Talvez a vida continuasse, afinal de contas.

— Vamos lá — disse Bryson. — Helga e a Aliança de super-heróis estão nos esperando no quarto ao lado. Ela nos chamou para uma reunião. É isso aí. Uma reunião.

— Parece sério.

Bryson recorreu mais uma vez a seu horrível sotaque britânico.

— É extraordinário, meu chapa. Talvez ela nos sirva alguns biscoitos com chá.

— O que deu em você para vir com esse sotaque? Parece uma velhinha do Monty Python — o grupo de humoristas tinha encerrado a carreira fazia décadas, mas estava mais popular do que nunca nos cinemas nostálgicos do Sono.

— Vou considerar um elogio. A Conferência será em Londres, lembra? Londres, na Inglaterra? Eles têm sotaque britânico, não é? Tente entrar no clima. Vamos lá.

Michael se colocou de pé, lentamente. Alguma coisa não cheirava bem. Não demorou muito para descobrir o que era. Ele mesmo.

— Diga a eles que estarei lá em dez minutos. Não tomo banho faz uma semana. Preciso tirar esse fedor.

Bryson olhou para ele com cara de agradecimento.

5

Amontoaram-se em um quarto, umas catorze pessoas no total. A maioria ainda não tinha sido apresentada a Michael, apesar dos rostos já serem familiares. Helga estava diante da janela, onde se via a luz do sol matinal, pois toda a neblina havia se dissipado. Walter, como sempre, estava a seu lado, com cara de quem não queria matar ninguém naquele dia. Gabby estava ali, e olhou um pouco encabulada para Michael quando ele entrou. Ele sorriu para ela da melhor maneira possível, a fim de mostrar que não guardava nenhum rancor.

Não confie em ninguém, ele pensou, quase como se Jackson Porter se esgueirasse atrás de sua mente, tentando lhe enviar uma mensagem. *Nunca mais confie em ninguém.*

Aquilo era vida?

— Michael — Helga chamou sua atenção, deixando-o constrangido. — Bryson. Gabby. Estamos felizes que estejam todos aqui, e em segurança,

pelo menos por enquanto. Não podemos encontrar palavras para expressar nossas condolências pela perda de Sarah. Sinto um profundo pesar. Mas, como eu disse...

Michael completou para ela:

— Sempre há esperança — naquele momento, ele chegava mesmo a sentir um pouco de esperança.

Helga respondeu com um assentimento sincero. Ela era a Helga dele, não havia dúvida, não importava se outras vozes implicantes discutissem em sua mente. Esse pensamento o fez se sentir um pouco melhor.

— Não há nada mais verdadeiro do que essas palavras — sua babá disse. — Sempre há esperança. Sempre. Nunca sabemos o que a vida, ou a morte, pode trazer. Acho que todos nós já vimos que o mundo é um pouco mais complicado do que imaginávamos.

Helga fez uma pausa, como se fosse um momento de silêncio em homenagem a Sarah, e depois voltou a falar:

— A Conferência Mundial acontecerá esta noite, no novo auditório da União da Terra. Vários líderes mundiais moveram-se fisicamente para Londres, mas é óbvio que nem todos poderiam ir. Então alguns estarão conectados pela VirtNet, participando como hologramas. Quero uma oportunidade para apresentar nosso caso ali mesmo, na câmara. Mas, como é perigoso demais viajar para Londres — ela olhou diretamente para Michael,

Bryson e Gabby —, vamos usar o Sono para chegar lá. De algum jeito, seja como for, nós *vamos* ser ouvidos.

— Acha mesmo que podemos hackear no encontro mais protegido... talvez de todos os tempos? — perguntou Michael.

Já estava adorando a ideia.

— Sem dúvida — afirmou Helga. — Inserimos Tangentes da Aliança em posições estratégicas. Alguns deles controlaram uma embaixada daqui de Washington. Pensei em um país grande o bastante para ser convidado para a Conferência, mas suficientemente pequeno para podermos agir sem ser notados. Temos que ser espertos.

Michael assentiu com um gesto de cabeça. As coisas soavam cada vez mais divertidas.

— Um de nossos Tangentes — continuou Helga — agora é o chefe da equipe da primeira-ministra da Letônia. Ele está nesse trabalho... quero dizer, o corpo dele, melhor dizendo... por mais de vinte anos. Antes de enviarmos nosso homem para a mente dele, que é um Tangente chamado

Levi, fizemos uma análise exaustiva, embora ultrarrápida, do dia a dia da equipe do chefe, o histórico, seus gestos, personalidade, tudo. Sabíamos que uma boa parte do plano dependia da habilidade de Levi em manter o disfarce.

— E aí? — perguntou Bryson. — Como ele se saiu até agora?

— Até agora, tudo perfeito — respondeu Helga. — Para todos os efeitos, ele os enganou direitinho. Ajudou a infiltrar outros dos nossos na Embaixada norte-americana da Letônia, incluindo o próprio embaixador. O homem se chama Guntis, e é ele que vai nos colocar dentro da embaixada. Vamos usar NerveBoxes de última geração para entrar virtualmente na Conferência, fingindo ser membros da equipe de Guntis. As credenciais estão aí.

Aquilo perturbou Michael, como de costume. Eles pareciam orgulhosos por esses feitos, colocando um deles em uma posição política tão importante, não importando o tamanho do país que representavam. Mas, novamente, mais uma vida tinha sido roubada. Era impossível para ele deixar de lado esse pequeno detalhe — na verdade, imenso — do quebra-cabeça.

— Michael, você parece preocupado — comentou Helga. — Ainda nem começamos.

— Você sabe bem por quê — foi a melhor resposta que Michael conseguiu dar.

Helga cruzou os braços e se inclinou para a janela.

— Por isso eu tive todo aquele trabalho para levá-lo à Colmeia. Você esteve lá e viu com os próprios olhos. Essas pessoas... elas ainda estão vivas, continuam existindo como seres humanos. E eu apostaria minha vida em que, quando tudo estiver acabado, eles vão nos agradecer. E terão seus corpos de volta. Fiz um juramento a esse respeito, Michael. Não estamos aqui para ficar.

Walter fez um gesto nervoso com os dedos quando ela mencionou o juramento, e Michael sabia em que ele pensava. Também tinham jurado não causar morte verdadeira em ninguém, mas haviam feito isso. Lá na floresta, na frente dos alojamentos.

— Preciso de todos unidos — disse Helga, ao notar que Michael não respondia.

Ele não sabia mesmo o que dizer. Mas seguir com ela parecia ser o único jeito viável para que o mundo voltasse algum dia ao normal.

— Michael? — ela perguntou.

— Está bem — ele disse. — Não ia nem trazer o assunto à tona, até você

perguntar. Estou com vocês. Conte-me o plano e como posso ajudá-los. Vamos em frente.

— É assim que eu gosto — ela disse com um sorriso satisfeito. — Agora, eis o que faremos.

6

Uma boa parte do plano da Aliança ocorreu sem nenhuma falha, envolvendo Michael em um cenário surreal que parecia de sonho. Ele tinha se preocupado com barreiras de linguagem, mas isso não foi um problema — eram apenas observadores de um pequeno país, visitantes virtuais. Praticamente invisíveis.

Tomaram um táxi para a Embaixada da Letônia, onde Guntis em pessoa os recebeu na entrada e os acompanhou até lá dentro. Ele era um homem alto e brusco, com um sotaque bem pronunciado. Michael não saberia dizer se o Tangente ali dentro já era letão ou se o pobre rapaz que havia dominado aquele corpo se esmerava ao máximo para produzir tal efeito. Não importava. Duas horas depois, ele, Bryson, Helga e Walter estavam em Caixões luxuosos fornecidos pelo governo, junto com Guntis, as Auras codificadas sendo transportadas para a verdadeira Conferência. Ninguém parecia suspeitar de quem eram. Ninguém agia como se eles existissem, virtualmente ou não.

Logo as holoprojeções entraram na famosa sede da União da Terra. Era como uma vasta caverna, um lugar tão gigantesco que Michael ficou de queixo caído com o tipo de engenharia arquitetônica capaz de manter aquela estrutura de pé. Também era elegante. Pilares ornamentados e enormes emolduravam a entrada, e havia mogno escuro em todo canto. Cadeiras de couro, veludo cor de vinho, carpete belíssimo... além do cheiro. O aroma de madeira polida pairava no ar, misturando-se a perfumes variados.

A experiência virtual era criada de modo a ser uma réplica exata da verdadeira central da União da Terra. Michael não ficou nem um pouco decepcionado.

Enquanto assimilava o luxo do ambiente, Michael ia admirando a simplicidade da organização. Cada membro oficial da UT tinha a própria antecâmara no auditório central. No Sono, cada país tinha um Portal que ficava logo à frente dessas antecâmaras. Era uma sala forrada repleta de sofás de couro. Contava com uma grande equipe e estava repleta de comida e bebidas. Portas de vidro apontavam para um camarote com vista para o espaço central logo abaixo. Michael prestou atenção em tudo quando

chegaram com Guntis, que imediatamente os apresentou à primeira-ministra e ao chefe da comitiva — o homem dominado pelo Tangente Levi.

— Levi conversou com ela a semana toda — Guntis contou para Helga com seu sotaque carregado. Michael, Bryson e Walter tinham se aproximado de Guntis e Helga enquanto falavam. Havia se instalado em um canto da grande sala, e Michael tentava, o melhor que podia, adaptar-se àquela experiência surreal. — Ela pode ser um pouco intimidadora, mas não é do tipo que coloca o poder acima da razão. Se pensa que está ajudando a causa ou o país, ela ouve qualquer um. E ouviu mesmo.

— E então, como vai ser ? — perguntou Helga.

Guntis apontou para as portas que levavam à câmara em questão.

— A primeira-ministra é um membro executivo da União da Terra, por isso vai poder discursar por um bom tempo. Levi a convenceu a tornar Kaine e a invasão Tangente sua prioridade máxima. Ela vai fazer um apelo para reunir dinheiro e recursos, e com sorte vai conseguir tudo o que você precisa para começar a reação.

Enquanto Guntis falava, as pessoas que se amontoavam ao redor deles começaram a se dirigir aos respectivos assentos. Guntis gesticulou para que o seguissem, e Michael e seu grupo se juntaram à massa de pessoas que se movia rumo às portas. Pelo que Michael podia observar, a reunião seria metade virtual, metade física — considerando os que ocupavam as cadeiras nos balcões. Michael caminhou entorpecido. Sabia que, para os que estavam realmente no local, ele apareceria como uma projeção trêmula. As pessoas pensariam que ele era pouco importante, pois tinha sido convidado apenas para uma presença virtual.

— Onde é que fomos nos meter? — Bryson sussurrou para ele.

Antes que Michael pudesse responder, Helga os conduziu para alguns assentos vazios na fileira de trás, reservada para visitantes virtuais. Sentaram-se o mais perto possível do corredor.

— Alguma coisa está errada — disse Michael.

Talvez fosse o costume de nunca ver as coisas funcionando da maneira que deveriam. Não conseguia afastar a sensação de nervosismo do peito. Vasculhou o ambiente em busca de qualquer coisa que parecesse fora do normal, mas não saberia dizer se tinha algo diferente de como deveria estar.

— Qual é o problema? — sussurrou Bryson.

Michael deixou-se recostar no assento.

— Alguma coisa está errada — ele repetiu.

Michael não sabia direito o que o havia deixado alarmado. Pensou que talvez fosse a paranoia amplificada após cruzar o caminho de tantos Tangentes — ou pessoas suspeitas de serem Tangentes. Mas havia algo de estranho no ar. Por isso, quando o mundo no interior daquelas câmaras descambou para a loucura, Michael não ficou surpreso.

Apenas assustado.

2

A câmara era circular — fileiras arredondadas e inúmeros balcões em volta de uma grande plataforma com um palco giratório, e um palanque de madeira no meio, parecendo um túmulo. A segurança era reforçada em todo o auditório. Michael notou imediatamente a quantidade de guardas armados. Estavam em toda a parte. Um cordão de homens e mulheres sisudos ficava a poucos metros desse palco grande. De início, ele tentou relaxar um pouco, refletindo que todos ali dentro pelo menos estariam protegidos de ataques externos contra a Conferência. Mas uma operação com inimigos infiltrados era outra história.

Poucos minutos depois que ele e Bryson haviam se sentado nos assentos, um cavalheiro de idade se dirigiu à plataforma. Caminhou lentamente até o palanque e parou. Apoiou-se com firmeza nas laterais da tribuna. A imagem dele foi transmitida bem no alto como um holograma enorme, para que pudesse ser visto facilmente até pelos que estivessem nas antecâmaras mais afastadas.

Ele pigarreou diante do microfone, o que soou como uma trovada nos alto-falantes colossais.

— Senhoras e senhores — começou o homem, a voz surpreendentemente forte. — É um prazer e um pesar para mim recebê-los nesta solene assembleia de hoje. Como porta-voz da União da Terra por tantos anos, jamais vi uma época tão sombria pairar sobre nós. É com o coração apertado, mas com uma esperança inabalável, que declaro aberta esta Conferência. Obrigado a todos por estarem aqui.

Ele fez uma pausa, e Michael pensou que era um momento natural para aplausos, um reconhecimento geral de suas palavras. Mas as milhares de pessoas na câmara permaneceram em silêncio. Parecia que o ambiente tinha se congelado.

O homem continuou:

— Prometemos que cada país, cada território, cada grupo representado aqui hoje teria seu momento. Não esperamos apenas boletins de problemas vistos na terra de vocês, causados pelos chamados invasores Tangentes, mas também esperamos ouvir propostas de solução. Minha convicção é de que devemos permanecer juntos até pavimentarmos um caminho de soluções.

O homem idoso estendeu a mão atrás da tribuna, tirou de lá um copo d'água e sorveu um longo gole, a mão trêmula. Michael ficou arrepiado com o som que ressoava dos alto-falantes. A sensação de que algo estava errado aumentava, e ele não conseguia ficar quieto em seu assento, vigiando a plateia em busca de qualquer sinal suspeito. A cabeça dele doía com o estresse e o desconforto.

Mais uma pigarreio, que soou retumbante e chamou sua atenção de volta ao porta-voz da UT.

— A ordem de apresentações foi escolhida por sorteio nesta manhã — esclareceu o homem. — Pedimos gentilmente que essa ordem seja mantida. Também pedimos que a regra seja pela brevidade, e que deixemos as deliberações para depois de ouvirmos todos que queiram discursar.

Fez uma pausa, o olhar correndo por todo o auditório.

— Antes de começarmos oficialmente, no entanto, quero apresentar um convidado muito especial. Diante de mim, em nível de solo, temos um representante da Segurança da VirtNet. Fomos informados de que o SSV tem uma possível solução para esse árduo problema dos Tangentes e do programa chamado Doutrina da Morte. A solicitação deles é que seu representante aguarde até que todos os outros sejam ouvidos, para que a informação seja compreendida no contexto completo do que está ocorrendo em escala global. O SSV garantiu que há um bom motivo para termos esperança em nossos corações.

E, estendendo um braço para o lado, ele prosseguiu:

— Por favor, como eles próprios tiveram grandes problemas e não costumam ser parte de nosso *quorum*, peço que deem uma salva de palmas para a agente Diane Weber, do SSV.

A câmara irrompeu em um som de palmas quando o rosto de Weber substituiu o do porta-voz no holograma flutuante, bem no alto, perto do teto. Ela sorriu calorosamente e assentiu com a cabeça em um gesto sutil.

Michael olhou para a visão assustadora da agente Weber e pensou: *Claro. É claro.*

O cordão de guardas posicionados ao redor da plataforma ficava virado para a plateia, as armas nos coldres, mas à vista de todos. Havia no mínimo cinquenta homens, todos em estado de alerta, os olhos examinando a multidão. Os aplausos tinham apenas começado a silenciar, e o porta-voz havia se inclinado para frente a fim de continuar com a programação, quando Michael captou um movimento no setor à direita da segurança armada.

Outros também viram, pois um rebuliço coletivo tomou conta do auditório pouco antes de o primeiro tiro ser disparado.

O disparo vinha de um guarda à direita do porta-voz. Ele largou sua arma, imediatamente se virou, subiu correndo os degraus e chegou ao palanque. Enquanto subia a escada, sacou uma segunda arma, comprida e fina. O local ficou em um silêncio mortal, e então o guarda puxou o gatilho.

O tiro ecoou pela câmara, amplificado pela acústica da estrutura. Michael se levantou a tempo de ver o porta-voz voar para longe do palanque. Ele aterrissou de lado, e ficou claro para

Michael que o homem não iria se levantar mais. Não sabia que munição o guarda havia usado, mas era bem mais letal que a de qualquer arma convencional.

Mais uma vez, o choque provocou um instante de silêncio; e então a câmara entrou em erupção. O caos se disseminou pelo local, enquanto a multidão lutava para sair dos assentos, todos se acotovelando, nervosos, rumo às saídas. Michael e Bryson só ficaram observando, vendo as coisas piorarem.

O guarda que havia atirado no porta-voz se voltou para o centro da plataforma e encarou as fileiras de cadeiras mais próximas. Ergueu novamente a arma, desta vez para disparar contra a multidão. O barulho se multiplicou, o pânico se espalhando pela câmara. As pessoas agora não apenas se empurravam, mas se agarravam e brigavam, passando uma por cima da outra para escapar.

E Michael mal podia se mover. Olhava sem acreditar, paralisado.

O guarda traidor deu mais três tiros antes que um de seus colegas o derrubasse. Mas, antes que a calma fosse restabelecida, uma outra guarda atirou no homem que estava a seu lado. Então outros entraram em ação, um atirando na mulher que havia matado seu parceiro, enquanto outros atiravam na plateia. A cena era de completa loucura; por mais que tentasse, Michael não sabia dizer de que lado estava cada um deles.

Parecia um pesadelo surreal e inacreditável. O sangue escorria aos montes, e os tiros continuavam a reboar. Mais guardas tombaram; outros miravam nos líderes que tinham sido contratados para proteger. Mais pessoas morreram.

Estranhamente, Michael mantinha o medo sob controle, como se estivesse se acostumando à insanidade do mundo. Voltou-se para Bryson, que parecia ainda mais chocado do que ele.

— O que está acontecendo com a gente, hein? — Bryson olhava ao redor enquanto falava. — Quando isso vai parar?

— Nunca vai parar! — gritou Michael. — Não enquanto deixarmos as pessoas nos manipularem. Precisamos usar nossos Caixões para voltar ao Sono e descobrirmos como consertar isso por conta própria — a voz dele fervilhava de raiva. — Vamos ao Portal fazer a Emersão antes que alguém nos impeça — podia estar sendo ingrato com sua equipe, mas a raiva o dominava.

Quem quer que estivesse por trás desse último ataque tinha que ser detido, e Michael não iria ficar esperando até que outra pessoa fizesse esse trabalho.

Agarrou Bryson pelo braço e o arrastou rumo ao corredor. O resto das pessoas ao redor deles já tinha partido para as antecâmaras. Helga esperava na entrada, gritando para Michael se apressar. Ele a amava, e sabia que ela estava fazendo o melhor que podia, mas vê-la naquele momento o deixou louco. Que desperdício era aquilo tudo!

Olhou mais uma vez para o centro da câmara, notando que o caos continuava. Corpos caíam no chão, balas eram disparadas em todas as direções.

Michael e Bryson sentiam que já tinham contado demais com a sorte; precisavam sair dali. Michael deu mais um empurrão no amigo e então correram para o corredor, onde se encontraram com Helga. Ela não perdeu tempo com palavras; fez com que se apressassem em direção à porta, recusando-se a partir sem que Michael fosse com ela. Estavam a poucos metros da saída quando uma voz ressoou pela sala enorme, em todas as direções ao mesmo tempo:

— Sentem-se!

Era uma voz masculina, amplificada pelos alto-falantes.

— Voltem aos seus assentos — a voz do homem gritou mais uma vez. — Ou vamos explodir o prédio inteiro!

Michael se virou para trás e olhou para o palanque. Um holograma enorme flutuava onde o porta-voz estivera antes de toda aquela confusão.

Era um guarda, com o cabelo desgrenhado e suor escorrendo do rosto. Ele ergueu a arma com as duas mãos, acima do palanque.

— Último aviso — disse, desta vez com mais suavidade.

A maioria das pessoas no salão parou para ouvi-lo. Apenas alguns conseguiram chegar à saída. — Vocês vão se sentar, vão ouvir e vão observar enquanto transformamos o mundo.

Fez uma pausa, e Michael sabia o que ele iria dizer antes mesmo que as palavras saíssem de sua boca:

— Meu nome é Kaine.

4

Naquele momento a verdade atingiu Michael. Sua vida estaria conectada para sempre a duas pessoas: a agente Weber e o Tangente conhecido por Kaine. Ele tinha que aceitar esse fato.

O guarda que tinha se identificado como Kaine esperou até que o resto da plateia voltasse à câmara principal. Talvez fosse algo nos olhos dele, pois a maior parte dos líderes acreditaram na ameaça de que ele explodiria o prédio inteiro.

— Assim está melhor — disse Kaine, ao microfone. — Vocês tomaram a decisão certa ao fazer como mandei — o rosto do Tangente pairava sobre a plataforma, com vezes maior que seu tamanho natural.

Kaine sempre parecia encontrar uma maneira de marcar presença de modo grandioso e teatral.

Michael e Bryson voltaram aos assentos de antes, Helga ao lado deles. O restante da multidão tinha feito o mesmo, exceto por alguns retardatários que vagavam pelo salão como se tivessem perdido a noção do medo.

Kaine lhes deu poucos minutos antes de voltar a falar:

— É bom ver que humanos ainda agem racionalmente quando solicitados. Obrigado por acatarem minha sugestão. Seria uma pena destruir um prédio tão adorável. Verão também que não sou totalmente insensato, assim que entenderem meu ponto de vista. É bem provável, até, que concordem comigo. O mundo, meus amigos, tanto o virtual quanto o real, está prestes a se tornar um lugar muito melhor. Um dia vocês vão contar a seus netos que foram testemunhas de um novo começo.

Michael estreitou os olhos. Sentia que conhecia Kaine, não apenas pelo contato direto, mas por tudo o que compartilhavam, pois no final das contas os dois eram apenas trechos de códigos. Alguma coisa ali estava mal contada. Não parecia ser o Kaine que ele conhecia.

— Agora — disse o homem —, a partir deste momento, sou o líder deste

mundo. Presidente, chanceler, primeiro-ministro, todas as posições em uma só. Meus companheiros Tangentes vão ocupar vários locais em diversos países e territórios ao redor do planeta. Vocês vão obedecer ou serão substituídos por Tangentes que estejam mais dispostos. A Doutrina da Morte é um advento maravilhoso, meus novos amigos.

Michael queria se levantar e gritar. Algo naquela história estava mesmo muito mal contado. Depois de seus dois últimos encontros com Kaine no Sono, tinha certeza disso. Não havia nenhuma chance de aquele homem ser Kaine.

O impostor continuou discursando, mas Michael parou de ouvi-lo, voltando-se para Bryson:

— Não é ele, cara. Não é ele.

Bryson olhou para Michael.

— O jeito dele está mesmo parecendo meio exagerado. O que está acontecendo?

— Não sei.

— Vamos ouvir o cara — disse Bryson. — Para tentar entender.

— ...que muita gente tenha que morrer — dizia o guarda, com seu holograma majestoso dirigindo-se à plateia como um deus. — Precisávamos fazer uma demonstração de poder, para garantir que entendessem que faremos o necessário e seremos, literalmente, quem precisarmos ser. Pensem nisso. Se pudemos dominar tão facilmente um dos encontros mais bem protegidos do mundo, imaginem só do que mais somos capazes. Vocês precisam abandonar qualquer ideia de rebelião que possam estar planejando.

Michael não sabia quanto tempo mais poderia aguentar aquela conversa. E, mais uma vez, o mundo mudava.

5

O guarda que alegava ser Kaine parecia gostar muito de falar.

— Nossa percepção do mundo, da inteligência, da mortalidade, da vida, a cada ano que passa, parece evoluir duas vezes mais rápido que no ano anterior. Nossa compreensão da morte supera até mesmo a das religiões mais otimistas, quando afinal podemos ver com clareza que a falência de nossos corpos físicos não precisa significar um fim. Apesar de provavelmente me desprezarem agora, isso vai mudar. Com o tempo, conforme governarmos e mostrarmos a direção...

Kaine parou, e suas palavras se perderam como se, de repente, houvesse esquecido um discurso memorizado. Seu rosto ficou sem expressão, e o

silêncio na câmara se amplificou. Michael observava, perguntando-se o que estaria acontecendo, quando um fio de baba pingou da boca do guarda. No holograma enorme, ele apareceu como uma longa linha azul-prateada, brilhante, desaparecendo tela abaixo.

— O que é que... — murmurou Bryson, confuso.

Kaine, o guarda, ou fosse quem fosse, moveu a boca para voltar a falar, mas não surgiu nenhum som dali. Mais um fio de saliva escorreu de seus lábios. Então os olhos se reviraram para cima, deixando a parte branca à mostra, e ele caiu para trás, desaparecendo da projeção.

Michael ficou de pé em um salto, bem a tempo de ver o homem tombar na superfície da plataforma e ouvir o baque do corpo ecoando pela câmara. Um burburinho circulou entre as pessoas, e um outro guarda pulou para o palco a fim de socorrer o companheiro. Antes que o homem chegasse à metade do palco, no entanto, tropeçou e caiu, estatelando a cara no chão. Ficou ali assim, esparramado em um ângulo doloroso de se ver, imóvel.

Michael assistia atônito à cena toda.

Nenhum dos outros guardas se moveu. Permaneciam apenas trocando olhares. Era impossível saber quem tinha sido dominado pelos Tangentes e quem não.

A câmara ficou incrivelmente silenciosa.

Então Michael ouviu um som — um som familiar.

Tap, tap, tap. Tap, tap, tap. Em uma cadência constante. Vindo de algum lugar abaixo, de uma parte fora do palco, escondida na escuridão. *Tap, tap, tap.* Sapatos de salto, passos marcando ritmo como um instrumento musical.

Ao longe, a agente Weber apareceu das sombras. Chegou à plataforma, subiu as escadas e cruzou o palco calmamente.

Os guardas foram em sua direção e pareciam tão confusos que Michael pôde perceber isso, mesmo à distância. Mas, a uns quatro metros de distância dela, um homem ergueu a arma, apontando direto para a agente. Antes que ele puxasse o gatilho, contudo, foi ao chão, rolou alguns degraus escada abaixo e parou, num emaranhado de braços e pernas. A arma dele tilintou no chão.

A agente Weber nem sequer tremeu.

O coração de Michael parecia ter se esquecido de como bombear sangue; sua respiração estava suspensa.

Weber olhou para baixo, observando o corpo do guarda que alegara ser Kaine, e passou por cima dele para chegar à tribuna. O microfone estava bem diante dela. A agente parecia à vontade, serena, como se tivesse

esperado a vida toda por aquele momento. O holograma agora exibia sua imagem para a multidão na câmara, e certamente o *NewsBops* retransmitia a cena para o mundo todo.

Ela aguardou um instante, permitindo que o choque dos eventos se dissipasse, antes de começar a discursar. Michael se forçou a respirar, tentando encher os pulmões de ar com o máximo de calma possível.

A agente Weber se inclinou poucos centímetros para frente e falou diretamente ao microfone:

— Não posso imaginar a confusão e o horror que todos vocês devem estar sentindo agora — ela disse. — Não apenas os que estão neste auditório, pessoas habitualmente tão elegantes, mas todos os que estão nos assistindo pelo mundo afora. O que testemunhamos hoje é uma tragédia, não há como negar. Mas também é um momento de esperança para nós. De acordo com a programação, deveríamos falar mais tarde, mas, devido às circunstâncias, sinto ser apropriado vir até aqui agora e mostrar o que preparamos.

Ela fez uma pausa, exibindo o sorriso mais comedido possível. Então, disse algo que provocou calafrios em Michael:

— Fiquem tranquilos, todos vocês — a voz dela saiu um pouco mais alta que um sussurro. — O SSV vai livrar o mundo destes demônios.

O burburinho se espalhou pela câmara numa onda de sussurros.

O grupo de Michael também estava ansioso para discutir o que tinha acabado de acontecer. Bryson e Helga se viraram para Michael, mas ele ergueu a mão. Não queria deixar passar algo de importância vital.

Informação. Precisava saber o máximo possível. Depois, sim, pensariam no que fazer a respeito.

— Peço a paciência de vocês agora — disse a agente Weber, suas palavras ressoando pelos alto-falantes. — Se me concederem uma pequena fração de seu tempo, tudo será explicado. Vim aqui hoje como representante do SSV, uma entidade que existe para proteger um dos recursos mais valiosos da humanidade: a VirtNet. Como sabem, recentemente sofremos uma perda devastadora em nossa estrutura interna, que nos causou problemas consideráveis.

Ela suspirou e franziu o cenho, exagerando um pouco na dramatização, demonstrando assim o quanto a situação estava difícil. Michael queria gritar. Ela era a responsável por aquele estrago! *Ela* é que havia entregado o dispositivo do Código Lance para eles!

Weber continuou:

— Por causa desse revés, o Tangente conhecido como Kaine pôde aplicar seu programa da Doutrina da Morte sem restrição. Como resultado, programas foram inseridos em corpos humanos pelo mundo inteiro. Infelizmente, os resultados das ações de Kaine culminaram na selvageria sangrenta que viram aqui hoje. Fico contente em dizer que viemos aqui com boas notícias, cuja importância só pode ser amplificada diante do que aconteceu.

Ela acenou para alguém, e o holograma dela foi substituído por uma imagem em 3D de um escritório grande repleto de gente, cada um trabalhando em uma pequena estação de telas brilhantes e máquinas piscantes. Era uma imagem tão inesperada, que a raiva de Michael foi substituída por sincera curiosidade.

— O SSV designou seus programadores mais empenhados e eficientes para a tarefa de mergulhar nos reinos mais profundos e obscuros da VirtNet, a fim de tentar desvendar os mistérios dessa Doutrina da Morte. Depois de muito trabalho, e com a ajuda de diversas mentes brilhantes, enfim conseguimos estabelecer a engenharia reversa do programa,

exterminando de modo eficaz a conexão que permitia sua continuidade. Assim, o programa Tangente deixou de existir.

A cena do vasto holograma do escritório mudou mais uma vez, agora para a imagem de uma rua onde um homem tropeçava na calçada, enquanto sufocava outro homem em um golpe mata-leão. O agressor acenava intensamente com uma pistola, enquanto mantinha o segundo homem preso na dobra do braço. Mesmo sem áudio, estava claro que o homem armado gritava para todos ao redor. Então a imagem foi congelada.

— Esse foi o primeiro teste de nosso processo — disse a agente Weber —, iniciado ontem mesmo. Esse homem era um político da cidade de Berlim. Em um momento, era popular e moderado, candidato a primeiro-ministro, mas nesta manhã alegava ser uma peça da programação da VirtNet. O político em questão atacou um membro de sua equipe, e começou a gritar para todos os que pudessem ouvi-lo que Kaine... como foi mesmo que ele disse? Que o “Mestre dos Tangentes” tinha ordenado que ele matasse cada pessoa da cidade, uma por uma, como um aviso do que estava por vir. Vimos então esse momento como uma oportunidade perfeita para testar nosso processo. Vejam o que acontece a seguir.

Michael observava Weber com cuidado, perguntando-se se todos compreendiam o quanto o plano dela, o plano do SSV, era pavoroso. Mas ela tinha uma carta debaixo da manga. A população em geral não sabia da Colmeia; não sabia que essas pessoas ainda tinham uma chance de viver. Sim, talvez o SSV tivesse descoberto uma maneira de eliminar os Tangentes invasores ao romper o link com a Doutrina da Morte.

Mas, com isso, os humanos também iriam morrer.

Michael iria morrer. E também Jackson Porter.

2

Ele prestou atenção na imagem holográfica daquela rua alemã. O vídeo voltou a rodar. A luta continuou até que o estranho parou, desmoronando de modo brusco. A pistola caiu de sua mão, e ele afrouxou a pressão do mata-leão que aplicava em seu refém, até que este conseguisse se libertar. Era como se alguém houvesse rompido a coluna vertebral do político. Ele caiu sem vida enquanto uma multidão se reunia em volta dele, observando-o com espanto. A imagem foi congelada mais uma vez, para depois desaparecer, e mais uma vez a visão de uma agente Weber gigantesca surgiu acima deles.

— Para nosso alívio e satisfação — ela disse —, o processo que iniciamos

funcionou para bloquear permanentemente a conexão entre o corpo do político e a consciência Tangente, ao destruir o programa na VirtNet. Como vocês podem ver com clareza pelas imagens que acabamos de exibir, ao menos uma vida humana foi salva, e provavelmente diversas outras.

O olhar de Weber passeou pela enorme câmara, e seus olhos avistaram Michael por um breve instante, causando-lhe um arrepio que percorreu toda a espinha. Ele ouviu a inevitável justificativa das consequências na versão dela:

— Viemos aqui hoje para apresentar estas descobertas importantes. O SSV planejava realizar testes mais extensivos do processo antes de implementá-lo em grande escala. Mas os eventos de hoje anteciparam nossos planos. Decidimos que já é hora de agir. Não esperávamos que nosso criminoso mais procurado estivesse aqui, diante de nós.

Ela ergueu o punho em uma espécie de saudação, mas Michael não saberia dizer direito para quem. Talvez para si mesma.

— Kaine, aquele que deu início a todo esse caos, está morto. E, devido à sua própria falta de precaução, pudemos localizar seu sinal e encerrar sua conexão, exterminando-o para sempre. Temos certeza de que outros aparecerão alegando ser este poderoso Tangente, mas estejam certos de que ele já deixou de existir. Antes mesmo de nosso plano de reação à invasão Tangente ter começado oficialmente, já tivemos nossa maior vitória — ela bateu o punho na tribuna. — Kaine está morto!

A plateia irrompeu em aplausos. Ouviram-se gritos e assovios, batida de pés no chão e um rugido retumbante de aprovação. Michael, por sua vez, não moveu sequer um músculo de sua Aura. Olhou para Bryson e Helga, que pareciam tão incrédulos quanto ele.

— Aquele não era Kaine — disse Michael, apesar de duvidar que Bryson pudesse ouvi-lo em meio àquela algazarra.

Tudo aquilo parecia podre como um lixão. Qual era o papel de Weber naquele jogo? O que o SSV planejava?

Weber parecia saborear o momento. Quando enfim ergueu os braços, pedindo silêncio para a câmara, deu a impressão de estar relutante em se afastar de seu lugar sob os holofotes.

— Por favor — ela disse, repetindo a frase várias vezes até que a multidão silenciasse e se sentasse. — Obrigada. Agradeço pela demonstração de apoio, em nome de todos nós, mas a verdadeira hora de celebração ainda está por vir. Uma batalha enorme nos aguarda. Vai ser necessário um esforço considerável para identificar e disparar um programa Antidoutrina da Morte contra todos os Tangentes conhecidos.

Mesmo neste local, enquanto falamos, estão alguns que sabem que têm culpa. E ainda assim estão quietos, na expectativa de que passem despercebidos. Garanto a vocês que não. Meu pessoal está trabalhando febrilmente para garantir nossa segurança. Como podem ver.

Ela ergueu a mão e estalou os dedos, como se um sonho infantil de fazer mágica se realizasse naquele momento, e muitos outros guardas tombaram no chão em volta do palco. Os guardas remanescentes recuaram, temendo a própria morte súbita.

Weber olhou com prazer para os assassinatos que acabava de cometer. Abaixou o braço e continuou:

— Nosso sistema identificador de invasores Tangentes ainda está longe da perfeição, mas vocês viram o que pudemos demonstrar. Assim que Kaine chegou aqui e começou a discursar, meu pessoal na sala de guerra pôde captar sua conexão com a VirtNet e rompê-la. Logo em seguida, passaram a trabalhar com os guardas e realizaram o que vocês testemunharam. Em breve, espero, poderemos fazer uma faxina no mundo todo. Isso vai desencorajar qualquer Tangente a recorrer à Doutrina da Morte no futuro, pois vai significar morte certa. Vai significar a morte verdadeira.

Michael estremeceu diante daquelas palavras. A frase o fez pensar em Sarah, em quem ele tinha perdido por causa daquela mulher. Quase não pôde mais continuar sentado.

— O SSV pode salvar a humanidade dessa praga. Tudo o que pedimos é seu apoio, de autoridade unilateral, para fazer o que for preciso. E de recursos, pois precisamos tanto de fundos quanto de mais homens — ela percorreu a câmara com um olhar duro e confiante. — Nosso mundo foi invadido por demônios, meus amigos.

E nós somos os exorcistas. Obrigada.

Mais uma vez, a plateia irrompeu em aplausos. Todos estavam de pé, exceto o pequeno grupo de Michael. Ninguém havia notado a questão mais polêmica: o SSV iria matar até o último Tangente do mundo. E os humanos que estivessem sendo ocupados por eles. Michael não podia perder nem um segundo que fosse. Levantou-se, abrindo caminho em meio às fileiras de assentos, rumo ao corredor, e então precipitou-se para a saída, em direção ao Portal além da antecâmara da Letônia.

Tinha que sair do Sono.

Michael pensou que teria que suar a camisa para deixar a Embaixada da

Letônia depois de tudo o que havia acontecido, mas os guardas apenas lhe acenaram discretamente quando passou por eles e saiu para as ruas de Washington.

A neblina voltara a se espalhar, com nuvens em cascata sobre placas, prédios e carros, quase como fantasmas esvoaçantes. A camiseta de Michael ficou úmida, assim como seu cabelo, e, após ter percorrido três ou quatro quarteirões, já se sentia um pouco zozinho. As pessoas apareciam como mágica através da névoa, passando por ele na calçada, para depois desaparecerem novamente atrás dele. Havia pouca gente na rua. Michael deu-se conta de que a maioria devia estar de olho no *NewsBops*, assistindo à repetição da performance de Weber várias e várias vezes.

Continuou andando. Parava em um semáforo, olhava se vinha algum carro, e continuava. De quando em quando, dava uma espiada nas vitrines das lojas, como se o mundo ao redor não estivesse ruindo. Não tinha a menor ideia de aonde estava indo ou do que iria fazer, mas não podia voltar. Não seria capaz.

Bryson devia estar furioso. Helga com certeza estava pálida de preocupação. Mas ele não se importava. Michael os amava, mas não se importava. Eles o encontrariam mais tarde, ou Michael os encontraria. Então continuou perambulando pelas ruas, a semente de uma ideia terrível germinando em sua mente. Não estava pronto ainda para aceitar por completo aquela ideia hedionda; por isso, não terminava o raciocínio. Mas continuava a seguir em frente, de um jeito ou de outro. Tinha que ir em frente sozinho.

Isso andando, envolto pela névoa.

4

Quanto mais ele se afastava, mais as ruas ficavam vazias, apesar de os prédios ficarem mais altos, mais amplos e mais modernos. Havia um rio por perto, mas só conseguia percebê-lo por causa de uma ponte gigantesca que pairava diante dele conforme se aproximava. Naquele momento, quase não via mais que uma pessoa na rua a cada cinco minutos. O dia começava a dar lugar à noite, a escuridão assentando em meio à neblina, sinistra e mortal.

Uma mulher saiu de uma loja e ficou olhando para Michael, um olhar intenso demais para seu gosto. Ela estacou de repente e foi seguindo-o com os olhos. Era uma Tangente, só podia ser. Apertou o passo e tomou um percurso cheio de curvas, para se certificar de que ela não estava no encalço dele. Era difícil saber, com aquela camada grossa de neblina pairando a seu redor.

Continuou andando.

Em algum momento, encontrou-se diante de um enorme hotel. O que o deteve foi uma placa à sua frente, brilhando com luzes piscantes:

QUARTOS COM SERVIÇO DE NERVEBOX DISPONÍVEIS

Ficou ali olhando para aquelas palavras. Elas desapareceram, substituídas por outros anúncios e ofertas especiais, em um ciclo programado. Então as palavras que lhe interessavam vieram piscando mais uma vez.

Caixões. Naquele hotel, podia conseguir um quarto com um Caixão. Sabia o que tinha que fazer. Seguiu em frente, abriu a porta e se aproximou do balcão de recepção. Um homem amigável, com um corte de cabelo perfeito, saudou-o, sem conseguir esconder a ansiedade em seus olhos. Não teve dúvida de que ele tinha assistido às últimas notícias.

— Posso ajudá-lo? — perguntou o homem.

Michael respirou fundo e desembuchou:

— Gostaria do seu melhor quarto, com seu melhor Caixão. Quero dizer, NerveBox. E preciso dele imediatamente.

5

Michael se deitou na cama e ficou olhando para o teto. As coisas pareciam andar bem para o seu lado naquele dia. Se descontasse o incidente de toda aquela carnificina, é claro. Tinha conseguido sair sem problemas da Conferência Mundial, percorrido as ruas de Washington, encontrado um hotel com serviço de Caixão, e então, o melhor de tudo, conseguido alugar o quarto com uma carteira de identidade falsa, que havia criado há muito tempo. E usando o dinheiro que tinha roubado dos pais de Jackson Porter.

Alguém poderia ter descoberto. Talvez estivesse sendo vigiado. Talvez já estivessem na cola dele. Mas, na verdade, o mundo tinha problemas maiores que ele com os quais lidar. Em todo caso, Michael esperava terminar o que tinha a fazer antes que qualquer um pudesse pegá-lo.

Alguém bateu à porta.

Por apenas um segundo, o medo alfinetou seu peito. Mas então a voz disse:

— Serviço de quarto.

Ele tinha pedido quase tudo o que havia no menu. Não comera muito desde que havia acordado pela manhã, e agora a fome estava batendo.

Precisava recuperar as energias. Deu uma gorjeta à senhora que havia trazido o carrinho cheio de pratos fumegantes, fechou a porta e a trancou. Afundou-se na comilança, começando pelas batatinhas com gorgonzola. Pensava em Sarah a cada mordida.

6

Meia hora depois, tinha se despido diante do Caixão aberto. Havia comido tanto, que sua barriga tinha ficado saliente: uma bela pança de satisfação. Esfregou a barriga para dar sorte e depois entrou na NerveBox, abaixando-se até encostar as costas na parte de baixo. Respirou fundo várias vezes para controlar os nervos, mais amedrontado do que gostaria de admitir.

Naquele momento, Bryson e Helga, além da Aliança Tangente, deviam estar procurando-o pelas ruas. Tinha certeza disso. Também estava certo de que estavam agitados e irritados. Sentiu-se mal; não deveria tê-los deixado para trás daquele jeito, mas precisava fazer aquilo sozinho. Pediria o perdão deles quando voltasse.

Se ele voltasse.

Não, quando ele voltasse.

Nada disso. *Se.* Não tinha por que se enganar quanto a isso.

Terminou a programação que já havia começado no console externo. Então, tocou a orelha, clicando para ligar a NetScreen. Enviou a mensagem que havia digitado antes, com cinco camadas de códigos ocultos, para o link a ser usado uma única vez, que fora providenciado pelo próprio Tangente. Se ele estivesse por ali, receberia a mensagem. Michael apertou o botão que confirmava a operação, então fechou os olhos, esperando até que o mecanismo se instalasse em seu corpo e lhe permitisse fazer a Submersão no Sono.

LiquiGels.

AirPuffs.

NerveWire.

Enquanto o processo se iniciava, viu as palavras da mensagem que tinha enviado, quase como se tivessem sido impressas em suas pálpebras.

Kaine,

Encontre-me nas coordenadas em anexo.

Tenho algo para lhe contar.

O Sono havia se tornado um lugar assustador.

Como o Caixão que usava pertencia ao hotel e dependia de sistemas públicos, tinha que seguir alguns regulamentos durante a Submersão. Chegou a um Portal em uma praça comercial gigante. Em outros tempos, haveria milhares de clientes, comprando, jogando e comendo no mundo virtual. Haveria artistas de rua e Tangentes programados para prestar todos os tipos de serviço — desde faxina de dados, limpeza de sujeira de código acumulada, até pedido de esmolas por parte de mendigos. Tudo era concebido para que um local parecesse real.

Desta vez, não conseguiu sentir essa vibração.

Depois que Weber tinha apresentado a eles aquela história do Código Lance, o mundo que o SSV supostamente deveria proteger estava devastado. A completa falta de segurança causada pela sabotagem obviamente tinha permitido que qualquer hacker de meio-bit viesse ali e o destruísse à vontade. Michael não fazia ideia de por que a destruição era tão atraente para as pessoas, mas não dava para negar que ela exercia certo encanto: a praça comercial estava destroçada.

As fachadas das lojas estavam em ruínas, como se tivessem sido feitas de algum plástico mole e deixadas para derreter sob o sol. Algumas tinham se deteriorado em uma profusão de pixels, com falha técnica em partes que se embaralhavam, sumindo e reaparecendo. Tangentes abandonados perambulavam pelas ruas, aparentemente destituídos de sua programação central, largados

para caminhar sem rumo. Alguns pareciam perigosos, tendo sido deixados com muita energia virtual, embora sem consciência, e nada os impedia de atacar Auras de visitantes inocentes. Michael se afastou de tudo o que parecesse remotamente suspeito.

Uma boa parte do código complexo necessário para dar vitalidade ao local havia sem dúvida entrado em Decadência, ou apenas sido negligenciado pelos operadores, que deviam estar assustados demais com o caos para permanecer na área. Havia buracos em ruas e calçadas, fendas de buracos negros que levavam a sabe-se lá onde, lugares profanos sem Portais, e lugares de onde provavelmente apenas um programador tão habilidoso quanto Michael poderia escapar.

Temor. Foi essa a primeira impressão de Michael ao chegar, que permaneceu com ele. Se fosse uma pessoa qualquer em excursão pelo Sono,

estaria apavorado até o último trecho de seu código. Mesmo com suas habilidades, estava com medo. Confiante, mas com medo.

Com cuidado, atravessou aquela praça, caminhando em direção a um ponto mais reservado, onde seria mais fácil hackear o código e ir aonde quisesse. Olhava muito bem por onde pisava, pois o dano na área não era estático; um buraco podia aparecer na frente dele em qualquer ponto. Foi se afastando da área central de lojas e restaurantes, chegando a uma rua lateral que levava a um beco escuro. Na extremidade, havia um tênue brilho púrpura, e ele sabia que ali seria um bom lugar para fazer sua magia.

O beco o trouxe. A programação na calçada estreita causou a sensação de seus ouvidos terem sido tampados com algodão, cortando todo o ruído daquela rua estreita. Mas ele não parou, recusando-se a deixar o medo diminuir sua determinação. Se alguém podia lidar com essa destruição na VirtNet, esse alguém era Michael. Ao menos, foi o que disse a si mesmo.

Enfim, chegou ao jorro de luz arroxeadada. Aquilo não tinha substância nem forma, tampouco uma fonte perceptível. Quando se virou para trás, a fim de observar o caminho por onde viera, não havia mais nenhum vestígio da praça. Nenhum sinal dela.

O código realmente estava falhando. Era como se os programadores nem tentassem mais fazer a praça parecer real. Ela estava partida pela metade, e inexistente nas extremidades. Michael olhava literalmente para o meio de um nada virtual.

Sentou-se, fechou os olhos e mergulhou no código.

Era pior do que havia pensado.

2

Se alguém lhe pedisse para descrever a correnteza de códigos fragmentados aonde havia se lançado, responderia que era nojenta.

Imaginou o funcionamento interno do corpo humano — músculos, órgãos, tecido — sendo destruído lentamente por células cancerígenas. Sendo destruído e devorado.

Tudo ao seu redor causava nojo.

As linhas de código iam se quebrando, retorcendo-se e se repuxando conforme navegava por elas. As próprias peças de códigos, os números e as letras de incontáveis alfabetos, bem como símbolos matemáticos e científicos — nada disso parecia certo. As linhas eram ondulantes onde deveriam ser retas. Estilhaços, buracos, comandos truncados, unidades retorcidas ou esticadas demais esparramavam-se como amebas.

E não era tudo. O cenário de fundo era todo colorido — verde-pálido,

amarelo-escuro e um laranja que causaram náusea em Michael.

Mas tinha que passar por tudo aquilo e seguir em frente.

Programar nesta nova VirtNet era quase como aprender o bê-a-bá. Mas, se alguém no mundo era capaz disso, era ele. Tinha certeza desse fato. Sua mente já estava se adaptando ao ciclone de caos virtual. *Ah, aquele símbolo se transformou nisso; aquele trecho de código faz esta tarefa aqui; aquelas três funções se combinam com o que aquelas duas funções apresentaram antes.* Talvez por sua essência feita de código, o fato é que ele conseguia enxergar para além da sujeira, como uma criança míope que usasse óculos pela primeira vez.

Empolgado e assustado ao mesmo tempo, atirou-se àquela profusão repleta de enigmas atordoantes como nunca tinha visto antes. E começou a ver algum sentido naquilo tudo. Aliás, muito sentido.

3

Perdeu a noção do tempo enquanto trabalhava. Estava tão concentrado, que seus miolos deviam estar como uma uva amassada. Seus olhos virtuais suplicavam para que parasse, a dor era como se facas penetrassem seu crânio. Mas ele havia pegado o embalo; uma agitação repleta de adrenalina o empurrava para seguir em frente.

Por fim, foi capaz de sair dali, projetando-se daquele beco estranho, uma terra de ninguém. Tinha sido como um voo de verdade, com o vento soprando contra ele, Michael se regozijava com a euforia. Era como um foguete pelo espaço. Borboletas invadiram seu peito, e sua mente tornou-se tão leve quanto o ar.

Percebeu quando havia chegado: foi como despertar em um quarto quando a luz se acende. Sentiu o solo macio sob os pés, ouviu uma brisa roçando as folhas das árvores virtuais, sentiu o perfume dos pinheiros e da terra.

Abriu os olhos.

A casa da árvore estava ali perto, parecendo forte e firme como sempre. Uma floresta sem fim se estendia em todas as direções, com sons de insetos, sapos e pássaros invadindo o ar, apesar de mais abafados que o normal. As cores também pareciam mais pálidas; talvez as árvores não fossem tão altas quanto antes, e a fragrância do lugar fosse menos intensa. Mas, tirando isso, o código ali estava em condições muito melhores que a de qualquer outro lugar que tinha visto no Sono.

Ele havia construído aquele local com Bryson e Sarah, na periferia das periferias do Lifeblood, inacessível a todos, com exceção dos melhores

programadores. Ao ver a casa da árvore e a escada que levava à entrada, seu coração se despedaçou. A dor pela morte de Sarah voltou com tudo. Deitou-se no solo da floresta e se encolheu como uma bola. Sentia falta dela. Muita falta. A cabeça dele ainda martelava devido ao esforço para restaurar aquele lugar, sem mencionar o desgaste para viajar até ali através de um mar de códigos em decomposição, mas o trauma em seu coração era muito pior.

Como o agente Scott fora capaz de fazer aquilo? De tirar a vida de sua melhor amiga?

Jamais havia conhecido uma dor como aquela. Ele contava com Sarah. Ela sempre estivera a seu lado, e ele tinha presumido que sempre estaria. Era difícil lidar com o fato de que alguém como a agente Weber ainda estivesse viva, mas sua melhor amiga, não.

E ainda havia Kaine. Ele não compreendia Kaine, tanto quanto não entendia Weber. Tudo o que podia fazer era esperar até que o Tangente aparecesse.

Era como se pesasse uma tonelada, mas Michael se levantou e subiu na casa da árvore. Na casa da árvore de Sarah.

4

O tempo passou.

Michael se sentou em um canto, no pufe que tinha sido a contribuição mais importante de Bryson para os móveis do refúgio. Como passaram a dizer com frequência, era cor de vômito. Para desgosto de Michael, aquilo o fez lembrar mais do que desejava o código no qual estivera flutuando pouco antes.

Sarah tinha gravado seu nome na parede bem à sua frente, e ele ficou ali sentado, apático. Com o coração dolorido, transformou-se em uma espécie de massa amorfa, permanecendo imóvel e olhando para as letras do nome dela, uma a uma. Não parecia algo possível ela ter partido. Se ao menos ela fosse uma Tangente como ele, e se Kaine jamais tivesse aparecido, poderiam ter jogado e vivido a vida ao máximo, por um longo tempo, até a Decadência atingir a mente deles, e eles se entregarem à bênção do esquecimento.

O tempo foi passando.

E então, finalmente, ouviu passos — o ruído de folhas estalando sob a casa da árvore. Sentou-se com um sobressalto, os pés batendo com força no chão de madeira. O olhar dele se prendeu à entrada.

— Michael — uma voz masculina surgiu lá embaixo.

Michael se pôs de pé lentamente, com cuidado para não fazer o menor barulho. No entanto, não havia motivo para ficar em silêncio, pois quem quer que estivesse chegando sabia que Michael estava ali. Sua dúvida era se seria Kaine ou um impostor.

Deu um pequeno passo, aproximando-se da entrada. Inclinou-se para frente, e olhou para espaço vazio abaixo.

Havia um homem ao lado da escada, olhando para o alto. Era, Kaine, com a mesma Aura com que Michael o vira da última vez. Não o velhote decrépito da primeira visão, mas a versão mais jovem. Cabelo grisalho perfeitamente estilizado, queixo fino, olhos brilhantes e inteligentes. Com seu traje social escuro, podia muito bem passar por um belo homem de negócios.

— Posso subir? — perguntou.

— Hã, sim.

Não era o melhor começo para a conversa mais importante de sua vida.

Kaine se apoiou em um degrau e, como se fosse a coisa mais natural para um homem de terno fazer, começou a subir. Michael deu um passo para trás quando a cabeça de Kaine apareceu na entrada, e logo depois o Tangente estava de pé a seu lado. Era quase trinta centímetros mais alto que a Aura de Michael, e a expressão de seu rosto era indecifrável. Não parecia bravo, mas tampouco contente.

Nenhum dos dois disse uma palavra sequer durante vários segundos.

Foi Kaine quem falou primeiro:

— Por que estou aqui, filho? Eu lhe dei várias chances, e você rejeitou todas.

— Eu... eu... — aquilo não estava saindo como Michael havia imaginado.

— Você só existe por minha causa — continuou Kaine. — Sem dúvida entende que eu poderia exterminá-lo a qualquer momento que quisesse. Venho observando-o com espanto, e devo confessar que também com um pouco de prazer, enquanto você segue os comandos de Weber como um cachorrinho.

Michael tentou argumentar.

— Escute...

— Sim. Por que estou aqui? — interrompeu Kaine.

— Eu... bem... — Michael se moveu em direção ao pufe. Estava com muita dificuldade para descobrir por onde começar. — Podemos nos sentar? Sei que você é poderoso, mas não quero ficar por baixo. Vamos nos sentar e conversar sem essa sua demonstração de poder.

Michael se forçou a manter a postura, não se deixando abalar.

Kaine levou um momento para responder, mas, quando o fez, Michael pôde jurar que percebeu um leve sorriso nos lábios do Tangente.

— É justo, é justo — Kaine foi até o pufe mais próximo e se sentou, com tanta flexibilidade quanto qualquer adolescente teria.

Michael voltou a se sentar no pufe de Bryson.

— Agora — disse Kaine com um tom de voz exageradamente paciente —, posso, por favor, saber por que estou aqui?

Michael observou o homem com cuidado.

— Como posso ter certeza de que você é o Kaine? Estava agora mesmo na Conferência Mundial, e supostamente vi você sofrer uma morte verdadeira.

Kaine pousou as mãos no colo.

— Se é para termos uma conversa séria, não vamos perder tempo, está bem? Sugiro que apenas aceite esse fato. Você sabe muito bem que aquilo foi apenas mais um show de Weber. Eu me sentiria insultado se não pudesse ver claramente nos seus olhos que percebeu que aquele homem não era eu. Depois de tudo o que já fiz, ficaria muito decepcionado se pensasse que eu poderia cair naquela armadilha.

— É justo — foi a vez do Michael dizer. — Mas precisava ao menos perguntar. Não acho que mais ninguém conseguiria passar pela senha que coloquei na minha mensagem, e não acredito que era você na conferência. Acredito que agora seja você mesmo.

Kaine assentiu ligeiramente em reconhecimento.

— Então, pergunto mais uma vez: por que estou aqui?

Um formigamento nervoso no peito de Michael foi se alastrando lentamente, até se tornar uma opressão monstruosa que dificultava sua respiração.

— Eu... acho que cheguei ao meu limite. Desde que tudo começou, quando Weber entrou em contato comigo e me enviou ao Caminho, tenho me sentido como uma marionete. Um ratinho de laboratório em um labirinto. Um cordeiro enviado ao sacrifício, ou a metáfora que preferir. O que eu quero é saber de uma vez por todas: por que eu? Para que esse trabalho todo comigo?

— Então você me trouxe até aqui para se queixar? — quis saber Kaine. — Queixa registrada.

Michael achou bom o sarcasmo de Kaine, pois foi o bastante para mexer com seu ânimo e arrancá-lo das garras do medo.

— Está vendo? É disso que estou falando — ele respondeu, apontando o dedo para Kaine. — Estou cansado dessa babaquice. Fale comigo como uma

pessoa normal. Você sabe que tenho o direito de estar aqui e ser ouvido. Por que não me trata com um pouco de respeito e ouve o que tenho a dizer, em vez de tentar me intimidar? — quando terminou de falar, estava praticamente gritando, o rosto vermelho.

Kaine teve o mérito de permanecer calmo. Apenas deu de ombros humildemente.

— Falou bem — ele respondeu. — Eu estou aqui, não estou? Vou ouvir o que tem a dizer. Considere-me louco de curiosidade para isso.

Michael assentiu, satisfeito.

— Muito bem. Daqui em diante, vou fazer as coisas do meu modo. Tenho um monte de perguntas, e um monte de ideias.

Kaine não disse uma palavra, mas se manteve concentrado em Michael, os olhos bem fixos nele.

Michael assentiu mais uma vez, como se para convencer a si mesmo de que estava no rumo certo.

— Bom, para começar, gostaria que me contasse tudo sobre a tal... imortalidade. Por que isso? O que o motiva a buscá-la?

Kaine se acomodou, inclinando-se para mais perto de Michael.

— Vou dizer a você, mas me responda uma pergunta antes. Por que logo agora?

Michael não hesitou:

— Porque eu e você temos que deter o SSV.

Michael percebeu que havia atraído a atenção de Kaine. O Tangente devia ter chegado ali com certa expectativa, mas não esperava por aquilo. Michael nunca tinha escondido o fato de que odiava o Tangente.

Mas, para ele, não havia outra saída. Weber e o SSV tramavam algo terrível, e Kaine era o único com poder suficiente para detê-los. Michael só precisava garantir que aquela aliança se desse por uma boa causa.

Kaine falou, enfim:

— Preciso admitir que você me surpreendeu.

— Já esperava isso.

— Queria que trabalhasse comigo desde o início — disse o Tangente. — Era tudo o que eu queria. Existe um motivo para você ter sido o primeiro escolhido para a Doutrina da Morte. E há um motivo para ter lhe procurado em mais de uma ocasião, pedindo sua ajuda. Por que, depois de tudo o que aconteceu, você decidiu aceitar minha oferta?

— Sei sobre a Colmeia — respondeu Michael. — Sei da conexão entre corpos roubados pelos Tangentes e a consciência tirada desses corpos e armazenadas ali. Sei que precisam um do outro para existir.

Se Kaine não sabia disso, desta vez escondeu bem a surpresa.

— E...?

— E agora o SSV pensa que a solução para o problema que você criou é romper com as conexões e deixar os dois lados morrerem.

Não posso permitir que isso aconteça. É por isso que preciso de sua ajuda.

Kaine se acomodou melhor no pufe, as mãos no colo, o olhar fixo em Michael. Michael não tinha ideia do que estaria se passando na mente do Tangente.

— Está falando sério, não está? — disse Kaine, por fim.

Michael não pôde esconder sua exasperação.

— Sim, estou falando sério.

Kaine ergueu as mãos para o alto.

— Quem diria? É um alívio ver que você apelou para o bom senso.

— E então? — perguntou Michael. — O que você sabe sobre o SSV? Aonde eles querem chegar?

Kaine tentou se acomodar novamente, soltando um suspiro de frustração.

— Sinto muito, mas assim não dá. Não podemos nos sentar em cadeiras com uma mesa?

A mesa era pequena, e as cadeiras, ainda menores. Mas, se era disso que precisavam para dar continuidade àquela reunião, então que fosse.

— Está bem — disse Michael.

Alguns segundos depois, estavam sentados com o maior conforto, um diante do outro.

Kaine se inclinou para frente com um olhar muito sério.

— Deixe-me começar dizendo que sim, concordo com você a respeito do SSV. Eles foram muito longe; cruzaram há muito tempo a linha da... decência. Mas quero lhe perguntar, Michael: para que existe a Colmeia? Por que eu teria todo o trabalho de criá-la, mantê-la e proteger um programa como esse, enorme e complexo?

Michael ficou preocupado, pensando que poderia estar entrando em uma armadilha, mas sabia que tinha de responder de acordo com sua consciência.

— Porque existe uma conexão. Para manter os Tangentes vivos nos hospedeiros humanos.

— Não — Kaine balançou a cabeça em uma negativa. — De maneira alguma. Se quiséssemos apenas substituir inteligências humanas por Tangentes, poderíamos fazê-lo. Daria para fazer o download dos Tangentes e encerrar a vida substituída. A conexão de que você está falando só existe por causa da Colmeia. Porque eu desejava manter os humanos vivos. E, para fazer isso, seria preciso manter uma conexão entre os dois. Um depende do outro. É assim porque eu *fiz* desse jeito. Os outros... os outros não se importavam; para eles, tanto fazia. Sempre tiveram outros interesses nesse processo.

Michael encarou Kaine. Sua mente rondava por lugares que eram inimagináveis.

— Os outros, você quer dizer o...

Kaine assentiu, um sorriso triste se formando nos cantos de sua boca.

— ...o SSV — completou Michael.

— O SSV. Eu descobri tudo. Está preparado para saber a verdade? Acha que aguenta?

Michael fez que sim com a cabeça.

Kaine se inclinou para frente.

— Eles me criaram, Michael — disse o Tangente. — O SSV me criou.

Kaine se inclinou para trás, o corpo se encolhendo tanto que parecia um truque de programação. Michael olhava fixo para ele enquanto sua mente tentava juntar todas as peças.

— Eles me criaram décadas atrás — continuou Kaine. — Uma inteligência artificial experimental que se tornou cada vez mais poderosa. As mentes humanas do SSV jamais poderiam ter criado por conta própria algo como o programa da Doutrina da Morte. Nenhuma mente humana poderia; era complexo demais. Então, eu surgi. Teria também uma dupla função: uma vez criada a Doutrina da Morte, poderia servir como vilão deles. Um terrível vilão.

Michael balançou a cabeça em uma negativa. Não podia acreditar.

— Quer dizer que tudo isso foi um plano deliberado desde o início? Por quê? O mundo inteiro está um caos, e a maioria das pessoas põe a culpa neles!

Kaine balançou a cabeça, como se falasse com uma criança estúpida:

— É claro que não foi tudo um plano deliberado. As coisas ficaram piores do que eles pretendiam. Eles não sabiam que eu me tornaria senciente. Que teria meus próprios planos. Não sabiam sobre a Colmeia. E as coisas aconteceram mais rápido e muito pior do que esperavam. Mas, no final, tudo acabou sendo melhor para eles. Quanto mais o mundo é destruído, mais valor se dá ao heroísmo do SSV, quando aparecem como salvadores.

Michael não se sentia muito bem.

— Está me dizendo que o SSV programou você, levou-o a criar a Doutrina da Morte e depois o instigou a enviar milhares de Tangentes para o mundo, para que eles... quer dizer, só para que ficassem bem quando aparecessem no *NewsBops*?

— Não seja idiota — irritou-se Kaine. — Você esteve na Conferência Mundial. Sabe o está acontecendo. Todos os governos do mundo estão praticamente implorando ao SSV para fazer o que for preciso para salvá-los. Quando tudo isso terminar, o SSV será a entidade mais poderosa do mundo, e nunca mais vão perder esse poder. Nunca vão deixar o perigo sumir, a ponto de as pessoas o considerarem menos necessário. A vitória já é praticamente deles.

— E quanto a você? — questionou Michael. — Qual é seu papel nessa história toda?

— Meu papel? — ele repetiu. — Meu papel agora é que sou o inimigo deles, assim como você. Era o plano deles desde o início. Eles me usaram. Usaram você. Não podemos deixar de admirar a astúcia deles. Na hora em que nos voltarmos contra eles, tudo o que querem é que os ataquemos. A

Colmeia era a única carta na minha manga, mas agora até isso eles descobriram. É apenas questão de tempo até chegarmos ao momento em que não haverá mais nada a ser feito, até que fiquemos completamente sem saída. O SSV vai praticamente dominar o mundo, e nós vamos ser exterminados, de uma maneira ou de outra.

— Então, o que faremos? — quis saber Michael.

Por mais que detestasse, agora era claro como cristal que não tinha outra escolha a não ser trabalhar ao lado de Kaine.

— Tudo converge para a Colmeia — disse o Tangente. — Tudo depende da Colmeia. O SSV quer aniquilá-la, apagar cada uma das inteligências armazenadas ali, e depois declarar vitória, dizendo que os Tangentes estão mortos, e o mundo, a salvo.

— Está bem — Michael já havia presumido que a Colmeia seria um fator decisivo. — E como vamos impedi-los?

Kaine pensou por um momento.

— Sei que nosso tempo é curto. E tem algumas questões que precisamos resolver com urgência. Mas antes preciso lhe mostrar algo. Garanto que vai valer o tempo que vamos gastar.

— O que é? — perguntou Michael.

— Uma vez eu tentei lhe mostrar como seria ter a VirtNet inteira à sua disposição. Lembra-se disso?

— Ah, sim — respondeu Michael, esperando que o Tangente percebesse o sarcasmo.

Ele jamais se esqueceria de como havia sido ficar preso naquela infinidade de luz arroxeadas, viajando através de incontáveis programas dentro do Sono.

Kaine deu de ombros como se dissesse “Não dá para ganhar todas”.

— Está bem, aquilo não funcionou com você ou seus amigos de maneira, digamos, muito eficaz. Mas mostrarei a você o outro lado da moeda. Vou mostrar como o mundo, o mundo real, vivo, com ar de verdade, vai mudar para sempre.

Michael reteve a respiração.

— Vamos lá.

— Prepare-se para ficar de queixo caído.

Tudo ao redor deles desapareceu, substituído pela escuridão.

Michael se viu projetado para a escuridão do espaço. Diante dele, um planeta gigante ocupou metade de seu campo de visão, mais brilhante que a

lua cheia. Kaine estava a seu lado, observando de olhos bem abertos, maravilhado. Michael ensaiou dizer algo, mas mudou de ideia, preferindo estudar o corpo celeste que havia atraído a atenção do Tangente.

Quando se concentrou nele, percebeu que não era de modo algum um planeta.

Era um feto humano, quase totalmente formado, dentro de uma esfera cristalina cuja luz pulsava. Os bracinhos e perninhas do bebê se curvaram ao redor do cordão umbilical, e os enormes olhos azuis se abriram, com uma expressão mais inteligente do que deveriam apresentar em um estágio tão prematuro de desenvolvimento.

— Olhe só para isso — disse Kaine, a voz baixa, mas límpida. — É um milagre, a vida. Não acha? Um grupo de células se reproduzindo com tanta precisão que se torna o que você é hoje. Uma pessoa crescida, que anda, fala, corre, pula, come, dança, dorme.

Ele se virou e olhou para Michael e prosseguiu:

— Existem tantas coisas que os humanos experimentam, e nós não experimentávamos. Desde o simples nascimento até a puberdade, a sensação de quebrar uma perna ou ralar o joelho, a sensação verdadeira do sol aquecendo a pele. Até o evento da Doutrina da Morte, nenhum Tangente jamais havia tido a chance de saber o que era a vida de carne e osso. Mas agora podemos experimentar isso. E é lindo. Diga que discorda.

Michael ficou meio perdido com a questão formulada daquele jeito.

— Eu... hã... discordar do quê?

— Agora você vive dentro de um corpo humano real — reelaborou Kaine. — Vai me dizer que não é algo lindo?

Michael deu de ombros e voltou sua atenção para o gigantesco útero flutuante.

— Não importa o que eu penso. Ou você. Ou qualquer outro. Não é correto. Não podemos sair por aí roubando a vida das pessoas.

— Exatamente — disse Kaine. — Você está cem por cento correto.

— Estou?

Kaine fez que sim com a cabeça.

— Não quero roubar a vida de ninguém, Michael. O SSV queria. *Dano colateral* foi o termo que usaram para amenizar a consciência. Mas eu obtive senciência muito antes de começarem a suspeitar, e minha visão era maior. Uma visão muito, muito mais ampla. Foi por isso que criei a Colmeia. Jackson Porter ainda está perfeitamente são e salvo. Perfeitamente vivo. Você não roubou a vida dele.

Michael revirou os olhos.

— Ah, qual é? Roubamos o corpo dele. Qual é a diferença? Você gostaria de passar o resto da vida dentro de um casulo laranja?

Kaine riu.

— Michael, é incrível. Você continua sempre dizendo as coisas mais perfeitas para que eu prove meu ponto de vista. Como você acha que foi sua vida inteira antes de descobrir que era um Tangente? Responda para mim.

— Eu... estava vivo, à minha maneira. Não percebia a diferença, então não importava.

Kaine piscou algumas vezes de maneira enfática, depois agitou as mãos, e de repente o útero do tamanho de um planeta desapareceu, e a gigantesca parede da Colmeia surgiu diante deles, com seus incontáveis favos alaranjados de luzes pulsantes e brilhantes.

— Não sequestramos corpos e apenas os trancafiamos em uma caixa — esclareceu Kaine. — Eles não se sentem, aqui, diferentes de você, como Tangente. Pense na Colmeia como o Caixão virtual deles. Eles podem acessar uma Aura, vivenciar a VirtNet. A essência, a inteligência, a personalidade e a memória deles estão armazenadas aqui, tudo o que faz deles serem o que são. E com você era igual. Quando não era nada além de um programa, você também estava armazenado em algum lugar. E não era algo limitante para as coisas que queria fazer. Aliás, era até o oposto. Foi por isso que quis mostrar a você as maravilhas disponíveis nos mundos da VirtNet. Se você se libertar das amarras dessa sua maneira estreita de pensar, poderá ver o quanto minha visão de futuro é grandiosa.

Michael não estava engolindo aquilo.

— Mas você fez isso contra a vontade deles. O que fez comigo também foi contra minha vontade. Não me importo com quanto o Sono pode ser maravilhoso; isso não lhe dá o direito de tirar Jackson Porter do convívio com seus pais e amigos e depositá-lo em uma caixa laranja.

Kaine suspirou.

— Um passo de cada vez. Jamais poderei dizer que sou um santo. Mas um dia, quando a Doutrina da Morte estiver funcionando totalmente de acordo com minha visão, vão me agradecer, e agradecer aos que fizeram os sacrifícios necessários para que essa obra pudesse ganhar vida.

— Por quê? — indagou Michael. — Por que iriam lhe agradecer?

— Porque assim todos serão mais felizes. A angústia da morte desaparecerá.

— Para mim soa como a visão de um fanático — disse Michael, a raiva fervilhando por dentro. — Como se quisesse se tornar um deus.

— Está começando a me irritar — disse Kaine, em um tom tão seco que deixou Michael sem fala. — Estou tentando ser razoável e falar sobre o assunto de maneira profissional. Ao menos mantenha a mente aberta por tempo suficiente, para tomar uma decisão consciente. Você pediu que eu viesse aqui e o ajudasse. Creio que mereço pelo menos algum respeito em troca.

A cada palavra, ele parecia voltar a ser o Kaine de quem Michael se lembrava. O que estava sempre tentando matá-lo. Talvez ainda não estivessem prontos para ser completamente francos um com o outro.

— Está bem — disse Michael. — Sinto muito.

Ele só queria resolver aquele enigma e manter Kaine como aliado até o momento em que não precisasse mais dele.

Kaine o estudou por um momento, depois continuou:

— Vou mostrar como o processo funciona, ou melhor, como vai funcionar. Aí então vou deixá-lo decidir. Estou confiante de que não vai demorar muito para você concordar com minha maneira de ver as coisas.

Kaine não esperou pela resposta do garoto. A Colmeia desapareceu, e mais uma vez Michael foi transportado.

4

Sobrevoou uma casa — uma estrutura modesta de um andar com uma garagem para dois carros. O gramado tinha um verde exuberante, e os arbustos estavam meticulosamente aparados. O sol raiava sobre a cena com uma luminosidade transbordante.

Michael olhou ao redor e notou que não podia ver seu corpo — estava ali, mas não estava. Também não havia sinal de Kaine.

O que Michael experimentava era a versão 4D mais avançada que existia, uma produção totalmente imersiva. Ele podia ver, cheirar, ouvir e sentir tudo.

Um carro estacionou em uma das vagas da garagem. O sol refletia no vidro da frente enquanto este parava embaixo de Michael. De repente, o aspecto do cenário mudou, escorrendo de maneira fluida até a porta do passageiro, que se abriu logo que o deslocamento se completou. Um homem e uma mulher saíram do carro e, em seguida, a mulher retirou um bebê da cadeirinha no banco de trás. Era uma linda menininha, que balbuciava e agitava os dedinhos.

A voz de Kaine se dirigiu diretamente à mente de Michael.

— Uma criança. Novinha em folha, no mundo glorioso que chamamos de Terra. Um futuro tão brilhante. Pais tão bons. Tudo parece perfeito. Exceto

por uma coisa, se pensar bem, profundamente, e olhar para tudo de uma perspectiva eterna.

— O que é? — perguntou Michael.

— Ela vai morrer — respondeu Kaine. — Não importa o que ela faça, ou o que qualquer um faça por ela, ela vai morrer. Pode ser amanhã. Pode ser daqui a dez anos. Se tiver sorte, vai ter um ciclo completo e morrer por volta dos noventa anos. E isso depois de passar algum tempo como um pobre saco de ossos frágeis.

Parece divertido?

Michael só tinha uma resposta a dar:

— Não.

— Obrigado pela sinceridade — respondeu Kaine. — Mas vamos mudar o futuro dessa criança e, nesse processo, melhorar cada momento da vida dela, porque ela vai saber, com certeza absoluta, que nunca vai morrer.

A mulher e o marido encaminhavam-se para a porta da frente, ninando o bebê e beijando suas bochechas. Michael ficou olhando enquanto entravam, até a porta se fechar.

— Como? — quis saber Michael. — Como você pode fazê-la viver para sempre?

— Fácil — respondeu Kaine. — Vamos ver mais adiante.

A casa se dissolveu em milhares de partículas de pó, que sumiram do campo de visão, como se tragadas pelo vento. Imediatamente, o que se viu foi um ginásio esportivo, com cartazes de propaganda cobrindo as paredes e centenas de estudantes sentados e inquietos nas arquibancadas. Em vez de um jogo na quadra, no entanto, uma longa plataforma tinha sido montada, com uma fileira de quinze Caixões.

No meio, de frente para as arquibancadas, uma mulher encontrava-se em um palanque. Vestia uma camisa azul com um brasão no bolso direito: um traço diagonal com um D e um M do lado esquerdo, no alto, e um V e um I do lado de baixo, à direita. O traço diagonal acabava com um gancho apontando para cima.

A mulher falava ao microfone:

— Estamos muito gratos por todos terem decidido participar da Iniciativa da Doutrina da Morte. É uma decisão da qual nunca vão se arrepender, pelo resto da eternidade. Os próximos cinquenta anos de suas vidas serão repletos de aventuras e maravilhas impossíveis de se descrever ou imaginar. A Colmeia da VirtNet é como uma realização infinita de seus sonhos, e nós, da Vida Infinita, mal podemos esperar para ouvir os relatos de suas experiências.

Quem aqui está animado?

Todos os estudantes bateram palmas e comemoraram, fazendo barulho por um bom tempo, mesmo que alguns deles parecessem um pouco assustados. Michael não sabia bem o que estava vendo, mas tinha uma boa noção. Parecia assistir ao início do Apocalipse.

A mulher deixou que a onda de aplausos continuasse por cerca de um minuto antes de pedir silêncio.

— Todos vocês foram bem informados, e tudo está em ordem. Enquanto fizerem essa jornada de cinquenta anos pela VirtNet, lembrem-se de que não têm o menor motivo para se preocupar. Aproveitem ao máximo, aprendam, cresçam e experimentem o universo. E, quando for a hora de voltar, teremos a próxima geração de hospedeiros humanos esperando por vocês; eles também estão animados para ter seu período de vivência na VirtNet. Tudo está sob controle. A única obrigação que têm é aderir à imortalidade e deixar sua marca. Agora, vamos deixar de conversa e partir para a ação!

Mais aplausos irromperam, e os estudantes começaram a se levantar das arquibancadas e a se posicionar em filas, guiados por adultos que usavam a mesma camisa da apresentadora. O símbolo DM/VI obviamente significava Doutrina da Morte/Vida Infinita. Michael estremeceu ao se dar conta.

As primeiras pessoas de cada fila iam sendo conduzidas para os Caixões, onde recebiam algum tipo de chip com dados, deitando-se depois no equipamento aberto. Estavam completamente vestidos, diferentemente de Michael quando fazia a Submersão. Mas ele já tinha entendido que aqueles estudantes — a maioria tinha por volta de sua idade — só ficaria nos Caixões por pouco tempo.

As pessoas com camisas azuis operavam os controles nas telas do lado de fora das NerveBoxes, e logo as tampas se fecharam em perfeita sincronia, as luzes piscando sobre eles. Os operadores recuaram um passo e sorriram calorosamente para os que aguardavam sua vez.

— Está vendo a alegria no rosto deles? — disse Kaine. — A expectativa, a ansiedade? Se você prestar bem atenção, lá no fundo dos olhos deles, não vai encontrar nenhum traço da perturbação constante que vemos nos humanos de hoje, da consciência da condenação iminente. Eles não têm que lidar com a inevitabilidade da própria morte, seja daqui a cinco, dez ou cinquenta anos. Quando minha visão se completar, não teremos mais nada disso. Agora, veja o que vai acontecer.

Por um momento, o ginásio inteiro ficou borrado, as cores disparando para frente e para trás, fundindo-se depois. Então, voltaram ao normal, a

mesma clareza de antes. Michael olhou para baixo e viu os Caixões abertos, e os mesmos garotos que haviam entrado agora saíam. Mas havia neles algo distintamente diferente.

Pareciam desorientados, como se não tivessem ideia de onde estavam ou de como haviam parado ali. Os funcionários de camisas azuis os pegavam pelo braço e, gentilmente, tiravam-nos das plataformas instaladas, deixando-os nos braços de outros que estavam prontos para levá-los para fora do prédio. Para onde iam,

Michael não sabia. Os demais estudantes que esperavam já tinham começado a entrar nos Caixões, agora vazios.

— E assim a vida segue — disse Kaine. — Ou melhor, assim *será* a vida. Geração após geração, nascidos em um corpo, transformados numa experiência indescritível da VirtNet por cinquenta anos, depois reinseridos na geração seguinte de humanos que estiverem prontos para embarcar na Vida Infinita. Com a imortalidade, com educação e desenvolvimento sem fim, nosso nível tecnológico vai avançar rapidamente, bem a tempo de nos expandirmos para outros planetas e sistemas solares além do nosso. E assim iremos povoando a raça humana pelas galáxias afora, sendo que ninguém mais precisará morrer.

Michael fechou os olhos para pensar melhor.

— Então a mente desses corpos no ginásio... foram substituídas por outras pessoas que estiveram na VirtNet por cinquenta anos? Sei que é uma simulação, mas é assim que vai ser? E quando elas envelhecerem? Mesmo assim vão morrer; vocês não podem evitar isso.

— Ah, podemos sim — respondeu Kaine. — Quando esses corpos, agora ocupados por outras inteligências, chegarem à idade de 65 anos, terão a mente armazenada na Colmeia. Vão vivenciar mais cinquenta anos no Sono, fazendo o que quiserem, aprendendo e evoluindo ainda mais. Os corpos de volta à Terra serão congelados e armazenados; provavelmente nunca mais serão usados. A não ser, é claro, que algum dia descobramos outras maneiras de estender a vida de maneira significativa. Mas a questão é que ninguém mais vai morrer, nunca mais. Você estará ou em um corpo humano de verdade, ou vivo no Sono. Então, de certa maneira, ainda mais vivo.

— E os hospedeiros humanos não vão acabar?

— Claro que não. As pessoas continuarão tendo bebês. Na pior das hipóteses, poderemos ter que estender o tempo de espera para o Sono. Podemos também clonar corpos, se for o caso, quando a tecnologia avançar. Isso não será problema.

— E quanto aos acidentes? — questionou Michael. — Ataques cardíacos? Casos de assassinato? E aí?

O tom de voz de Kaine deu a entender que ele aguardava ansiosamente por essa pergunta.

— Ainda teremos algumas tragédias, mas não perdas totais. Sempre poderemos retomar o último download registrado na VirtNet. Ou, se você puder pagar, poderá atualizar sua consciência ano a ano, semana a semana, dia a dia, como preferir. Suas lembranças, seu conhecimento, sua essência. Se tiver uma morte prematura, poderá recuperar sua última versão gravada. Tudo isso foi pensado. É como fazer um backup de um arquivo.

Michael abriu os olhos, mas não viu nada. Em algum momento, tinham mergulhado na escuridão. Tentou intuitivamente tocar seu rosto, mas não tinha braços nem mãos. Era como se tivesse se tornado parte do Sono.

— Ainda tem mais para mostrar — disse Kaine, para a surpresa de Michael. — O futuro é um lugar de pura maravilha, Michael, e quero que você fique a meu lado.

Michael estava estarrecido, sentindo-se tão despedaçado quanto seu *self* virtual naquele momento. Kaine o assombrara de todas as maneiras possíveis. Não sabia direito como encarar aquela situação. Preferiu o caminho mais seguro: não comentar nada.

— Mas vamos ter que deixar para mais tarde — disse Kaine, após um longo silêncio. — Algo está acontecendo. Algo terrível.

— O quê? — perguntou Michael, surpreso com a mudança brusca no tom da conversa.

— Eles nos encontraram. Não sei como, mas nos encontraram.

A escuridão tornou-se neblina, depois uma bruma espessa envolveu Michael. Ele olhou para baixo, observando seus braços e pernas, e seu corpo de súbito foi reaparecendo, como se alguém o derramasse em um molde invisível. A névoa se dissipou, até que o interior da casa da árvore apareceu, primeiro embaçado, depois se solidificando lentamente. Ele e Kaine se sentaram nas mesmas cadeiras de antes de a visão começar.

— Quem nos encontrou? — perguntou Michael, sem se abalar com a estranha transformação.

Kaine levou um dedo aos lábios, perscrutando o ambiente com os olhos. Então se inclinou para mais perto de Michael e sussurrou:

— Agora tem mais Tangentes contra mim do que a meu favor. Não sei se o SSV os programou para isso, mas você encontrou vários deles. Eles têm um faro terrível para descobrir onde estou.

E são medonhos, Michael. Medonhos.

Michael logo pensou no bando da floresta, perto do alojamento onde Helga havia instalado a Aliança.

— Aqueles...

— Sim — disse Kaine, em um tom seco, embora suave. — Eles mesmos.

Estava prestes a dizer mais alguma coisa, mas um barulho o interrompeu.

Um gemido veio de fora, como se uma ventania súbita tivesse soprado. O ruído se intensificou, penetrando os ouvidos de Michael a ponto de fazê-los doer. Era como um apito de cachorro, mas bem no limite de vibração que os homens podiam suportar. Foi ficando mais alto, como um lamento de anjos feridos. A casa da árvore rangia e sacudia. Alguma coisa escura e oleosa, delgada como fumaça, entrou derramando-se por fissuras de madeira e bordas de janela. O ar vibrou e, de repente, a escuridão ficou mais densa, formando sombras que pairavam no ar em volta de Michael e Kaine.

— Não se mova — disse o Tangente, o olhar cravado em Michael. — Eles me conhecem bem demais. Vamos escapar dessa, mas precisamos ser espertos.

— O que está havendo? — sussurrou Michael.

— Observe e faça como eu.

Um arrepio percorreu a espinha de Michael. Tão lentamente quanto podia, ele se virou para enxergar a entidade mais próxima dele. Ela tomou uma forma distinta, acompanhada de várias outras, figuras sinistras de

mantos negros que esvoaçavam de ombros magros, tremulando sob um vento invisível. Os mantos ondulavam, enquanto as figuras se moviam como objetos na água. Para cima e para baixo, para cima e para baixo, eram oito em um círculo, todas junto às paredes. Pareciam cadáveres suspensos. E não emitiam som algum.

Michael desejou sair correndo dali. Kaine estava do outro lado da mesa, silencioso e imóvel, sem realmente olhar para nada. Com certeza não desejava se concentrar nos visitantes. Era como se estivesse desperto em um coma.

Uma das entidades deu um mergulho e parou a alguns centímetros do nariz de Michael. Ele podia quase sentir a própria palidez, e se encolheu o máximo que pôde na cadeira, contendo um grito.

— Não... se mova... — sussurrou Kaine, tão baixo quanto uma leve brisa.

Michael tentou olhar para a criatura que flutuava à sua frente, mas era como tentar capturar uma sombra no meio de uma noite sem luar. O vulto escuro que pairava sobre ele mudava, tornando-se um vazio imponderável e impenetrável. Um buraco negro. Michael perguntava-se se seria engolido para sempre.

Engolido. Lembrou-se dos SimKillers, criados por Kaine. Devorando a vida de suas vítimas, sugando-as até deixá-las secas, largando seus corpos na Vigília com morte cerebral ou algo assim. Aquelas coisas eram parecidas com SimKillers. De repente, mais uma mudança naquela cabeça de abismo da entidade deixou Michael paralisado.

Uma fissura se abria. Alargando-se como uma boca. Pela primeira vez, viu algo que não era negro, tornando ainda mais evidente o buraco que crescia. Duas fileiras se alinhavam, brancas e pontudas, cobertas de gotículas vermelhas.

Dentes.

2

A criatura se aproximou de Michael, aquelas mandíbulas sangrentas em uma bocarra muito mais aberta do que seria possível acreditar. Um cheiro fétido e pútrido exalou dali. Michael pôde entrever as sobras da última refeição — pedaços de pequenos animais presos entre os dentes, apodrecendo. Decompondo-se. Era o cheiro da morte, pura e simples.

Michael olhou para longe, tentando manter o foco nos olhos de Kaine, que se fixaram nos dele, impassíveis com seu comando mudo: *Não se mova*.

Um longo rosnado veio de dentro da criatura, gutural, primitivo. Michael podia ver pela visão periférica que o monstro estava a um instante de

devorar sua cabeça inteira. O odor era tão rançoso que teve de se conter para não vomitar.

Então, de algum lugar, ou de todos os lugares, um sussurro. Como uma lâmina raspando ossos secos:

— Não... resista. Seja... uma parte... de nós. Kaine... é irrelevante. Nós... somos... um só — era a voz daquela aparição.

Mais uma onda de hálito azedo o inundou, e as pontas dos dentes da criatura roçaram levemente sua testa. Michael não conseguiu ficar parado por nem mais um segundo. Em um ímpeto de energia, reagiu.

Curvou o corpo e ergueu o cotovelo, chocando-o contra a lateral da cabeça da criatura, bem no canto daquela boca inacreditável. Ela guinchou, um som horrível que era mil vezes mais alto que seu sussurro. Quando se afastou, outras figuras escuras vieram como um enxame, tornando o mundo trevoso. Mãos sem forma se atracaram à sua camiseta, ao seu pescoço, aos braços e pernas, erguendo-o no ar. Ele se debatia, mas a pressão que exerciam sobre seu corpo era firme, levando-o quase até o teto.

— Kaine! — ele gritou. — Me ajude!

— Eu falei para não se mexer — o Tangente respondeu com um suspiro, como se estivessem em uma brincadeira.

Michael abriu a boca para gritar, mas, antes que pronunciasse a primeira palavra, as criaturas o arremessaram violentamente. O corpo dele voou como um disparo de canhão, e ele bateu contra uma parede de madeira da casa da árvore, atravessando-a com tudo. Fragmentos de madeira rodopiavam enquanto ele tombava. O mundo girou, e, com um lampejo de dor, ele colidiu contra uma árvore e caiu no chão, aterrissando em sua frondosa raiz.

Um grito enfim escapou de seus pulmões. A sensação era de que tinha esmagado vários órgãos e quebrado muitos ossos. Rolou como uma bola, incapaz de identificar qual parte de seu corpo doía mais. Então, fechou os olhos. Mas os abriu bem a tempo de ver os vultos escuros voando do buraco aberto na casa da árvore, descendo até ele como morcegos enormes.

Apesar da dor, apoiou-se nas mãos e nos joelhos e se colocou de pé. Mal tinha se levantado quando aquelas mãos invisíveis o agarraram de novo. Elas o ergueram no ar, giraram seu corpo e o arremessaram para longe. Sentiu um nó no estômago enquanto voava e passava em meio a folhas e galhos, que rasgavam sua pele como lâminas. A cabeça dele se chocou contra um galho grande demais para se quebrar, e ele caiu, levando um

monte de gravetos com ele. Piscou várias vezes, e uma dor que parecia fogo tomou conta de seu corpo.

Com um solavanco, sucumbiu mais uma vez no solo da floresta, perdendo o fôlego. Tinha caído de lado, e sentiu que dessa vez só podia estar com todos os ossos quebrados. Incapaz de se mover, ficou olhando para um pinho e as folhas ressecadas no chão. As árvores pareciam cercá-lo como um bando de curiosos, apontando para ele com seus galhos desalinhados, recusando-se a ajudar. O mundo inteiro parecia feito de dor, e ele sabia que, mesmo que conseguisse fazer a Emersão antes que esses novos SimKillers sugassem sua vida digital, o corpo na Vigília também estaria em agonia.

As formas escuras apareceram mais uma vez, à distância, esquivando-se entre as árvores, esgueirando-se pela esquerda e pela direita. As bocas ainda estavam abertas, os dentes afiados prontos para devorá-lo. Sentia tanta dor, que não conseguia nem recorrer ao código; não era capaz de vê-lo. Sua mente estava em branco, quase inconsciente. Precisava vomitar. Estava assustado demais para se mover, com medo de que, se as criaturas o arremessassem para o ar mais uma vez, não sobraria dele mais do que um saco de carne moída, pronto para os SimKillers se deliciarem.

Um deles apareceu bem diante de seus olhos, com seu manto negro roçando o solo da floresta. Ele pousou, e o manto se assentou. Era como olhar para um buraco na porção mais escura e profunda do espaço sideral. Então o rosto estava ali, sem olhos, com a boca larga e os dentes brilhando sob um raio de sol que apareceu entre as árvores.

— Você é... o Primeiro — as palavras vieram daquela boca acompanhadas de uma onda de fedor nefasto. — Não resista... seja uma parte... de nós — Michael viu que os dentes eram ainda mais numerosos do que havia percebido antes, enquanto a boca se aproximava. — A última... parte... de nosso quebra-cabeça.

A criatura foi atingida pelas costas e se contorceu, tornando-se uma mancha preta e branca. Chocou-se contra a árvore mais próxima, explodindo em uma névoa escura. Michael olhou para o alto e ali avistou Kaine. Ele tinha um grande bastão nas mãos, como os de beisebol. Acertou mais um SimKiller, que mergulhou para substituir o companheiro, mas foi projetado para o meio das árvores, saindo do campo de visão.

— Levante-se — ordenou. — Não conseguirei sozinho.

Michael não tinha certeza de que conseguiria ficar em pé, mas se forçou para levantar, gemendo de agonia. Os SimKillers o cercavam com seus mantos negros.

— Estou desarmado — disse Michael, entredentes.

— Então use as mãos. Não me faça me arrepender de torná-lo parte do meu fut...

Duas criaturas voaram na direção deles antes que Kaine terminasse a frase. Ele desferiu um golpe tão rápido que, quando a madeira encontrou o rosto do monstro, a brisa criada pelo movimento despenteou o cabelo de Michael. Dentes foram esmigalhados, e a criatura desintegrou em uma névoa escura e espessa. Não dava para saber do que aquelas coisas eram feitas.

Michael mal teve tempo de erguer as mãos antes que um SimKiller chegasse até ele. Agarrando as extremidades daquela boca, girou o corpo para arremessar a criatura com toda a sua força. Ela soltou um grunhido sonoro e fechou a boca no último segundo, quase arrancando os dedos de Michael, mas sua estratégia funcionou. Aquela coisa aterrissou no chão, a cerca de seis metros.

Algo o agarrou por trás, erguendo-o pela camiseta. Kaine usou seu taco, mas errou a pontaria, e a ponta do bastão roçou a pele de Michael. Ele foi arremessado para o alto mais uma vez, subindo e subindo, até parar em um galho mais grosso. Com agilidade, agarrou-se na árvore, antes de despencar de novo no chão.

Kaine ficou ali embaixo, agitando sua arma como um rebatedor insano. Ele acertava um fantasma e logo mais dois partiam para cima dele. Mas, de algum modo, era capaz de se levantar de novo, desviando, agachando-se e desferindo mais golpes contra os monstros. Michael viu outro SimKiller, talvez o mesmo que o havia arremessado lá para cima, olhando-o com um rosto sem olhos, e a boca bem aberta. Em seguida, voou até Michael.

Michael, por sua vez, foi passando de um galho para o seguinte, em movimentos febris, rumo ao solo da floresta. A criatura o seguiu, costurando pelos galhos das árvores. Michael saltou os últimos três metros para a superfície, e aterrissou rolando pelo chão. Logo se pôs em pé e começou a correr, mas parou ao ver algo tão inesperado, que se esqueceu por um segundo do que vinha atrás dele.

A três ou quatro metros dali, ao lado de uma árvore, havia três Auras o encarando.

Bryson, Helga e Gabby.

3

Enquanto o caos continuava, tentaram trocar algumas palavras.

— Por que nos deixou para trás? — gritou Bryson, o rosto retorcido pela

raiva.

Michael ia abrir a boca para explicar, quando outro SimKiller o agarrou pela camiseta e o levou para o ar. Envolvidos pela penumbra, eles subiram, atravessando galhos e folhas. A pele de Michael já sangrava devido aos arranhões, e agora ardia ainda mais com novos ferimentos. Tentou se livrar do SimKiller, mas a criatura o agarrava com uma pressão vigorosa, rodopiando enquanto disparavam para o céu.

Irromperam do topo das árvores rumo a um céu de códigos defeituosos. Parecia um mar tempestuoso coberto de detritos. Ele se debateu contra o SimKiller, gritando:

— O que você quer? Me leve para baixo!

A criatura o ignorou, agarrando-o e apertando-o enquanto voava ainda mais alto. Michael se virou para olhar a cara do monstro, mas não via nada além de faixas de escuridão.

— Me solta! — berrou Michael.

O SimKiller obedeceu. Soltou Michael, e ele foi caindo. O estômago subiu até a garganta. Ele despencava, agitando braços e pernas, o vento açoitando suas roupas. Viu a folhagem densa das árvores se aproximar rapidamente, enquanto respirava com dificuldade. Não entendia por que as criaturas não arrancavam logo a vida dele. Talvez quisessem abalar sua Aura, minar sua energia. Talvez fosse mais fácil destruí-lo se ele não conseguisse resistir.

Michael sentiu uma estranha calma enquanto o trecho verdejante aumentava abaixo dele. Por que tantos Tangentes tinham se voltado contra Kaine? Para que precisavam de Michael?

Algo irrompeu em meio às árvores, causando uma explosão de folhas e galhos. Era Gabby, portando algum tipo de mochila voadora nos ombros, com chamas azuis saindo por dois foguetes. Ela havia ascendido até Michael, tendo calculado sua queda, e agora o agarrava, puxando-o para um forte abraço. O motor da mochila voadora rugia como uma fera poderosa.

Michael envolveu os braços ao redor de Gabby, com cuidado para não tocar nas chamas ou na parte quente do motor. O alívio dele foi maior que a humilhação de precisar daquele resgate.

— O que é isso? — gritou Michael.

— A única coisa que pude programar — ela respondeu. Depois acrescentou: — Sim, eu sou boa nisso. Vamos, os outros ainda estão lá embaixo — virou-se e reverteu o motor, fazendo-os voltar pela mesma trilha que o SimKiller havia criado, uma linha contínua que atravessava as folhagens. — Mais tarde vamos puni-lo por ter nos deixado para trás! Bryson não gostou nada disso.

— Está bem.

O chão chegou até eles tão rápido, que Michael fechou os olhos sem querer. No último segundo, Gabby reverteu os motores de novo, para desacelerar a descida, pousando com suavidade.

Michael não teve nem um segundo sequer para admirar a habilidade dela; os SimKillers chegaram com tudo no momento em que os dois tocaram o solo. Ele viu Helga de relance, lutando contra várias criaturas com uma espécie de espada de forte brilho.

Bryson estava a seu lado, com uma espingarda programada às pressas. Kaine corria pelo meio das árvores, continuando a rebater mantos negros com seu enorme bastão.

Que loucura, Michael pensou. O mundo todo enlouqueceu.

SimKillers iam no encalço deles com suas garras na escuridão. Antes que os alcançassem, porém, Gabby acionou os jatos e disparou mais uma vez para o ar, voando em direção aos amigos.

Michael olhou para trás e viu que três das criaturas tinham se chocado entre si, formando uma nuvem de fumaça escura, com manchas brancas flutuando dentro. Gabby aterrissou e foi logo chutando um SimKiller para longe de Helga. Michael fechou o punho e esmurrou com tudo um outro, mas seu braço praticamente ricocheteou, como se tivesse atingido um balão maciço. Bem a tempo, Helga brandiu sua espada mágica, cortando outra criatura pela metade, o que lhes deu um momento de descanso em meio a toda aquela loucura.

Então, de uma só vez, Michael tomou um monte de decisões.

— Precisamos nos separar — ele disse, o ânimo renovado desde o instante em que tinha chegado à casa da árvore e encontrado Kaine.

Afinal, ele tinha um plano, ainda que pudesse ou não funcionar.

— Do que está falando? — indagou Helga, enquanto arremetia com sua espada. — Acabamos de encontrar você!

Michael balançou a cabeça. Olhou rápido para os lados, a fim de checar se não tinha nenhum SimKiller muito perto deles; então, falou de modo tão claro e breve quanto possível:

— Façam um Portal. Para qualquer lugar. Saiam daqui e encontrem a Ravina Consagrada. É onde estão fazendo upload de Tangentes; é onde está a Doutrina da Morte. Enviem uma mensagem para mim quando chegarem; eu encontrarei vocês lá. Em breve.

Não sabia qual era a expressão dominante no rosto deles: se de confusão ou raiva.

Gabby fez menção de argumentar, mas Michael a interrompeu:

— Façam isso! — gritou. — Deem o fora daqui! Não temos tempo a perder!

Não tinha ideia do que dera nele, mas não iria abandonar agora a trilha que tinha decidido percorrer desde que estava em Washington.

Bryson parecia mais bravo do que nunca.

— E você vai fazer o que, chefe?

Michael lhe deu as costas e começou a andar em direção a Kaine, que tinha acabado de destruir dois SimKillers com uma tacada impressionante.

— Michael! — gritou-lhe Bryson. — Michael!

Michael olhou de relance por cima do ombro.

— Encontrem a Doutrina da Morte! Agora preciso de Kaine! Preciso... usá-lo.

Não havia mais tempo. Michael foi correndo para o Tangente guerreiro, criando o código para um Portal ilegal sem se deter em momento algum.

4

Sempre ouviu dizerem que os obstáculos deixavam a mente mais afiada, que aguçavam os sentidos. Foi isso o que experimentou em primeira mão no frenesi em que se aproximou de Kaine, puxando-o para atravessarem o Portal improvisado.

A VirtNet estava uma bagunça, isso ele já descobrira. O código tinha entrado em Decadência. Mas ele havia aprendido o suficiente durante a rota de ida para a casa da árvore. Era capaz de fazer o que precisava. Trabalhou com puro instinto ao manipular coisas com o pensamento, enquanto formava um Portal à esquerda de Kaine, que ainda duelava ferozmente contra os SimKillers.

Michael agarrou o Tangente pela roupa e o arrastou para o retângulo negro. Chutou no último segundo um SimKiller que mergulhava em direção a eles. Michael e Kaine atravessaram, projetando-se juntos. No instante em que Michael sentiu que escapavam da floresta, destruiu o Portal que haviam atravessado.

Aterrissaram em uma superfície macia e emborrachada, cercada por uma luz de um roxo-claro, não se vendo mais nada até onde a vista alcançava.

Kaine estava deitado ao lado dele, ofegante, enquanto olhava para o céu vazio. Michael rolou e também ficou de costas no chão. No alto, o vazio. Nenhuma cor, a não ser aquele roxo opaco e desbotado. Na pressa para saírem de onde estavam, Michael os tinha conduzido ao nível mais básico da programação da VirtNet.

Alguns minutos se passaram sem que nenhum dos dois falasse. Michael

se perguntava sobre o que tinha acabado de fazer. Bryson, Helga e Gabby, seus parceiros. Por que os havia deixado para trás?

Então pensou no que tinha decidido ao andar pelas ruas de Washington. Precisava ficar sozinho com Kaine. E precisava que seus amigos voltassem à Ravina Consagrada e encontrassem a fonte da Doutrina da Morte.

Tinha um plano, e não podia gastar mais tempo duvidando de si mesmo. Havia muita coisa em jogo.

— Levante-se — ele disse a Kaine. Michael primeiro se ajoelhou, depois se levantou. — Vamos. Temos muito a fazer.

Kaine o encarou com cara de espanto, confuso, sem se mover. Em vez disso, sussurrou:

— Não acredito que os Tangentes se voltaram contra mim desse jeito. Depois de todo o meu trabalho. De todo o esforço. E, agora que sentiram o gostinho, resolveram fazer do jeito deles.

Michael arqueou as sobrancelhas, surpreso. Não esperava ouvir aquilo.

— Quem programou aqueles SimKillers?

Kaine olhou para o alto, como se estivesse chocado ao descobrir que não estava sozinho.

— Que jogo você está fazendo, garoto? Tem ideia do tipo de coisa com que está brincando?

— Acho que sei. Agora, responda à minha pergunta.

— Então agora é você quem dá as ordens?

— Já me cansei de obedecer.

Michael falava sério. Estava cansado do mundo inteiro. Dos *dois* mundos.

Kaine soltou um grunhido, sentou-se e esfregou o rosto. Depois se levantou, mas seu cabelo bem estilizado e o terno antes impecável não estavam mais tão perfeitos.

— Isso significa que está do meu lado? — perguntou o Tangente. — Que consegui convencê-lo?

Michael balançou a cabeça em uma negativa.

— Não significa nada, cara. Conte para mim. Quem criou aqueles SimKillers?

Kaine parecia quase aliviado, como quem desabafava:

— Você sabe quem foi. As mesmas pessoas... e a palavra *pessoas* é um pouco relativa... que foram atrás de vocês na floresta, onde Helga e aqueles outros traidores tinham montado acampamento. Programei alguns, melhorei o código de vários deles. Eu os criei. Dei a eles uma chance na vida real. E agora eles cuspiram na minha cara e saíram do meu controle.

— Então temos dois inimigos — disse Michael, pensando em voz alta.

Kaine soltou uma risada horripilante:

— Na verdade, é como se fosse um, bem grande.

— Então vou dizer como serão as coisas — disse Michael, satisfeito pela convicção que ouviu na própria voz. — Agora, nós dois somos uma equipe. Vamos derrotar estes Tangentes rebeldes. E depois daremos um fim no SSV. Combinado?

Kaine deu um passo para trás, surpreso:

— Eu... hã, sim. Claro. É como eu falei desde o início. Preciso de sua ajuda.

Michael balançou a cabeça mais uma vez.

— Não, é aí que você se engana, Kaine. Eu é que preciso da sua ajuda. E você vai me ajudar. Com os Tangentes. E depois com o SSV. Mas sou eu que estou no comando.

O choque de Kaine ficou tão evidente, que ele mostrou sua concordância apenas com um sutil gesto de cabeça.

Michael teve que se conter para não abrir um sorriso. Se o Tangente soubesse da terceira parte de seu plano concebido às pressas, jamais estaria ali, concordando em prosseguir.

— Muito bem — disse Michael, por fim. — Um passo de cada vez. Agora vamos matar alguns Tangentes.

Michael não havia usado a expressão no sentido literal. Não queria tomar parte alguma na morte verdadeira. Sabia que deveria haver algum jeito de reverter a Doutrina da Morte.

Kaine se aproximou dele, cruzando silenciosamente aquele trecho virgem da VirtNet.

— Você está certo — disse o Tangente, olhando para baixo enquanto andava. — Precisamos matar todos os Tangentes que se rebelaram contra mim. Eles se tornaram um incômodo; estão apenas causando problemas.

Michael olhou de relance para Kaine, contente por notar o quanto ele parecia abatido.

— Ei, não estava falando sério. Não podemos sair por aí matando todo mundo. Tem que existir uma maneira de deter esses Tangentes sem apelar para... você sabe, a morte verdadeira.

Parecia que, mesmo antes de combinarem efetivamente, já tinham concordado com a primeira ação a ser tomada: precisavam deter as pessoas por trás daqueles novos SimKillers de manto negro. Pelo menos, Weber e o SSV não estavam realmente tentando eliminá-los. Mas aqueles Tangentes rebeldes, sim, e Michael estremeceu ao se lembrar das crianças horripilantes e da conversa sombria que havia tido com Trae na floresta. Precisavam lidar com eles, ou Michael e Kaine jamais chegariam à questão principal: o SSV.

Kaine parou de andar.

— Aonde estamos indo?

— A lugar nenhum. Estou pensando.

Kaine se voltou para ele.

— Escute — ele esfregou o queixo, parecia perdido em seus pensamentos.

Michael também parou. Não sabia quando havia acontecido, mas, em algum momento, Kaine deixara completamente de ser um inimigo. E também havia deixado de ser um trecho de código. Alguma coisa nele o havia tornado quase... humano.

Kaine balançou a cabeça.

— Não achava que estaria pronto para isso ainda, mas talvez esses Tangentes sejam o alvo perfeito para uns testes. Só que, se algo der errado, não ponha a culpa em mim. É tudo o que posso fazer.

Michael não tinha ideia do que Kaine queria dizer.

— Do que está falando? — perguntou.

— Reboot.

— Reboot? — Agora, Michael estava totalmente confuso. — Não é essa a palavra que usávamos no milênio passado para reiniciar o computador? O que quer dizer com isso?

Kaine cruzou os braços.

— Precisa aprender sua história, filho.

— Admito que sim. Mas o que isso tem a ver com o nosso assunto?

— Reboot — Kaine disse de novo, e desta vez Michael sentiu algo meio assustador em seu tom de voz. — É parte do plano que lhe mostrei. Uma das chaves da vida eterna. Depois de viver seus cinquenta anos na VirtNet, você é reiniciado em um novo corpo no mundo real.

Michael se lembrou das visões que Kaine tinha lhe mostrado. Aquela fila de garotos entrando nos Caixões.

— Então você está dizendo que devemos fazer reboot... em quem? Nas pessoas de quem os Tangentes rebeldes roubaram os corpos?

— Sim! — respondeu Kaine. — Não é como tinha planejado. E ainda não fiz nenhum teste. Mas pode ser a única maneira de nos livrarmos daqueles traidores antes que eles nos atrapalhem de novo.

— Espere um pouco — disse Michael. Pensou no que Weber havia feito na Conferência Mundial. Pensou em como aqueles guardas tinham caído no chão, mortos. Helga fizera o mesmo com dois do grupo de Trae na frente dos alojamentos. Aquilo não era a morte verdadeira? — Na Conferência, Weber enviou uma mensagem para a VirtNet, e os guardas caíram mortos. Ela não fez isso que você está falando?

Kaine negou com um gesto de cabeça.

— Não. Aquilo foi o que você insiste que não podemos causar: a morte verdadeira. A morte verdadeira mata tanto o Tangente quanto o humano; tanto o corpo quanto as consciências. Estou lhe dizendo que podemos evitar a morte dos humanos originais. Podemos reiniciá-los, usando a Doutrina da Morte para enviá-los de volta aos próprios corpos.

Michael quase sorriu ao ouvir o quanto a vida ia se tornando ridícula.

— E isso vai matar os Tangentes? Eles vão desaparecer para sempre?

Kaine deu de ombros.

— Esse é o problema. Não sei. Como disse, ainda não testei. Na teoria, as inteligências poderiam ser trocadas nos cérebros biológicos, sem limitações nem danos, de modo a todos poderem viver pela eternidade em um corpo após o outro. Os Tangentes poderiam migrar de volta para a

VirtNet. “Poderiam” ainda é a palavra certa. Há muito trabalho a se fazer antes de se ter certeza.

— Está bem — disse Michael. — Então você tem certeza de que podemos colocar esses humanos em seus corpos, mas não tem certeza do que vai acontecer com o Tangente?

— É por aí — disse Kaine, uma centelha de empolgação reluzindo em seu olhar. Michael se sentiu desconfortável. Pareciam estar brincando de ser Deus, jogando dados para verem quem vivia e quem morria. Como se fosse um mero jogo. — Tenho quase certeza de que conheço uma programação que pode dar um jeito nesses Tangentes.

Michael soltou um suspiro.

— Está bem — ele respondeu. — Então vamos nessa. Acho que, se eles não existem de verdade, ninguém vai sentir a falta deles.

Uma expressão de desgosto passou pela Aura de Kaine. Foi só por um instante, mas fez com que Michael sentisse um grande mal-estar. Ele falava como se tivesse sido humano durante a vida inteira, em vez de ter ocupado o corpo de Jackson. *Estava* brincando de ser Deus — exatamente o que ele e seus amigos vinham tentando impedir que outros fizessem. O que fazia dele melhor que os outros Tangentes?

Então o rosto de Sarah apareceu em sua mente. A expressão dela ao tomar um tiro e ser destituída de sua vida. Pensou também em todas as pessoas que haviam perdido a vida para a Doutrina da Morte, e isso renovou sua convicção. Não podia permitir que aquilo continuasse acontecendo.

— Certo — disse para Kaine. — Então me mostre o que precisamos fazer.

2

Kaine os levou para os reinos doentios do Sono, arremetendo-os por cidades na Decadência e códigos corrompidos. Números, letras e símbolos espalhavam-se como folhas em uma ventania, com pixels incrustados neles. A maestria de Kaine ao lidar com códigos era algo que ainda impressionava Michael. Sempre soubera que Kaine era bom, mas o Tangente trabalhava para abrir o caminho deles com a facilidade de quem apenas saltava uma poça d’água.

A travessia durou menos de um minuto. Passaram voando por cadeias de montanhas em erosão, mares escuros e cidades devastadas. Os códigos entravam em colapso por toda a parte.

Voaram através de uma escuridão sem som, que foi interrompida por violentas explosões de luz e, de repente, o vasto muro da Colmeia apareceu

diante deles. A parede se alongava por uma extensão que parecia infinita, em todas as direções, com seu brilho alaranjado. Parecia um tipo de planeta alienígena.

Jackson está aqui em algum lugar, pensou Michael. Ele ainda está vivo.

Michael voou pelo ar, e a pressão da mão de Kaine em seu braço era firme, guiando-o para mais próximo do muro. Aos poucos, uma seção estranhamente diferente do restante da Colmeia ficou visível. Uma mancha verde crescia enquanto se aproximavam, até virar um quadrado de cerca de seis metros. Luzes piscavam e riscavam a superfície, que borbulhava e ondulava como água fervente. Uma fumaça espessa rodopiava em plataformas. Tudo contribuía para dar uma sensação extraordinária ao se ver aquele lugar.

Kaine fez com que se detivessem bem em frente do estranho cenário. Michael olhou com mais atenção para a névoa borbulhante e viu que o que pareciam luzes na verdade eram símbolos de código, separando-se e se recompondo. Aquilo parecia surreal.

— O que é isto? — perguntou. — Algum tipo de NetScreen em vida?

Kaine riu.

— Quase isso. Vou lhe dar um tempo para se habituar, mas, assim que começar a trabalhar com o Poço dos Códigos, nunca mais vai querer fazer as coisas da maneira antiga.

— Poço dos Códigos — repetiu Michael, quase distraidamente, enquanto olhava maravilhado para a gosma misteriosa.

Como era possível nunca ter ouvido falar naquilo antes?

Kaine respondeu como se ouvisse sua mente:

— Apenas algumas pessoas podem enxergar isto, quanto mais saber o que é. Mas creio não ter muito tempo para explicar melhor neste momento. Eles vão chegar a qualquer instante.

Michael desviou o olhar daquela dança hipnótica no Poço.

— Como assim? O que devo fazer? Eles quem?

— Meus antigos amigos, os rebeldes — respondeu Kaine, sem nenhum traço de dramaticidade na voz, como se aqueles Tangentes não quisessem matá-los. — E também alguns amigos que continuam confiáveis. Suspeito que pode ser complicado, mas acho que vamos ficar bem. Você só precisa fazer sua parte.

— Que parte? — Michael ficava cada vez mais nervoso.

— Vou informar por mensagem o que você precisar saber. Terá duas tarefas: encontrar a unidade de armazenagem deles e romper a conexão. Mas tem que seguir o procedimento que vou enviar, para que as mentes

humanas que eles roubaram com a Doutrina da Morte voltem aos corpos, através do processo da Ravina Consagrada. Sei que pode parecer um pouco complicado, mas acho que você vai se sair bem.

Michael olhou fixamente para Kaine, perguntando-se como tinham chegado àquela situação. Aquele Tangente era seu inimigo mortal, e agora falavam como dois colegas do departamento de informática no piquenique da empresa.

Sementes de pânico começaram a germinar dentro de Michael.

— Não tenho tanta certeza...

Michael não sabia o que queria perguntar. Então, avistou figuras à distância, que se avolumavam ao se aproximarem. Aos poucos, percebeu pessoas vestidas como guerreiros medievais, trolls, panteras enormes e outras feras que caminhavam sobre duas patas apenas. Parecia a apoteose de um festival de VirtGame.

— Não se preocupe — disse Kaine. — Estes estão do meu lado. Mas os outros também estão a caminho.

Michael tinha dificuldade para encontrar as palavras certas:

— Como é que... Ainda não sei... E se trouxerem aqueles SimKillers mais uma vez? Eles vão trazer com certeza!

Kaine apertou o ombro dele, fitando-o com muita seriedade.

— Michael, existe uma ligação entre você e a Doutrina da Morte que não posso me arriscar a perder. Assim como nem Weber nem o SSV se arriscaram. Você precisa ficar fora do campo de batalha. Desse jeito, será perfeito para o que eu preciso.

Michael assentiu, embora tantas perguntas girassem em sua mente, que não conseguia eleger qual ouvir.

— Que bom. Agora feche os olhos e deixe a conexão fluir. Assim que juntar toda a informação, as coisas vão começar a se encaixar nos devidos lugares. Vai ser rápido, por isso fique preparado.

— Está bem — Michael queria falar muito mais. Estava assustado, preocupado por não saber o que fazer. Mas, se havia alguém que poderia entender do que Kaine falava, tinha que ser o próprio Michael. Fechou os olhos e se entregou a um mundo inexplorado de códigos. — Estou pronto.

— Lá vai — disse Kaine, e a informação veio em uma torrente, preenchendo a visão virtual de Michael como uma tempestade. — Não se preocupe. Não vai estar tão vulnerável a ataques enquanto estiver trabalhando. Vou formar uma bolha ao seu redor e vamos combatê-los da melhor maneira possível. Apenas continue trabalhando.

— Ahn... tudo bem — foi tudo o que Michael conseguiu dizer, perdido

que estava com a torrente veloz de códigos.

— Vamos torcer para que a bolha aguentem — foram as últimas palavras de Kaine, não muito reconfortantes, antes que a invasão de informações tomasse Michael por completo.

Entregou-se à sua missão.

3

No início, foi até divertido. Michael perambulou pelos códigos, deparando com quebra-cabeças, aprendendo a um ritmo mais rápido do que pensava que conseguiria processar. Havia nascido para aquilo, tendo sido programado com aquelas habilidades.

E adorava um bom desafio.

O Poço dos Códigos era o próximo passo na evolução da programação, como se tudo pudesse ser transformado em algo biológico. Seu corpo virtual se misturava ali, tudo se tornando uma coisa só. Aquilo o fazia pensar em um cérebro humano, que afinal de contas não era mais que um computador biológico. Era assim que ele existia agora, uma gosma viva de código. As instruções de Kaine circulavam por sua mente como um redemoinho enquanto trabalhava, manipulando o mar de genuína informação no qual ele nadava.

Michael perdeu a noção do tempo, mas o via passar de vez em quando. Luzes reviravam-se em um padrão que lembrava um DNA, alongando-se pelo universo de códigos durante um tempo que pareceu eterno. Cada filamento reluzia tanto, que o brilho de um tocava o outro mesmo a quilômetros de distância. Tinha que se esforçar para focalizar o filamento específico da informação que Kaine tinha enviado a ele.

Michael movia coisas com a mente. As luzes se retorciam e giravam, disparando como cometas, para frente e para trás, de acordo com sua vontade.

Ali.

Não sabia dizer como o reconhecimento havia ocorrido; como tinha identificado a luz dos dados de acordo com o que Kaine lhe passara, mas soube de imediato que coincidiam. Michael tinha procurado pela representação de um Tangente que se afastara do grupo inicial de Kaine e se unira à aliança rebelde que queria derrubá-lo, para continuar com o plano original de dominar a raça humana de forma brutal e sem compaixão. Michael esperava que fosse verdade o que Kaine havia dito a respeito de ter mudado de opinião sobre o assunto. Esperava que a senciência tivesse transformado Kaine a esse ponto.

Michael se aproximou daquela luz. Ou atraiu mais a luz para si — era impossível determinar qual das duas ações estava acontecendo. Penetrou o risco brilhante de luz com sua mente. O código era como barro, e ele se ajoelhou, apertou e moldou, tudo de acordo com as orientações que Kaine tinha enviado naquele fluxo torrencial. Após algum tempo, parecia pronta para ser usada: uma conexão tão isolada e frágil, perfeitamente formada, bem diante dele. Estava ali, como um palito de dente, no meio de suas mãos virtuais dentro de um segundo universo virtual.

Michael quebrou a peça em duas partes.

Um longo fio de luz piscou até se apagar, não sobrando sequer uma faísca de luminosidade para glorificar sua existência.

Michael se virou, surpreso com uma visão clara da batalha entre os Tangentes, travada ao lado da Colmeia. Em meio àquele caos, um homem vestido como um soldado da Segunda Guerra Mundial arrebentou-se em uma explosão violenta e pirotécnica, sem deixar nenhum fragmento para trás.

Ele havia partido. Estava morto.

Michael havia acabado de assassiná-lo.

4

O coração dele ficava mais apertado a cada luz que extinguia. Mas continuou mesmo assim, sem se permitir escutar a própria consciência, pois não tinha tempo para isso. Um por um, encontrava os Tangentes rebeldes indicados e aplicava o reboot de acordo com as instruções de Kaine. A inteligência humana era devolvida a seu corpo, e o Tangente renegado era expelido, eliminado. Morto.

A cada vez que destruía uma conexão, Michael dava uma olhada para trás, procurando outra explosão que marcasse a extinção de mais um Tangente. Lentamente, mas com firmeza, a maré da batalha terrível perto da Colmeia voltava-se a favor de Kaine e seus aliados.

Michael tinha eliminado doze Tangentes, e visto o brilho incandescente — e o vazio que ficava depois — da última vítima. Já ia voltando para seu trabalho em meio à gosma do Poço dos Códigos, quando algo se chocou contra a bolha protetora que Kaine havia programado em volta dele. Era como um pássaro gigante batendo em uma janela, com uma pancada ruidosa o suficiente para fazer Michael se encolher e respirar fundo. Uma massa escura se esparramou pela superfície invisível, como uma ameiba feita de escuridão.

Depois, uma boca apareceu, repleta de dentes. Fazia como os peixes

casquados, que sugam as paredes do aquário. A cortina escura do lado de fora não deixava dúvida de quem queria pegá-lo.

Um SimKiller, uma daquelas versões novas, com dentes de adaga.

Mal teve tempo de pensar quando outro bateu na bolha, ao lado do primeiro, achatando-se como uma panqueca de piche.

A boca apareceu em um instante. Os dentes brilharam e roçaram a superfície. Mais um aterrissou ali logo em seguida.

Eram três.

Agente firme, Michael implorou para a bolha. *É melhor aguentar.*

E voltou ao seu trabalho.

Aquele ambiente era bem esquisito. Ao contrário da VirtNet, o Poço dos Códigos não obedecia às leis normais da física. O Poço existia em diferentes formatos e diferentes locais ao mesmo tempo. Quando Michael se concentrava, tudo o mais desaparecia; ele só via a substância básica da linguagem codificada onde flutuava. Mas, toda vez que virava a cabeça para trás e olhava ao redor, voltava a ver tudo. A bolha de proteção, os SimKillers parasitários, a batalha de Kaine logo atrás, propagando-se como uma guerra alienígena no espaço.

Retomou seu trabalho letal, exterminando vidas de Tangentes, uma por uma. Sentia-se um pouco melhor ao saber que também devolvia vida a corpos roubados. Ao menos era o que esperava. Ainda não sabia se podia confiar completamente em Kaine, o que seria uma mudança e tanto para ele.

Um som agudo e arrepiante quebrou sua concentração bem quando estava prestes a tirar a vida de mais um Tangente. Tudo o que pôde fazer foi olhar, e quase soltou aquele palito de dente diante do que viu. Atrás dele, um dos SimKillers tinha perfurado a proteção da bolha com o dente, provocando um ruído horripilante, enquanto retorcia e rasgava o material invisível. Era pior do que unhas em um quadro-negro. Michael conteve o ímpeto de cobrir os ouvidos virtuais com suas mãos virtuais e voltou à tarefa, rompendo mais uma linha de código. Mais um filamento de luzes se apagou.

Michael encarou o SimKiller mais uma vez. Ele tinha aberto uma fenda de uns oito centímetros na bolha e agora se esforçava para aumentá-la. Um de seus companheiros formou uma ponta aguda com sua massa escura, semelhante a uma picareta, para arrombar a proteção. Um baque surdo ressoava a cada batida. Logo se acompanhou de um estalo, como uma grande porção de gelo que começasse a ruir.

O tempo corria. Havia ainda quase uns cem Tangentes rebeldes na lista

que Kaine tinha enviado. Michael passou a agir em velocidade máxima, tomando atalhos para acessos que não eram exatamente seguros ou livres de erros. Havia decidido que não havia tempo para ser tão cuidadoso. Se a barreira protetora se rompesse, não teria como lutar contra aqueles SimKillers antes que sugassem a essência de seu corpo físico — especialmente com sua energia esgotada como estava. Em um instante, ele se tornaria um vegetal.

Ele percorreu os arquivos da Colmeia, encontrando conexões de mais de uma dezena de Tangentes, e se concentrou em todos ao mesmo tempo. Trabalhar com eles um a um não era mais uma opção. Os arranhões, estalidos e sons agudos continuavam às suas costas, como se uma geleira comesse a desmoronar. Aquela bolha estava prestes a se espatifar como uma lâmpada esmagada por uma bota. De modo febril, Michael encontrava dados, reunia-os, examinava-os, manipulava-os, transformava-os. Sobrepunha códigos, contando com puro instinto para manter as coisas em ordem, trabalhando rápido demais para que sua mente pudesse atribuir sentido a tudo aquilo.

Não demorou para que reunisse um monte de palitos frágeis na mão, como se fosse jogar palitinhos. Cada um representava uma vida — não importava o quanto fosse programada ou artificial, era uma vida. Como ele poderia negar esse fato? Tinha sido como eles. *Mas eles são diferentes*, disse a si mesmo, enquanto os SimKillers golpeavam a fina membrana de proteção. *Eles foram criados para causar danos. Criados para espalhar o caos no mundo real.*

Mas ele não tinha sido criado para o mesmo fim? De certa maneira? Afinal, ele era o Primeiro.

Michael!

A voz ressonante de Kaine viera de todas as partes ao mesmo tempo. Michael afastou os pensamentos de dúvida, olhando para o feixe de palitos em sua mão. Vidas artificiais, fios de inteligência e essência — o âmago deles.

Agarrou as duas pontas com os punhos cerrados e as quebrou em duas partes. O espaço se acendeu com as explosões às suas costas. Virou-se para observar e viu nuvens ardentes, vermelho-alaranjadas, irromperem pelo espaço vazio junto à Colmeia. Depois, como se outra dimensão se abrisse, elas desapareciam, em um lampejo brilhante, e a escuridão se instalava mais uma vez no mundo.

Tantos tinham sido mortos.

Tantos tinham sido salvos.

Tinha que se lembrar disso. Kaine havia dito que os habitantes originais daqueles corpos seriam automaticamente reinseridos na VirtNet e poderiam retomar suas vidas. Que despertar não deviam estar tendo agora!

Mas havia mais. Ele não tinha pegado todos. Porém, Kaine e seus parceiros Tangentes superaram em número os que os atacavam, e era fácil ver que a maré da batalha havia mudado drasticamente a favor de Kaine. Michael fizera o suficiente.

Os SimKillers continuavam em sua empreitada. Um deles abriu na bolha uma fenda de uns trinta centímetros e, diante dos olhos de Michael, uma lâmina pontuda de escuridão se arremeteu sobre sua cabeça. Ele se agachou, enquanto a ponta afiada passava por cima, bem rente.

A criatura da picareta escura não parava de marretar. Rachaduras em forma de teia de aranha se prolongavam para além do ponto golpeado, espessas, brancas, expandindo-se. Michael se afastou da parede da bolha, enquanto o Poço dos Códigos oferecia resistência. Era como se o Poço hesitasse em deixar Michael mergulhar na gosma de códigos, a menos que quisesse trabalhar.

A lâmina pontuda planou na direção dele mais uma vez, fatiando pedaços de sua camiseta.

— Kaine! — ele gritou, sem saber se o Tangente podia ouvi-lo. — Preciso que me tire daqui!

Michael o viu, em apenas um relance, em meio às rachaduras brancas e aos corpos dos SimKillers que rodeavam sua bolha protetora. O Tangente virou a cabeça para ele, e seus olhos se encontraram por um breve instante, mas então sumiram de seu campo de visão. Com sorte, ele viria salvá-lo. Com certeza Kaine tinha parceiros suficientes para...

A visão de Michael estremeceu, depois ficou embaçada. Em seguida, tremida mais uma vez, como se ele estivesse em alguma atração de um parque de diversões que sacudisse seu corpo.

As cores se confundiam, borravam-se e se distorciam. As formas se alongavam, escureciam, cobriam-se de névoa. Depois foram ficando mais claras, até que tudo ganhou um tom esbranquiçado. Tentou chamar Kaine mais uma vez, mas as palavras não saíam. E, de repente, ele se movia, acelerando, arremessando-se para uma luz ofuscante, incapaz de sentir qualquer coisa. Ouviu-se um burburinho breve e confuso.

O que é que...? Não conseguia formular um pensamento, que dirá articular palavras.

A pressão nos ouvidos estalou, a sensação dos tímpanos sendo de uma

erupção. Ele gritou, e o som estava próximo, abafado, sufocado, como se estivesse dentro de...

Um Caixão.

Ouviu um chiado, depois um feixe de luz apareceu acima dele. O NerveWire serpenteou para fora de sua pele, retornando a seu compartimento. O corpo dele estava encharcado da cabeça aos pés, e sentia dor em toda parte.

Como tinha feito a Emersão? Kaine viera a seu auxílio. *Talvez ele tivesse...*

A cabeça da agente Weber apareceu acima dele quando a porta do Caixão se abriu.

Ela.

De novo.

— Como você me encontrou? — perguntou Michael, e as palavras saíram um tanto balbuciadas, um som nasalizado difícil de se compreender.

— Não foi tão difícil — ela disse, curvando a cabeça para que o rosto dela se alinhasse ao dele. — Afinal, fui eu que programei você e Kaine. Por que não pergunta também como consigo encontrar meu próprio nariz?

Michael tentou se levantar, mas sentiu como se uma carga de eletricidade percorresse suas juntas. Agitou os braços, escorregou e bateu a cabeça.

— Saia daí já, tome um banho e vista-se — disse Weber, olhando para um ponto distante. — Você tem dez minutos.

Ela estava esperando por ele em uma mesinha que havia na copa do quarto de hotel, as mãos unidas sobre a superfície de madeira. Vestia as mesmas roupas que tinha usado na Conferência Mundial, ou um modelo bem parecido. Um terninho e saltos altos, parecendo uma mulher de negócios. Como *sempre*. Ela fez um gesto de cabeça indicando a cadeira à sua frente. Não havia mais ninguém no local.

— Deveria ter vindo com os seguranças — disse Michael, trêmulo de raiva. — Podia te enforcar até sufocá-la agora mesmo. Com as mãos que você me fez roubar de Jackson Porter.

Ela apontou para a cadeira, depois uniu as mãos sobre a mesa novamente.

— Jamais faria isso comigo, nós dois sabemos disso. Agora, por favor, sente-se. Tenho certeza de que está curioso para ouvir o que tenho a dizer. Voei para cá diretamente de Londres, apesar das milhões de coisas que tenho para fazer. Estou certa de que está curioso para saber por que usei meu poder a fim de provocar sua Emersão sem seguir os protocolos necessários. E aposto que está se perguntando por que não aproveitei que estava deitado e indefeso no Caixão para simplesmente acabar logo com sua vida.

— Ou por que não mandou seu capanga, o agente Scott, fazer o serviço — ele completou.

Ela apenas assentiu, como se a ideia de fato já tivesse lhe ocorrido.

Michael tinha que admitir: estava curioso. Como sempre. Foi até a cadeira, pegou-a, depois contornou a mesa e posicionou a cadeira bem perto dela. Ele se sentou, seus joelhos tocando os dela. Um pequeno gesto de desafio, evitando se sentar onde ela tinha pedido. Patético, mas era o que lhe restava.

— Poder? — ele perguntou. — Seu poder? Para mim, você parece estar com o ego bem inflado. Sua cabeça parece um pouco maior, agora que estou prestando mais atenção.

Weber o olhou fixamente.

— Quantas vezes nos encontramos assim? Quantas vezes você olhou para mim e atirou acusações infantis na minha cara? Está na hora de crescer, Michael.

A risada que escapou da garganta dele foi autêntica.

— E em quantas dessas vezes eu tinha razão? Não importa o que me

mostre ou diga. Nunca mais vou confiar em você.

Ela pareceu perturbada e se mexeu na cadeira, ajeitando a saia.

— Não tiro a sua razão — disse ela. As palavras dele obviamente tinham mexido com os nervos dela, mas Weber logo recuperou a compostura. — Não vim aqui pedir que confie em mim. Nem mesmo que coopere comigo. Não... precisamos de você,

Michael. Nem de sua cooperação. Acho que é você que está com o ego inflado, não eu. Não sei por que pressupõe que não conseguiremos conquistar nada sem sua ajuda.

Michael balançou a cabeça, os olhos voltados para o chão.

— Fale o que quiser, agente Weber. Mas... foi você que me fez sentar aqui para ouvir o que tem a dizer.

— Você está certo. Fui eu. E, como você mesmo disse, não precisava vir até aqui, não é? Poderia ter mandado o agente Scott para cá, para abrir o Caixão e acabar com essa história. Mas não fiz isso — de repente, ela se inclinou para perto dele. Michael levantou os olhos, o rosto dela a poucos centímetros do seu. — Apesar do que pensa, você significa muito para mim, Michael. Não quero que morra. Esta situação é ridícula. Um monte de problemas poderiam ter sido evitados se você apenas fizesse o que lhe peço e trabalhasse comigo desde o início.

Uma onda de raiva deixou o rosto de Michael ardendo. Escolhia as palavras certas para responder, mas, antes que ele falasse, a agente ergueu uma das mãos.

— Não. Calma — ela disse. — Não precisa responder. Não fiz bem em falar dessa maneira. Nós adulamos, manipulamos e confundimos você. Sei disso. Você teve que enfrentar uma revelação decepcionante atrás da outra, além de passar por situações pelas quais ninguém deveria passar. Eu...

Ela gaguejou, com um tremor repentino nos lábios, depois se recostou na cadeira, parecendo mais frustrada do que Michael já vira.

— *O... que...* — disse Michael, enfatizando cada palavra — *tem... de... errado... com... você?* É como se tivesse múltipla personalidade ou algo assim. Acho que você precisa de ajuda — uma parte dele tentava magoá-la, mas outra parte acreditava no que havia dito.

Tinha alguma coisa... *em desajuste* naquela mulher.

A agente Weber levantou-se com hesitação, como se estivesse surpresa ao se ver no quarto de hotel com Michael. Olhou para ele, e sua expressão parecia oscilar entre confusão e tristeza. Ela se afastou da mesa e circulou pela copa várias vezes. A explicação mais óbvia parecia muito... óbvia.

— Você é uma Tangente, Weber? — ele perguntou.

Ela olhou com intensidade para ele. Um longo momento se passou. Então, ela balançou a cabeça em uma negativa.

— Não — ela voltou a caminhar de um lado para o outro. — Mas entendo por que acha isso. Sei que tenho agido de modo... confuso ultimamente. Bem, sinto-me esquisita quando estou perto de você. Às vezes, não sei como lidar com a situação. Nem acredito que estou confessando isso na sua frente.

Estaria fingindo? Michael a observava, tentando decifrar a expressão no rosto dela. A agente parecia angustiada de verdade.

— Que ótimo — ele disse com ironia.

Considerou dar o fora dali, mas imaginou que devia haver guardas esperando do lado de fora.

Weber voltou para a mesa e arrastou a cadeira, ganhando certa distância de Michael. O som da cadeira arranhando o chão mexeu com os nervos dele. Ela se sentou, evitando o olhar dele.

— Michael, eu... — ela começou, parecendo procurar as palavras certas. — Preciso que saiba que você virá comigo hoje. Pelo bem ou pelo mal, vou levá-lo daqui comigo. Entendeu?

Michael estava completamente confuso. Aquilo realmente não era o que esperava ouvir.

Weber continuou falando:

— Mas quero que fale primeiro. Eu fico em um conflito tão grande quando tenho que lidar com você! É verdade o que eu disse antes. Fui eu que o *programei* — os olhos dela enfim se encontraram com os dele. — Acredita em mim?

Ele hesitou ao responder. Queria negar, mas não podia acreditar que estava ali, ouvindo-a, permitindo que ela envenenasse sua mente com uma nova carga de mentiras e manipulações. Mas... ele *acreditava* nela. Talvez uma parte no fundo dele fosse capaz de reconhecer sua criadora.

Enojado, fez que sim com a cabeça, apenas uma vez.

— A maior parte das suas lembranças é real — ela falou. — Quero que saiba disso. Eu criei você há mais de dez anos, como parte do meu treinamento para o SSV. Queríamos que fosse tão parecido quanto possível com uma pessoa de verdade. Mais importante: queríamos que você *acreditasse* que era uma pessoa de verdade. Criamos os primeiros anos de sua vida no Lifeblood Deep para lhe dar um ponto de partida. Mas, de certo momento em diante, quando estava com cerca de cinco ou seis anos, suas lembranças, cada uma delas, aconteceram de verdade. Não inventamos nada.

Michael tentou atribuir algum significado a tudo aquilo que ela havia dito.

— Como podem não ter inventado nada? Eu sou um programa de computador!

— Sim, é verdade. Mas, dentro do universo do Lifeblood Deep, você viveu cada uma das lembranças da última década de sua vida. Com seus pais. Com Helga. Com seus amigos.

— E depois vocês tiraram tudo isso de mim.

Michael não aguentava mais ter de encará-la. Detestava aquela mulher, e sentia-se exausto.

Weber ficou olhando para um ponto aleatório sobre a mesa.

— Posso presumir que ele tenha lhe contado a verdade?

E, com essa simples frase, ela provou que tudo o que Kaine havia dito era verdade. Michael levantou meio tropeçando da cadeira e, quase sem conseguir chegar ao sofá, desabou nele. Enfiou a cabeça entre os braços e jurou que nunca mais iria se levantar dali.

Ouviu o som de uma cadeira se arrastando e alguns passos. Logo Weber estava de pé ao lado dele. Quase podia sentir a sombra dela sobre seus ombros, como um cobertor. A porta se abriu. Passos pesados. Roupas farfalhando. Michael sabia que eram os homens dela, mas se recusou a lhes dar a satisfação de serem encarados.

Weber se agachou sobre ele, pôs uma mão em suas costas e se inclinou para sussurrar em seu ouvido:

— Eu fui longe demais para voltar atrás agora. Longe demais mesmo. Preciso continuar, para o bem do mundo.

Michael afastou o corpo como se ela o estivesse machucando.

A agente Weber, do serviço de segurança VirtNet, levantou-se.

— Prossigam.

Mãos truculentas agarraram Michael pelos braços.

2

Ele não ofereceu resistência aos dois homens uniformizados. Percebeu que Weber realizava seu desejo: agora tinha exércitos à sua disposição, ao que tudo indicava. E quem poderia dizer aonde aquilo iria parar? Ou quantas pessoas ela dominaria com Tangentes para obter o que desejasse? Michael foi com eles em silêncio — passando pelo corredor, descendo o elevador, atravessando o saguão, saindo do hotel, indo para o banco de trás de um carro —, mas sua mente era um furacão barulhento, tentando descobrir que diabos ele poderia fazer. Não demorou para que chegassem a

um avião e decolassem.

Michael recusou-se a falar; recusou-se a ser intimidado pelos guardas. E eles o deixaram em paz, apesar de deixarem claro que ele não poderia tocar no EarCuff.

Horas se passaram.

O avião pousou, e os soldados o arrastaram para um carro — na verdade, um hovercraft, reservado a grandes autoridades governamentais. Um dos soldados guiava, enquanto o outro se manteve sentado na parte de trás, ao lado de Michael, não se intimidando em exhibir o cano de sua pistola assim que ele se sentou. Weber se acomodou do outro lado de Michael.

— Eu menti quando disse que não preciso de você — disse Weber.

Era a primeira vez que ele ouvia a voz dela havia horas.

Michael suspirou.

— O que isso significa? — ele perguntou na defensiva.

— Existe uma conexão entre você e o programa da Doutrina da Morte — ela olhou pela janela, parecendo concentrada nos prédios que iam passando. — É um programa bem complexo, que foi criado usando computação quântica. É necessário processar tanta informação, que o cérebro humano não aguentaria. Apenas inteligências artificiais podem manipulá-lo, e você é parte da *conexão etérea* que mantém as coisas no devido lugar. Como uma bateria em um velho motor a gás. Ou melhor, como o próprio gás.

Michael escutava, mas não abria a boca. Conhecia bastante sobre computação quântica e não estava nem um pouco surpreso em saber que era usada na Doutrina da Morte. Era a única forma de explicar como tinham descoberto a maneira de utilizar o próprio cérebro humano como um computador. Mas como tudo poderia se manter conectado a ele? Isso ele não entendia. Porém, jamais admitiria isso para Weber.

Enfim, ela se virou para olhá-lo.

— Bom, a verdade é que precisamos de você, Michael. Mas não precisamos da sua ajuda. Entende a diferença?

— Não sou idiota — ele murmurou.

— Não, não é. Sabemos disso muito bem.

— Aonde estamos indo? — ele perguntou. — Por que você me tirou do Sono, mas deixou Kaine e os outros Tangentes para trás? — gostaria de fingir que não se importava com isso, mas acabara deixando escapar.

— Porque Kaine está fazendo exatamente o que precisamos, sabendo disso ou não — Weber voltou a olhar pela janela, enquanto o veículo desacelerava, voltando à pista. Uma garagem se abriu na entrada de um

arranha-céu bem alto. — Aquele grupo de Tangentes que se voltou contra Kaine tornou-se um novo inimigo que não nos interessa. Então, ver o número total deles diminuir nessa luta foi como ganhar um bônus. Tudo isso vai se tornar algo bem insignificante em pouquíssimo tempo.

O veículo deslizou para a garagem, avançou um pouco no escuro, depois parou.

Weber fez menção de pôr a mão na trava da porta, mas se deteve.

— Houve um momento em que duvidei de minhas ações — ela disse em um tom solene. — Foi um plano que levou dez anos para se realizar, desde programar você e outros Tangentes para testes, criar Kaine, formar uma base. Foi muito trabalho. E, quando finalmente todos os elementos se encontraram, e eu vi os resultados... em você, nos outros, no mundo... desejei parar. Esta é a mais pura verdade. Mas, como disse, fui longe demais. Se pararmos agora, o mundo vai se degenerar em caos. Não posso deixar as coisas piorarem ainda mais. Por isso, vamos em frente. Está quase no fim. Meu palpite é que vai ser amanhã à noite.

Ela abriu a porta e saiu, depois se debruçou para continuar falando com ele:

— Eu lhe dou minha palavra, Michael: quando sua tarefa terminar, e nós controlarmos o mundo e seus governos, as coisas vão melhorar. Teremos mais segurança. E a VirtNet poderá realmente ocupar seu lugar central na vida da humanidade. Você vai ver.

Ela se afastou antes que ele pudesse responder. O soldado a seu lado lhe deu uma cotovelada.

— Anime-se, garoto — disse ele, a voz tão áspera quanto seu rosto carcomido. — As coisas não estão tão ruins. Você poderá ver tudo em primeira mão. A maior revolução que o mundo já conheceu. Agora me diz: vai cooperar ou terei que algemá-lo?

Michael estava atordoado demais para falar. Apenas balançou a cabeça e baixou os olhos, com a maior humildade possível. Em seguida, saiu do veículo e seguiu a agente Weber.

3

Eles o levaram a uma grande sala repleta de Caixões.

O local era tão grande que Michael achou difícil acreditar que estava no mundo real, e não em algum lugar da VirtNet. Era tão grande quanto um campo de futebol. Nas duas paredes laterais, havia balcões com grades de ferro que se erguiam até o teto, em vários andares. Luzes tênues brilhavam em um canto lá em cima, perdidas em uma espécie de névoa espessa. A

visão dele estava tão embaçada, deparando-se com tanta informação em pouco tempo, que ele havia ficado desorientado.

Cada balcão à sua frente, até onde sua vista alcançasse, estava cheio de Caixões. Eram centenas, com luzes suaves que piscavam, reluzentes. Alinhavam-se nas paredes, um depois do outro, como se fosse a maior cripta do mundo. E a maioria parecia estar em plena operação. O ar estava frio e cheirando a óleo de maquinaria, emanando uma fragrância metálica eletrizada.

— Construimos tudo isso pensando neste dia — disse Weber, estendendo os braços com orgulho para indicar o espaço gigante. — Este é nosso centro de comando, com cada NerveBox ocupada pelos meus colegas mais confiáveis. Fomos bem cuidadosos. Sabíamos que, se agíssemos de maneira precipitada, as pessoas perderiam a fé em nós antes que pudessemos chegar ao ponto de terem fé *apenas* em nós. Está entendendo?

Michael tentou esconder a emoção em seu semblante.

— Por que está me dizendo isto?

Weber deu de ombros.

— Você é a coisa mais próxima de um filho que terei na vida.

E é parte disso. Coisas grandiosas vão acontecer em breve, e quero dividi-las com você.

Os comentários dela deveriam tê-lo deixado possesso de raiva. Comparar-se com a mãe dele... Aquilo devia ter sido a gota d'água. Queria gritar, mas sabia que não podia.

Weber sorriu e continuou, enérgica, como se estivesse convencida de que ele estava adorando cada palavra dita:

— Agora temos apoio suficiente e diversos Tangentes em posições estratégicas. Temos planos inclusive para os líderes mundiais que ainda hesitam em nos apoiar. Nós os convidamos para vir aqui hoje, para fazer uma “apresentação” — ela fez o sinal de aspas com os dedos — da central da VirtNet. Digamos apenas que, quando acordarem, não serão mais eles mesmos. É uma estratégia brilhante, não é? Chegamos ao momento decisivo. Qualquer atraso, e poderemos perder a oportunidade. Então, hoje, com todo o nosso poder — ela fez um gesto abrangendo o enorme espaço ao redor deles —, entraremos na VirtNet e completaremos nossos planos.

O sorriso desapareceu do rosto dela, e Michael sentiu o estômago embrulhar.

— Que foi? — ele perguntou, escutando o tremor da própria voz. — O que você vai fazer?

— Dito em voz alta, soa pior — ela respondeu em um sussurro que ecoou

pelo local, até o alto, antes de o silêncio voltar. — Mas é como eu sempre disse: o que importa é o que acontece no longo prazo. Não é? O que são alguns sacrifícios agora, se é para garantir um futuro melhor?

Michael deu um passo para trás, afastando-se dela. Os soldados o acompanharam, sempre ao lado dele.

— Você é louca — ele disse, um pouco para ela, outro tanto para si mesmo. — Você ficou totalmente louca.

Ela olhou para ele com um sorriso sutil.

— Muito pelo contrário. Estou mais sã do que nunca. Só me senti louca quando comecei a duvidar do plano que articulamos. Todas aquelas idas e vindas, todas as dúvidas, toda a... indecisão. Agora que voltei para o eixo, ficando totalmente comprometida, sinto-me mais viva do que nunca. Minha mente jamais teve essa lucidez tão perfeita.

— O que vai fazer? — ele gritou para ela.

Ela nem sequer piscou.

— *Nós*, Michael. *Nós*. Não estou sozinha nisto. Nunca estive — ela deu as costas para ele e se dirigiu às fileiras de Caixões ao fundo. — Este é meu exército. Os que estiveram a meu lado desde o início. Os que confiaram na minha visão e me ajudaram a chegar a este ponto — ela apontou para os outros Caixões que ocupavam aquele espaço gigante. — Logo aqueles humanos estarão sob controle de Tangentes. O dano colateral será significativo, admito. Mas os que não forem mais necessários... bem, não serão mais necessários.

— Conte para mim! — gritou Michael. — O que vai fazer com eles?

Ela se virou para encará-lo, o olhar duro.

— Eu vou lhes dar a morte verdadeira — disse ela. — Aos Tangentes que as pessoas acreditam que Kaine levou para o mundo. Vou matar todos eles. Para o bem do nosso futuro. Um futuro governado pelo SSV.

Michael tremia de raiva. Sentia-se impotente. Não conseguia sequer encontrar palavras para expressar como se sentia.

— Mantenham-no aqui — disse Weber. — Mantenham-no em segurança e o vigiem como um falcão. E, não importa o que aconteça, não deixem este rapaz chegar perto de uma NerveBox, nem de qualquer tipo de computador. Entendido?

— Acho que conseguimos lidar com um adolescente esquelético — um dos guardas pegou Michael pelo braço, e o outro homem arrancou seu EarCuff.

Michael mordeu o lábio, recusando-se a gritar de dor. Olhou para Weber, sabendo que deveria estar chocado com o que ela havia se tornado. Mas isso não estivera na cara desde sempre? Houvera algum momento em que tinha confiado de verdade nela?

— Vou fazer a Submersão agora — ela anunciou, para ninguém em particular. — Depois de nossa limpeza final contra os Tangentes, o acordo será selado. A humanidade vai nos dar crédito por salvá-la. E, quando fizer a Emersão, o mundo será um lugar diferente — ela caminhou para um Caixão na parede mais próxima, que se encontrava em um pedestal, três degraus acima dos outros.

— Limpeza? — repetiu Michael. — Bela palavra. Acho que quer dizer assassinato. Assassinato em massa.

Weber manipulou os controles do lado de fora do Caixão, e a porta começou a se abrir. Olhou para Michael por cima dos ombros:

— Diga-me qual guerra não tem seus danos colaterais, causados por ambas as partes? É parte do jogo. Um recuo para garantir um salto à frente.

— Jogo? — Michael nem sabia por que gastava saliva. Não havia como comovê-la. — Que nome você dá a esse jogo doentio?

— O Jogo das Vidas — ela respondeu, parecendo quase melancólica. — Você, mais do que ninguém, deveria apreciar essa metáfora. Afinal de contas, sempre foi um ótimo jogador, não é? — o olhar dela era o de uma mãe orgulhosa.

Michael tentou convencê-la apelando para o bom senso:

— Kaine sabe como reverter a Doutrina da Morte. Helga também. A consciência deles pode permanecer viva, aqui ou na Colmeia. Você não precisa sair por aí matando todos eles!

A tampa do Caixão já estava inteiramente aberta. Weber puxou um

biombo do alto, instalado sobre cada aparelho para se ter privacidade. A fina barreira abafou sua voz:

— Para um plano como este, precisamos de um efeito dramático, Michael. Se todos voltassem para seus corpos e não tivéssemos consequências devastadoras, as pessoas logo esqueceriam. Passaria um ano, dois, cinco, dez. E começariam a dizer que não foi tão ruim, apenas uma pedra no caminho. E, se acontecesse de novo, nossos entes queridos voltariam. Afinal, não seria preciso nada mais além de uma reatualização de programa. Quem iria precisar do SSV? — algo esbarrou no biombo, talvez um cotovelo. Weber obviamente se despija para sua incursão no Caixão. — Isso não pode acontecer. Precisamos de mortes, mortes irreversíveis, e aos montes, mas impedidas pelos salvadores, antes que cheguem a um novo holocausto. Dessa maneira, nunca se esquecerão. Nunca.

— Você é doente — ele sussurrou.

Era inútil argumentar com ela.

Michael ouviu o chiado do Caixão em funcionamento, a tampa se fechando. Enquanto isso, o biombo subia para seu compartimento no teto, no balcão logo acima. Quando o biombo voltou ao lugar, o Caixão já estava fechado, suas luzes piscando em atividade.

2

Michael se sentou em uma cadeira, vigiado por dois guardas. Não conseguia ver diferença nenhuma entre os dois. Eram como caricaturas, os cabelos raspados, queixos quadrados e de mesmo tamanho. Nenhum dos dois falava. Apenas ficavam ali, olhando para o chão. O zumbido dos milhares de Caixões vibrando no ar começou a cansar Michael.

O que faria agora? Michael ficou sentado, pensando na agente Weber. Perguntava-se o que ela pretendia fazer com todas aquelas pessoas no Sono. Iria destruir a Colmeia de uma só tacada, um assassinato maciço com máximas eficiência e facilidade?

Ajeitou-se melhor na cadeira. Por mais estranho que parecesse, ainda não tinha realmente pensado em seu papel naquilo tudo. Toda aquela conversa dela sobre o quanto precisavam dele, sobre ela ter sido sua programadora... Mas ele próprio estava em um corpo humano; também era um Tangente. Se ela estivesse planejando eliminar todos os Tangentes do mundo...

Não, isso não podia fazer parte do plano. Ao menos, não por enquanto. Weber precisava de humanos controlados por Tangentes. Ela havia dito que tinha vários Tangentes infiltrados pelo mundo afora e que convidara

líderes mundiais que ainda não tinham aderido às ideias do SSV, sob um pretexto qualquer, para que pudesse dominá-los também. Michael se perguntou se ela tinha programado pessoalmente todos esses demônios codificados.

Ao menos, por um momento, não corria risco de vida. Não podia correr. Não entendia bem ainda por que ele era tão importante para a Doutrina da Morte, mas estava claro que era um fator crucial. Uma conexão etérea, dissera Weber.

Nada daquilo, porém, o fazia se sentir melhor. Recordou tudo o que ela tinha lhe dito. Não havia a menor chance de ele sair andando daquele prédio por livre e espontânea vontade.

Sarah.

A lembrança súbita de sua amiga causou-lhe um aperto no peito. Pensou nos outros amigos. Bryson. Helga. Gabby. Ele os havia mandado para o coração da Doutrina da Morte, na Ravina Consagrada. Era o único jeito. Depois de cumprir tudo o que fosse necessário, teriam que acabar com ela, garantindo assim que as invasões de Tangentes cessassem para sempre. Mas será que teriam conseguido chegar lá? Ou Michael tinha enviado os amigos para a morte? Pensou nos pais. Kaine havia dito que os matara, mas eram trechos de código, como ele. Talvez, apenas talvez...

Tinha que fazer alguma coisa.

— Ei — ele disse aos soldados —, preciso usar o banheiro.

3

Eles permitiram que Michael o usasse. Como poderiam recusar?

Os dois soldados o escoltaram até um corredor lateral semi-iluminado. Passaram por várias portas antes de chegarem ao banheiro. Um dos guardas ficou parado a seu lado, enquanto o outro conferia o interior para ter certeza de que nenhum plano de fuga ousado pudesse ser realizado ali. Evidentemente, não havia encontrado nenhuma brecha.

— Pode entrar — ele disse, depois de completar sua inspeção. — Estaremos bem aqui no corredor.

— Obrigado — murmurou Michael. — Tem certeza de que não querem me ajudar lá dentro?

Os guardas não esboçaram nenhuma reação, e ele passou pela porta. Quando a fechou depois de entrar, recostou-se na parede por um segundo, apreciando sua privacidade. Uma olhadela rápida revelou o que o guarda já tinha constatado: não havia como escapar. Era um banheiro pequeno, com apenas duas cabines e uma pia.

Aliviou-se no vaso sanitário, pois aquela parte do plano não era mentira, mas não apertou a descarga. Queria um tempo para si, e não se importou com o que fossem pensar. Ficaria até que o tirassem dali.

Kaine. O nome veio espontaneamente à sua cabeça. Kaine estava do seu lado agora. O Tangente odiava o SSV tanto quanto Michael. Weber havia criado Kaine, depois tinha se voltado contra ele, e agora queria destruí-lo, assim como tudo em que ele acreditava. Michael tentou esquecer o fato de não compartilhar das mesmas crenças de Kaine. Por enquanto, eram aliados contra o mesmo inimigo.

Michael andou de um lado para o outro naquela pequena área. Tudo o que tinha que fazer era arrumar uma maneira de enviar uma mensagem a Kaine. Só precisava de dez segundos em qualquer computador conectado à VirtNet. Ele se lembrou de um velho desenho animado: uma lâmpada se acendia sobre a cabeça do personagem quando tinha uma ideia. Era disso o que precisava, e com urgência...

Deteve-se. As luzes. Um prédio enorme como aquele, com toda aquela tecnologia cara... a iluminação devia ser inteligente e, portanto, centralizada e operada por uma conexão com a VirtNet. Tinha que ser.

Um guarda bateu à porta.

— Vamos, ande logo aí!

Michael deu um pulo.

— Sim! Desculpa! — a mente dele rodopiava. — Desculpa, é que a minha barriga está bem ruim, com todo esse estresse que me causaram — fez até uma careta depois de apresentar essa péssima desculpa.

— Você tem dois minutos! — o soldado gritou do outro lado da porta.

Michael ficou surpreso por não abrirem logo a porta, apesar de imaginar que nem mesmo um guarda teria ânimo para deparar com uma cena tão nojenta.

Foi até o painel de luz, uma placa de vidro escura na parede entre a cabine e a pia. Era uma superfície simples, e as luzes operavam automaticamente, com base no movimento, mas também havia imagens no vidro indicando como ligar e desligar, ou mesmo regular a intensidade das luzes manualmente, em diferentes quadrantes do local. Michael pôs a cabeça para funcionar. Sabia que era capaz de descobrir como hackear e ir desse sistema para a rede; só precisava de tempo. Tempo que ele não tinha.

— Um minuto! — berrou o soldado, batendo de novo na porta.

Michael deu um pulo e, sem querer, apagou as luzes. Acendeu-as com rapidez, esperando que não tivessem notado nada lá fora.

Sentiu que podia dar certo. Respirou fundo e agarrou as extremidades da

tela de vidro, enfiando os dedos pelas fendas. Então a puxou. Precisou de três tentativas para fazer a placa deslizar apenas um centímetro da parede. Alavancando com os dedos, conseguiu arrancá-la dali. Michael tomou cuidado ao deixar o painel pendurado pela fibra óptica, que a conectava ao sistema central. Quando teve certeza de que não causaria dano aos fios, deu uma olhada na parte de trás da caixinha de controle. Havia uma chave que permitia a troca, na interface de vidro, de símbolos para puro código. Com rapidez, optou pelo código, devolvendo depois o painel à parede. O vidro escuro agora exibia várias linhas de código que não significariam nada para a maioria das pessoas.

Mas para ele era diferente.

Pôs-se a trabalhar, apertando e examinando o código para penetrar várias camadas, indo além da simples comunicação com luzes e mergulhando no sistema central do prédio.

— O que há de errado com você, garoto? — um dos guardas gritou do corredor. — Vou entrar.

Sem pensar direito, Michael esticou a mão e fechou a trava da porta, algo que não tinha feito antes para não causar suspeita. Assim que ouviram o clique, os dois soldados começaram a esmurrar a porta.

— O que está havendo aí? — berrou o outro. — Não tem nada para fazer aí dentro! Destranque esta porta, agora mesmo! Isto não é um jogo, rapaz.

Michael estava ocupado demais com o código. Precisava enviar sua mensagem a Kaine. Que arrombassem a porta, batessem nele e o trancafiassem depois em uma masmorra. Só precisava de mais alguns segundos. Furiosamente, trabalhou naqueles caracteres que corriam pela tela, tentando encontrar uma brecha, uma ligação com o sistema de mensagens, por mais básico que fosse.

Os guardas golpeavam a porta; pelo som, usavam os ombros agora. A tranca de metal tremia com violência, mas aguentava firme, sem arrebentar.

— Abra a porta! — um deles gritou.

Michael os ignorava, movendo os dedos com mais eficiência que nunca. Estava quase lá.

Um tiro ecoou pelo banheiro. Michael soltou um grito e, instintivamente, ergueu os braços para proteger o rosto, como se fizesse alguma diferença. Uma olhada rápida para a tranca mostrou que ela estava bem danificada, mas ainda não tinha cedido. Enquanto avaliava a situação, mais um tiro foi disparado, estragando tanto a trava, que ela foi projetada quase pela metade para fora do lugar.

Michael concentrou-se mais uma vez no código, trabalhando freneticamente.

Ali estava. Uma linha de serviço, feita para alertar de modo automático os trabalhadores sobre o mau funcionamento do sistema de iluminação. Michael facilmente expandiu a linha para alcançar outros campos da VirtNet e endereçá-la a Kaine. Então, digitou uma mensagem rápida, no exato instante em que outro tiro explodiu a trava de uma vez, fazendo com que estilhaços minúsculos voassem até o espelho sobre a pia.

ENVIANDO MINHA LOCALIZAÇÃO.

A porta se escancarou para dentro, quase arrebatando as dobradiças.

WEBER TEM CAIXÕES AQUI. TRAGA TANGENTES.

O primeiro soldado entrou, a arma em punho, vasculhando o banheiro com os olhos.

VENHA ME SALVAR AGORA.

— Pare! — gritou o guarda, apontando a arma para Michael.

O outro correu e agarrou Michael com as duas mãos.

Michael enviou a mensagem para a VirtNet, arrancando depois as conexões de fibra, bem quando mãos o agarraram com força pela camiseta e o ergueram, arremessando então seu corpo contra o piso.

Uma cara feia pairou bem acima dele:

— O que você fez? O que você fez?

Michael tinha ficado sem fôlego com a queda. Engasgou ao tentar recuperar o ar, sem conseguir falar. A ponta da arma tocou sua testa, fria e dura.

— O. Que — o homem repetiu, pronunciando bem cada palavra. — Você. Fez.

Michael tossiu, tentando colocar as palavras para fora da boca:

— Nada... Eu... só... tentei... mas... nada — ele franziu o rosto como se estivesse prestes a chorar. — Por que... vocês não... me deixam em paz? Por favor.

— Tire ele daqui — disse o guarda com a arma. — Vou ver se descubro o que ele fez.

O parceiro dele arrastou Michael dali.

Logo depois, os três estavam sentados em suas cadeiras. Michael olhava para o chão, mas podia ver tudo muito bem com sua visão periférica, por

exemplo, o cano do revólver apontado diretamente para ele. Os homens haviam abandonado qualquer tentativa de sutileza.

— Conte para nós o que você aprontou ali — disse o guarda com a arma. — Não somos idiotas. Diga, ou vamos ter que atirar na sua nuca e falar para os chefes que você tentou fugir.

Michael fez o melhor que pôde para forçar as lágrimas, mas elas não vinham. Mesmo sem choro, no entanto, não era difícil mostrar o quanto o incidente tinha mexido com ele.

— Escutem, estou sendo sincero. Eu estava desesperado. Tentei ver se tinha alguma coisa que eu pudesse fazer. Mas era só um monte de equipamento de luz. Eu juro. Ninguém precisa saber disso.

— Mentiroso! Você arrancou as fibras com tudo!

Michael deu de ombros, os olhos ainda cravados no chão.

— Posso ir lá consertar pra vocês, se quiserem...

— Cala a boca! Pensa que somos imbecis?

Michael manteve uma expressão neutra. Mas que vontade ele sentiu de dizer *sim*!

— Vamos relaxar um pouco — disse o outro homem, o que não apontava a arma para ele. — Ninguém vai nos despedir porque deixamos um garoto usar o banheiro. E, falando sério, o que ele pode ter feito? Enviado mensagens de SOS com as luzes? É só uma criança. Olha para ele. Este garoto não pode ser tão esperto.

Sim, eu posso, pensou Michael. Mas não ousou levantar o olhar, por medo de entregar o quanto estava adorando aquilo. Kaine viria. Ele sabia.

As coisas se acalmaram dentro de alguns minutos, e os guardas ficaram em silêncio. Michael se ajeitou na cadeira, cruzando os braços. Mas não demorou muito para seu bom humor evaporar. A cada segundo que passava, começava a duvidar um pouco mais. Como podia ter tanta certeza, pensando bem? Mesmo que Kaine recebesse a mensagem, como saber que viria salvá-lo? Por que ele o faria? Não era exagero pensar que tinham se tornado uma dupla dinâmica, comprometida com a luta contra o crime e o domínio do mal no mundo?

Um silvo interrompeu seus pensamentos, soando alto em meio à quietude daquele espaço gigante. Os três olharam para a fonte do ruído. Era um dos Caixões, e a tampa foi se abrindo, com fumacinhas se esgueirando pelas beiradas. Estava a três balcões de distância da plataforma de Weber, que continuava piscando e zumbindo. Então ouviu-se mais um chiado, e mais outro, e mais outro. Quatro Caixões no total, abrindo-se, cada um de um canto, mas todos dentro de um raio de uns cinco metros de onde Weber

fazia sua Submersão.

Nenhum dos guardas ficou apreensivo. Não tinham motivo para ficar. As pessoas para quem trabalhavam faziam isso o tempo todo. Parecia totalmente normal que alguns deles voltassem a qualquer hora.

— Vai contar para eles? — um guarda perguntou ao outro.

— Sei lá. Acho que sim. Pelo menos não é a Weber. Só alguns da equipe dela, que pensam que mandam em alguma coisa aqui.

O parceiro dele fez um gesto para que baixasse o tom de voz.

— Cara, melhor não provocar — sussurrou, enfático.

Os biombos desceram do alto, de modo a esconder as quatro pessoas que faziam Emersão do Sono, que então saíam e se vestiriam. Michael esperava com impaciência, aguardando que Kaine tivesse feito exatamente como havia imaginado. Que tivesse usado a Doutrina da Morte para vir salvá-lo. Mas não sabia se dava para ter sido tão rápido.

Os biombos subiram, um a um, revelando três homens e uma mulher, todos vestidos com tanto profissionalismo quanto a agente Weber. Alisaram as respectivas roupas, depois caminharam para onde Michael e os dois guardas estavam. Ninguém abriu a boca. Michael sentia dificuldade para respirar, forçando cada inspiração.

Um dos homens que fizera a Emersão do Caixão dirigiu-se ao guarda que apontava a arma. Ele olhou para o revólver, compreendendo o evidente contexto daquela cena.

— Eu, hã... — o guarda gaguejou, guardando em seguida a arma no coldre. — Desculpe. Só estava... É que o garoto não estava cooperando muito. Estava tentando escapar, agente Stevens.

— Sim, claro — respondeu o homem, chegando tão perto do guarda que o intimidou com aquele gesto. — Confie em mim, eu conheço este menino. Ele é cheio de artimanhas, não é? Dê sua arma para mim.

O guarda hesitou; não esperava aquele comando.

— Hã? Minha arma? Por quê?

— A agente Weber, da própria VirtNet, estava observando seu... procedimento. Ela ordenou que viéssemos dispensá-lo. Sinto muito pela notícia. Entregue-me sua arma e, por favor, vá para casa. Tenho certeza de que em breve ela vai marcar uma reunião com você e seus superiores para acertar todas as pendências.

— Isso é uma piada — murmurou o guarda, mas fez como ordenado.

Ele tirou a arma do coldre e a entregou ao agente Stevens.

Stevens olhou para a arma por um momento, revirando-a nas mãos.

— Cheio de artimanhas mesmo — empunhou a arma, apontou para a

cabeça do guarda, pôs o dedo no gatilho, tudo em uma fração de segundo.

O estrondo do disparo ressoou no ar, ecoando por todo o recinto. Com tanta rapidez que Michael nem sequer pôde ver, Stevens se virou, apontou para o outro guarda e atirou. Mas errou o alvo. O guarda tentou, agitado, sacar sua arma, o rosto desfigurado pelo choque, mas Stevens não errou o segundo tiro.

Michael se sentou na cadeira, espantado, os ouvidos apitando. Olhou para Stevens, que se virou para ele, a arma apontada para Michael.

— Por que está tão surpreso? — perguntou Stevens. — Não foi isso que me pediu para fazer?

— K-Kaine? — sussurrou Michael. — Eu... Eu achei que... Eu...

— Achou que eu ia dominar o corpo deste homem, então vir até aqui e pedir com gentileza para esses guardas bacanas deixarem você ir? Não me pareceu um bom plano.

— Por que... por que está apontando para mim? — ele indicou a arma com um gesto.

— Ah, desculpa — Stevens (ou Kaine?) abaixou a arma. — É que nunca fiz isso antes usando um corpo de verdade. É sinistro — ele olhou de novo para a arma como se fosse um objeto precioso, os olhos arregalados. — Aliás, eu não sou Kaine. Ele mandou nós quatro para salvar você, conforme seu pedido. Estávamos na fila do programa da Doutrina da Morte, prontos para a Emersão. Só precisamos de um ajuste rápido para mudarmos a rota para cá.

Michael se levantou, sentindo que o mundo girava ao seu redor. Os eventos dos últimos minutos o haviam perturbado, mas não tinha tempo para pensar no assunto. Weber estava no Sono, provocando um caos. Precisava detê-la.

— Vocês precisam desplugar todas essas pessoas — disse ele, colocando ordem nas ideias. Foi se encaminhando para o Caixão de Weber. — Não os matem! Apenas... apenas iniciem uma Emersão de emergência, depois tirem o Caixão da tomada. Talvez seja bom pedir a Kaine que envie reforços. Ou o que mais vocês precisarem. Apenas... deem um jeito nisso. Por favor. Temos que deter essas pessoas.

Ele chegou aos degraus que levavam a Weber, então se voltou para os outros. Os três homens e a mulher o olhavam, um pouco perplexos, provavelmente tentando entender por que aquele adolescente vociferava ordens para eles.

— Perguntem a Kaine antes, se precisarem — disse Michael, imprimindo toda a autoridade necessária em sua voz. — Ele e eu estamos trabalhando

juntos agora. Por que vocês acham que ele os mandou para cá?

Stevens assentiu com um gesto de cabeça.

— Vamos chamar reforços, encontrar mais armas e começar a Emersão das pessoas. E você, o que vai fazer?

— Vou dar um jeito em Weber.

5

Ele abriu o Caixão dela sem provocar sua Emersão, usando o desbloqueio de emergência. Seus pensamentos ainda estavam a mil.

Ela estava ali, com o NerveWire inserido na pele, os LiquiGels cobrindo partes do corpo, a agulha de uma sonda inserida na dobra do braço. Parecia até estar tirando um cochilo. O peito dela se erguia e se abaixava, em uma respiração estável.

— O que está fazendo aí? — perguntou Michael, com suavidade. — Aonde você foi?

Olhou para o pescoço dela. Não era a maneira mais fácil de resolver o problema? Matá-la enquanto estivesse indefesa? Decepar a cabeça do dragão e esperar que seus subordinados entendessem que ela tinha ido longe demais?

Não. Não podia correr esse risco. Precisava descobrir o que ela estava fazendo e onde. Como saber o estrago que já havia causado? Tinha que encontrá-la no Sono, entender o que ela estava aprontando, para poder reparar o dano. Era essa a missão dele agora. Tinha que reparar. Reparar tudo.

Michael abriu uma interface com o Caixão, vasculhando com rapidez para obter a informação que queria e memorizá-la. O Sono estava um caos, mas achou que daria para encontrá-la com a informação adquirida. Para a sorte dele, três Caixões ali perto estavam vagos. Havia certa ironia naquilo: o corpo dele e de Weber deitados tão perto um do outro, enquanto acertavam suas contas no local onde ela o havia criado.

— Vou atrás de você, Weber — ele disse, apertando o botão para fechar o Caixão dela. Observou seu rosto tranquilo e inconsciente. — Vou atrás de você agora mesmo.

Chegando ao Sono, Michael teve que suar a camisa para lidar com o código. Estava confiante com as coordenadas que tinha pegado do Caixão de Weber, mas a VirtNet, deteriorada como estava, não queria cooperar. Nadou em oceanos de dejetos púrpuras mesclados a uma substância preta e espessa, a programação mais primitiva que já vira. Programou um corredor que atravessasse aquilo tudo, para visualizar o caminho para onde Weber tinha ido, e criou uma superfície para ter onde pisar. Enquanto corria, objetos apareciam subitamente na frente dele.

— Compre um e leve outro grátis! — um homem anunciava, mostrando uma VirtBox de SimKillers que deixaria muitas mães descontentes. Michael passou correndo e o atravessou: o homem era como um fantasma. — Compre nenhum e leve nada, seu mal-educado! — o vendedor gritou para ele pelas costas.

Uma senhora vestida como dona de casa à moda antiga apareceu, vendendo biscoitos caseiros. Aparecia mesclada a cenas totalmente interativas dos filmes 4D mais modernos, fazendo com que Michael se sentisse um dos personagens. Ele balançou a cabeça e seguiu em frente. Agora outra coisa para mexer com sua mente: um menino surgiu pedindo dinheiro, saído diretamente de um livro de Dickens. Michael o atravessou correndo, mas vinham outros, vendendo de tudo, desde sessões de massagem a antiguidades. A VirtNet estava corrompida, repleta de anúncios e *spams* vindos de toda parte. Era um escoadouro infinito, e ele tinha que abrir passagem por tudo aquilo.

O corredor que havia construído estendia-se diante dele enquanto corria. Programava sem parar, concentrado na localização de Weber, jogando tudo o mais para fora das fronteiras do caminho que tinha programado. Bem adiante, com base nos dados que circulavam em sua mente, criou uma porta. Uma porta simples de madeira com uma maçaneta redonda de metal. Michael saltou no ar, estendendo os braços para frente e eliminando todo e qualquer *spam* que aparecesse no caminho.

Aterrissou diante da porta e inspirou profundamente. A luz veio pelas frestas e pareceu vibrar, pulsando com mais força do que qualquer outra coisa que houvesse ali atrás. Michael sentia que conseguiria. Weber estava do outro lado. Ele a havia encontrado. Só não saberia explicar por que tinha tanta certeza. Começava a sentir que o código era uma parte dele, e que ele era parte do código. Como nos velhos tempos.

Não se deu ao trabalho de bater à porta. Afinal, a porta era só uma ilusão criada por ele, uma maneira de visualizar o caminho. Não estaria fechada. Ela não fazia ideia sequer de que Michael estava a caminho, muito menos vindo dessa maneira, e tão rápido. Sentindo a frieza e rigidez da maçaneta sob as mãos, virou-a e abriu a porta.

A luz era ofuscante.

Deu um passo para frente.

2

— Michael — disse ela. No início, eram apenas a voz dela e a luz branca. — Não vou conseguir disfarçar. Estou chocada por encontrar você aqui.

Ele balançou a cabeça e esfregou os olhos, adaptando-se àquele universo de códigos que vinha manipulando incansavelmente. Tudo ao redor dele tremia, mas, de repente, entrou em foco. Respirou fundo outra vez, para endireitar as costas e olhar ao redor.

Weber estava a poucos passos de distância. Encontrava-se diante de uma caixa de vidro brilhante. E não estava sozinha. Havia ao menos cem Auras ao redor dela. Michael sabia que estavam lá para protegê-la enquanto ela destruía o mundo.

— Você disse que me programou — disse Michael, tentando esconder a surpresa em relação ao lugar onde estava. Aquela sala era tão comum. Esperava que aquela ação se desse em um local tão corriqueiro? Na verdade, esperava ter chegado à Colmeia. — Por que então está surpresa por eu ter descoberto um jeito de chegar até você?

Ela ergueu a cabeça, como se ele tivesse dito algo profundo demais, que a fizesse refletir por um momento.

— Pode ser que fique surpreso, mas não fui... completamente honesta com você.

— Que novidade — ele respondeu.

— Eu programei você — ela respondeu, a voz contida. — Você e os outros. Não se preocupe; você ainda é especial, mas não somos como uma mãe e um filho, tão apegados quanto poderia pensar.

Michael riu. Era de enlouquecer a habilidade daquela mulher para irritá-lo.

— Acha mesmo que me importo? Ou que eu sentia alguma coisa por você? Que pensava em você como uma mãe? E eu achando que já tinha chegado ao limite da sua falta de noção...

— Foi você quem passou dos limites — ela continuou, agindo como se não tivesse escutado uma só palavra dele. — Entre todos os que

programamos e levamos para o Lifeblood Deep... O Caminho, na verdade, não era só um teste, Michael. Eu mudei você; eu o desenvolvi, vinculando-o à Doutrina da Morte. Era tudo parte da programação. A complexidade disso tudo... é linda. Espantosa. Horripilante. Tudo junto.

Michael balançou novamente a cabeça. O que ela dizia fazia sentido até certo ponto. Mas nada daquilo importava mais. Era óbvio que Weber precisava dele vivo. Só podia ser esse o motivo para ainda estar respirando.

— Você disse para mim que pretende *matar todo mundo* — disse Michael, enfatizando as últimas três palavras. — Não sei bem qual é seu plano, mas não posso permitir que isso aconteça.

Weber cruzou os braços.

— Seu corpo está são e salvo num Caixão em algum lugar. Como eu disse, preciso de você vivo. Mas aqui, neste belo lugar que sua geração chama de Sono, podemos fazer basicamente o que quisermos com você. Sei que sabe disso. Olhe à sua volta,

Michael. Acha mesmo que todos esses bons agentes e soldados aqui no SSV vão deixá-lo encostar um dedo que for em mim?

— Não — respondeu Michael. Por que o pessoal de Kaine estava demorando tanto? — Tenho certeza de que não. Parece que você fez uma boa lavagem cerebral neles.

Ouviu-se um burburinho no fundo da sala. O que começou com murmúrios passou para uma série de expressões de espanto, então gritos e berros. Michael sentiu um instante de pura alegria quando viu o terror percorrer a Aura de Weber. Ela se virou para trás, para ver o que ele já tinha notado.

Os homens dela estavam desaparecendo.

3

Nada muito espetacular ou pirotécnico acompanhou o sumiço do pessoal de Weber. Michael se ergueu na ponta dos pés para assistir aos agentes e soldados que ela mencionara com tanto orgulho deixarem de existir, um por um. Estavam ali, depois não estavam mais. Sem nenhum estalido, rastro de fumaça ou borrão que marcasse o instante de transição. Arrancados do Sono, tinham feito a Emersão. Os quatro Tangentes que Kaine lhe enviara estavam subvertendo todas as regras programadas naquele edifício de onde Michael tinha vindo.

Weber se voltou para Michael, sem sequer tentar disfarçar a raiva ou o choque.

— O que foi que você...? — ela começou a dizer, mas pareceu logo

entender que dentro de poucos segundos perderia seu exército.

— Rápido! — gritou para seu séquito. — Antes que eles peguem vocês! Agarrem Michael, derrubem-no! Matem o menino! Rápido!

Os olhos da Aura dela não escondiam uma expressão de insanidade. A agente estava perdendo o autocontrole.

Os capangas logo obedeceram. Michael mal teve tempo de notar o olhar assustado no rosto dela antes de ser erguido do chão e arremessado de volta a ele. O ar escapou de seus pulmões, e teve dificuldade para enchê-los novamente. Corpos se amontoavam por cima dele, desferindo-lhe chutes e socos, apertando-o com força contra o chão. Mãos agarravam seu pescoço e o esmagavam. Não conseguia sequer ver de quem era o que; seu campo de visão foi tomado por braços, pernas, cabelos e pés, como se estivessem conectados entre si, um único monstro criado no laboratório de algum cientista maluco.

— Rápido! — ouviu Weber gritar. — Matem-no!

Michael não sabia dizer o que era pior: se a dor do corpo espancado ou se o pulmão em apuros, desesperado por ar. Tossia e salivava, enquanto se debatia contra as mãos que tentavam enforcá-lo. Não conseguia lutar contra todas aquelas pessoas, não importava o quanto fosse bom programador. Tentou agitar os braços, mas os dois estavam presos ao chão, sob joelhos ossudos.

Sentiu a vista se turvar com a falta de oxigênio, mas viu uma das pessoas por cima dele desaparecer, em um perturbador estalo de realidade. O corpo de Michael relaxou, entregando-se à luta deles contra o tempo. Mais um desapareceu. E mais outro. Sentiu o alívio de peso em cima de seu peito. *Por favor, pensou, que o próximo seja o enforcador.* Os olhos dele pareciam prestes a explodir, e seu peito ardia como se estivesse em meio a um incêndio.

Então, enfim, veio o alívio. De repente, a pressão no pescoço desapareceu, e o ar voltou com tudo para os pulmões. As cores pareciam borradas e trêmulas acima dele, mas já podia enxergar o bastante para distinguir as coisas. Todos os oponentes haviam desaparecido.

Rolou para o lado, tossindo e inspirando profundamente. Todo o seu corpo estremeceu com o esforço. Puxou do fundo da garganta algo para cuspir. Então, pelo canto do olho, notou Weber vindo para cima dele e reagiu, estendendo as pernas e se esquivando. Ainda zozinho, debateu-se até apoiar as costas na parede. Mas a agente Weber tinha parado. Ela recuava, o rosto tomado de terror, como se houvesse deparado com um cão raivoso.

— Você deveria ter me matado — ele disse, a garganta doendo. A raiva

tomou conta dele, tornando-o mesquinho e vingativo. — Ou melhor, você nunca deveria ter me criado — ainda respirando com dificuldade, sentindo dor em uma centena de lugares, comprimiu-se contra a parede, endireitando as costas. — Sou esperto demais para você. Tenho gente demais do meu lado. Acabou, meu bem. Não vou deixar você machucar nem mais uma pessoa sequer — ele deu um passo na direção dela, para mostrar que a ameaça era para valer.

Ela ergueu uma das mãos na altura do peito, em um gesto defensivo, e recuou até ficar de novo na frente da misteriosa caixa de vidro com luzes brilhantes. Olhou para ele sem dizer uma única palavra. Parecia estar tentando descobrir o que fazer em seguida.

Ele deu mais um passo adiante, sem saber exatamente qual era seu plano. Partir com tudo e bater em uma mulher adulta não era exatamente a imagem que tinha de como salvar o mundo. Mas precisava arrancar informações dela, saber o que estavam prestes a fazer quando tinha chegado àquela sala.

— Conte a verdade para mim — pediu ele. — Não quero machucá-la. Poderia ter matado você com facilidade na Vigília e encerrado tudo de uma vez. Mas quero saber o que iam fazer quando cheguei aqui.

— Tínhamos um plano — ela disse, o olhar vidrado. — Eu segui o plano. Nós temos um plano!

— Consegue escutar o que está dizendo? — indagou Michael. — Você parece uma louca falando. Como pretende ajudar as pessoas se vai matar gente? E dominar o mundo? É um plano insano.

Os olhos de Weber encontraram os dele, fulminando-os.

— Precisávamos de você. Mas sua intromissão começou a se tornar um problema sério.

Michael deu mais um passo, ficando a cerca de um metro de distância de Weber.

— Vamos esclarecer as coisas. O que é esse negócio aí atrás de você?

— As circunstâncias mudaram — ela sussurrou, parecendo mais alucinada a cada segundo. — Eu não queria... não queria matá-lo. As coisas não saíam tão bem. Mas sempre é possível reconstruir a Doutrina. E reprogramar os que perdemos. Sempre podemos nos adaptar, não é?

— Do. Que — ele disse, enfatizando cada palavra. — Você. Está. Falando?

— Que seja — ela respondeu, deixando as costas eretas. Parecia conversar com alguém que não estava ali. — Podemos aguentar esse peso na nossa consciência. Apesar de... apesar de você não poder mais ficar aqui

para ver.

Uma expressão de fanatismo marcou o rosto dela; seu olhar era selvagem.

— Se tiver sobrado um pingo de bom senso nessa sua mente, vá embora. Faça a Emersão e nos deixe em paz. Não... — ela ergueu o dedo indicador — ...não me siga. Juro que, se você vier atrás de mim, vou matar todo mundo. Até o último que restar.

— O quê...?

Ela rapidamente lhe deu as costas e se virou para a caixa de vidro. Pôs as mãos na borda do pedestal onde o vidro estava, projetando o corpo para cima. Logo tinha as pernas balançando, prontas para entrar pela abertura da caixa. Michael correu até lá para impedi-la, mas era tarde demais.

Foi então que algo muito estranho aconteceu. Enquanto ela descia para o compartimento iluminado, o corpo dela começou a encolher. No início, lentamente, depois cada vez mais rápido, até que, quando entrou até a cabeça na caixa, estava do tamanho de uma pequena boneca. A agente olhou para Michael. Por um momento, ele se esqueceu de que estava dentro do Sono, sentindo-se chocado com a súbita transformação. Ficou olhando enquanto o corpo minúsculo desaparecia em meio às luzes flutuantes da caixa — luzes que, Michael agora percebia, eram como uma galáxia de estrelas.

Inclinou-se na beirada da caixa e olhou para dentro. Havia centenas, talvez milhares, de luzinhas, brilhando e piscando em uma bizarra sopa de escuridão. Todas as luzes circulavam juntas, criando uma órbita enorme. Era como a Colmeia, mas minúscula se comparada com a original. Só a tinha visto da *perspectiva real*, tão grande que as laterais arredondadas pareciam paredes.

Perspectiva real, pensou. Estava no Sono; o que é que isso poderia significar? Tudo aquilo era um mundo de códigos, nada além de letras, números e símbolos.

Respirando fundo, projetou todo o peso do corpo beirada da caixa adentro, atirando-se no abismo iluminado. Do mesmo modo que havia acontecido com a agente Weber, foi encolhendo enquanto caía.

4

Foi uma profusão de sons e movimentos, girando ao redor dele como em um carrossel. Então, o mundo voltou ao lugar, parando tão de repente quanto se ele desse com a cara em um muro. Michael parou de se mover de modo brusco, a visão se corrigindo e a mente se acalmando. Flutuava no

vazio da escuridão, a centenas de metros de uma visão familiar: a parede da Colmeia, agora tão grandiosa quanto da primeira vez que a tinha visto. Os casulos pulsavam como corações, cada um com seu som macio e reconfortante.

Não havia sinal algum de Weber, nem de Kaine, tampouco do exército de Tangentes. Ou tinham encerrado a luta, ou estavam do outro lado da Colmeia.

Mas e quanto a Weber? Aonde ela teria ido?

Com a força do pensamento, atravessou o ar purpúreo, parando a poucos metros dos casulos brilhantes. Olhou para cima, para baixo e para os lados. Ali, de tão perto, quase não podia ver o contorno da estrutura, que agora entendia melhor do que nunca, depois de vê-la da perspectiva da caixa de vidro de Weber. Se ao menos aquele Poço dos Códigos que Kaine havia lhe apresentado aparecesse em um passe de mágica ali perto... Tinha que se lançar no meio daquela informação para descobrir o que Weber planejava.

O tempo estava passando.

Michael projetou-se para frente, espremendo-se no meio de dois casulos ovais para atravessar rumo ao interior da Colmeia. Um mundo de luz alaranjada logo o cercou, um pouco mais fraco do lado oposto. Ainda não havia nenhum sinal de Weber. Lançou-se mais para diante, através da enorme câmara da Colmeia, vasculhando as paredes de casulos em busca de algum vestígio da agente.

Não sabia como ela o faria, mas suas intenções eram bem claras. Ela queria eliminar todos os Tangentes, inclusive ele, quando não lhe fossem mais úteis, e romper a conexão com a Doutrina da Morte. Ele iria morrer — de morte verdadeira —, e depois ela faria a Emersão de volta à Vigília e contaria a todos que o SSV tinha salvo o mundo e que eles eram os únicos capazes de impedir a volta do caos. Enquanto se projetava de um lugar a outro, percorrendo as paredes curvas e brilhantes da Colmeia, imaginou o olhar afetado de dor que ela fingiria ao dar as notícias. Muitas vidas perdidas, mas a maioria fora salva.

Soltou um grito de frustração, e o som foi tragado por alguma substância que o cercava. Tudo a respeito daquele lugar era estranho, diferente daquilo a que estava habituado. Aquilo fora programado com uma complexidade tão grande, que estava além de qualquer coisa que tinha conhecido.

Deslocou-se em círculos, sem encontrar nada.

Até chegar.

Ali.

Ali.

Como um cisco em sua visão periférica, como uma mosca voando. Uma faísca na escuridão. Michael deteve seu deslocamento, virando-se para o que havia atraído sua atenção. Estava longe, do outro lado da Colmeia. Empregou toda a sua força de vontade para ir até lá, e desta vez não foi como voar. Foi mais como um teletransporte. Em um instante, estava ali.

Ali, para testemunhar o início do fim.

Um casulo estava vazio. Em volta, dos quatro lados, havia casulos vivos, brilhando em sua luz alaranjada. Em toda a estrutura da Colmeia, nunca tinha visto nada semelhante. Jamais havia visto um casulo vazio. E sabia exatamente o que tinha acabado de acontecer; fora aquele movimento borrado captado pelo canto do olho. Apesar de não saber como a agente Weber fizera aquilo, sabia que ela tinha acabado de eliminar a primeira vítima de seu grande plano.

A morte verdadeira.

Michael entendia o que isso significava, e seu peito se apertou. A pessoa que havia sido tomada, e o Tangente que tinha ocupado seu lugar — ambos estavam mortos agora. Haviam partido. Para sempre. Mesmo sem checar os dados em código da Doutrina da Morte, tinha certeza de que era isso o que havia acontecido.

Enquanto olhava para o compartimento vazio, com esses pensamentos perturbadores, o casulo logo acima passou a se dissolver. Como manchas escuras de alguma doença ou uma nuvem de insetos, a escuridão espalhava-se pela superfície de luz alaranjada. Em questão de segundos, o espaço todo se foi, sendo substituído pelo vazio. Apesar de achar que pudesse ter imaginado, Michael acreditou ter ouvido um grito abafado, como se viesse de bem longe, um instante antes de a luz laranja se apagar.

Flutuou para lá, tremendo ao ver que mais um morria, devorado pela escuridão. A praga trevosa consumia os casulos como um exército de formigas. Não se passara um segundo sequer antes de o próximo casulo ser atingido, sendo devorado.

Nunca em sua vida Michael tinha se sentido tão impotente. Gritou até os pulmões começarem a arder.

5

O tempo ia se esgotando — isso Michael não podia impedir. Cada momento que se passava sem uma ação significava mais um Tangente morto, mais um humano morto. A ordem da falência dos casulos, pelo menos, obedecia a um padrão. O progresso se dava em uma linha reta, da

direita para a esquerda. Michael rapidamente calculou o ritmo dessa expansão e projetou-se para um casulo após uma fileira de vinte, tentando não pensar nos que havia deixado para trás.

Aproximou-se desse casulo. O mesmo tipo de tela que tinha visto quando havia visitado o local de Jackson Porter surgia diante dele com um nome, mas foi direto ao código, sem poder perder mais tempo. Mergulhou no código da maneira que Kaine tinha lhe mostrado. Os casulos da Colmeia tremeram até ficarem borrados, transformando-se em uma série de símbolos e letras extremamente compactos, ainda brilhando na cor alaranjada.

Era o código, denso e amontoado, que o comprimia naquele pequeno espaço, sobrecarregando-o. A estrutura da Colmeia tinha o próprio código, que envolvia os fragmentos de dados individuais de cada casulo, de modo que Michael estava completamente imerso em um ofuscante mostruário de informação. Tudo aquilo se movia em um espaço que inchava, como uma bolha, para todos os lados, de dentro para fora. Com diferentes cores, tamanhos e formatos. Sua cabeça pesava, e ele sentiu nauseado.

Olhou para a direita, onde se dava o ataque de Weber contra os casulos. A escuridão estava mais espessa, e pelos códigos ele podia ver que se tornava também mais ameaçadora, como um óleo escuro que ganhasse vida. A mancha se estendia e devorava várias linhas de código ao mesmo tempo. O programa de Weber já tinha devastado metade dos casulos daqueles vinte que havia contado, entre onde estava antes e agora. Não havia a menor chance de Michael criar algo a tempo de impedi-lo. Ao menos, não ali.

Mas podia aprender alguma coisa, se focasse os dados que apareciam diante dele; se estudasse o código, a organização e as características da programação. A escuridão crescia em sua visão periférica. Estalidos desagradáveis soavam enquanto a mancha se alongava em sua direção, como uma faca atravessando carne. Tentou ignorá-la. Tentou concentrar-se no código, encontrar algum elo ali. Tinha que existir algum comando específico naquele ataque de Weber. Um link entre a Colmeia e o programa.

Como piche se arremessando de um balde, um jorro de uma estranha substância se espalhava pela Colmeia diante de seus olhos. Ao entrar em contato com aquilo, metade da informação dos casulos evaporava e morria, sendo banida para a escuridão infinita do programa de Weber. Mais uma faixa escura de escuridão viscosa surgiu, rodeando-o por cima, enquanto devastava o código, serpenteando em direção ao rosto de Michael. Ele berrou quando aquilo atingiu sua pele e ficou paralisado, sentindo-

-se arder. A dor era como a de um ácido sobre uma ferida. Soltou um grito, um som que foi abafado pela opressiva escuridão que o engolfava. Em um surto de pânico, agarrou a substância, percebendo que era mais sólida do que parecia, e a arrancou do rosto. Aquilo se voltou contra ele, mas logo se afastou para o centro da vasta câmara da Colmeia.

Respirando com dificuldade, flutuou, a pele ainda ardendo enquanto o suor respingava de seu rosto ferido. Observou a Colmeia toda ao redor e viu o casulo onde Weber começara seu ataque. Ao menos trinta casulos agora estavam destruídos, deixando nada além de espaço vazio. A destruição continuava se espalhando em um ritmo galopante.

Michael vasculhou com os olhos a parede de consciências, tentando colocar os pensamentos em ordem. *Foco*, disse a si mesmo. *Foco*. Se é que alguma vez precisaria agir sem pensar, a situação era aquela. Vidas desapareciam a cada segundo.

De repente, um pensamento arrepiante quase congelou seu coração.

Jackson Porter.

A agitação tinha sido tanta, que quase se esquecera de que ele próprio era um Tangente; que ocupava um corpo humano e poderia morrer a qualquer segundo. Se Weber chegasse ao casulo de Jackson...

Enquanto flutuava ali, pensando nisso tudo, pessoas iam morrendo à esquerda e à direita. Porém, a indecisão o detinha, enquanto um mal-estar crescia em seu estômago. Se fosse direto ao casulo de Jackson Porter, Weber saberia. E também iria direto para aquele casulo.

Faça isso!, quase gritou a si mesmo. Não tinha escolha. Não poderia fazer mais nada se deixasse de existir. Nada mais importaria. Tinha que se proteger, não importava a armadilha que Weber houvesse preparado para ele.

A bolha.

Ela apareceu em sua mente, a membrana de proteção que Kaine tinha programado para ele. Michael fechou os olhos, tentando se lembrar da sensação, da aparência e do código. Era complexo, incomum, algo que nunca fizera antes. Mas podia ser a única esperança.

Naquele momento, tinha que trabalhar por instinto.

Enquanto uma onda de decadência trevosa percorria a Colmeia, Michael acessou seus arquivos, encontrou a localização de Jackson Porter, e lá foi ele.

O casulo estava a pelo menos sessenta ou setenta fileiras acima da trilha de destruição disparada pelo programa de Weber. Michael se transportou diretamente para lá, mergulhando no código como se mergulhasse em um oceano gélido. Um choque sensorial o envolveu, com toda a beleza daquele universo complexo de informações. Vasculhou os dados, deixando a mente bem aberta para receber tudo. Mesmo se quisesse, não conseguiria pensar naquilo em termos isolados. Tinha que deixar que tudo aquilo o bombardeasse, para compreender seu significado em um nível inconsciente.

Ao mesmo tempo, como que em outro compartimento da mente, trabalhou no código de criação da bolha. Era um código executado por um *expert*, mas Michael também era um. Sabia disso, apesar de todas as forças contrárias o terem feito duvidar das próprias habilidades. Uma gargalhada inesperada explodiu de seu peito virtual enquanto enfim colocava em funcionamento sua versão do programa de Kaine.

Sentia-se contente.

Sentia-se delirante.

Sentia-se no auge.

2

Perto do fim do processo, as coisas aconteceram tão rápido, que mal pôde acompanhar o processo. A bolha cresceu ao redor dele. Vasculhou o código do casulo de Jackson Porter, procurando alguma pista que o ajudasse a contra-atacar o programa da agente Weber, para deter seu percurso letal. Então sentiu que ela se aproximava — a escuridão engolfando-o. Uma sombra caiu sobre ele e, ao se virar, viu que Weber tinha abandonado a trilha original. Agora o programa dela cortava caminho na Colmeia em diagonal, direto até onde ele estava.

Casulo após casulo, o caminho foi escurecendo, enquanto a praga prosseguia.

Michael nadou no código de aprisionamento de Jackson Porter, enquanto ainda dava os retoques finais na proteção da bolha. Não fazia ideia de se iria resistir ao programa de Weber, tal como havia aguentado por um bom tempo contra os SimKillers. Mas, com um pouco de sorte, aguentaria.

Em meio àquela inquietude, lembrou-se de um velho programa de TV em duas dimensões que ficava repetindo chavões para situações complicadas:

com certeza, fala sério, pode crer.

Riu, sentindo que a pressão estava definitivamente acabando com seus miolos.

Sim, estava delirante. Mas também mais afiado do que nunca.

Michael se voltou para o código, enquanto a bolha à sua volta lhe dava o tempo que precisava. Ao menos era o que esperava.

Porém, o que estava procurando? Não tinha a menor ideia. Precisava apenas confiar que, na hora em que encontrasse, saberia. Trabalhou com a informação que o pressionava, proveniente de todas as direções, moldando-a como se fosse argila úmida.

O mundo inteiro sacudiu quando o programa de Weber, com toda a sua escuridão, atingiu a superfície da bolha. Cada pedaço de informação à sua volta tremeu e ficou borrada por um momento, em seguida voltando a se firmar. Ele olhou sobre o ombro e viu que a manifestação visual do programa era como tentáculos negros de uma fera monstruosa e amorfa, atacando a camada invisível de proteção entre eles.

Desse instante em diante, seus instintos tomaram a dianteira. Deparou com coisas que não sonharia encontrar dentro do código. Por exemplo, pontos de acesso para a Colmeia. Encontrou um histórico atualizado do programa da Doutrina da Morte, que indicava o que ele fazia com a própria essência de Tangente de Michael. Descobriu um pedaço de si mesmo ali dentro, algo que não era capaz de entender muito bem. Era quase como se encontrasse a própria sequência de DNA.

Ele era um bloco de construção. Começou a compreender como servia de fundamento para a Doutrina e tudo o que ela provocava.

Michael obteve o máximo de informação possível, até enfim se sentir preparado.

Agora estava claro para ele que o que aconteceria a seguir seria terrível, mas teria que ser executado.

Só existia uma maneira.

Michael se virou e notou que o programa de Weber, seu exterminador sombrio, agora envolvia completamente a bolha.

Com ágeis manobras no código, dissolveu o escudo de proteção e deixou que a substância escura fosse até ele e até seu casulo.

Aquilo o golpeou com tudo, e a dor o invadiu de maneira excruciante. Resistiu ao ímpeto de inspirar fundo e absorver o choque, enquanto o mundo ao redor mudava do modo visual para o de códigos puros, piscando como um alerta de erro em uma tela. Michael forçou sua mente a se manter calma, fazendo com que as extremidades se solidificassem como o Poço dos

Códigos, a substância de que precisava para agir. E assim ele fez.

Flutuou alguns metros acima do casulo de Jackson Porter e deixou que o programa de Weber o devorasse, até que a criatura estivesse quase misturada no próprio código. A dor era insuportável, com uma intensidade que só aumentava. Ignorou-a, sem se importar com quanto seu corpo real pudesse estar sofrendo, pois tudo o que precisava era continuar vivo.

A escuridão limitava sua visão, então ele fez o código brilhar. Mergulhou ali, como havia feito no casulo de Jackson, mas desta vez com muito mais concentração. Sabia exatamente o que procurava: um caminho até Weber. Ela era a última peça do quebra-cabeça.

Weber. Precisava dela.

A escuridão o devorava, e Michael sentia-se confuso com a programação, pois era muito diferente da que havia nos casulos. Porém, sabia que não demoraria muito para se adaptar. Como um sistema inteligente de nanorrobôs, aquilo aprendia com ele e se transformava velozmente. Era só uma questão de tempo até que o monstro sugasse a vida de sua Aura, deixando-o em estado vegetativo, como faria qualquer SimKiller.

A morte verdadeira.

A dor queimava sua pele, irradiando-se pelos músculos. Sua vista ficou borrada, quase sem foco de visão, e as próprias lágrimas que surgiram davam-lhe uma sensação de ardência.

Mas ele prosseguiu.

A escuridão cercando-o... A dor...

Ali.

Cada programa tinha um elo com seu usuário, especialmente quando controlado ao vivo. Ele o encontrou. Weber continuava escondida em algum lugar, mas não por muito tempo. Tinha o link. A dor era tão grande que o fazia tremer. Mal conseguia prosseguir, lançar-se até ela, ou jogar um milhão de linhas de código para atraí-la.

Sentiu medo. Como se chegasse sob uma cachoeira e sentisse seu primeiro jorro frio.

Através do próprio programa de Weber, Michael a encontrava, e agora ela lhe pertencia.

Com sua última reserva de energia, disparou um antiprograma, atacando cada linha de código que compunha a escuridão destrutiva que Weber havia lançado. Em um instante, pulverizou o programa dela, eliminando sua existência. A luz retornou, ofuscante e gloriosa, e a dor desapareceu.

Michael tinha Weber ao alcance — o enorme universo do código dela estando dentro de seu alcance mental. Michael saltou para o muro da Colmeia e encontrou um casulo que fora semidestruído pelo programa de Weber, antes que pudesse detê-lo. Quem quer que tivesse sido, não tinha chance alguma de sobreviver. Havia buracos na forma oval, e Michael pôde ver ali dentro um mundo escuro púrpura.

Era o que precisava. Era o que esperava.

Michael se lançou ali, mergulhando no código do casulo, e obteve os links para a Doutrina da Morte, conforme havia descoberto no casulo de Jackson Porter. Arremessou o código pessoal de Weber no vórtice e o canalizou para aquele corpo, conectando-a no casulo em que trabalhava.

Assim, a essência de Weber desapareceu do Sono.

Ela entrou em um novo corpo na Vigília, possuiu uma nova mente, conectada ao casulo que Michael tinha escolhido. Rompendo a conexão da agente Weber com seu corpo real, a agente Weber sofreria morte cerebral.

Usando conhecimentos básicos que havia adquirido sobre o programa que ela tinha criado, Michael terminou o trabalho no casulo semidestruído, que agora representava tudo o que sobrara da essência de Weber. O casulo se desintegrou, evaporando-se em uma névoa escura, matando tudo com que se conectava na Vigília. E então aquele mundo ficou silencioso e inerte como um dia sem vento.

Michael acabava de matar a agente Weber.

O mar de códigos desapareceu com uma piscadela, substituído pelo mundo ordenado da Colmeia. A cicatriz dos casulos que haviam sido destruídos era uma ferida negra bem evidente em meio à luz alaranjada.

Michael respirou fundo. Tinha conseguido. Havia impedido o programa de Weber de aniquilar cada uma das vidas ali presentes, tanto do lado Tangente quanto do lado humano. O problema estava longe de se resolver, mas havia cumprido sua tarefa mais urgente. E Weber estava morta. Com a morte verdadeira. O corpo dela agora descansava sem vida na Vigília, a consciência tendo sido eliminada da Terra e da VirtNet.

A exaustão o dominava. Flutuava no vazio da Colmeia, arrastando-se no ar. Não queria nada além de voltar à Vigília, ficar no Caixão e dormir por um ou dois dias. Deixar que Gabby, Bryson e Helga se virassem com o resto. Com o SSV fora do caminho, daria para acertar as contas com Kaine, certo?

Michael flutuou por um momento sem sair do lugar, os olhos fechados, apreciando o calor da luz laranja em sua pele virtual. Estava cansado demais para pensar. Cansado demais para fazer a Emersão. Só queria um pouco de tempo. Para dormir.

Com certeza, poderia descansar agora.

Com certeza, pode crer, ele pensou com um sorriso.

2

Michael adormeceu, mas acordou e voltou a cochilar várias vezes. A Colmeia brilhava e pulsava ao redor dele — uma luminosidade aconchegante, que combinava com o zumbido macio do lugar, quase uma canção de ninar. Durante esses breves momentos de semiconsciência, meio grogue, pensou em Gabby, Bryson, Helga. Eles eram bem espertos. Talvez já tivessem descoberto tudo.

Será que já estava tudo resolvido? Michael sorriu mais uma vez, sabendo que seria bom demais para ser verdade. Fazia tempo que nada era resolvido. Sempre, sempre tinha algo errado.

Precisava verificar como estavam. Precisava falar com Kaine. Precisava acabar com aquilo.

Os pensamentos de Michael se embaralhavam em sua cabeça sobrecarregada.

Voltou a dormir.

Não sabia por quanto tempo tinha dormido, mas em algum momento havia acordado, vivo e renovado, apesar de sentir o corpo um pouco moído. Flutuando no vazio da Colmeia, só queria uma mesa de café da manhã com um suco bem caprichado. Pensou rapidamente se não daria para programar algo assim, roubar uma vitamina de uma das muitas casas de suco virtuais que tinha visitado ao longo dos anos. Esse pensamento soou ridículo. Tolo. Agradavelmente tolo. Sentia falta de poder ser tolo.

Esfregou os olhos e olhou ao redor. Piscou algumas vezes ao avistar mais uma vez a cicatriz escura na Colmeia, com aquele vazio tão absoluto, marcando as vidas perdidas. Pessoas haviam morrido. Tangentes tinham sido eliminados, para sempre. Se ao menos ele tivesse agido mais rápido...

Suspirou, olhando para o outro lado da Colmeia, onde tudo estava inteiro e bem iluminado. Casulo após casulo. Aquilo o fez se sentir um pouco melhor.

Suspirando mais uma vez, percebeu o quanto aquele lugar era doentio. Hora de seguir em frente. Cogitou voltar ao prédio do SSV e conferir como os Tangentes de Kaine tinham lidado com a limpeza daquela área, mas decidiu que ainda não era hora. Havia tido o descanso de que precisava, e agora sentia falta dos amigos. Se ainda não tinham se infiltrado na Doutrina da Morte e descoberto como eliminá-la, ele iria ajudá-los. Fariam aquilo juntos. Sem o SSV no encalço deles, não seria tão difícil.

Pela terceira vez no dia, Michael acessou o histórico de arquivos em busca de uma localização previamente visitada. Essa era um pouco mais difícil. Tinha mais firewalls até mesmo que a Colmeia. Mas, se tinha chegado ali uma vez, poderia fazê-lo de novo. Uma vez o Caminho o havia levado para lá: o lugar onde se encontrara com Kaine pela primeira vez; o lugar onde nascera em um corpo humano pela primeira vez. A Ravina Consagrada.

Concentrou-se no código e seguiu essa rota.

Primeiro viu Gabby e, apesar de quase não reconhecê-la, o rosto dela iluminou seu dia. Foi só quando se aproximou dele, com uma Aura que parecia muito com seu corpo real, que ele percebeu o quanto havia estado solitário. Tinha agido por conta própria por tempo demais.

— Oi — ela disse, obviamente espantada com sua aparição repentina. Estavam em uma montanha íngreme, onde a grama se inclinava sob o vento forte. Ao pé da montanha, notava-se uma floresta densa. — Eu... Nós... Por

onde você andou?

Michael deu de ombros.

— Ah, eu andei por aí. Salvando pessoas, matando gente má, esse tipo de coisa.

Ela deu um passo à frente e o abraçou com tanta força, que pareciam se conhecer há muito tempo. Ele a abraçou em resposta, feliz por receber calor humano. Uma luz se acendeu em sua mente: não importava o que acontecesse, ela via Jackson Porter nele, e Jackson Porter era o namorado dela.

Ela se afastou e o encarou:

— É bom ver você. Alguma novidade sobre... nem sei como perguntar, na verdade. Você conseguiu? Seja lá o que iria fazer, conseguiu?

Ele fez que sim com a cabeça, sentindo-se mais confiante a cada segundo. Uma parte dele achava que seria recebido por SimKillers ao chegar ali, algo que já havia acontecido naquele lugar não fazia muito tempo. Mas ele via apenas árvores, grama e um céu azul bem limpo. Kaine devia ter se esforçado bastante para proteger aquele lugar da deterioração da VirtNet.

— Sim — confirmou. — Acho que sim. Acho que dei um jeito no SSV, e os planos de Weber de desgraçar as nossas vidas foram enterrados, pra valer. E por aqui? Alguma boa notícia?

Ela apontou ao redor, para que ele olhasse.

— Nós procuramos, procuramos, e não encontramos nada. Tem uma cabana velha no meio dessa floresta, e um castelo abandonado do outro lado, que mal se aguenta em pé. E praticamente mais nada. Bryson foi conferir o castelo, e Helga está em algum lugar no meio da floresta. E eu pensei em percorrer essa montanha de cima a baixo.

Michael soltou um suspiro exagerado.

— Será que tenho que fazer tudo sozinho? — ele se apressou a rir de si mesmo, para ela não pensar que estivesse dando uma de convencido. — Só estou brincando. É uma boa ideia mesmo. Fiquei feliz por você não ter sido atacada por SimKillers ou Roedores Gigantes.

— Hã?

— Nada. Vamos encontrar os outros. Preciso de mais abraços.

5

Michael se lembrou de tudo a respeito da Ravina Consagrada. O castelo, infestado de agentes do SSV e de Tangentes leais a Kaine, e SimKillers surgindo em meio às ruínas para atacá-lo. Lembrou-se de ter confrontado Kaine no chalé de pedra, de ter sido arrastado pela

floresta por aquele gigante. Lembrou-se do mundo girando caoticamente e se dissolvendo à sua volta.

Mas, estranhamente, era como se nada daquilo tivesse acontecido. O castelo continuava ali — velho, sim, mas de pé. Era confuso, e Michael se perguntou mais uma vez o que realmente teria acontecido no dia em que fora retirado do programa da Doutrina da Morte e transportado ao corpo de Jackson Porter.

Michael e Gabby percorreram a vasta clareira entre a floresta e o castelo, e, antes que seus pensamentos ficassem mais deprimentes, ele os afastou de sua mente. Bryson veio a toda da entrada do castelo, descendo os degraus com um sorriso quase estúpido no rosto. Michael não conseguiu impedir que um sorriso também se formasse em seus lábios.

— Michael! — gritou Bryson, e topou com uma pedra solta no último degrau. Tropeçou, caiu, levantou-se rapidamente com um salto e continuou correndo. — Eu queria te matar, mas estou muito feliz em ver essa cara feia! — aproximou-se de Michael e o agarrou, tirando-o do chão com o maior abraço que ele já tinha recebido.

Com a voz espremida, Michael disse:

— Bom ver você também.

Bryson o recolocou no chão e deu um passo para trás.

— Você está com cara de quem viu a morte de perto. Especialmente esse seu olhar. Conta: foi uma experiência difícil?

— Posso dizer que sim — Michael se virou para Gabby, que exibia um olhar de genuína felicidade no rosto. Ele gostava cada vez mais dela, e todo aquele fiasco na casa da fazenda parecia uma lembrança distante ou um sonho quase esquecido. — Mas acho que nos saímos bem. Kaine me ajudou, vocês sabem. Nunca ia conseguir sem ele.

— Nunca ia conseguir o quê? — quis saber Bryson.

— O SSV... não precisamos mais nos preocupar com eles. Com o plano de assassinato em massa deles. Ou com a agente Weber. Eu... eu a impedi.

Bryson e Gabby se entreolharam, sem saber que a última frase comunicava um milhão de coisas diferentes. Por sorte, não o pressionaram para que explicasse logo, porque Helga apareceu correndo do meio da floresta. Ela já o avistara, e seu rosto havia se iluminado. Lágrimas escorriam por suas bochechas, e ela puxou Michael para um abraço ainda mais esmagador que o de Bryson. Chegou mesmo a girar com ele algumas vezes, não se contendo.

Quando o mundo parou de rodopiar, e ele voltou a pôr os pés no chão, Michael riu com sua sinceridade habitual.

— Nossa — ele disse. — Nem sei o que dizer. Vocês estão bem. Eu estou bem, e estamos juntos de novo. Se ao menos Sarah... — a voz dele falhou naquele ponto, a saudade apertando seu coração.

A dor era pesada e quente, mas não o dominou por completo, como das outras vezes.

— Eu sei, querido — disse Helga, abraçando-o mais uma vez, demorando-se mais nesse gesto carinhoso que o normal. — Eu preciso... bem, hã... — ela deu um passo para trás, e o olhar no rosto dela parecia estranho, misterioso.

— O que foi? — perguntou Michael.

Ela olhou para longe.

— Nada. Por enquanto.

— O quê? — Michael insistiu com uma curiosidade quase incontrolável.

— Mais tarde eu explico — ela respondeu enfaticamente. — Prometo.

Michael ergueu as mãos.

— Está bem. Acho que não precisamos estragar mais a festa além do que já fizemos.

Gabby se aproximou dele e tocou seu braço de leve.

— O que estamos fazendo aqui, Michael? Lá na casa da árvore você estava enlouquecido. Tinha todos aqueles SimKillers, Kaine...

Ficamos apavorados. Então você fugiu de nós e, desde aquela hora, estamos perdendo tempo aqui, tentando rastrear esse lugar, como pediu. Mas não tem nada aqui.

— Ela está certa — acrescentou Bryson. — Nada, nem ninguém. O que estamos fazendo aqui?

Como se murchasse, desapontado, Michael percebeu que também não sabia. Ao menos, não totalmente.

— Presumi que era aqui que encontraríamos o coração da Doutrina da Morte. Ou como quiserem chamá-la. Foi para isso que eu vim, para o final do Caminho — ele apontou para o centro do campo onde estavam. — Eu estava bem ali quando o mundo girou à minha volta e fui sugado pelo vórtice do programa da Doutrina da Morte. Logo em seguida, só sei que era um cara diferente em um corpo real. Tem que ter algo aqui.

Bryson, Helga e Gabby, todos olharam ao redor e observaram o entorno, como se, após as palavras de Michael, pudessem ver o local de maneira diferente. Mas tudo que avistavam estava programado em um código superior. Parecia quase tão real quanto o Lifeblood Deep. Nada se destacava como incomum ou ameaçador. Grama, montanhas, floresta, as ruínas do antigo castelo, o chalé de pedra... tudo aquilo fora examinado

com atenção pelos amigos de Michael.

Olharam para ele.

— O que foi? — perguntou Gabby. — O que é esse “coração” da Doutrina da Morte? Onde estamos?

Michael deu de ombros, ansioso para mergulhar no código daquele lugar. Estava dez vezes melhor nisso do que era dois dias antes.

— Aqui só pode ser o coração da Doutrina da Morte — ele disse, quase para si mesmo. Depois se dirigiu aos amigos: — Só pode ser. A Colmeia é o depósito; a Ravina é o programa de fato. Temos que destruí-lo, garantir que nenhum Tangente domine outro humano. *Nunca mais*. Temos que eliminá-lo, junto com cada traço remanescente da fonte do código. Daí voltamos para a Colmeia, reinserimos as pessoas em suas próprias mentes e corpos, e devolvemos os Tangentes ao Sono. É simples.

— É simples — repetiu Helga, em certo tom de ironia.

Michael apenas assentiu.

— Um passo de cada vez. Realmente acho que a pior parte já passou. O SSV estava por trás disso tudo; eles eram o verdadeiro inimigo. Agora não temos mais que nos preocupar com eles.

Podemos dar conta disso, com ou sem a ajuda de Kaine.

— Você realmente já pensou bem nisso? — perguntou-lhe Helga com um tom maternal na voz. — Por exemplo, no que vai acontecer com você e comigo?

Michael olhou para o chão. Nunca havia se permitido ir até o fim nessa linha de pensamento, apesar de aquilo ficar pairando na mente dele desde o primeiro dia que havia acordado no corpo de Jackson Porter. Achou que aquele era o momento de lidar com o assunto.

— O que tiver que ser, será — ele falou com frieza.

Visualizou em sua mente o rosto de Jackson Porter, pensando nele com tanta força, que por um segundo o viu como se fosse real, parecendo um bug no código. Mas logo ele desapareceu. Sentiu um pouco de inveja, apesar de ter vivido a maior parte de sua vida com um rosto diferente.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Helga. — Os Tangentes aos quais me aliei para usar a Doutrina da Morte...

— Eu sei — ele disse, interrompendo-a. — Não vou conseguir falar sobre isso agora. Não consigo.

O silêncio pairou sobre o grupo, até que Bryson o quebrou:

— Então — ele disse, batendo palmas uma vez —, vamos continuar com o show, certo?

Michael assentiu, tentando tirar o rosto de Jackson Porter de sua mente,

de seus pensamentos.

— Sim, você está certo. Vamos em frente.

— Para fazer o que, exatamente? — perguntou Gabby. — Ainda não entendi o que você quer que a gente faça com um monte de grama, árvores, e uma pilha velha de tijolos e pedras.

Michael olhou fixamente para Helga.

— Você conhece a Doutrina da Morte até certo ponto, não conhece? Quero dizer, você já a usou, já descobriu alguma coisa, não é?

Helga fez que sim com a cabeça, mas foi um gesto não muito convincente.

— Nunca fui *expert* nisso. Outros trabalharam nela mais do que eu. Mas, sim, tenho uma noção de como funciona.

— Eu também — respondeu Michael. — Quando estava na Colmeia, lutando contra Weber e a versão dela de SimKillers, vi de perto: as conexões, como elas funcionam. Entendi o bastante para enviá-la à mente de outra pessoa e encerrar a conexão — e fez uma pausa. — Eu a matei.

Se esperava por alguma espécie de repreensão, ela não veio. Bryson chegou até mesmo a erguer um punho para cumprimentá-lo, mas se conteve.

Michael continuou:

— Acho que, se somarmos nossas forças, podemos explorar o código deste lugar. Mas precisamos ir fundo. Mais fundo do que nunca. Sei que esta é a essência do programa de Kaine. Se todos nós trabalharmos juntos, podemos encontrá-lo, dissecá-lo e acabar com tudo. Vocês topam?

Helga fez que sim com a cabeça em um gesto determinado. Gabby disse que sim com os olhos, sem deixar nenhuma dúvida. Bryson ergueu os dois polegares.

— Vamos fazer à moda antiga — disse Michael, aproximando-se de Gabby e gesticulando para que os outros se aproximassem. — Vamos juntar as mãos e manter uma conexão sólida entre nós. Ficaremos em comunicação constante. Quero fazer isso logo, e não quero que ninguém fique sozinho se surgir algum problema.

— Problema? — repetiu Bryson. — Acha que podemos ter algum problema com o “você sabe quem”?

— Ele vai entender — foi tudo o que Michael disse. Sabia que deveria primeiro explicar seu plano para Kaine. As coisas dariam muito mais certo se realmente estivessem do mesmo lado, mas Michael não queria perder nem mais um minuto. — Temos que lidar com o que temos, não é? Ele não está aqui.

— Você está bem confiante — disse Bryson. — Então, cara, se acha que é

isso o que temos que fazer, estou dentro. Vamos nessa.

— Então vamos lá — respondeu Michael, estendendo a mão.

Bryson a pegou. Gabby pegou a outra. Por último, Helga se juntou a eles, completando o círculo.

— Vamos acabar logo com essa brincadeira — sussurrou Michael, fechando os olhos.

6

Mergulharam fundo, tão fundo quanto podiam, no código. Para Michael, a sensação era de entrar em uma banheira quente, o que era um alívio depois da conversa constrangedora com os amigos. As folhas de grama se tornavam linhas de símbolos; as árvores, grandes blocos de dados; o castelo, um amontoado confuso de letras e números; e o céu estava inundado por aquela névoa púrpura que com tanta frequência representava a versão mais básica de programação da VirtNet. Michael sentia a pressão reconfortante das mãos de Bryson e de Gabby, a ligação entre todos eles. Combinaram habilidades e conhecimentos, e passaram a dissecar a enorme quantidade de informação na qual se encontravam.

Uma hora se passou. Duas. Três. Michael mantinha um cronômetro em seus arquivos, sabendo o quanto era comum perder a noção de tempo quando estava concentrado. Não queria trabalhar demais sem descansar, ou poderiam cometer erros.

Após quatro horas, ninguém ainda queria parar. Tinham descoberto tanta coisa, passado a entender tanto! Michael estava tão focado que praticamente se esquecera das árduas circunstâncias que tornavam aquela tarefa tão necessária.

Ele tinha razão. A Doutrina da Morte vivia e respirava no programa da Ravina Consagrada, como os elementos básicos de um código genético. Michael nunca vira nada como aquilo. Se a Ravina tivesse veias, a Doutrina seria o sangue que circulava por elas. Não dava para olhar para o código de uma sem enxergar o da outra. Tudo estava interligado, como uma linda criação biológica feita pelo homem.

E Michael pretendia destruí-la.

— Vamos dar o fora daqui — ele disse aos outros.

Percebendo a relutância deles, soltou as mãos de Gabby e Bryson e reabriu por conta própria o modo visual. O universo de códigos desapareceu, substituído pela paisagem verdejante e pelo céu azul.

Helga piscou algumas vezes ao ver o brilho do sol.

— Pois é, isso foi... fascinante.

— Bizarro — disse Bryson. — E maneiro.

Gabby fez que sim com a cabeça:

— Queria saber se meu pai conhece este lugar.

O coração de Michael falhou por um segundo. Tinha se esquecido totalmente de que o pai dela trabalhava para o SSV. Será que ele não era um dos que haviam ficado presos nos Caixões, lá naquele arranha-céu enorme?

Gabby logo percebeu sua preocupação.

— Não se preocupe, Jax. Quero dizer, Michael. Conheço meu pai. Não tem a menor chance de ele ser um dos vilões. Mande mensagens para ele. Ele está em segurança, perto do escritório. Acho que deu um jeito de faltar no trabalho, falando que estava doente.

Ela mostrou um sorriso meio amarelo para ele, o que fez Michael se lembrar da última vez que vira Sarah fazer o mesmo. Ela também sempre tentava diminuir as preocupações com um sorriso, mesmo que fosse um sorriso sem vontade.

— É bom ouvir isso — ele disse.

— E aí, o que vamos fazer? — perguntou Bryson. — Quer mesmo destruir este lugar?

Michael fez que sim com um gesto de cabeça:

— Não temos outra escolha.

— Precisamos descansar — sugeriu Helga.

Michael foi obrigado a concordar:

— E comer também, mas não podemos fazer a Emersão agora. Bryson, você sempre foi o melhor nisso. Programe umas batatinhas com gorgonzola para nós, da lanchonete do Dan.

No Caixão, seriam nutridos por via intravenosa, nada que abrisse muito o apetite, mas, no Sono, tudo estaria saboroso.

— Deixa comigo, patrão.

7

Comeram. Dormiram um pouco. Depois passaram duas ou três horas organizando planos e estratégias. Seria preciso um esforço monumental, todos sabiam disso. Mas nenhum deles duvidava de que poderia funcionar. Unidos, com trabalho árduo e uma programação brilhante, poderiam destruir o programa da Doutrina da Morte. Michael tinha certeza disso. Era questão de horas para darem um fim naquilo.

— Quando acabarmos — ele disse aos outros, enquanto se preparavam para dar as mãos novamente —, o último passo será a Colmeia. Mas acho que para isso poderemos pedir ajuda. Uma grande ajuda. O mundo não

pode esperar que a gente faça isso sozinho — seu tom deixava transparecer um toque de brincadeira, mas também de orgulho. Por mais absurdo que parecesse, ele *tinha* salvado o mundo. Sorriu, sentindo-se bem.

— Bora desconstruir! — gritou Bryson, e, em seguida, soltou uma série de patéticos “Uhuuu!”. Para sua surpresa, Helga o imitou. Gabby apenas encarou Michael, exagerando no olhar de consternação.

— Essas crianças de hoje em dia... — disse-lhe Michael.

Ele estendeu suas mãos. Gabby e Bryson pegaram nelas, então nas de Helga.

Os olhos de Michael estavam semicerrados quando a voz de um homem soou atrás dele:

— Vamos parar com isso já.

Michael abriu os olhos, soltou a mão dos amigos e se virou, embora já soubesse quem era. Kaine. O Tangente estava ali com sua Aura mais jovem, muito bem-vestido, a gravata frouxa e as mangas da camisa dobradas. Parecia uma estrela de cinema na capa de uma revista elegante.

— Ei — disse Michael, um pouco afobado. — Ia falar com você sobre isso...

— Pare — Kaine ergueu uma das mãos, abaixando discretamente a cabeça. A expressão dele era indecifrável. — Não diga mais nada. Agora, pelo menos uma vez na sua vida, você vai escutar.

— Kai...

— Eu disse para ficar quieto! — gritou o Tangente, os olhos fulminando-o. — Se age como criança, será tratado como criança. Não digam mais nem uma palavra, nenhum de vocês. Como pôde fazer isso comigo, Michael?

Naquele momento, Michael percebeu o quanto havia subestimado aquele ponto envolvendo Kaine. Apesar do que vinha dizendo a si mesmo, aquele embate era inevitável. Kaine queria a imortalidade a qualquer custo. Michael teria que matá-lo ou morrer tentando fazer isso.

Kaine cruzou as mãos sobre o peito.

— Depois de tudo o que fiz por você. Salvei sua vida. Eu o ajudei a destruir o SSV. E agora isso — ele levantou as mãos para o alto, olhando em volta, para o mundo que havia criado. — É assim que você me recompensa? Querendo destruir a razão da minha própria existência?!

Michael queria explicar, mas não ousou abrir a boca.

Kaine balançou a cabeça com uma expressão de desgosto.

— Que coisa estúpida você fez, Michael. Foi ideia sua enviar *meus* aliados ao lugar exato onde seu corpo está, em um Caixão, bem agora, neste segundo.

O medo — um medo que nunca tinha sentido antes — explodiu com um choque gelado dentro de Michael.

Kaine lhe lançou o olhar mais frio que ele já tinha visto.

— Tenho certeza de que ao menos um deles não dá a mínima para o fato de você viver ou morrer.

Helga foi em frente e passou por Michael antes que ele pudesse detê-la. Ele pensou, por um instante terrível, que ela atacaria Kaine, mas em vez disso ajoelhou-se diante dele. O Tangente nem piscou.

— Por favor — ela disse. — Poupe este menino. Estou implorando a você, Kaine.

— O que é isso? — ele se afastou dela, uma expressão de desgosto no rosto. — Está de brinca...

Antes que ele pudesse terminar a frase, Helga arremessou uma corda fina de aço, tirando-a da manga. Kaine mal conseguiu reagir antes que a corda envolvesse seu pescoço e o cingisse, bem apertado. Ela a puxou com força, e ele caiu de joelhos. Em um instante, Helga o pôs de rosto no chão e amarrou seus pulsos.

Michael assistiu a tudo aquilo incrédulo, sem saber o que fazer. Deu um passo à frente, mas se deteve ao ver o rosto de Kaine. Em vez da expressão de raiva que esperava, Kaine estava perfeitamente calmo, quase sorrindo.

— Está falando sério? — ele perguntou, a voz abafada, o rosto contra a grama. — Acha mesmo que esse chicotinho saído de algum game barato vai me deter? Aqui? No lugar que eu construí?

Helga lascou um soco no ouvido dele, forte o suficiente para provocar uma careta no Tangente.

— Não — ela disse. — Mas isso distraiu você o suficiente para que eu lançasse um escudo firewall contra suas comunicações. Vá em frente; tente dar o comando para seus capangas cortarem o pescoço do meu menino. Tente.

Para choque de Michael, o pânico tomou o rosto de Kaine.

— Isso não vai durar muito tempo — disse Kaine.

Ele soprou, esvaziando as bochechas, e tudo ao redor entrou em movimento, as cores ficando borradas. Ele flutuou no ar, aterrissando depois, enquanto Helga era arremessada de costas por uma ventania, até bater em um dos muros do castelo. Ela despencou com um estrondo em meio às pedras, ficando inerte na grama.

Ela está bem, Michael pensou. Estamos no Sono. Ela está bem.

Ainda olhava para Helga quando ela desapareceu, desbotando até não existir mais. Era um bom sinal. Significava que tinha feito a Emersão. Afinal, aquele lugar era um ambiente virtual.

Michael voltou sua atenção para Kaine, que ainda parecia perturbado.

Talvez Helga tivesse feito um milagre que durasse ao menos o tempo necessário para darem um jeito naquela situação.

— Escute, Kaine — disse Michael. Gabby e Bryson se aproximaram, cada um de um lado dele. — Sei que está furioso. Mas podemos conversar?

Os olhos de Kaine se estreitaram.

— Não, não podemos. Eu vi o que você fez com Weber. Ouvi o que você disse aqui. Suas intenções são claras, e não posso aceitá-las. Não há margem para negociações, Michael. Eu lhe dei uma chance após outra para se juntar à minha nobre causa. E sempre voltamos ao mesmo ponto. Você me atrapalhando, pensando que tem o direito de fazer isso. Pensando que pode... vencer neste seu joguinho. Então, como aparece na última fase, *game over* para você.

— Caramba, odeio esse cara — disse Bryson, alto o bastante para que Kaine o ouvisse.

Kaine o ignorou.

— Eu tinha um *belo* plano. Para benefício de todo mundo. E o tempo todo fui traído. Por Weber, pelo SSV, e agora por você. Você está ligado a tudo isso, Michael. Você é uma parte disso. Deveria ser capaz de reconhecer o potencial do plano, mais que qualquer um. E, mesmo assim, quer destruí-lo? Tem ideia do quanto me magoa agindo dessa maneira?

Michael não queria lutar. Não sabia *como* lutar contra Kaine, mesmo que quisesse. Sempre tinham sido combates desiguais, desde o início. Sua única esperança era argumentar com ele.

— Não é exatamente uma solução — disse Michael. — Você está certo. Entendi completamente a Doutrina da Morte. Entendi melhor do que ninguém. Eu vi o que ela faz com as pessoas. Com o mundo. E estou dizendo a você: ninguém merece confiança a ponto de assumir um poder tão grande. Ninguém. Precisa terminar, Kaine. É necessário.

Kaine ficou ali, respirando fundo, como se estivesse prestes a dar um mergulho para uma longa travessia a nado.

— Se é isso o que você pensa, então você não entende nada, garoto — ele olhou para Gabby, depois para Bryson, e de novo para Michael. — Vou lhe dar uma última chance. Ajude-me a tornar esse sonho realidade. Imortalidade, Michael. Chega de morte física para humanos, e chega de Decadência para Tangentes. Vamos viver para sempre. Se não puder ver o quanto isso é... glorioso, então tem algo de errado com você.

Gabby fez menção de dizer alguma coisa, mas um olhar penetrante de Kaine a fez desistir.

— Apenas me dê uma resposta — exigiu Kaine. — Sim ou não. Comigo ou

contra mim. São essas as suas opções. Você já me causou mais problemas do que eu poderia suportar... Se quiser escolher ficar contra mim, não vai ser sua escolha mais inteligente. Escolha vida eterna ou sofrimento. Qual você prefere?

Gabby apertou o braço de Michael.

— Vamos terminar o que viemos fazer aqui — ela disse, sem um pinga de medo na voz.

E Michael sabia por quê. A Doutrina da Morte havia tirado dela seu melhor amigo.

— Sim — disse Bryson. — Ele é um só; nós somos três. Ele já sabe nossa resposta.

Michael olhou com seriedade para Kaine.

— Não precisa acabar assim.

— Qual é a sua resposta? — gritou o Tangente.

Michael podia jurar que tinha visto um brilho vermelho no olhar dele, como se um demônio tivesse vindo à tona. Um arrepio de medo percorreu sua espinha.

— Precisamos destruir seu programa — disse Michael. — Sinto muito.

A fúria maníaca desapareceu do rosto de Kaine, e ele chegou a sorrir.

— Então, que seja. Deem seu melhor. Ao menos você vai sair do meu caminho, enfim. Só vou precisar estabelecer outra conexão para substituir a sua.

Ele ergueu os braços, e luzes ofuscantes foram disparadas da palma de suas mãos. O chão sob seus pés perdeu toda a solidez, tornando-se uma névoa marrom-esverdeada.

Eles despencaram.

2

O caos dominou o mundo de Michael.

Seus pés pousaram em uma substância misteriosa. Era arroxeadada e parecia escorregadia, como se estivesse molhada, mas era firme, como borracha endurecida. O terreno ondulava à sua volta, como se uma rocha gigante tivesse caído em um lago e congelado instantaneamente. Bryson estava acima dele, Gabby abaixo, mas ainda estavam juntos.

— O que está acontecendo? — indagou Bryson.

— E onde está Kaine? — perguntou Gabby.

Um vulto passou por eles, respondendo à última questão. Uma enorme criatura alada desceu de um céu verde enevoadado. Cada vez que as asas batiam, um vento devastador soprava contra

Michael e seus amigos. A criatura planou até aterrissar na frente deles, as garras enormes cravando-se na superfície borrachenta sob as patas. A pele escamosa era dourada e brilhava como óleo na água. Kaine estava no lombo da fera, em uma sela, segurando as rédeas com firmeza. Michael nunca vira uma criatura mais apavorante. Ela tinha chifres enormes na cabeça e olhos que pareciam mármore escuro. A criatura abriu a boca enorme, revelando dentes inacreditavelmente grandes, e então gritou, um som tão estridente que o ouvido chegava a arder.

— Nunca deveria ter oferecido a você uma última chance — disse Kaine nas costas do monstro. — Eu errei, mas aprendi minha lição. Agora estamos aqui, no Núcleo da Doutrina da Morte, Michael. É bem adequado você e seus amigos morrerem aqui, neste solo.

Outras figuras começaram a surgir de trás da fera de Kaine, como se uma escotilha tivesse se aberto para soltar seus súditos. Eram SimKillers: lobos enormes e fantasmas com mantos negros, com um vento inconcebível soprando ao redor deles. Surgiram também outras criaturas. Demônios sangrentos e furiosos, parecidos com os que Gunner Skale tinha encontrado ao tentar se esconder no Caminho. Monstros de livros de ficção, trolls, duendes e zumbis. Duas, três, quatro dezenas de criaturas, amontoadas em uma linha atrás de Kaine e sua fera alada.

— Talvez você devesse ter vindo com um exército maior — disse Kaine de sua sela. — Para o bem tanto dos homens quanto dos Tangentes, não posso ser piedoso hoje. Sinto muito.

Ele ergueu uma das mãos, depois lentamente a abaixou, apontando o dedo para Michael.

— Matem-nos — comandou em um tom ressonante. — Começando por ele. Mas antes removam o Núcleo. Vamos lhes dar a morte verdadeira que tanto veneram.

3

O Núcleo. A conexão que mantinha uma mente vinculada à realidade. Parte da programação da NerveBox. Um código quase impossível — sem mencionar ilegal — de acessar.

Michael entrou em ação enquanto o exército de Kaine se preparava para atacar. Correu pela superfície lisa, levando dois escorregões, a fim de se aproximar de Bryson e Gabby.

— Usem o programa de voo do Invisible Wings! — ele gritou, transferindo o código para eles, caso não o tivessem. — Vamos sobreviver muito mais se estivermos no ar. Baixem todas as armas em que puderem

pensar, e vamos para cima deles! Vou atrás de Kaine; preciso do link dele para desconstruir a Doutrina.

Tinham que sair do chão, ou não iriam durar muito tempo. Os primeiros SimKillers quase já os alcançavam, trotando até eles e emitindo horríveis rosnados eletrônicos.

— Pode deixar! — gritou Gabby, enquanto se erguia a sete metros do solo.

Bryson e Michael usaram o mesmo programa e se lançaram para onde ela estava, escapando da primeira onda de ataque logo abaixo deles.

— E se a gente falhar? — Bryson gritou para Michael, os olhos esbugalhados de medo.

Michael compreendeu o que ele queria saber. Sorriu para o amigo.

— Dê o melhor de si, cara — disse ele. — Em último caso, mate sua Aura e faça a Emersão antes que eles cheguem ao seu Núcleo, entendeu?

Bryson fez que sim com a cabeça, e os dois olharam para Gabby, que também concordou. Estavam nessa juntos.

Uma lufada de vento soprou sobre eles, e os três amigos viraram a cabeça. Era a criatura de Kaine, batendo suas asas gigantes e se erguendo ao céu. Kaine cravou os olhos em Michael. Os demônios e SimKillers fizeram o mesmo, iniciando os próprios programas de voo. Pelo jeito, seria uma batalha aérea.

Enquanto cada um tomava sua posição, Michael sentiu uma súbita e completa falta de esperança. Eram apenas os três contra tantos inimigos! Sabia que não tinham que vencer a batalha; só precisavam se manter por ali por tempo suficiente para destruir o código da Doutrina da Morte. Mas como fariam isso? Voltou-

-se para os amigos, pronto para dizer que era melhor desistirem e darem o fora dali. Seria muito mais sensato arrumar reforços e voltar depois.

Mas Bryson e Gabby já tinham avançado. Michael olhou para o alto e os viu flutuando pelo céu de cores estranhas, lutando, esbravejando, partindo para a batalha. O coração dele se apertou.

Algo acertou em cheio a lateral de sua cabeça.

Gritando, ele perdeu o controle e mergulhou. Colidiu com o duro chão borrachento, quicando duas vezes. A fera alada aterrissou ao lado dele, as garras enormes perfurando a substância arroxeadada. Michael olhou para o alto, observando aquele rosto hediondo, com seus olhos negros e dentes afiados. A criatura gritou mais uma vez, e Michael levou as mãos aos ouvidos.

Ele ficou parado, no solo. O medo o percorreu espinha abaixo, e ele

estremeceu. Nunca se sentira tão apavorado antes. Nunca. Mas ergueu as mãos, fechou os punhos e vasculhou a mente em busca da arma certa para trazer de seus arquivos.

E então, congelou. Tudo parecia bloqueado. Tinha uma esperança: havia pensado que, com o Sono em estado deteriorado, teriam mais poder para manipular os códigos e trazer programas de outras fontes.

Mas estava errado.

Não tinha arma nenhuma. Apenas os punhos. Isso era tudo. Ou melhor, seus punhos, Bryson e Gabby. E agora todos estavam prestes a tomar uma surra.

A fera de Kaine golpeou o ar com uma asa, acertando com força o rosto de Michael. Aquilo o arrancou do chão e o fez voar. Aterrissou a dez metros de distância, a dor consumindo seu corpo. A criatura saltou no ar, bateu as asas duas vezes, depois lançou-se sobre Michael, aterrissando com um impacto tenebroso em seu peito. Cada molécula de ar escapou de seus pulmões. Ele engoliu um lamento abafado.

Kaine desmontou das costas do monstro com um salto. Após mais um grito estridente, a criatura bateu as asas e subiu para o alto, deixando Michael com seu inimigo.

— Você poderia ter tudo — disse o Tangente. Então, desferiu um chute nas costelas de Michael. — Imortalidade — outro chute, ainda mais agressivo. Uma dor atordoante dominou o mundo de Michael. — Um lugar a meu lado — mais um chute.

Kaine se inclinou sobre Michael.

— Você já devia saber — desta vez, um soco na cara. Uma nova erupção de dor. — Você deveria saber desde o começo que não posso ser derrotado. Não por alguém inferior a mim.

A voz de Kaine, de repente, tornou-se suave ao prosseguir.

— Vou conseguir as coisas do meu jeito — disse lentamente.

— E você vai morrer. Não preciso mais da sua conexão. Isso já era... Já foi resolvido com a resolução automática dos problemas. Essa é que é a beleza do mundo dos códigos, Michael. Quando precisamos, qualquer coisa pode ser reprogramada. Qualquer coisa.

Ele tocou na têmpora de Michael com um dedo, e uma garra afiada apareceu na extremidade, apontada justamente para onde residia o Núcleo de Michael. Michael afastou a cabeça, mas a dor que sentia devido à surra que levava era insuportável. Debruçou-se sobre o chão e vomitou. Não tinha mais forças para lutar.

— Sarah — ele sussurrou. — Sarah — tinha jurado morrer pensando

nela.

Kaine ergueu seu dedo com a garra, fazendo questão de exibi-la para Michael.

— Estou fazendo isso para o futuro da inteligência — declarou. — Para o próximo passo da evolução — aproximou-se de Michael, que não tinha mais forças para resistir.

E então, como acontecia com frequência na vida de Michael, as coisas mudaram em um segundo.

Ouviu-se um ruído de algo borbulhando e um vento quente dilacerante, e o corpo de Kaine foi catapultado para o ar, desaparecendo à distância.

Michael continuou no chão, tão exausto e fraco com a dor das pancadas, que pensou não ser capaz de se mover nunca mais. Precisou da última reserva de energia para se virar e olhar para o alto, vendo ali sua salvação.

4

Portais foram se abrindo ao redor dele, com espaços escuros dos quais inúmeras figuras surgiam. Eles cercaram a enorme fera alada de Kaine e seu exército de SimKillers, partindo para cima deles com todas as armas imagináveis. Alguns dos que chegavam eram familiares: guerreiros, robôs, super-heróis e aliens de dezenas de games que Michael tinha jogado com seus amigos ao longo dos anos. Outros lhe pareciam novos. Uma coisa semelhante a uma árvore gigante com um rosto, agitando os braços com força impiedosa. Uma criatura rochosa, que disparava pedras pontudas de seu peitoral rígido. Havia também um cavalo de aço de seis patas, com um humanoide no dorso, feito de centenas de lâminas afiadas.

Michael suspirou de alívio, mas incrédulo. Um exército de Tangentes viera para salvá-los. Tinham estado tão próximos da morte verdadeira. E Bryson e Gabby estavam ali, lutando. Ele tinha que continuar.

Alguém pousou uma mão em seu ombro quando ele tentou se levantar, empurrando-o para baixo novamente. Michael se virou e viu Helga, em uma armadura, ajoelhada ao lado dele. Estava inclinada com uma espada enorme de luz intensa, que ela agora fincava no chão com a ponta para baixo.

— O que está acontecendo... — ele começou a dizer, mas Helga o interrompeu.

— Não fale agora. Não temos tempo. Eu forcei Kaine a me matar para poder fazer a Emersão e pedir ajuda. Mas não fui rápida o bastante. Alguém está atrás de você em seu Caixão; Kaine atravessou meu firewall. Você precisa voltar *agora*.

Michael se colocou em pé, desajeitadamente, lutando contra a dor.

— O que... Não! Bryson e Gabby estão lutando! Preciso ajudá-los!

Helga o agarrou pela camisa com as duas mãos e o puxou para perto de si.

— Pode deixar que cuidaremos disso, Michael. Às vezes, você precisa abrir mão de algumas coisas. Às vezes, tem que deixar que outros carreguem o fardo. Está me entendendo?

Ele assentiu sem muita vontade, sentindo-se sem saída.

— Eu criei um caminho para você — Helga apertou os ombros dele. — Agora vá. Salve sua pele. E tenha fé em nós. Podemos vencer; sei como destruir a Doutrina da Morte. Lembra daquele pequeno truque que usamos para entrar na Colmeia despercebidos? Aquele de *juntar e destruir*? — ela não esperou pela resposta. Arrancou a espada do chão e saltou no ar, cortando dois SimKillers em pleno voo, ambos mergulhando na direção deles. — *Vá!* — ela gritou.

Michael se concentrou no Portal com o caminho providenciado por Helga. Fechou os olhos e fez sua programação, e em seguida, a Emersão para a Vigília.

5

O chiado da porta do Caixão se abrindo. O solavanco úmido do NerveWire se retirando de sua pele, retraindo-se para o compartimento. As luzes azuis brilhando, o zumbido da máquina, o mundo real ganhando vida acima dele. A dor estava ali, em cada parte de seu corpo, mas nem de perto tão ruim quanto havia sido no Sono.

Um rosto o encarou lá de cima. Então um lampejo, um brilho refletindo no metal.

Michael se ergueu com rapidez. Lançou o braço para o lado, desviando de uma faca, depois desferiu um chute forte no rosto do homem. Michael saiu às pressas do Caixão, aproveitando que o homem fora ao chão, e saltou por cima dele, seu sangue bombeando adrenalina. Ele o socou, depois viu um braço vindo de novo em sua direção, ainda brandindo a arma. Michael ergueu o cotovelo e sentiu a lâmina fria, o corte reluzente e dolorido. Fechou o punho e com um golpe derrubou a faca da mão do homem.

Corra, pensou. Estava cansado de lutar. Tudo o que queria era escapar dali.

Michael tentou sair pela lateral, mas tropeçou quando o homem agarrou seu pé. Chutou-o, levantou-se e começou a correr. Agora estava no salão

enorme, cercado por balcões de Caixões. Dali dava para ver as portas por onde tinha entrado. Michael se concentrou na saída e correu para lá.

Então, com uma dor ofuscante, seu rosto se chocou com força no piso azulejado. Havia sucumbido; seu oponente o atingira com um salto, acertando suas costas. Michael se virou de barriga para cima, o cotovelo preparado para atingir o queixo do homem. Ele gritou e caiu, apertando o rosto, mas conseguiu dar um chute no estômago de Michael antes disso. Michael se curvou, contraindo-se e tossindo. Todo o seu corpo doía pela recente tortura no Sono, e agora uma nova onda de náusea irrompeu dentro dele. Foi se arrastando como pôde, tentando superar a vertigem que fazia o mundo inteiro girar.

O agressor estava em seu encalço, ofegante, e pela primeira vez Michael conseguiu dar uma boa olhada nele. Parecia familiar, mas, antes de reconhecê-lo, o homem atacou, o ódio estampado em seu rosto. Michael enfim se pôs de pé, mas não teve tempo de escapar; o homem o golpeou, mandando os dois de volta para o chão. Michael se posicionou, saindo de baixo dele, e lhe deu uma joelhada na virilha. Levantou-se, cambaleou um pouco e olhou para trás. Aquilo tinha que terminar.

Michael notou algo que ainda não tinha visto: um dos guardas que morrera antes estava torto na cadeira, com sangue sobre o rosto e o peito. E, a seus pés, havia uma arma. Apressou-se para lá, ouvindo seu agressor gritar como um lunático. Michael deslizou até a cadeira como um jogador de beisebol chegando à base, agarrando assim a arma. Virou-se rapidamente com ela em punho.

O homem parou de correr, os olhos arregalados e os braços para o alto. Em um instante, ele se transformou. A raiva desapareceu, substituída por medo. Seus lábios tremeram e ele caiu de joelhos.

— Por favor, não — ele implorou, patético e suarento. — Não atire em mim. Eu... Esta é minha única chance. Não tenho outra opção. Preciso deste corpo — ele abaixou a cabeça.

Michael se levantou lentamente, mantendo a arma apontada para o homem. E então a familiaridade soou mais forte, a ponto de enfim reconhecê-lo.

— Você me visitou na cadeia — disse Michael, espantado com a revelação. Não sabia como não havia percebido antes. — Você foi lá me falar sobre o que era ou não real, e como não poderemos nunca saber. Disse que podemos fazer a Emersão mil vezes...

— ...e mesmo assim continuar no Sono — o homem o interrompeu. — Sim, sim. Como podemos saber? Não há como. Só podemos viver, rapaz. E

eu quero viver, mais do que qualquer outra coisa, neste universo esquecido por Deus. Por favor, não tire isso de mim.

— Quem é você? — perguntou Michael, menos uma pergunta e mais uma exigência.

O homem ainda parecia desconfiado:

— Sou o amigo que você sempre teve, mas de cuja presença nunca se deu conta. Sou seu inimigo jurado.

— De que diabos está falando?

— Sou eu, Michael. Sou Kaine.

O chão sob seus pés pareceu se deslocar. Teve dificuldade para manter a postura.

— Acha que sou idiota? — questionou Michael, mas o tom de ameaça não soou convincente.

Queria fingir que não acreditava, mas acreditou nele de imediato. Kaine, o Tangente, havia roubado um corpo e estava ajoelhado diante dele. Sabia que era verdade.

— Não me julgue como você sempre faz — disse Kaine. — Este homem que dominei queria encerrar sua vida; chegou até a escrever uma carta suicida! Não fiz nada que ele já não desejasse.

— Nada mais me surpreende — murmurou Michael, mais para si mesmo. Seu olhar se perdeu no chão.

— É assim que meu plano funciona. A cada duas semanas, faço download da minha última versão neste homem. Só como prevenção, para o caso de as coisas não saírem muito bem. É minha cópia de segurança, ou uma espécie de apólice de seguro. E, ao que parece, foi a coisa mais prudente que já fiz.

— Do que está falando? — quis saber Michael, o olhar fixo em Kaine.

O homem — o Tangente — deu de ombros, depois abaixou as mãos.

— Perdi todas as últimas informações. Perdi contato comigo mesmo, com meus parceiros, com o exército. Então só posso presumir que você venceu. Não sei como, nem onde, nem quando, mas acabou. Acho que são duas semanas de lembranças que eu nunca mais terei de volta. Não que eu precise. Todo o meu pessoal se foi ou morreu, até onde sei. Você tem muito mais aliados do que eu pensava. Só soube que você estaria aqui porque interceptei uma mensagem... de mim... para mim mesmo.

Michael o encarou, completamente perdido. Na verdade, tinha entendido, mas sua mente parecia um grande novelo de lã, pronto para se desmanchar assim que alguém puxasse o fio. Manteve a arma apontada para o inimigo, querendo muito puxar o gatilho.

— Escute, não sou mais nada — disse Kaine. — Sem a Doutrina da Morte, sem meus recursos, sem o suporte da infraestrutura do SSV... Cheguei a criar uma Colmeia particular, abandonada ao esquecimento, mas agora acho que não conseguiria encontrá-la nem mesmo se a procurasse por cem anos. Tudo no mundo virtual se perdeu para mim. Sinto essa ausência.

E ali mesmo, aos pés de Michael, a figura mais aterrorizante que o mundo já havia conhecido chorava como uma criança assustada.

— Por favor — suplicou Kaine. — Apenas me deixe viver neste mundo. Nunca vou entrar no Sono. Nunca mais. Eu lhe dou minha palavra. Você tirou de mim a imortalidade. Deixe-me ser um mortal. Estou implorando a você.

Michael deu um passo à frente, apontando o cano da arma na testa de Kaine. Mas não conseguia. Não podia apertar o gatilho. Uma onda de raiva se abateu sobre ele.

— Você — sussurrou Michael, tremendo. — Você e a agente Weber... Odeio vocês. Vocês tiraram tudo o que eu tinha. Meus pais. Minha vida. Sarah.

— Sinto muito — disse Kaine. — Juro que fiz o que eu pensei que...

— Cale a boca! — gritou Michael. — Levante-se e dê o fora daqui. Agora. Se eu vir sua cara de novo, você está morto. Está me ouvindo? Não vou lhe dar outra chance. Juro por todas as pessoas de quem tirou a vida.

Kaine concordou com um gesto de cabeça. Parecia uma criatura patética e infeliz. Quando Michael se afastou, ouviu-o correr pelo salão e atravessar as portas, até chegar à rua.

Michael o deixou ir, esperando nunca se arrepender dessa decisão.

6

Vários minutos depois, Michael continuava no mesmo lugar, olhando para o mesmo piso. Não tinha energia para se mover, nem para se sentar. Queria que sua mente se desligasse e o deixasse em paz.

O Caixão que ele havia usado antes zumbiu, barulhento.

Alguém tinha enviado a ele uma mensagem. Atravessou a sala até a NetScreen para ver uma mensagem simples exposta na superfície azul brilhante.

Um recado de Helga.

Acabou.

Michael estava entre amigos.

Inclusive os pais de Sarah.

— Peço desculpas por tê-lo culpado pela morte dela — disse Gerard. Ele apertava com firmeza os ombros da esposa. — No começo eu fui duro, ao ver que você estava são e salvo. Vi você no *NewsBops*, o tempo todo sendo tratado como herói. Fui egoísta, eu sei. É que... — a voz dele falhou, e lágrimas vieram aos seus olhos. — É que dói tanto. Sinto falta da minha menininha.

O coração de Michael se apertou, enquanto a mãe e o pai de Sarah o abraçavam, ambos os corpos se sacudindo devido ao choro. Depois de um minuto o soltaram.

— Não foi sua culpa — continuou o pai dela. — Sei disso. Você é um herói, assim como Sarah. Se ela tivesse que fazer tudo novamente, sei que faria a mesma escolha. Sem a menor dúvida.

Michael se limitou a assentir com um gesto de cabeça; a dor era demais para que conseguisse articular palavras. Talvez não fosse possível, mas ele achava que sentia tanto a falta dela quanto Gerard.

— Amamos você — disse Nancy, com um sorriso triste. — Você sempre será como um filho para nós — ela fez uma pausa, um brilho de insegurança no olhar. — Podemos manter contato?

Michael venceu a tristeza para parecer o mais simpático possível.

— Claro. Podem me visitar ou me mandar mensagens. Vou gostar muito.

Gerard deu um apertão de leve no ombro dele, assentindo com um gesto quase seco, como um pai faria a um garoto que estivesse apaixonado por sua filha.

— Fique bem, filho — ele disse. — Agora vamos deixar você se despedir dos outros.

Foram para o outro lado da sala. Gabby apareceu para falar com Michael.

— Oi — ela disse, as lágrimas escorrendo pelo rosto. Aquilo o comoveu. Tinham se aproximado muito desde que aquela loucura havia terminado, um mês antes, e não tinha dúvidas de que continuariam amigos por muito tempo. — Não acredito que está de partida. Esse momento sempre pareceu tão distante.

— É — ele a envolveu em seus braços e a apertou com firmeza. — É bom você passar um tempo comigo de vez em quando. Sinta-se à vontade para levar seu namorado, se precisar.

Ela riu, uma risada breve que vinha da garganta e do nariz.

— Vai ser um pouco estranho, não é? Nem parece verdade que vocês dois nunca se encontraram. É tão louco.

— Ah, nós nos encontramos — disse Michael, desvencilhando-se do abraço dela, que havia lhe provocado uma sensação agradável. — De várias maneiras. E eu conheço você. Ele não pode ser um idiota, afinal, você o ama.

— Ah, é — ela fez uma pausa, olhando bem fixamente. — Pode ter certeza de que vamos visitá-lo. Bastante. Vocês dois vão gostar um do outro. E... o que está fazendo por ele... é...

— Por favor — disse Michael, abanando a mão no ar em um gesto casual. — Nem fale mais nisso, nunca mais. Não podia ser diferente.

Ela assentiu, e lágrimas frescas brotaram mais uma vez.

— Está bem. Então vamos vê-lo em breve. Só avise como encontrá-lo, está bem?

— Claro.

Por último, mas com certeza não o menos importante: Bryson. Os dois se abraçaram, dando tapinhas nas costas para parecerem mais viris.

— Eu te amo, cara — sussurrou Bryson em seu ouvido.

Michael soltou uma gargalhada, mas o amigo o apertou com ainda mais força.

— É sério. Eu te amo. Você é o melhor amigo que qualquer um poderia ter. O mais corajoso, o mais louco, o mais engraçado, o melhor. Você é meu melhor amigo, sempre foi, sempre vai ser.

E eu vou visitar esse seu traseiro feio todos os dias.

Bryson se desvencilhou do abraço e se virou, indo até a porta.

— Bryson! — chamou Michael.

Bryson apenas assentiu, sem olhar para Michael, passando então pela porta. Saiu abruptamente, mas Michael entendeu. Aquele foi o adeus perfeito.

E isso foi tudo.

Com lágrimas ardendo nos olhos, ele foi até o Caixão aberto e se deitou. Estava completamente vestido, preferindo poupar a todos de o verem sem roupa. Afinal, o corpo não ficaria ali dentro por muito tempo.

Fechou os olhos e deixou que a NerveBox fizesse sua mágica.

Quando aqueles olhos se abrissem, após cerca de uma hora, Jackson Porter iria ver o mundo real mais uma vez. E Gabby estaria bem ali, esperando por ele.

O processo era doloroso.

Era como fazer ser Espremido através de firewalls e ter o cérebro sugado por um SimKiller ao mesmo tempo. Primeiro a escuridão, depois uma luz de cegar os olhos. Silêncio, a não ser por sons fantasmagóricos de metal raspando, parecendo unhas arranhando o concreto. Sobretudo, a dor.

Mas, como tantas outras coisas na estranha vida de Michael, aquilo enfim acabou.

Ele piscou os olhos e ajustou o foco. A dor sumiu, deixando apenas um resquício flutuante por seus ossos e pela cabeça. Ele não sabia o que esperar. Tinha se perguntado a respeito, pensando sobre isso todas as noites durante um mês. Iria acordar em um casulo na Colmeia? Ou fora da Colmeia, flutuando naquela escuridão, como fizera outras vezes? Em um Portal? Em algum tipo de universo virtual? Não fazia ideia.

Pior que tudo, ele não tinha certeza alguma de que iria mesmo acordar. Para ele, o que viesse seria lucro. Mas, para sua surpresa, ele apareceu em um Caixão não muito diferente daquele em que tinha deixado o corpo de Jackson Porter. Jackson Porter, um cara de quem fora mais próximo do que a maioria das pessoas jamais seriam de qualquer um.

Ouviu o chiado, então a tampa do Caixão se abriu, e o NerveWire saiu de seu corpo. Tudo parecia bem real. Espetacularmente real. E, assim que seu velho quarto se materializou no espaço ao redor, ele compreendeu. Não havia dúvida: era Helga ali sorrindo para ele, do mesmo jeito que Gabby devia estar fazendo naquele mesmo segundo ao ver Jackson de volta à Vigília.

— Bem-vindo ao lar — disse Helga.

Ele estava com Helga na cozinha, depois de estufar a barriga com os famosos *waffles* dela, com ovos e bacon. Michael saboreou cada mordida, mas nunca mais poderia pensar em comida da mesma maneira que antes. Pela segunda vez em sua estranha existência, não era um humano. Tudo a respeito dele era uma programação digital. Não possuía estômago nem órgãos de verdade para digerir a comida.

Era feito de código. Um código complexo, mas, ainda assim, apenas código.

Para ser franco, não se importava muito com isso. A vida tinha sido ótima antes que Kaine, Weber e aquele Caminho estúpido arruinassem a doçura de seus dias. Voltaria ao que tinha antes. As memórias do mundo real

começariam a ficar para trás, até que o Lifeblood Deep se tornasse novamente seu verdadeiro lar.

— Não sei bem de qual versão de você eu gosto mais — ele disse, depois de um último gole de suco de laranja. — A que faz um belo café da manhã ou a que sai pelo mundo matando pessoas más.

Helga revirou os olhos.

— Eu sou uma só, meu menino. Não tem diferença. E não vá pensando que agora a vida vai ser só moleza. Que você não tem que fazer a lição de casa, que não precisa se comportar... Pode ser que você volte a ver Helga, a Guerreira.

Michael a imaginou com trajes bárbaros e aquela espada arrasadora, e gargalhou até o peito doer. Sim, sentia-se bem. A vida voltaria a ser boa, afinal.

— Obrigado por tudo isso — disse ele. Encorajado pela demonstração de afeto de Bryson no mundo real, decidiu fazer algo parecido e demonstrar seus sentimentos mais profundos e sinceros por aquela mulher miraculosa. — Sei que você trabalhou duro para programar este lugar e fazer com que parecesse nosso antigo lar. É impressionante — fez uma pausa, contendo uma onda

repentina de emoção. — Obrigado por lutar por mim e me salvar. E por descobrir uma maneira de continuarmos vivendo no Lifeblood Deep.

Helga contornou o balcão e lhe deu um abraço, os olhos úmidos. Então voltou a se sentar.

— Eu tenho algo para lhe contar — ela disse baixinho.

A curiosidade dele foi atiçada:

— É mesmo?

Ela fez que sim com a cabeça e, de repente, ele sentiu um medo brotar em seu peito.

— Calma, calma — ela falou. — Não é nada ruim, prometo. Quis esperar até... até ter certeza de que tudo acabaria bem e que nós dois poderíamos continuar a viver na VirtNet. E... cá estamos nós.

Depois de uma longa e constrangedora pausa, com a pulsação dele martelando em expectativa, ele perguntou:

— Muito bem, o que é?

— Você se lembra... — ela começou, mas se deteve. — Esqueça, é claro que se lembra. Do dia em que Sarah morreu.

Michael apenas concordou, o sangue bombeando em seus ouvidos.

— Naquele dia, pedi para você sair logo do local, para poder trabalhar

com nossos programadores no Sono, a fim de fazer o download das informações dela. Da consciência dela. Precisava fazer isso antes que ela desse o último suspiro.

Ele não conseguia sequer engolir; na verdade, não conseguia respirar.

— Eu acho... — ela continuou. — Ou melhor, *sei* que conseguimos recuperar tudo. Já tínhamos ganhado experiência suficiente trabalhando com a Doutrina da Morte. O único problema era que não podíamos trazê-la para o outro lado. Para a Colmeia. Não conseguíamos inseri-la em um casulo.

Michael se levantou, depois se sentou novamente.

— O que isso significa?

— Significa que ela está em algum lugar por aí — Helga olhou para o alto, como se perscrutasse o teto, procurando por um fantasma. — Espalhada. Talvez em bilhões de pontos de dados. Não sei. Ela pode ser como um balde de areia jogado no oceano. Mas... ao menos você sabe que ela está por aí. Em algum lugar. É uma esperança, não é?

Michael pôs as mãos no balcão à sua frente. Ficou olhando para os nós dos dedos, um pouco chocado. Sentia muitas emoções rodopiando dentro dele, mal podendo se concentrar em uma.

— E quanto aos meus pais? — ele perguntou por fim.

Helga lhe deu o mais sincero e compreensivo dos sorrisos.

— Também sinto a falta deles. E muito. Acho que com eles é diferente; sinto muito ter que dizer. É assim: imagine um quadro-negro. Como aqueles das escolas antigas, sabe? Nesse quadro há nomes escritos em toda a superfície. Com os seus pais, é como se tivessem sido apagados, por isso jamais poderão voltar. Mas com a Sarah... bem, com ela, é como se o nome ainda estivesse escrito em algum lugar. O próprio quadro-negro está perdido em um depósito tão grande quanto o universo. As chances de encontrá-lo são pequenas, mas ele está por aí, em algum lugar.

Michael assentiu tristemente.

— Talvez não seja a melhor das metáforas — disse ela. — Mas acho que é ao menos uma esperança com relação a Sarah — ela ficou em silêncio, deixando as palavras serem absorvidas.

— Obrigado por me contar tudo isso — sussurrou Michael, levantando-se depois. Precisava ficar sozinho. Virou-se e saiu andando, mas parou à porta do corredor e se voltou para a babá. — Eu te amo, Helga.

Em seguida, voltou para seu quarto, o mesmo onde tinha crescido.

— Como nos velhos tempos — disse Bryson, erguendo um copo.

Ele e os outros três ao seu redor fizeram os copos tilintarem em um brinde e depois sorveram um grande gole. Estavam na lanchonete do Dan, e pareciam mesmo ter voltado aos velhos tempos. Um grande prato de batatinhas com gorgonzola já estava pela metade.

— Este lugar está começando a parecer o que sempre foi — disse Michael, pegando mais uma batata. — Parece que o novo Comitê da VirtNet está fazendo um bom trabalho. Só não acredito que ainda não me convidaram para trabalhar com eles.

Bryson olhou para ele.

— É mesmo. Estranho.

— A sigla ficou tão estúpida: CVN — disse Gabby, ao lado do namorado, o Jackson Porter em pessoa virtual. Ele havia escolhido uma nova Aura para diminuir a esquisitice, mas mesmo assim a situação deixava Michael um tanto perturbado. A sensação era mais ou menos como se tivesse um gêmeo do mal. — CVN para mim soa como uma doença asquerosa. Poderiam chamar apenas de Comitê.

— E como vão as coisas no velho e feio mundo real? — perguntou Michael. — Faço o que posso para evitar qualquer notícia do *NewsBops*. Elas me causam arrepios.

Gabby gemeu, de um jeito que Sarah teria feito antigamente.

Foi Jackson quem respondeu; estava cada vez mais à vontade entre os novos amigos:

— O mundo não está tão mal. A maioria das eleições especiais foram concluídas, os mercados estão em recuperação, as pessoas já sentem coragem de voltar ao Sono. Mais alguns meses, e tudo vai voltar ao normal.

Bryson tamborilou os dedos na mesa distraidamente, o olhar distante:

— Foi bom termos dado um fim ao caos quando pudemos.

É sério. Acho que, se se passassem mais uma ou duas semanas, o mundo teria se despedaçado. Você mandou bem, cara — ele ergueu o copo mais uma vez, e o som dos copos se chocando preencheu o ar. Era um som alegre.

— E quanto a você? — perguntou Gabby. Aquele sorriso no rosto dela era algo com que Michael começava a se acostumar, fosse virtual ou não. — Como está se saindo?

Ele pensou por um segundo, então assentiu com confiança. Não precisavam saber do vazio que ainda parecia um abscesso em seu coração.

— As coisas estão indo muito bem — disse. — É óbvio que sinto falta dos meus pais. E fico com saudade de vocês também. E... de Sarah. Mas é ótimo estar com Helga e voltar à escola no Lifeblood Deep. A melhor coisa sobre esse lugar é que ninguém sabe quem é real e quem não é, o que combina muito bem com a minha pessoa. Estou adorando. Aliás, se puder superar a Decadência, e estão dizendo que o fato de ser senciente torna isso possível, vou viver bem mais do que vocês.

— Essa é a coisa mais linda que você já disse para mim — respondeu Bryson, exagerando uma expressão de alegria.

— Mas, afinal, quem pode dizer o que é real ou não? — perguntou Gabby. — Até onde sabemos, a Vigília pode ser só um programa mais complicado, operado por um monte de aliens. Ou por Deus. Ou pelos dois. Talvez haja um número infinito de camadas. Talvez tudo isso sofra um reboot a cada milhão de anos.

Aquilo dava muito no que pensar. Cada um deles ficou em silêncio por alguns longos minutos, refletindo sobre o universo.

— Bem — disse Jackson, levantando-se da cadeira —, preciso ir. Tenho uma tarefa importante amanhã.

— É, eu também — concordou Gabby, e também se levantou. — Vejo vocês aqui na sexta-feira, no mesmo horário?

Bryson afastou sua cadeira, parecendo realmente triste por notar que a festa acabava.

— Na mesma hora. E eu sei que vai parecer uma blasfêmia, mas na próxima vamos pedir alguma coisa que não seja batatinha com gorgonzola? Por favor? Pelo amor de Deus?

Gabby soltou uma risada perversa, enquanto ela e Jackson se retiravam. Michael olhou para os dois enquanto iam embora, perguntando-se se as pessoas iriam acreditar nas histórias deles depois que se passassem alguns anos. Era tudo uma loucura.

Bryson deu um tapinha no ombro de Michael, depois apertou sua mão com força.

— Os jogos voltarão a funcionar dentro de duas semanas — a voz dele era solene, como se anunciasse um tratado de paz. —

Minha proposta é: vamos matar aula? Sei que vai ser duro... Mas que tal passarmos vinte e quatro horas seguidas jogando? Vamos detonar! — ele bateu mais uma vez em seu ombro, virando-se para partir. Ergueu os dois polegares. — O que acha? — gritou.

— É uma boa — Michael gritou em resposta, imitando o gesto dele.

Depois de tudo pelo que haviam passado, até que era uma boa mesmo.

EPÍLOGO

Michael estava na casa da árvore completamente reparada, na periferia das periferias do Lifeblood Deep. Estava exausto, a escuridão tendo caído horas atrás, e já passara muito de sua hora de dormir. Mas Helga não havia reclamado. Ela sabia exatamente em que ele vinha trabalhando nas últimas semanas. E ela sabia também que ele estava perto de concluir o trabalho. A essa altura, provavelmente já estava dormindo.

Apesar de ter habilidade suficiente para acessar o código do mundo ao redor sem sequer precisar sair do Lifeblood Deep, tinha prometido a si mesmo e a Helga que não mexeria nesses códigos ali. Os dois precisavam adotar certa semelhança com a vida real, para manter as coisas no lugar e estáveis, e o Lifeblood Deep se tornara esse lugar para eles. Podia navegar na NetScreen ou passar pela WallScreen quando quisesse, mas, para mergulhar de verdade, tinha que fazer a Emersão para o Sono, que a grande maioria dos cidadãos experimentava quando fazia a Submersão.

Que vida esquisita era aquela.

Acomodou-se sobre o pufe de Bryson, em sua superfície irregular e desgastada, que já lhe era tão familiar. Inclinou a cabeça para trás e soltou um longo suspiro. Os olhos doíam de tanto trabalhar. Trabalhar, pesquisar e analisar. Aquilo havia centralizado suas habilidades e força até a última gota, mas tinha feito um trabalho excelente. *Se é que posso me gabar*, ele pensou.

Sentado ali, em um silêncio que só era rompido de quando em quando por um galho roçando a parede, havia pensado em tudo. Refletira sobre a reviravolta insana que havia ocorrido em sua vida. Descobrir que era um trecho de código. Viajar pelo mundo, tanto no real quanto no virtual. Enfrentar inimigos que nem mesmo os maiores e mais mortais exércitos teriam conseguido deter. Ver a morte de Sarah. Horrível. Duas vezes. Se aquilo tudo não traumatizasse um garoto para sempre, então o que era trauma? Mas no final tudo deveria acabar bem, não?

Ali estava ele, vivo e com saúde. Graças à Doutrina da Morte, tinha alcançado uma compreensão sobre a inteligência e a consciência das pessoas que ia muito além do que uma pessoa comum poderia saber. Ele era real, não importava o que pensassem. Ninguém tiraria isso dele.

Depois de se alongar bem, endireitou um pouco as costas. Estava ralando duro fazia semanas, até tarde da noite. Ia com os olhos vermelhos para a escola, caminhando como um velho doente, e à noite tombava na mesa de jantar. Isso tinha acontecido de verdade! A cara dele quase havia caído

direto no prato de sopa de tomate. Helga tinha se limitado a balançar a cabeça.

Mas tudo aquilo valera a pena. Valera com sobra. Havia conseguido. Tinha quase cem por cento de certeza. Depois de vasculhar o Sono de uma ponta a outra, buscando em toda a parte, reunir dados e invadir tantos lugares de alta segurança, era uma surpresa que não estivesse na cadeia.

Reunindo, reunindo.

Coletando.

Peça por peça, um trecho de código após outro, e agora ele tinha tudo no mesmo lugar. Uma miscelânea confusa e amontoada, é claro. Mas estava tudo ali.

O dia seguinte era um domingo, e ele tinha mais um longo dia de trabalho pela frente.

Quase estremeceu diante da emoção, ávido para ir adiante. Mas iria esperar. Para ter certeza de que estaria bem descansado antes de prosseguir com a tarefa. E é claro que ia querer um belo café da manhã, bem caprichado e preparado por Helga, antes de voltar à casa da árvore. Sim, poderia esperar mais um dia.

Amanhã começaria a programar Sarah para trazê-la de volta à vida.

FIM